

SANDRA ELENA SPOSITO

**HOMOSSEXUALIDADES NAS PESQUISAS EM PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA:
da despatologização à luta por direitos**

Assis

2015

SANDRA ELENA SPOSITO

**HOMOSSEXUALIDADES NAS PESQUISAS EM PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA:
da despatologização à luta por direitos**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutora em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

Assis

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Sposito, Sandra Elena
S764h Homossexualidades nas pesquisas em pós-graduação em
psicologia: da despatologização à luta por direitos / Sandra Elena Sposito.
- Assis, 2015

209 f. : il.

Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr Fernando Silva Teixeira Filho

1. Homossexuais - Pesquisa. 2. Sexo (Psicologia). 3. Identidade sexual. 4. Despatologização. I. Título.

CDD 157.734

Agradecimentos

Esse trabalho de pesquisa só foi possível pela participação efetiva do meu querido amigo e orientador Fernando Silva Teixeira Filho. Compartilhamos, antes de tudo, uma visão de que nosso trabalho pode contribuir para melhorar a realidade das pessoas, e isso não é pouco, é o que dá sentido, é o que constrói outros mundos melhores e possíveis, diferente daquele que herdamos. Nossa parceria extrapolou a formalidade acadêmica para se inscrever numa perspectiva de devir revolucionário. Gratidão eterna!

Minha evolução acadêmica no doutorado é derivada, em grande parte, pelo encantamento e admiração que sinto e tenho pelo Wiliam Siqueira Peres, pude acompanhar durante pelo menos 03 anos suas disciplinas e me deliciar com suas aulas incrivelmente críticas, eróticas, intensas e teoricamente inovadoras. Não fui mais a mesma pessoa depois que Wiliam atravessou minha existência, fui melhor, por tudo isso agradeço profundamente.

Estar cursando o doutorado neste espaço acadêmico da UNESP de Assis, neste momento histórico de efervescência das discussões de sexualidade e gênero me possibilitou conhecer e interagir com profissionais importantíssimos que contribuíram grandemente para minha formação, foram eles/as: Sandra Azeredo, Ângela Donini, Dolores Galindo, Clarissa Alcântara, Leonardo Lemos. Um especial carinho para o Élcio Nogueira dos Santos (in memoriam) cujo trabalho de mestrado compôs a amostra desta pesquisa.

Outra grande influência do meu processo de doutoramento foi o GT da ANPEPP: Psicologia e Estudos de Gênero agradeço imensamente o acolhimento que recebi e as diversas contribuições para a minha pesquisa, tenho aprendido muito neste espaço de troca de experiências e afetos. Minha gratidão à Mara Lago, Anna Uziel, Lenise Borges, Manoel Antônio, Jorge Lyra, Tito Sena (in memoriam), Simone Ovinha, Adriano Beiras, Giovana Salvaro, dentre outros/as.

Meus/minhas companheiros/as de pós-graduação que também foram alunos/as no mesmo período que estive cursando o doutorado, com quem fiz trabalhos, assisti aulas, com quem enfrentei percalços e troquei ideias sobre nossas pesquisas: Roberta Stubs, Anna Paula Oliveira, Aline Alcântara, Bruno Pereira. Além de Rogério Melo, Danielle Barreto, Adriana Sales, Ederson Costa, Danielli Milioli, Larissa Zanardo, Luciana Codognoto, dentre outras/os.

Em minha vida pessoal, que também é entrelaçada pelo contexto acadêmico estive durante esse percurso em ótimas companhias, amigas que me ajudaram a reconhecer-me como pesquisadora, ouviram minhas inseguranças e receios, meus entraves e dificuldades, me apoiaram com sinceridade e paciência: Marcela

Pastana, Patrícia Porchat, Eni de Fátima Martins, Regiane Piva, Orlene Daré, Livia Toledo.

Também (re)encontrei nesta trajetória de 04 anos de estudo e dedicação o apoio afetuoso e companheirismo de pessoas importantes que acompanham minha vida: Ana Karina Barbosa Moura, Marta Alice Nelli Bahia, Miriam Margadona, Selma Reis, Karla Tonus, Madalena Lazari Kawashima, Maurício Almeida, Lucia Almeida, Andreia Georges.

Nesses 04 anos também conheci ou me aproximei de pessoas que foram ocupando espaços afetivos decorrentes de interlocuções profissionais, acadêmicas ou de militância e tornaram minha existência mais intensa e interessante: Rayra Pinto, Tom Rodrigues, Ana Cláudia Bortolozzi Maia, Flávia Asbahr, Alekssey de Piero, Maria Flor de Piero, Afonso Mesquita, Juliana Pizano, Simone Cheroglu, Juliana Bizeto, Camila Domeniconi, André Padoveze, Marcos Chagas, Tathiane Nunes, Wellington Bonaci, Felipe Rodrigues, Felipe Silva, Silvana Lima, Flávio Firmino, Juliana Pasqualini, Flávia Marquezi Brasil, Márcio Magalhães, Marta Okamoto.

Minha família forneceu suporte e amparo para que esse percurso fosse finalizado, tendo em vista inclusive o falecimento do meu pai no meio do processo de doutoramento. Agradeço profundamente a todos/as, meu pai, Eduardo Aparecido Sposito (in memoriam), minha mãe, Neusa Elisa Carignato Sposito, meus irmãos e irmãs: Fernanda Sposito, Cesar Eduardo Sposito, Rafael Sposito e Marina Rosa Sposito; meu cunhado: André Machado, minha sobrinha: Iara Sposito Machado, e minha cunhada: Nayara Moreno. Minhas tias: Salete Regina Espósito e Rita de Cássia Espósito, bem como minha vó Diva Muller Madureira foram referências importantes nesse período, cuidaram e ajudaram nos momentos de vulnerabilidade.

O Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP/SP) foi um espaço em que transitei ao longo do doutorado e no qual também encontrei apoio e referências que me motivaram na realização desta pesquisa, ao possibilitar a articulação da mesma com a realidade da Psicologia, várias pessoas contribuíram nesse processo: Marilene Proença, Andreia Garbin, Carla Biancha Angelucci, Janaína Leslão Garcia, Ana Ferri de Barros, Maria Ermínia Ciliberti, Luis Tadeu Pessutto, Leonardo Lopes (in memoriam), Maria Auxiliadora Arantes (Dodora), Elisa Zaneratto Rosa, Luis Saraiva, Jonathas Salatiel (in memoriam), Mirnamar Pagliuso, Bruno Simões, Agnaldo Gomes, Ilana Mountian e todos/as conselheiros/as e gestores/as nas duas últimas gestões do CRP/SP, bem como o querido Diógenes Pepe.

Agradeço especialmente às funcionárias do CRP/SP Subsede Bauru que acompanharam de perto minhas aventuras nesse doutorado, viram minhas ansiedades e minhas alegrias e me ajudaram a atravessar essa etapa: Tânia Moralez, Monalisa Cardona Soto, Ida Manduca e Cristiane Pegoraro. Também faço um agradecimento especial ao Fabio Pegoraro por me ensinar com clareza a manusear o programa Excel e a Mariana Daré Vargas que fez um ótimo trabalho de ajustes e correções no texto final da tese.

Até meados do doutorado lecionei em duas instituições de ensino superior: a FUNEPE (Fundação Educacional de Penápolis) e o IMES (Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manoel), por isso agradeço também aos meus alunos e alunas que sempre me instigaram a querer aprender mais e me inspiraram a pensar esse projeto de pesquisa. E os profissionais da Psicologia com quem trabalhei nessas instituições que me apoiaram nessa trajetória: Natália Guimarães Dias, Lucas Alvares, Elisana Machado.

Enfim, apesar de realizar grande parte do trabalho de pesquisa sozinha, pois é da natureza da produção acadêmica, estarmos solitárias nos momentos de leitura, sistematização, elaboração e escrita, fui acompanhada por todas essas pessoas que citei nos agradecimentos e por tantas outras que não couberam aqui ou que não me lembrei. Essas pessoas compuseram minha vida nesses quatro anos, fizeram parte da rede de relações afetivas e trocas intelectuais e profissionais que vivenciei, ou seja, deixaram marcas que direta ou indiretamente também estão presentes neste trabalho de pesquisa.

Para todas essas pessoas: um imenso agradecimento!!

SPOSITO, Sandra Elena. **Homossexualidades nas pesquisas em pós-graduação em Psicologia: da despatologização à luta por direitos**. 2015. 209 f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

RESUMO

Essa pesquisa investigou as teses e dissertações produzidas no âmbito da pós-graduação em Psicologia no Brasil no período de 1999 a 2010, que apresentaram como tema principal as homossexualidades. O objetivo principal foi identificar aspectos relevantes da produção de conhecimento acerca desta temática como: principais centros de pesquisa, vertentes teóricas e metodológicas predominantes, focos de estudos mais frequentes, concepções acerca da atuação do/a psicólogo/a frente as demandas suscitadas pelas homossexualidades. As perspectivas teóricas adotadas para transitar pelo campo das homossexualidades na Psicologia foram respaldadas por Foucault e autores que dialogam com sua obra juntamente com as contribuições dos estudos de gênero. A metodologia genealógica foucaultiana norteou os trajetos investigativos desse estudo, lançando as bases para a sistematização dos dados a partir do formato de uma pesquisa de estado da arte, mapeando uma área do conhecimento a partir de um recorte temporal e temático. Os resultados encontrados indicaram que as pesquisas sobre as homossexualidades são predominantemente realizadas em programas de pós-graduação localizados no eixo sudeste/sul do país; no período estudado houve um crescimento no número de teses e dissertações sobre o tema; há sub-temas relacionados às homossexualidades que se destacaram no volume de pesquisas, sendo estes: o familiar-conjugal, a identidade homossexual e o preconceito-discriminação. A análise dos dados coletados indicou que as concepções acerca das homossexualidades na psicologia não apresentaram um viés essencialista, nem biologizante, bem como não se pautaram na investigação das causas do comportamento ou desejo homossexual. Houve uma predominância dos referenciais foucaultianos no que tange à sexualidade a partir do conceito de dispositivo da sexualidade. Também notou-se uma prevalência de referências à categoria identidade como forma de mapear, nomear e dar substrato às homossexualidades. Contudo, as pesquisas analisadas que tiveram como foco ou relataram as intervenções de psicólogos/as no âmbito das homossexualidades apresentaram majoritariamente relatos de posturas patologizantes e preconceituosas.

Palavras-Chaves: Psicologia. Homossexualidade. Pós-graduação. Estado da arte.

SPOSITO, Sandra Elena. **Homosexualities in post-graduation researches in Psychology: from the despathologization to the fight for rights**. 2015. 209 p. Thesis (PHD in Psychology). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

Abstract

This research investigated the thesis and dissertations produced in the ambit of post-graduation in Psychology in Brazil in the period from 1999 to 2010, which presented as main theme the homosexualities. The main objective was to identify relevant aspects of knowledge production about this theme, such as: main research centers, prevailing theoretical and methodological models, most frequent focus of studies, conceptions about the practice of the psychologist facing the demands raised by homosexualities. The theoretical perspectives adopted to transit through the field of homosexualities in Psychology were supported by Foucault and authors who dialogue with his work, and also the contributions of the gender studies. The Foucaultian genealogical methodology guided the investigative paths of this study, laying the foundations to the systematization of the data from the format of a state of art research, mapping a knowledge area from a temporal and thematic cutting. The results found indicated that the researches about the homosexualities are predominantly conducted in post-graduation programs located in the southeast/south axis of the country; in the period studied there was a growth in the number of thesis and dissertations about the theme; there are sub-themes related to homosexualities that stood out in the amount of researches, which are: the family-marital, the homosexual identity and the prejudice-discrimination. The analysis of the collected data indicated that the conceptions about homosexualities in Psychology did not present an essentialist bias, nor a biologizing one, and neither were guided by the investigation of the causes of the homosexual behavior or desire. There was a predominance of Foucaultian referential in what regards the sexuality from the concept of the apparatus of sexuality. It was also noticed a prevalence of references to the category of identity as a way to map, name and give substratum to the homosexualities. However, the analyzed researches that had as a focus or that reported interventions of psychologists in the ambit of homosexualities presented mostly reports of pathologizing and prejudiced positions.

Key words: Psychology; Homosexuality; Post-graduation; State of art.

Lista de Ilustrações

Gráfico 01 – Teses e Dissertações no Período de 1999 a 2010.....	89
Gráfico 02 – Dissertações produzidas por ano.....	90
Gráfico 03 – Teses produzidas por ano.....	91
Gráfico 04 – Teses e Dissertações por período de 04 anos.....	92
Gráfico 05:- Teses e Dissertações por Instituições de Ensino Superior com Pós-graduação em Psicologia.....	93
Gráfico 06 – Distribuição das Teses e Dissertações por região do Brasil.....	94
Gráfico 07 – Temas principais das Teses e Dissertações.....	95
Gráfico 08 – Teses e Dissertações com o tema Homossexualidade no período de 1999 a 2010.....	96
Gráfico 09 – Teses e Dissertações sobre Homossexualidade por Períodos de 04 anos.....	97
Gráfico 10 – Teses e Dissertações por Instituição com o tema: Homossexualidade no período de 1999 a 2010.....	98
Gráfico 11 – Sub-temas das Teses e Dissertações sobre Homossexualidade.....	99
Gráfico 12 – Referenciais Teóricos utilizados nas teses e dissertações sobre homossexualidade.....	101
Gráfico 13 – Metodologias de Pesquisa utilizadas nas teses e dissertações sobre homossexualidade.....	103
Gráfico 14 – Objeto de investigação das teses e dissertações sobre homossexualidade.	106

Lista de Tabelas

Quadro 01: Histórico do trânsito da homossexualidade no âmbito da patologização e despatologização.....	55
---	----

Sumário

1 – Introdução.....	12
2 - Ponto de partida.....	17
3 - Foucault e a história da sexualidade: as homossexualidades em evidência.....	20
3.1 – Sobre as homossexualidades.....	20
3.2 – História da Sexualidade.....	22
3.2.1 – Antiguidade.....	23
3.2.2 - Era cristã.....	26
3.3.3 - História do presente.....	28
4 - Saberes da psicologia sobre as homossexualidades.....	33
4.1 – A Psicologia e as homossexualidades.....	33
4.2 – As causas das homossexualidades.....	36
4.3 – Identidades homossexuais.....	42
4.4 – Gênero e homossexualidades.....	47
4.5 – Despatologização das homossexualidades: breve resgate.....	51
5 - Homossexualidades, psicologia e fundamentalismo religioso.....	62
6 – Método.....	76
6.1 – Genealogia.....	77
6.2 – Genealogia e Cartografia.....	79
6.3 – Estado da Arte.....	83
6.4 – Coleta de dados.....	85
7 - Análise dos Dados.....	88
7.1 – Primeira amostra.....	95
7.2 – Segunda amostra.....	99
7.2.1 - Subtemas das teses e dissertações.....	99
7.2.2 - Referencial teórico.....	101
7.2.3 - Metodologia de pesquisa.....	103
7.2.4 - Objeto de investigação da pesquisa.....	106
7.3 – Terceira amostra.....	107
7.3.1 - As homossexualidades presentes nas teses e dissertações com acesso ao texto completo.....	107
8 - Considerações Finais.....	121
9 – Referências.....	127

10 – Anexos.....	136
Anexo A – Resumo das Teses e Dissertações com o tema homossexualidade	
Anexo B – Programas de Pós-graduação em Psicologia no Brasil	
Anexo C – Lista de Teses e Dissertações – Primeira Amostra	
Anexo D – Lista de Teses e Dissertações – Segunda Amostra (Parte 1 e 2)	
Anexo E – Lista de Teses e Dissertações – Terceira Amostra (Texto Completo)	

1 - INTRODUÇÃO

O amor que não ousa dizer seu nome foi o termo poeticamente clamado por Oscar Wilde para se referir à homossexualidade, quando não se podia ou devia falar sobre esse sentimento, esse desejo. Algumas décadas depois, o que não podia ser nomeado foi ganhando várias nomenclaturas dadas pelos cientistas e estudiosos das aberrações ou perversões sexuais humanas, dentre esses, os/as psicólogos/as.

Neste trabalho de pesquisa, iremos acompanhar a Psicologia, na sua trajetória em torno das homossexualidades, buscaremos referências sobre o que a ciência psicológica realizou e realiza ao revelar e nomear as homossexualidades, expondo suas entranhas e formatos, esquadrinhando-as. Outrora como doença, desvio, inversão, regressão, imaturidade, perversão; outrora ainda incomodada, descrevendo-a como um gene infeliz, um trecho da curva estatística, um padrão minoritário, uma exceção que comprova a regra ou um pedaço de cérebro deformado. E agora, meio arrependida, naturaliza-a, convida-a a ocupar o lugar do padrão, do normal, despatologizando os desejos, os afetos e algumas práticas dissidentes da heteronormatividade.

E, assim, as pessoas que vivenciaram interações ou relações sexuais e afetivas com pessoas do mesmo sexo/gênero nas últimas décadas foram vivendo e existindo a partir do rol de legitimidade científica que a Psicologia (e outras ciências) foram atribuindo e construindo acerca da chamada homossexualidade. Afinal o que é a homossexualidade? Como esse desejo se constitui? É possível deixar de sentir esse desejo?

Grande parte das pessoas que se autodenominaram homossexuais com quem pude conversar sobre esse tema já se perguntou todas as questões acima ou pelo menos uma delas, inclusive eu. Em meus 27 anos de vivência da homossexualidade, passaram por meus questionamentos acerca das causas de ser homossexual, todas as explicações citadas anteriormente e outras de cunho espiritual e religioso também. Até que, tardiamente talvez, construí de modo particular uma síntese explicativa que me bastou, liberou-me para pensar e

conhecer outras questões sobre a homossexualidade as quais não transitam mais por suas causas nem tratamentos, nem modelos explicativos ou estatísticos, nem por raízes genéticas ou sociais, levando-me a pensar, portanto, que o amor o qual não ousa dizer seu nome, precisaria, afinal, ser realmente nomeado?

Amparando-me nas contribuições foucaultianas, fui compreendendo que o discurso médico-jurídico cuja legitimidade científica foi alcançada a partir do século XVIII possibilitou a constituição de verdades sobre as pessoas, seus corpos e afetos, e categorizou as vivências e experiências em um rol de normalidades e aberrações, pautado pela necessidade de legitimação de uma ordem social e econômica que nele, e a partir dele, também se sustentasse.

Assim, entendo que, hoje, a homossexualidade também é uma dessas invenções baseadas na lógica do discurso científico que aprisionam as verdades que nos categorizam e possibilitam a inteligibilidade explicativa confortante aos plenamente ajustados, justificam e tratam docilizando os levemente estranhos e excluem irremediavelmente aqueles que não têm lugar.

Não pretendo, com este trabalho de pesquisa, responder às questões que tanto me afligiram por décadas acerca da origem ou das causas da homossexualidade: ao contrário, pretendo implicar-me no entendimento do que a Psicologia vem construindo em relação a esse tema a partir do momento em que o esforço de despatologização da homossexualidade oficializou-se no Brasil a partir do momento que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou em 22 de março de 1999 a Resolução 01, conhecida como Resolução CFP 01/99.

A publicação das normativas de despatologização da homossexualidade, em contextos nacional e internacional, são acentuadamente marcadas por intervenções incansáveis dos movimentos sociais de *gays* e *lésbicas*. Essa mudança do discurso científico obviamente não emergiu das grandes descobertas acerca da homossexualidade, mas sim da vida real de pessoas homossexuais que agiram conjuntamente, colocando em xeque suas próprias patologias. Afinal, poderia um grupo de pessoas consideradas doentes ou deficitárias organizar-se tão fortemente e demonstrar, por meio de suas vivências, que não correspondem aos padrões de anormalidade ou morbidade previstos?

Não havia uma comprovação científica irrefutável para despatologizar a homossexualidade (como também não havia para patologizar), mas havia um conjunto de pessoas impondo suas vidas ao mundo científico, em um esforço de

autodeterminação que rompesse com os padrões patologizantes. No momento em que se iniciou a construção de uma nova ordem do discurso a respeito da homossexualidade (com sua retirada do rol de patologias), iniciou-se, também, a construção de outra inteligibilidade científica para as homossexualidades sem a sombra da enfermidade. Como sempre, a ciência parece correr atrás das mudanças nos ordenamentos sociais para lhes conferir uma legitimidade adequada, uma justificativa saudável, um conforto aos antes desajustados e campanhas educativas aos que ainda não aceitaram a mudança.

As normativas internacionais, a partir de 1973, que definiram não constituir a homossexualidade uma doença, e a oficialização, no Brasil, pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), de uma diretriz ética para a prática da/o psicóloga/o, proibindo ações interventivas de nomear como doença, desvio e perversão, e impedindo o tratamento curativo das homossexualidades, não extinguiram o tensionamento em torno dessa questão que persistia e, ainda, persiste.

Na Psicologia, observamos o crescente questionamento acerca da despatologização da homossexualidade oriundo de dois espaços diferentes os quais, ao final, amalgamaram-se em alguns contextos. São eles: os grupos de profissionais da Psicologia mantenedores do paradigma patologizante com base em aportes teóricos que sustentaram o discurso da doença, defendendo-os como verdade científica; e os grupos religiosos que, amparados por ideologias heteronormativas, tinham na Psicologia um respaldo técnico-científico para defender e propor a reversão da homossexualidade.

Durante a primeira década dos anos 2000, atuei no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP/SP): observei várias dessas questões em alguns espaços de interlocução com a categoria e acompanhei as discussões que culminaram na criação de um GT (grupo de trabalho) chamado “Psicologia e questões GLBT” em janeiro de 2008. Este grupo, coordenado por mim, tinha o objetivo de promover discussões acerca da prática profissional da/o psicóloga/o, suas diretrizes ético-políticas e as demandas relacionadas à população LGBT. Um ano depois, em janeiro de 2009, esse GT se dissolveu e deu lugar à “Comissão de Sexualidade e Gênero do CRP/SP”, a qual também coordenei até meados de 2010. Essa Comissão incorporou novas temáticas relacionadas ao gênero (feminismo, aborto, violência contra a mulher) e ampliou os debates acerca do papel da Psicologia nos processos de transexualização, e a própria patologização das

identidades trans tornou-se um foco de discussão, culminando, posteriormente, no lançamento de uma campanha de despatologização. Tal Comissão, ainda em funcionamento, também acolhe as demandas diversas relacionadas a essas temáticas, que são encaminhadas ao CRP/SP, e organiza eventos e debates com a categoria e a sociedade.

Em 2009, em comemoração aos 10 anos da Resolução CFP 01/99, o Conselho Federal de Psicologia criou um GT Nacional para gerar ações, eventos e publicações, no intento de dar, novamente, visibilidade a essa normativa, que continuava causando polêmicas, sobretudo no âmbito político-jurídico, pois a interlocução dos grupos religiosos e dos profissionais da Psicologia defensores da patologização da homossexualidade desdobrou-se em tentativas de “derrubar” a referida Resolução, utilizando-se de medidas judiciais e até da tramitação de um Projeto de Lei no Congresso Nacional, com a proposta de sustar artigos da Resolução que impessam o tratamento da homossexualidade.

Enfim, minha participação nessas discussões e ações no CRP/SP foi determinante na iniciativa de voltar-me ao espaço acadêmico de produção de conhecimento da Psicologia no Brasil, — a pós-graduação — e indagar-me acerca dos rumos tomados por essa produção desde o surgimento da Resolução CFP 01/99, afinal, acompanhei os impactos e debates por esta suscitados tanto na categoria quanto na sociedade em geral, mas não no espaço acadêmico.

Nessa conjuntura, nosso espaço de pesquisa constituiu-se do conhecimento científico produzido pela Psicologia no Brasil, no âmbito da pós-graduação, sobre o tema homossexualidade a partir do paradigma despatologizante. Instigava-nos observar se havia, ou não, e quais seriam as novas formas de discursar a respeito das homossexualidades, em um terreno teórico historicamente pautado pela patologia ou desvios ou perversões, e quais embates poderiam ter emergido.

Essa pesquisa, além de ser um esforço formal de contribuir para a construção de novos conhecimentos, é também resultado de uma confluência de vivências pessoais e profissionais, as quais, em alguns momentos, confundem-se e, em outros, diferenciam-se do seu objeto. Não há isenção, nem pretensão de neutralidade neste estudo: este é implicado não só na minha história de vida, mas em uma luta política, ideológica, econômica, social e cultural travada ainda cotidianamente para que as homossexualidades mantenham-se fora das patologias.

Nossa escolha em estudar as teses e dissertações produzidas no âmbito da pós-graduação em Psicologia no Brasil, a partir de 1999, foi delimitada pela publicação da Resolução do CFP 01/99 (naquele mesmo ano), que formalizou a despatologização da homossexualidade no exercício profissional da/o psicóloga/o e, ainda, interditou a participação do profissional em atividades que visassem curar ou tratar essa expressão da vivência sexual.

O objetivo geral deste estudo foi identificar a construção da homossexualidade como objeto de pesquisa nos trabalhos acadêmicos (teses e dissertações), no âmbito da pós-graduação em Psicologia, no período de 1999 a 2010, mapeando as linhas teóricas norteadoras desses estudos, identificando posições que ainda transitam por uma lógica patologizante, sistematizando as temáticas mais comuns associadas ao assunto, bem como as relações estabelecidas com a homofobia e as questões de gênero.

2 - PONTO DE PARTIDA

Início as conjecturas teóricas deste estudo ancorada por duas autoras, as quais contribuíram para que minha localização como pesquisadora ficasse situada: Donna Haraway e Gayatri Spivak. Ambas, mulheres, não psicólogas, materialistas, propõem uma compreensão da ciência e da construção do conhecimento que não almeje uma universalidade, nem uma eternidade, mas sim uma localização, uma marca, um viés, uma história que atravessa esse conhecimento situando-o no espaço geográfico social e econômico, no tempo histórico-cultural, em pessoas constituídas pelo gênero, classe social, etnias/raças e vivências singulares. Enfim, um conhecimento que se movimenta no espaço-tempo histórico, cultural, social e pessoal, ou seja, um saber localizado nesses atravessamentos, revelador, no seu construir, do processo de sua construção. Um conhecimento que não se esconda nos rótulos da universalidade, da atemporalidade, da neutralidade ou imparcialidade. Um saber situado em um escopo de visão delimitado pelo lugar da pesquisadora no âmbito sócio-histórico, cultural, econômico e pessoal.

Para Haraway (1995), o saber é localizado, traz na sua constituição diferentes marcas, que, embora ocultas no discurso formal acadêmico, dizem sobre o objeto estudado coisas dentro de um olhar específico que torna a generalização desses saberes algo violento ao inibir outros elementos ou categorias de serem reconhecidas.

Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação, nas quais a parcialidade e a não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, *versus* a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo (HARAWAY, 1995, p. 30).

Spivak (2010) afirmou que as vozes subalternas, no caso mulheres pobres do terceiro mundo, foram sempre suprimidas da possibilidade de dizerem sobre si e de ocuparem espaços formais de construção de conhecimento, sendo invisibilizadas ou

tendo suas histórias contadas pelo homem branco ocidental capitalista. Ressaltando a classe social como elemento de referência, a autora destacou a subalternidade à lógica do capital nos países periféricos enquanto estratégia de impedimento de saberes locais das trabalhadoras serem legitimados também em âmbito acadêmico ou científico. Reconhecer e dar espaço essas e outras vozes subalternas que constituem o/a outro/a (que não seja o homem branco ocidental capitalista) é parte de uma estratégia de resistência e enfrentamento, que possibilita a construção de conhecimentos localizados em outra lógica ideológica.

A subalternidade demonstrada por Spivak (2010) pressupõe uma hierarquização no reconhecimento e na legitimidade dos conhecimentos produzidos. Aqueles oriundos do ocidente capitalista, do mundo científico branco e masculino, são notadamente reconhecidos em uma perspectiva universalizante e estabelecem-se no topo dos paradigmas científicos reconhecidos e legitimados nos espaços acadêmicos. Os outros conhecimentos periféricos, produzidos em países pobres por grupos economicamente não hegemônicos e por mulheres, são tratados como também subalternos e pouco resistentes às necessidades de grandes generalizações típicas dos paradigmas considerados universais no âmbito científico.

Dessa forma, tanto Haraway quanto Spivak pontuam não ser o conhecimento produzido imparcial: está localizado e marcado em um determinado contexto e hierarquias. Ignorar tal compreensão epistemológica, portanto, é suprimir a própria intencionalidade da ação de conhecer, falsear o processo de pesquisa atravessado por esses marcadores situados.

A lógica hierarquizante, delineada por Spivak, dos conhecimentos hegemônicos (paradigmáticos) em contraposição aos conhecimentos subalternos (colocados à margem) é atravessada explicitamente pela questão de gênero, ao situar a mulher em uma situação ainda mais desfavorável na subalternidade.

Esses desníveis de reconhecimento, em que as formas de construir conhecimentos e seus/suas pesquisadores/as estão situados, indicam uma hierarquia de legitimidade científica que pode dialogar com outras concepções, revelando estratificações respaldadas por outros marcadores, nesse caso, referimo-nos às questões acerca da sexualidade.

Retomando as discussões acerca da estratificação sexual proposta por Gayle Rubin (1993), as políticas da sexualidade são estruturadas para reproduzir as bases do sistema político, econômico, cultural e religioso da sociedade capitalista. Quando

se elegem sistemas de categorização das práticas sexuais (com respaldo científico), organizam-se, outrossim, hierarquias nos grupos sociais entre aqueles que possuem legitimidade e os que possuem restrições nas formas de transitarem e agirem na sociedade.

De acordo com esse sistema, a sexualidade que é “boa”, “normal” e “natural”, deve idealmente ser heterossexual, marital, monogâmica, reprodutiva, e não comercial.[...]. Qualquer sexo que viole as regras é “mau”, “anormal” ou “não natural”. O sexo mau pode ser o homossexual, fora do casamento, promíscuo, não procriativo ou comercial (RUBIN, 1993 p.15).

O entrelaçamento dessas duas lógicas de hierarquização, a subalternidade e a estratificação sexual, suscita-nos a questionar: podem as pessoas homossexuais falar? Ocupar espaços formais afirmando seus modos diversos de ser e estar no mundo e modos localizados de construir conhecimentos?

Esse pequeno percurso epistemológico permite situarmos dois elementos que localizam a construção do conhecimento que constitutivo dessa tese: uma pesquisa realizada por uma mulher homossexual de um país periférico e um processo de investigação científica cujo foco é o próprio conhecimento produzido acerca de um tema hierarquicamente rebaixado — a homossexualidade.

3 - FOUCAULT E A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE: AS HOMOSSEXUALIDADES EM EVIDÊNCIA

3.1 - SOBRE AS HOMOSSEXUALIDADES

Partindo de uma concepção da sexologia, pode-se dizer que: a homossexualidade é a atração ou o relacionamento afetivo e/ou sexual entre pessoas do mesmo sexo/gênero; trata-se de uma orientação sexual tanto quanto a heterossexualidade e a bissexualidade; a orientação sexual é uma forma de categorizar a sexualidade humana nessas três expressões (heterossexual, homossexual, bissexual), que se referem ao direcionamento dos desejos, práticas e afetos relacionados ao sexo para um ou outro sexo/gênero (masculino/feminino) ou para ambos (sexos/gêneros) (CARDOSO, 2008).

Esse modo de categorizar as formas de expressão das atividades sexuais humanas pode parecer, em uma leitura corriqueira, bastante neutro e estruturado cientificamente, descrevendo e atribuindo significado ao comportamento sexual natural. Também, implicou na busca investigativa das causas possivelmente determinantes das diferentes orientações sexuais, demandando contribuições da Psicologia e da Psiquiatria.

Essas aparentes facilidade e familiaridade com que se classificaram as pessoas a partir das suas formas de se expressar sexualmente desfocaram, ou fragmentaram, as lógicas históricas e científicas subjacentes à construção desse conhecimento e dos seus usos (CARDOSO, 2008; SENA, 2013). Contribuíram, igualmente, para que a expressão da homossexualidade fosse analisada de maneira opaca, uniforme e universalizada, dificultando o reconhecimento das diversas formas de vivenciá-la e experimentá-la. As homossexualidades (bem como as heterossexualidades ou bissexualidades) são variadas, múltiplas e multifacetadas, os modos de vida das pessoas homossexuais são heterogêneos, bem como seus desejos e práticas sexuais. Neste trabalho, procuraremos utilizar o termo

homossexualidades para dar visibilidade à diversidade de existências das pessoas nomeadas homossexuais.

Para avançar na discussão do conceito de homossexualidade, seguiremos a trajetória sugerida por Foucault (2010), a qual implicou na busca da proveniência das coisas, ou seja, na genealogia. Retroceder no tempo-espaço histórico, de modo a escavar as formas e condições que foram, progressiva e descontinuamente, organizando cientificamente as conceituações sobre as atividades sexuais, e reconstruir os trajetos que elegeram as atividades sexuais como foco de diferenciação, categorização e personalização dos sujeitos. Afinal, quais foram as forças e motivações que construíram a necessidade de avaliar e esquadrihar as pessoas a partir da descrição das suas expressões sexuais? Como, em diferentes períodos históricos, constituíram-se normas e padrões, bem como regras morais que incidiram sobre as práticas sexuais?

A obra de Foucault, *História da Sexualidade*, dividida em três volumes, nomeados respectivamente de *A vontade de Saber*, *O Uso dos Prazeres* e *O Cuidado de Si*, é o resultado parcial de um estudo genealógico que buscou mapear as linhas de constituição do que viria a se tornar a sexualidade dos tempos atuais, atentando às mudanças históricas, religiosas, morais, sociais e econômicas que engendraram tal processo. Havia a intenção da publicação de outro volume da *História da Sexualidade*, o qual se intitularia *Confissões da Carne*, porém, devido ao falecimento precoce de Foucault, não foi disponibilizado (DREYFUS; RABINOW, 2010). Foi possível vislumbrar alguns elementos que comporiam esse estudo não publicado, mediante a leitura: de entrevistas e artigos para revistas escritos por Foucault, reunidos na coletânea *Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade e Política* (2006), da análise que Dreyfus e Rabinow (2010) realizaram sobre a obra de Foucault e, também, dos outros volumes da própria obra.

Os conteúdos desse estudo foucaultiano, bem como seus desdobramentos, forneceram os fios condutores da lógica teórica desta pesquisa, bem como os substratos dos quais emergiram os elementos de questionamento que consubstanciaram as análises realizadas.

3.2 - HISTÓRIA DA SEXUALIDADE

A trajetória da obra *História da Sexualidade*, não linear e descontínua, iniciou-se no volume 1, tratando da história recente: pode-se dizer “história do presente”, com relatos que tratam dos séculos XVIII, XIX e XX. Nos volumes 2 e 3, enfocou-se o período Greco-Romano e o material não publicado tinha como cerne do estudo o Cristianismo. Nesse percurso, a questão da homossexualidade apareceu como objeto de atenção no volume 1, todavia nosso trânsito pela *História da Sexualidade* de Foucault foi realizado de um modo cronologicamente diferente, partindo do período Greco-Romano, passando pela Era Cristã, finalizando nos últimos séculos.

A história da sexualidade, conforme formulada por Foucault, é o estudo sobre como as práticas sexuais foram significadas pelas diferentes sociedades e de que modo cada época foi engendrando concepções e valores éticos-estéticos-morais que posicionaram o sexo em diferentes contextos e formas de experiência. A sexualidade só foi “inventada” como categoria científica no século XIX. E é justamente esse deslocamento do sexo na qualidade de vivência experiencial do sujeito para o sexo, enquanto discurso da ciência, que mobilizou a linha investigativa de Foucault.

Foucault (1984) indagou-se também sobre o deslocamento que a atividade sexual sofreu, movimentando-se para o campo ético-estético-moral na Antiguidade e durante o início do Cristianismo, assumindo grande importância no âmbito de regras e condutas que deveriam ser adotadas para seguir parâmetros morais típicos daquela época histórica.

Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. Essas “artes de existência”, essas “técnicas de si”, perderam, sem dúvida, uma certa parte de sua importância e de sua autonomia quando, com o cristianismo, foram integradas no exercício de um poder pastoral e, mais tarde, em práticas do tipo educativo, médico ou psicológico (FOUCAULT, 1984, p. 15).

3.2.1 - Antiguidade

As resistências aos enquadramento das atividades sexuais, afetivas e eróticas no escopo das condutas morais compôs o que Foucault chamou de “artes da existência”, que se tratava de buscar uma forma superior de existência humana constituída a partir do regramento moral. No período Greco-Romano, as expressões sexuais pertenciam a esse campo e eram regidas por técnicas e cuidados de si, ou seja, uma série de procedimentos e modos de existência implicatórios na vivência “ponderada” das atividades sexuais.

As técnicas de si na Antiguidade eram atreladas a um código moral, no qual a temperança constituía-se como um fim imprescindível, esta entendida como a ação dos homens e das mulheres sobre si mesmo a fim de não se curvar aos excessos, em todos os âmbitos, inclusive o amoroso-sexual. Tratava-se de uma regulação de si com vistas a manter a racionalidade das condutas que não deveriam ser exacerbadas e/ou violentas.

A temperança entendida como um dos aspectos de soberania sobre si é, não menos do que a justiça, a coragem ou a prudência, uma virtude qualificadora daquele que tem a exercer domínio sobre os outros. O mais real dos homens é rei de si mesmo (FOUCAULT, 1984, p. 75).

[...] a temperança sexual é um exercício da liberdade que toma forma no domínio de si; e esse domínio se manifesta na maneira pela qual o sujeito se mantém e se contém no exercício de sua atividade viril, na maneira pela qual se relaciona consigo mesmo que na relação que tem com os outros. Essa atitude, muito mais do que os atos que se cometem ou os desejos que se escondem, dá base aos julgamentos de valor. Valor moral que é também um valor estético, e valor de verdade, visto que, ao manter-se na satisfação das verdadeiras necessidades, ao respeitar a verdadeira hierarquia do ser humano, e não esquecendo jamais o que é verdadeiramente, é que se poderá dar à sua própria conduta a forma que assegura renome e merece a memória (FOUCAULT, 1984, p. 85).

As técnicas de si predominantes na Antiguidade foram agrupadas por Foucault em três campos da experiência. Tais vivências experienciais foram atravessadas por regras de conduta nas quais os homens e as mulheres buscavam

garantir a temperança, ou seja, o valor estético e moral mais adequado às exigências definidas como superiores e virtuosas.

(...) essas três práticas foram objeto de reflexão na medicina ou na filosofia, e de que maneira essas reflexões propuseram diversos modos, não de codificar com precisão a conduta sexual, mas antes “estilizar”; estilizações na Dietética, como arte da relação do indivíduo com o próprio corpo, na Econômica, como arte da conduta do homem enquanto chefe de família, na Erótica, como arte da conduta recíproca entre o homem e o rapaz na relação de amor. (FOUCAULT, 1984, p. 85-86).

A lógica da temperança ou moderação implicou no regramento do uso dos prazeres (do corpo), incluindo também as práticas sexuais, as quais ficaram atreladas a uma estilística da existência, ou seja, em uma forma estética e artística de formular a vida.

As relações de cunho amoroso-sexual que envolviam pessoas do mesmo sexo, em particular homens (pois há pouco registro da vida sexual das mulheres nesse período histórico) eram articuladas com o código moral da época, que as consideravam importantes para o desempenho das atividades sociais e de cidadania. Não é adequado utilizarmos o termo **homossexualidade** ou **orientação sexual** para a categorização das formas de experiências sexuais daquela época, já que tais formulações se referem aos códigos morais, sociais e científicos atuais e, quando aplicados a contextos históricos remotos, acabam por distorcer ou ressignificar acontecimentos do passado.

De fato, a noção de homossexualidade é bem pouco adequada para recobrir uma experiência, formas de valorização e um sistema de recortes tão diferentes do nosso. Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto. As linhas de demarcação não seguiam uma tal fronteira. A oposição entre um homem temperante e senhor de si e aquele que se entregava aos prazeres era, do ponto de vista da moral, muito mais importante do que aquilo que distinguia, entre elas, as categorias de prazer as quais era possível consagrar-se mais livremente. Ter costumes frouxos consistia em não saber resistir nem às mulheres nem aos rapazes, sem que este último fosse mais grave que o outro (FOUCAULT, 1984, p. 167).

A busca pela temperança ou o uso racional dos prazeres implicou também no desenvolvimento de meticolosos estudos de médicos da Antiguidade, que

elaboraram várias recomendações no intento de compor o cuidado de si. Foucault (1985) relatou algumas prescrições médicas que buscavam alcançar o regramento moral adequado das práticas sexuais, pautadas pelo controle dos prazeres, restrição à violência e ao desperdício, bem como aos excessos. Os cuidados de si eram o caminho para a predominância da razão ou racionalidade em relação aos prazeres excedentes do corpo.

É no quadro dessa cultura de si, de seus temas e de suas práticas que foram desenvolvidas, nos primeiros séculos de nossa era, as reflexões sobre a moral dos prazeres; é preciso olhar para esse lado a fim de compreender as transformações que puderam afetar essa moral. Aquilo que à primeira vista pode ser considerada como severidade mais marcada, austeridade acrescida, exigência mais estrita, não deve ser interpretada, de fato, como um estreitamento das interdições; o campo daquilo que podia ser proibido em nada se ampliou e não se procurou organizar sistemas de proibições mais autoritárias e mais eficazes. A mudança concerne muito mais à maneira pela qual o indivíduo deve se constituir enquanto sujeito moral. O desenvolvimento da cultura de si não produziu seu efeito no reforço daquilo que pode barrar o desejo, mas em certas modificações que dizem respeito aos elementos constitutivos da subjetividade moral (FOUCAULT, 1985, p. 71-72).

As regras de conduta de caráter moral que versavam sobre as práticas sexuais não constituíram um mecanismo repressivo ou de impedimento do desejo, nem se pautavam em fomentar culpas ou remorsos, mas buscavam configurar um regime de vivência do desejo centrado no corpo, visando seu equilíbrio, suas disposições e afecções.

E, nessa conjuntura, a medicina greco-romana ocupou-se das práticas sexuais, estabelecendo parâmetros que configuravam o ato sexual desviante ou causador de abalos à saúde. As inadequações da prática sexual relacionavam-se, principalmente, aos excessos, desperdícios e à violência e não se tratava de impedir ou patologizar o ato sexual em si, mas dos efeitos nocivos que poderiam causar ao organismo se não praticado no regime temperante.

3.2.2 - Era Cristã

A Era Cristã foi marcada pelo deslocamento das referências das práticas sexuais do campo do regime ético da temperança para a esfera dos atos proibidos, pecaminosos e reprimidos.

Foucault (2006) afirmou que essa transposição gradual das formas de experiência do sexo de uma época histórica a outra constituiu-se a partir do redimensionamento e da resignificação que o cristianismo fez acerca da moral greco-romana, desvinculando-a dos preceitos éticos da temperança e atrelando-as ao regime de verdade dos dogmas cristãos. Tal processo foi viabilizado por uma nova forma de articulação das redes de produção de saber-verdade: o poder pastoral.

O pastorado, segundo Foucault (2006), foi a estratégia de capilarização das redes de saber-poder-prazer utilizada pelo cristianismo, no papel de um pastor que atuava em uma posição de liderança sobre uma população em deslocamento, buscando cuidar do bem-estar e das condições de vida dessas pessoas, garantindo-lhes a salvação eterna por meio da submissão dos sujeitos ao seu poder. E isso incluía saber da vida cotidiana das pessoas: como viviam, o que pensavam, como agiam, a fim de orientar, interditar e submeter as formas de existência aos parâmetros cristãos, pois só a obediência a esses preceitos conduziria à redenção. Foucault nomeou esse procedimento de poder individualista.

Finalmente — e talvez esta seja a característica mais importante —, o poder pastoral é um poder individualista, ou seja, enquanto o rei ou o magistrado tem essencialmente como função salvar a totalidade do Estado, o território, a cidade, os cidadãos em sua totalidade, o bom condutor, o bom pastor é capaz de cuidar dos indivíduos tomados um a um. Não se trata de um poder global. É evidente que o pastor deve garantir a salvação do rebanho, porém deve garantir a salvação de todos os indivíduos [...]. Portanto, um poder que atua sobre uma multiplicidade — multiplicidade de indivíduos em deslocamento, indo de um ponto ao outro — poder oblativo, poder sacrificial, poder individualista (FOUCAULT, 2006, p. 67).

A individualização das formas de operar do poder induziu a atuação do pastor sobre o campo da subjetivação, afinal, para que tivesse pleno conhecimento do que

se passa em seu rebanho, deveria acessar os pensamentos, sentimentos, desejos presentes na alma dos sujeitos de modo a intervir sobre eles com vistas à salvação.

O que significa conhecer o interior dos indivíduos? Significa que o pastor disporá de meios de análise, de reflexão, de detecção do que se passa, mas também que o cristão será obrigado a dizer ao seu pastor tudo que se passa no âmago de sua alma; particularmente, ele será obrigado a recorrer, do ponto de vista do seu pastor, a essa prática tão específica do cristianismo: a confissão exaustiva e permanente (FOUCAULT, 2006, p. 70).

A construção dessa produção de verdade subjetiva a partir da confissão é um elemento fundamental no poder pastoral, tendo desdobramentos no âmbito do sexo na medida em que inseriu o julgamento do pastor sobre os atos, pensamentos e desejos sexuais, para determinar a correta adesão aos preceitos cristãos e o caminho para a salvação. As práticas sexuais autorizadas estavam atreladas ao casamento, à monogamia e à reprodução. Fora desses parâmetros, as pessoas que praticavam outras categorias de atividades sexuais eram fracas com relação à força do pecado da carne, fontes de tentação e queda. O exercício da confissão é, antes de tudo, uma forma de expurgar as investidas da carne. Foucault (2006) afirmou que as confissões da carne instauraram um tipo de poder, operando no campo da subjetividade, controlador dos indivíduos por meio da sua sexualidade,

Creio que a técnica de interiorização, a técnica de tomada de consciência, a técnica do despertar de si sobre si mesmo em relação às suas fraquezas, ao seu corpo, à sua sexualidade, à sua carne, foi a contribuição essencial do cristianismo à história da sexualidade. A carne é a própria subjetividade do corpo, a carne cristã é a sexualidade presa no interior dessa subjetividade, dessa sujeição do indivíduo a ele mesmo, e este foi o primeiro efeito da introdução do poder pastoral na sociedade romana (FOUCAULT, 2006, p. 71).

A avaliação sobre o sexo deixou de ser realizada somente no território das práticas sexuais (regime moral da temperança) e avançou para o campo da interioridade (relação corpo-alma); sonhos, desejos e fantasias que se manifestam no âmbito subjetivo passaram a ser tão ou mais perigosos e pecaminosos quanto os atos sexuais em si. E a prática da confissão exaustiva e permanente, submetida ao poder pastoral, tornou-se o caminho para a redenção, o livramento dos pecados da carne.

Apesar de os escritos de Foucault acerca desse período histórico serem reduzidos, foi possível construir um esboço de continuidade no que se refere à reconfiguração dos mecanismos de controle e poder presentes no poder pastoral (avaliação da subjetividade e controle dos desejos e práticas sexuais), os quais passaram, também, a constituir o dispositivo da sexualidade presente na história recente, como veremos a seguir.

3.3.3 - História do presente

Anteriormente ao século XIX, a sexualidade não existia como um objeto de estudo, como uma disciplina científica ou como campo de conhecimento: havia práticas sexuais atreladas a mecanismos de poder, controle e produção de verdades, que serviram a objetivos morais, religiosos, sociais e econômicos específicos de cada época.

Com o advento da ciência enquanto paradigma da produção de verdade no sistema capitalista, após o declínio do cristianismo e do período feudal, não tardou para as questões relacionadas ao campo sexual receberem atenção e cuidado de cientistas e médicos alicerçados pelo método cartesiano e pelas fulguras iluministas de trazer luz às verdades dos fenômenos físicos, sociais e humanos.

As estratégias de poder típicas do capitalismo foram se desdobrando em aliança com a ciência na estruturação de novas categorias, novos discursos de verdade que prescindiram das explicações religiosas, mas que não lançaram mão da necessidade de controle, hierarquização e submissão. Contudo, nessa era histórica, o foco da dominação não estava mais na alma com vistas à salvação, mas no corpo com a finalidade de aumento da produção. O corpo, bem como o conjunto de corpos aglutinados (populações) e seus modos de existência, a maneira como conduzem suas vidas, foram, e ainda são, os alvos de um mecanismo de poder denominado por Foucault de biopoder

Concretamente, esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII, em duas formas principais; que não são antitéticas e constituem, ao contrário, dois polos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações. Um dos polos, o primeiro

a ser formado, ao que parece, centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos — tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas anatomopolíticas do corpo humano. O segundo, que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma biopolítica da população. As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida (FOUCAULT, 1988, p. 131).

Foucault (1988) buscou esmiuçar esse entrelaçamento entre o conhecimento científico na produção dos saberes e das verdades que sustentaram os mecanismos de poder e controle típicos do capitalismo, utilizando-se a sexualidade como exemplo, tendo em vista a possibilidade de entendê-la enquanto um dispositivo reverberador das estratégias do biopoder.

Afinal, de que maneira as práticas sexuais tornaram-se *sexualidade*? Ou seja, de que forma uma ação ou atividade que atende desejos e visa ao prazer tornou-se uma interioridade, uma marca identitária, uma subjetividade (forma de ser e estar no mundo), uma categoria científica? Quais tipos de articulações operaram para a formação das redes de saber-poder-prazer (dispositivo) que envolviam a sexualidade?

Gostaria inicialmente de me deter na noção tão cotidiana e tão recente de “sexualidade”: tomar distanciamento em relação a ela, contornar sua evidência familiar, analisar o contexto teórico e prático ao qual ela é associada. O próprio termo “sexualidade” surgiu tardiamente, no início do século XIX. É um fato que não deve ser subestimado nem superinterpretado. Ele assinala algo diferente de um remanejamento de vocabulário; mas não marca, evidentemente, a brusca emergência daquilo a que se refere. O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. Em suma, tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades modernas,

constitui-se uma “experiência” tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma “sexualidade” que abre para campos do conhecimento bastante diversos, e que se articula num sistema de regras e coerções. O projeto era, portanto, o de uma história da sexualidade enquanto experiência — se entendemos por experiência a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade (FOUCAULT, 1984, p. 09-10).

Em vez de tratar a sexualidade como algo inerente ao humano e que sofreu alterações e interdições no decorrer da história através da influência das formas de organização social, Foucault (1988, 1984) deslocou sua questão para tratar a sexualidade como uma experiência historicamente singular que só foi possível se constituir a partir de três eixos: os saberes que a sustentam (ciência: médica, psiquiátrica e psicológica), as redes de poder que agenciam as práticas desta sexualidade (educação familiar e escolar, saúde: práticas profissionais e políticas públicas voltadas para essa regulação) e os próprios sujeitos dessa sexualidade que passaram a se reconhecer a partir da mesma (processos de subjetivação e identidade sexual).

[...] a sexualidade foi definida como sendo, “por natureza”, um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar; um lugar de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar (FOUCAULT, 1988, p. 67).

Para Foucault (1988), a construção desses discursos científicos, que, aliando saber-poder-prazer, foram se constituindo como verdades acerca da natureza humana e respaldaram práticas medico-jurídicas de regulação das vidas e dos corpos (biopoder), categorizaram os modos de existência das pessoas na sociedade capitalista, principalmente no que tange à sexualidade (*scientia sexualis*), nomeando de **dispositivo da sexualidade** essa conjunção de discursos e práticas que se configurou como uma rede interligada.

Através deste termo, tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história) (FOUCAULT, 1988, p. 146).

O dispositivo da sexualidade, na análise de Foucault (1988), operava (e ainda opera) através de quatro eixos estratégicos de regulação dos corpos e das populações (biopoder): a pedagogização do sexo das crianças, a histerização do corpo das mulheres, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Tratavam-se de campanhas contra qualquer atividade sexual na infância, inibindo, principalmente, a masturbação; juntamente com a concepção de que o corpo da mulher era patologicamente saturado de sexualidade e deveria ser tratado para que os papéis de mãe e esposa não fossem maculados; em articulação com processos de controle da natalidade; e, por último, com o estabelecimento de padrões de patologização dos comportamentos sexuais desviantes da norma heterossexual monogâmica e reprodutiva.

Nesse espectro de linhas do dispositivo da sexualidade, a questão da homossexualidade se consolidou no eixo da psiquiatrização do prazer perverso. Esquadrinhada pela *scientia sexualis*, homossexualidade tornou-se uma categoria ou um conceito, enfim, uma verdade sobre o sujeito. As denominações dos comportamentos sexuais humanos passaram a ser descritivas e conceituáveis, hierarquizadas e categorizadas de modo a definir critérios acerca do normal e anormal, natural e antinatural, saudável ou enfermo.

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade [...]. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 1988, p. 43-44).

O homossexual revelou-se como uma espécie, um tipo, uma categoria que porta uma especificidade, reveladora de algo a ser identificado, pesquisado, nomeado, descrito nos moldes científicos, de modo a retratar essa diferença, essa identidade.

A medicina, em particular a Psiquiatria, e a Psicologia foram, e ainda são, as áreas da ciência responsáveis por pautar as noções de normal e patológico e dar referências às formas de ser e estar no mundo consideradas saudáveis ou doentias. E, àquelas consideradas enfermas, forneceram, e ainda indicam, formas de tratamento medicalizantes e comportamentais ou morais que podem reverter os sintomas desses males.

Neste trabalho, a compreensão das homossexualidades se dará por meio desse referencial, ou seja, como parte de uma construção discursiva científica que se articula com a lógica de uma verdade reguladora da vida. Isso implicou em colocar as homossexualidades sob um olhar duvidoso, como o próprio Foucault sugere, lançar luz sobre a construção da verdade que subjaz ao discurso sobre a homossexualidade, inclusive no âmbito da Psicologia.

4 - SABERES DA PSICOLOGIA SOBRE AS HOMOSSEXUALIDADES

4.1 - A PSICOLOGIA E AS HOMOSSEXUALIDADES

A criação do termo **homossexualidade** pode ser entendida como uma síntese de um processo de discussão científica sobre as práticas afetivas, eróticas e sexuais, de modo a classificá-las e organizá-las segundo uma lógica psicopatológica que definiu a heterossexualidade como o padrão saudável de comportamento sexual dos seres humanos, nomeando as outras expressões das atividades sexuais de sintomas ou sinais de doença, desvio e anormalidades.

A necessidade de dissecar em detalhes as práticas sexuais, organizá-las de modo sistemático, dando-lhes relevo científico e categorias nosológicas, revelaram, para Foucault, parte do funcionamento do dispositivo da sexualidade. Essa iniciativa, que se posicionou historicamente nos séculos XIX e XX, ainda tem suas expressões oficiais nos dias atuais, em documentos como o CID (*Código Internacional de Doenças*) e o DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), publicações constantemente atualizadas, nas quais se identificam as doenças existentes, apontando seus sintomas e possíveis tratamentos. Nesses manuais das doenças, as expressões da sexualidade que não correspondem à heterossexualidade são historicamente categorizadas e nomeadas como patologias. A homossexualidade permaneceu por longa data nesses manuais, desde *Psychopathia sexualis*, em 1887, até o DSM, em 1973, e o CID, em 1990.

Segundo Teixeira-Filho (2011), o termo homossexualidade se consolidou cientificamente no âmbito da Psicopatologia, mas surgiu na tentativa de enfrentamento do código penal prussiano que criminalizava tais práticas, ou seja, no cerne da construção dessa terminologia, encontram-se amalgamados os dois vértices de uma discussão que ainda perdura nos dias atuais sobre o tema: a patologização e a homofobia.

A palavra *homossexual* foi usada pela primeira vez na Alemanha em 1869, pelo escritor austro-húngaro, Karl Maria Kertbeny. Ele irá publicá-la em manuscritos clandestinos, dirigido ao governo alemão, visando combater o Código Penal prussiano 143 que criminalizava essa prática sexual, argumentando que não se podia criminalizar uma condição “inata” e “natural” compartilhada por muitos homens de “bem” na história. Em 1880, Gustav Jaeger (zoólogo) convida Kertbeny para realizar o prefácio de seu livro (*Entdeckung der Seele* [A Descoberta da Alma]). Richard Von Kraft-Ebing, expoente sociólogo da época, amigo de Gustav, decide utilizar esse termo em 1887 na segunda edição de seu famoso livro *Psychopathia sexualis*. Assim, o termo nasce da militância contra a criminalização da homofobia e se torna signo de doença (TEIXEIRA-FILHO 2011, p.49-50).

A história da sexualidade (ou da homossexualidade), na visão foucaultiana, nada mais é que a história da construção de discursos que representam uma verdade. Em suas palavras: “A história da sexualidade — isto é, daquilo que funcionou no século XIX como domínio de verdade específica — deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos” (FOUCAULT, 1988, p. 67). As tentativas de contar a história da sexualidade (ou da homossexualidade), na lógica de demarcar as práticas e categorizá-las a partir do referencial de verdade constituído no dispositivo da sexualidade, não são fidedignas ao contexto histórico, mas sim aliadas ao enquadramento, à captura dessa história na lógica de verdade do discurso de saber-poder da ciência hegemônica no capitalismo.

Para Guareschi e Huning (2005), Foucault apontou que a história tomada como disciplina apresenta-se como supra-histórica, pois se utiliza de estratégias de análise que incorrem em três vieses: o foco nos grandes feitos e eventos, a ênfase na continuidade de determinadas tradições e a posição de julgamento do passado a partir das referências do presente.

Assim, ao se contar sobre as práticas sexuais (ou homossexuais) realizadas pelos seres humanos em outras épocas históricas à luz da verdade produzida no dispositivo da sexualidade (a partir do século XVIII), consolidou-se uma produção de discursos que capturou as especificidades de cada período histórico, omitindo-os ou submetendo-os ao discurso de saber-poder da ciência. Tal processo de apagamento das marcas históricas no âmbito da sexualidade serviu para dar legitimidade científica ao entendimento sobre o comportamento sexual humano por meio da naturalização de determinados padrões e da patologização de outros.

Retomar as práticas e vivências sexuais do ser humano no decorrer da história, avaliando-as e enquadrando-as no discurso de verdade do dispositivo da sexualidade, além de promover uma aura de cientificidade e a naturalização dos padrões de normalidade e patologia, também subsidiou a ideia de que os processos de subjetivação são pouco alterados pelos processos históricos, culturais e sociais, facilitando a construção de modelos e padrões fixos comportamentais, mentais e sexuais, restritos à lógica binária e a universalização.

A Psicologia é uma dessas instâncias de saber-poder, que fornece inteligibilidade, identidade e corpo às sexualidades, e, em particular, às homossexualidades. As construções teóricas e as práticas psicológicas articulam-se na trama do dispositivo da sexualidade, na medida em que contribuem para revelar essa verdade subjetiva do indivíduo. Essa interioridade não revelada pelo próprio sujeito fica sob o julgo e a responsabilidade desses profissionais, que a avaliam e a categorizam indicando seu pertencimento ou não ao rol das patologias e delimitam seu espaço identitário no campo social.

Segundo Xavier (2003), no dispositivo da sexualidade, há o entrelaçamento entre os saberes-poderes e a subjetivação, quando se articula a identidade sexual como objeto de conhecimento e o sujeito homossexual (no caso) como produto do processo de subjetivação. Tal processo se objetiva na sujeição (tornar-se sujeito) ao discurso de verdade produzido pelo dispositivo que possibilita a esse sujeito identificar-se (a partir dos discursos de fora), passando a significar, tratar como interioridade, essa verdade sobre o seu sexo definido pela lógica de saber-poder da ciência. Esse processo de significação de si, de produção de subjetividade assujeita o indivíduo à lógica do dispositivo e seus esquemas de categorização, normatização e patologização.

Teixeira-Filho (2013) sintetizou essa articulação do dispositivo com a construção da identidade sexual, destacando o papel dos discursos de saber-poder em diferentes contextos:

Portanto, no caso específico da sexualidade, derivado de uma lógica androcêntrica, temos que o sexo, agora transformado em discurso, caracterizará um sujeito, sua moral, sua vontade, e, como subproduto das relações de poder que o atravessam, em troca, receberá uma identidade, a partir da qual a sociedade legitimará a sua organização política, econômica, cultural bem como sua economia de prazeres e adocimentos.

E foi assim que, a partir do trabalho de Foucault, podemos entender como a captura dos discursos médicos, religiosos e jurídicos pelos dispositivos de poder (sendo a sexualidade um deles) autorizou que os mencionados psiquiatras, daquele período, categorizassem o homoerotismo como patologia, desvio e/ou inversão, utilizando-se para tal, da categoria identidade sexual. (TEIXEIRA-FILHO, 2013, p. 130).

Na perspectiva foucaultiana se problematiza a (homos)sexualidade como discurso contextualizado, isto é, não tendo sua origem nem no corpo, nem na construção histórico-social. Antes, resultante de forças e desdobramentos do poder dos quais o sujeito é efeito. Desse modo, a (homos)sexualidade seria uma identidade, imaginária, constituída linguisticamente por efeito de agenciamentos de poder encarregados de criar um corpo, uma história, uma origem, uma conduta para as pessoas ditas homossexuais, transformando suas ações em traços específicos de uma “espécie”.

Para Guareschi e Huning (2005) esses discursos normativos oriundos da psicologia são também normalizadores e intervêm sobre os sujeitos transformando-os a partir de suas categorizações e avaliações e, por consequência, alterando seus modos de compreender o mundo e a si mesmo, e, em particular, sua interioridade que passou a ser avaliada e diagnosticada a partir da produção discursiva da Psicologia. Assim, cabe questionar quais sujeitos têm sido produzidos pelas diferentes concepções teóricas da Psicologia, e, ainda, como essa produção tem influenciado os modos de subjetivação no contemporâneo, já que, também constituídos na cultura, não podem ser alijados do social e do político.

Demarcar a lógica de saber-poder-prazer que constitui a Psicologia e sua participação no dispositivo da sexualidade fornece-nos pistas para retomar a questão: quais homossexualidades a Psicologia tem produzido? Fazemos esse questionamento não ingênuo, sem pretensões de neutralidade ou imparcialidade, reconhecendo as implicações sociais e políticas atravessadoras dessa questão.

4.2 - AS CAUSAS DAS HOMOSSEXUALIDADES

Os saberes e as práticas psicológicas articulados no dispositivo da sexualidade são constantemente chamados a responder às indagações acerca das causas, das raízes, das origens das homossexualidades, com vistas a esclarecer à sociedade, às famílias e aos poderes instituídos, sobre os elementos que geraram esse modo de ser diferente, “peculiar”, “destoante”, “fora dos padrões”. Todavia, além de explicar tal expressão minoritária da sexualidade humana, a Psicologia também é convocada a intervir sobre a mesma, em um primeiro momento histórico, tratando-a como doença, desvio ou perversão e, em um segundo momento, minimizando os impactos da homofobia (inclusive a internalizada) na vida das pessoas homossexuais.

Para Castañeda (2002), existem dois grandes blocos de construções teóricas para explicar as homossexualidades, ambas são assentadas em pressupostos epistemológicos distintos concernentes aos estudos da sexualidade humana: a primeira é a abordagem essencialista, derivada da biologia, e a segunda é a perspectiva social, que assume que a influência do social e familiar supera o biológico na configuração da sexualidade.

Compreender a homossexualidade (ou a sexualidade) como essência implica em afirmar que existe algo *a priori* que define o ser humano, fora de seu controle e localizado na interface do psicológico com o biológico, sendo este último operador de uma influência determinante. As explicações que concernem ao biológico como a maior força motriz de produção de discursos sobre a sexualidade justificam-se na ação dos genes, dos hormônios e de configurações específicas do tamanho ou funcionamento do cérebro. Sousa-Filho (2009) expõe essa vertente biologizante:

No tocante às orientações sexuais e à homossexualidade, em particular, as teses do determinismo biológico vão variando mais ou menos conforme o tempo e os “avanços” que estabelecem. Já se falou de comparecimento de algum gene (ou grupo de genes) no zigoto do indivíduo, levando-o a apresentar um traço correspondente de comportamento sexual [...]. Já se atribuiu aos hormônios funções determinantes na orientação sexual: testosterona, progesterona e estrógenos concorreriam para definir as tendências sexuais dos indivíduos [...]. Por fim, mais recentemente, seguidores das ciências que estudam o cérebro acreditam que os genes, alterando a estrutura cerebral, gerariam a orientação sexual correspondente. (SOUSA -FILHO, 2009, p.110).

Segundo Castañeda (2002), algumas das vertentes, vinculadas ao movimento LGBT, que assumem a preponderância do biológico sobre as outras influências acabaram por promover uma atitude menos preconceituosa em relação à homossexualidade ao postulá-la como uma condição natural e inexorável do indivíduo (não se pode ter controle sobre a sexualidade), afastando, assim, a condição homossexual do rótulo de doença ou transtorno.

Já outros grupos atrelados ao saber médico de cunho psicopatológico utilizam a compreensão biológica da homossexualidade para reforçar modelos que estabelecem a heterossexualidade como norma e padrão e, assim, colocá-la como desvio (do padrão), sendo necessário desenvolver práticas curativas para possibilitar ao indivíduo o retorno ao comportamento sexual saudável (heterossexual).

Por outro lado, as concepções sobre homossexualidade (e sexualidade) que partem do reconhecimento da influência predominante do aspecto social teorizam-na, segundo Castañeda (2002), como um fenômeno historicamente situado que carrega as marcas de seu tempo, da cultura da qual emerge, da organização da vida familiar e moldada por relações afetivas e papéis de gênero, enfim, a homossexualidade é construída e pode se expressar de modos diversificados.

Nas abordagens sociais, observa-se também uma diversidade de tendências, nas quais as determinações oriundas do meio têm diferentes impactos sobre a constituição do sujeito. Dentre essas, cabe destacar a perspectiva construcionista que realiza críticas ao modelo essencialista e lança as bases de novas formas de problematização dessa temática.

Borges (2009) esclareceu que o construcionismo, respaldado também nas contribuições foucaultianas, possibilitou problematizar a necessidade de existência ou não da categoria homossexual/lésbica, na medida em que tais comportamentos são categorizados em função de suas causas, facilitando o reducionismo determinista (simplista e/ou generalizador e muitas vezes patologizante). Em suas palavras:

A postura construcionista possibilita pensar que a criação de categorias específicas, como homossexualidade/lesbianidade (e os termos a elas associados — homossexual e lésbica), não precisariam necessariamente existir; fazem parte de uma história recente de intenso escrutínio científico na busca incessante por definições “corretas” para aqueles que praticam atividades sexuais com indivíduos do mesmo sexo. Essa forma de fazer ciência

presume a possibilidade de descobrir uma razão (biológica, psicológica) que possa elucidar o que veio a se configurar como um “tipo” de pessoa, denominada homossexual/lésbica. A procura por explicar os fenômenos humanos relacionados à esfera sexual não é um fato de hoje na história da ciência, porém de tempos em tempos ressurgem ondas de determinismo biológico ou psicológico (BORGES, 2009, p. 152).

A partir das bases construcionistas, iniciou-se a estruturação de uma linha política e de pensamento conhecida como teoria *queer*, que aplicou os princípios oriundos das questões do construcionismo na sua radicalidade ao instigar o desmantelamento da categoria identidade.

Nessa proposta teórica da teoria *queer*, busca-se o enfrentamento dos discursos de verdade sobre a sexualidade, recusando-se a aceitar concepções que visem ao reconhecimento de identidades fixas e essenciais nos indivíduos: ao contrário, promovem-se estudos, práticas militantes e políticas que desconstruam a ilusão da identidade.

Gamson (2006) indica que os estudos *queer* desabrocharam no mundo acadêmico no início dos anos de 1990 e os caracterizou do seguinte modo:

A teoria *queer* baseou-se nos *insights* do construcionismo e em Foucault, mas colocou as preocupações pós-estruturalistas e pós-modernistas em primeiro plano — críticas da identidade e políticas da identidade, uma ênfase sobre o discurso e sobre sua desconstrução [...] (GAMSON, 2006, p. 352).

Sobre a formulação da proposta *queer*, Miskolci (2012) esclarece tratar-se de uma nova política de gênero que pretende enfrentar os regimes de verdade contidos nas definições de normal-anormal (patológico), a partir das críticas às normatizações postuladas no âmbito político, acadêmico e social, constituídas por meio do poder disciplinar e de controle. A perspectiva *queer* atua com vistas a reconhecer as desigualdades associadas às diferenças, sem colocá-las na posição de abjetos (recusadas e temidas no convívio social).

No que tange à homossexualidade, a teoria *queer* critica o binômio homossexualidade-heterossexualidade e propõe a abertura de outras possibilidades de subjetividade que não podem ser aprisionadas nessa polarização. Segundo Miskolci (2012, p 27), “[...] a luta é por desconstruir as normas e as convenções culturais que nos constituem como sujeito”, em outras palavras, implica em

desconstruir a identidade como suporte de subjetivação para eliminar as desigualdades.

Alinhando-se com a perspectiva *queer*, Teixeira-Filho concluiu acerca do conceito de homossexualidade:

Vemos, portanto, que afirmar positivamente a homossexualidade, reificando-a, por exemplo, como mais uma das variantes da sexualidade humana, não a desloca do binômio hetero/homossexualidade. Ao contrário, só faz naturalizá-la e é justamente esta “naturalização” que se deve evitar. Não há nada “natural” ou “antinatural” nas (homos)sexualidades. Elas são acontecimentos em nossas vidas e nossas práticas sexuais nada dizem de nosso caráter, de nosso desejo, de nossos sentimentos (TEIXEIRA-FILHO, 2012, p. 92).

No escopo das justificativas para o entendimento das homossexualidades, transitam desde propostas essencialistas-biologizantes até as construcionistas-*queer*, contudo, cabe uma ressalva no que tange a dois diferentes tipos de leituras: àquelas que buscam incessantemente mapear ou estabelecer as causas geradoras ou facilitadoras do surgimento da homossexualidade e outras que problematizam inclusive a existência da mesma.

Ao se referir às vertentes que buscam estabelecer as regras ou modelos de causalidade, Sousa Filho (2009) salientou que tais teorias, em busca da gênese da homossexualidade, em especial nas áreas psi, são preconceituosas na medida em que situam esse tema como algo *a priori*, deslocado de um padrão de normalidade ou hegemônico.

Não é desconhecido de ninguém que teorias e “pesquisas” de muitos tipos procuram causas (biológicas, psicológicas, sociais, “espirituais”) para a homossexualidade, deixando entender que os indivíduos concernidos na prática da homossexualidade — ditos homossexuais — têm qualquer coisa a menos (ou a mais) que os outros (um gene, um pedaço do cérebro, hormônios, um instinto congênito ou adquirido, etc.), são indivíduos que sofreram algum “desvio” ou “suspensão” no chamado “desenvolvimento sexual normal” ou “inversão quanto ao objeto sexual”. Estas últimas sendo crenças muito difundidas ainda hoje entre psicólogos e psicanalistas — confundindo-se aí todas as correntes — exceções isoladas à parte (SOUSA FILHO, 2009, p. 95).

A indagação sobre as causas ou gênese da homossexualidade ainda são consideradas válidas e amplamente discutidas na sociedade em geral, e a própria

Psicologia parece absorver várias influências dessas discussões oriundas de outros espaços sociais, deixando-se atravessar por elementos presentes no campo da moral, da religião e do senso comum. Da mesma maneira, as discussões cotidianas sobre as causas da homossexualidade também se articulam com a lógica (ainda que incompletas ou recortadas) das teorias psicológicas, ao incorporarem termos típicos da área psi (inconsciente, traumas, projeções, etc.)

No estudo sobre as representações sociais acerca do preconceito contra homossexuais, Lacerda e Cols (2002) propuseram uma Escala das Explicações para a Homossexualidade, sistematizando cinco vertentes explicativas, organizadas da seguinte maneira:

a) Explicações Biológicas: “As causas da homossexualidade estão relacionadas às disfunções hormonais”; “As causas da homossexualidade estão relacionadas a problemas hereditários”; “As causas da homossexualidade estão relacionadas a problemas biológicos”; b) Explicações Ético-Morais: “As causas da homossexualidade estão relacionadas à falta de respeito”; “As causas da homossexualidade estão relacionadas à falta de caráter”; “As causas da homossexualidade estão relacionadas à falta de valores morais do sujeito”; c) Explicações Religiosas: “As causas da homossexualidade estão relacionadas ao descumprimento da Palavra de Deus”; “As causas da homossexualidade estão relacionadas à falta de fé religiosa característica das sociedades atuais”; “As causas da homossexualidade estão relacionadas à fraqueza espiritual para resistir a tentações”; d) Explicações Psicológicas: “As causas da homossexualidade estão relacionadas a abusos sexuais sofridos na primeira infância”; “As causas da homossexualidade estão relacionadas a situações traumáticas vividas na infância”; “As causas da homossexualidade estão relacionadas à má resolução de conflitos com as figuras parentais”; e) Explicações Psicossociais: “As causas da homossexualidade não possuem uma natureza específica, pois a sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade”; “As causas da homossexualidade não podem ser especificadas, pois a sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade”; “As causas da homossexualidade não podem ser especificadas, pois ela não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão” (LACERDA; COLS, 2002, p. 169).

Nessa escala, pode se visualizar os atravessamentos dos discursos científicos de diversas áreas, em especial da Psicologia e da Biologia, na construção dos argumentos explicativos. Com exceção das explicações religiosas, as outras possuem grandes interlocuções com o discurso científico e filosófico. No conjunto,

as cinco explicações constituem um bom mapeamento das lógicas discursivas que sustentam o saber-poder no dispositivo das (homos)sexualidades.

Guareschi e Huning (2005) discutiram esse desdobramento do saber psicológico em outros espaços sociais, extrapolando a atuação do profissional da Psicologia e ganhando outros interlocutores que se apropriaram desse conhecimento, difundindo-o em seus discursos e práticas.

[...] os recursos das várias psicologias são muito úteis nas relações entre os sujeitos e nas relações deles consigo mesmos. Isso pressupõe a quebra do monopólio dos psicólogos sobre o campo do conhecimento psicológico, supõe uma prática para além do poder dos psicólogos, uma psicologia que ganha as ruas, um discurso posto em circulação social (GUARESCHI; HUNING, 2005, p. 80).

Esse amálgama do saber psicológico com outras referências não científicas acerca das causas das homossexualidades é um dos fatores que facilitam a ocultação do preconceito inerente à busca das origens, pois naturaliza e dá caráter de verdade científica à compreensão das homossexualidades como algo distinto, fora dos padrões, enfim como um fenômeno que caracteriza o humano e o determina, nomeia-o e categoriza-o. Contribuindo para o entendimento suprahistórico e desvinculado dos contextos cultural, social, político.

As formulações teóricas que fogem às causas e lançam questionamentos acerca da construção das homossexualidades e sua pertinência enquanto categoria científica estruturaram uma crítica à identidade como paradigma, no qual sustentam-se as formulações sobre as experiências sexuais, tendo em vista a tendência do aprisionamento de tais vivências em parâmetros identitários fixos e constantes.

4.3 - IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS

As homossexualidades pertencem a uma construção histórica que compõe o dispositivo da sexualidade e carregam em si uma lógica de saber-poder-prazer, que busca revelar uma interioridade desconhecida e, assim, apreender a verdade do sujeito, para, finalmente, “assujeitá-lo” ao *modus operandi* da sociedade capitalista. Dessa forma, buscar as causas da homossexualidade também é uma iniciativa de

reificação do dispositivo da sexualidade, na medida em que legitima e constitui o discurso científico.

O desnudamento discursivo engendrado por Foucault (1988) problematizou, em última instância, a própria existência da homossexualidade enquanto categoria científica legítima e representante de uma verdade. Contudo, é possível hoje prescindir dessa nomeação e forma de reconhecimento? Haveria a possibilidade de abandonar essa categoria de análise e identidade das pessoas?

Em tempos foucaultianos, o que significa a identidade homossexual? E para a Psicologia, quais formas de significar/atuar frente às homossexualidades (colocadas em suspeita) ainda são possíveis?

Há um entendimento de que as pessoas portam marcadores identificadores de sua sexualidade: categorias que, quando combinadas, originam esquemas organizativos, como a orientação sexual (homossexual, bissexual e heterossexual) e a identidade de gênero (masculino ou feminino) e que somam-se a outros marcadores sociais das diferenças identitárias como raça, classe social, geração, dentre outros

Esses esquemas foram amplamente difundidos como verdades científicas, respaldaram as ações dos movimentos sociais e de direitos LGBT e foram incorporados nas políticas públicas voltadas a esse segmento populacional.

Contudo, as marcas identitárias derivadas das categorizações da sexualidade foram se esgotando na medida em que se mostraram cada vez menos eficazes em reconhecer a multiplicidade de modos de viver.

Butler (2013) ampliou a forma de mapeamento dessas lógicas identitárias, quando passou a discutir a relação sexo/gênero/desejo e práticas sexuais. Ao ultrapassar os binômios sexo/gênero e heterossexualidade/homossexualidade como referência, possibilitou inteligibilidade a modos de existência antes relegados exclusivamente ao patológico ou marginal (transexuais, *cross-dressers*, *drag queens*, entre outros).

A confluência das concepções de Foucault com as propostas de Butler estruturaram as bases para a emergência da teoria *queer* no que concerne à categoria identidade.

A teoria *queer* busca o enfrentamento dos discursos de verdade sobre a sexualidade, recusando-se a aceitar propostas que visem ao reconhecimento de

identidades fixas e essenciais nos indivíduos, ao contrário, promovendo estudos, práticas militantes e políticas que desconstruam a ilusão da identidade.

Cordoba (2005) sintetizou a noção de identidade compreendida pela teoria *queer* como um processo aberto, sujeito a ressignificações e transformações, construído no espaço social-discursivo. E o impedimento desse processo se dá no momento em que a expressão de outras formas identitárias é inviabilizada.

A afirmação de que algumas identidades (sexuais e de gênero) são decorrentes de uma essência ou são reconhecidas cientificamente como pertencentes a padrões de normalidade, automaticamente exclui, patologiza e marginaliza as outras expressões de possíveis identidades. Nesse raciocínio, Cordoba defende que toda identidade é resultado de uma relação de poder que serve a um propósito de regulação social, excluindo e reprimindo, dessa forma, outras possibilidades de existência ou manifestação.

Penedo (2008) defendeu que a proposta *queer* busca o enfrentamento da omissão por generalização, ou seja, a diversidade de expressões da identidade é omitida para manter uma generalização que promete abarcar a maioria das pessoas em alguns esquemas identitários. Tal estratégia é muito significativa no âmbito da sexualidade e se evidencia na hegemonia do binômio heterossexualidade-homossexualidade enquanto esquema explicativo da relação sexo-gênero-desejo-práticas sexuais.

As discussões acerca da identidade enquanto forma de reconhecimento do sujeito recebem severas críticas sobre sua legitimidade científica, geralmente, naturalizando e dando fixidez às expressões da subjetividade, e têm repercutido grandemente na Psicologia questões essas notadas, neste trabalho, em diversos autores do âmbito da sexualidade.

Heilborn (1996) já apontava que as problematizações do campo da sexualidade deveriam incorporar visões mais críticas e atuais sobre a identidade, considerando esta constituir-se no âmbito social e estar atrelada a formas de classificação das pessoas que as enquadram em esquemas previamente definidos no âmbito científico.

Identidade social é, assim, a moldura possível onde os sujeitos podem existir e se expressar; um formato que não lhes é propriamente oferecido, porque para tal supor-se-ia que seres sociais pudessem existir previamente à inserção na vida coletiva.

Aqui, ao contrário, descarta-se a percepção de anterioridade e/ou externalidade dos sujeitos ao mundo das representações coletivas. Nesse sentido, a identidade social constitui-se na atualização de princípios de classificação social ordenados por valores que fabricam e situam os sujeitos (HEILBORN, 1996, p.136).

Xavier (2003) elegeu a identidade homossexual como foco de estudo de sua pesquisa, mas sua leitura teórica foucaultiana revelou que tal escolha se deu em uma perspectiva crítica, na medida em que se propôs a trazer à tona os mecanismos do dispositivo da sexualidade que contribuíram para a consolidação desta identidade, dando relevo histórico e político ao entendimento dessa categoria.

Eleger-se para a realização desse trabalho um tema e uma categoria histórica, a identidade *homossexual*, como um campo que envolve conhecimentos, saberes, poderes e subjetivação, como um conjunto de discursos, saberes e práticas que compõem e permitem reafirmar uma determinada experiência histórica da constituição de sujeitos pela sexualidade.

Tomando o indivíduo contemporâneo como aquele que se problematiza ainda nos domínios da sexualidade, este trabalho dirige-se a um campo reconhecido como em franca *luta política*, o da *homossexualidade*, a fim de traçar os caminhos de continuidade e as eventuais rupturas neste dispositivo das últimas décadas à atualidade (XAVIER, 2003, p. 03).

Silva (2007), em sua pesquisa sobre a identidade homossexual, buscou uma posição problematizadora em relação ao uso da categoria identidade no âmbito da Psicologia, mas afirmou a necessidade de ainda manter-se essa nomeação, já que tal identificação permanece atrelada a diversas formas de reconhecimentos sociais e jurídicos-institucionais, incluindo o próprio movimento social LGBT e as lutas por inclusão nas políticas públicas e enfrentamento da homofobia.

[...] acreditamos que a identidade *gay* é um processo em devir que depende das descrições e crenças históricas que temos do assunto. Por outro lado, falar em identidade *gay* não significa que esta identidade seja onipresente e regule todos os aspectos da vida do sujeito, reduzindo-o à dimensão sexual de sua existência. Não obstante, o lugar social ocupado pelos homossexuais influi em larga escala a construção de sua identidade: ao desempenhar um papel estigmatizado, o indivíduo entra em contato com determinados aspectos da realidade e terá a sua identidade influenciada por essa perspectiva, identidade esta ativada apenas em circunstâncias sociais particulares (SILVA, 2007, p. 33-34).

Já Ceccarelli (2008), ao discutir a invenção da homossexualidade a partir da Psicanálise, também investiu de maneira problematizadora sobre a categoria identidade, indicando que o esforço de enquadramento típico das formas identitárias tem um papel normativo e de revalidação dos valores sociais hegemônicos.

A insistência em transformar comportamentos em categorias identitárias contribui enormemente para a criação de uma espécie de armadura em que o sujeito, em eco com o sistema de valores morais ocidentais, vê-se aprisionado em uma forma normativa de viver a sexualidade (CECCARELLI, 2008, p. 73).

Em uma perspectiva de maior radicalidade no desapego e crítica à categoria identidade no escopo da Psicologia, observa-se a incorporação das contribuições oriundas da teoria *queer* nos debates teóricos acerca da sexualidade e das questões de gênero.

Peres (2012, 2013) e Teixeira-Filho (2012) avançaram na aproximação das prerrogativas *queer* junto à Psicologia, promovendo uma profunda discussão dos paradigmas que norteiam a prática de diagnóstico e avaliação típicos da atuação profissional, indicando que tais formas de intervenção continuam a reificar os padrões identitários e de catalogação da expressão das subjetividades, dificultando ou mesmo impedindo, trânsitos e movimentos de autodeterminação livres dos rótulos e das classificações tradicionais na ciência psicológica.

A partir dessas problematizações, propomos a emergência de uma psicologia que não seja classificatória, diagnóstica e reducionista para valorizar o direito político fundamental à singularidade e às variações dos lugares ocupados no mundo pelas pessoas que não coadunam com as determinações regulatórias e disciplinares de uma sociedade demarcada pela crise dos paradigmas (PERES, 2013, p. 86).

As diferentes abordagens sobre as homossexualidades que historicamente foram se constituindo na Psicologia, de modo hegemônico, refletem os movimentos históricos, sociais, políticos que também atravessaram a construção e a manutenção do dispositivo da sexualidade, e fortaleceram mecanismos de biopoder. Dessa forma, temos, *a priori*, uma ciência e uma profissão majoritariamente atrelada a um movimento de consolidação e legitimização da lógica de saber-poder-prazer inerente ao sistema capitalista.

Neste trabalho, interessa-nos contribuir para a inversão dessa atuação da Psicologia no contexto social, não mais consolidando o *status quo*, mas sim possibilitando a conjugação de formas transformadoras de ação, cuja neutralidade científica seja abandonada, em prol de uma localização epistemológica parcial e articulada com saberes reveladores dos marcadores que incidem na sua própria constituição.

4.4 - GÊNERO E HOMOSSEXUALIDADES

O conceito **gênero** compõe intrinsicamente as homossexualidades, de modo tão naturalizado e inerente que não parece evidente. Todavia, essa concepção fundamentou o cerne da categorização do paradigma da orientação sexual (heterossexual, bissexual e homossexual), respaldado na existência de dois sexos/gêneros: o masculino e feminino, ou seja, os três tipos de orientação sexual se estruturaram a partir da existência cultural-científica da diferença entre os sexos/gêneros.

A homossexualidade, por consequência, é conceitualmente calcada na concepção de gênero, na construção do homem (masculino) e mulher (feminino) como referências para a constituição das orientações sexuais.

Contudo, a definição do gênero enquanto categoria científica não se assenta em uma uniformidade conceitual, sendo atravessada por diferentes matrizes teóricas, epistemológicas e políticas. Não é possível reconhecer uma visão hegemônica desse conceito na atual conjuntura tantos dos estudos feministas, quanto dos próprios, assim nomeados, estudos de gênero ou ainda nos recentes estudos *queer*. Narvaz (2009) discorreu sobre a historicidade do gênero, relacionando suas várias vertentes e desdobramentos.

Gênero é marcado por uma polissemia radical, inscrito em diferentes filiações teórico-epistemológicas, nas quais aparece ora como uma característica da identidade individual, ora como uma relação interpessoal; pode ser tanto um modo de organização social, quanto uma estrutura da consciência, uma psique triangulada ou uma ideologia internalizada; gênero também figura quer como uma categoria de análise de relações de poder manifestas na dominação e subordinação, quer como diferença sexual, ou, ainda, para se referir a papéis e estereótipos sexuais (NARVAZ, 2009, p. 22-23).

A polissemia do gênero é a referência tomada para transitarmos por alguns/mas autores/as que trouxeram contribuições importantes para os estudos desse campo e que reverberaram também no âmbito da sexualidade e da Psicologia.

Joan Scott (1990), em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, lançou as bases das quais os posteriores estudos de gêneros (bem como os estudos feministas e *queers*) vão se respaldar para construir conhecimentos a partir, e com, do conceito de gênero. Reconheceu ainda que os estudos que utilizam o gênero como forma de análise emergiu somente nas últimas décadas, demonstrando assim que, até então, a questão da diferença sexual (homem/mulher) permaneceu naturalizada, imanente e intrínseca em todas as formulações e conceitos confeccionados no âmbito científico.

A preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só emergiu no fim do século XX. Ela está ausente das principais abordagens de teoria social formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. De fato, algumas destas teorias construíram sua lógica a partir das analogias com a oposição entre masculino/feminino, outras reconheceram uma “questão feminina”, outras ainda se preocuparam com a formulação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como uma forma de falar sobre sistemas de relações sociais ou sexuais não tinha aparecido (SCOTT, 1990, p. 09).

Ainda nesse texto, Scott definiu o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1990, p. 09) e, também, como “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 09).

A construção histórica do gênero a partir das relações sociais, segundo Scott (1990), pressupõe a articulação de alguns elementos: primeiramente, a existência de símbolos culturalmente estruturados que representavam idealizações das diferenças sexuais entre homens e mulheres (no caso da mulher, a figura de Eva e outras da tradição cristã); em segundo lugar, as interpretações dessas figuras simbólicas nas quais se encerravam significados que foram limitando as possibilidades de ampliação de outras leituras, aprisionando os gêneros em uma oposição binária fixa, conceitual e institucionalizada; em terceiro lugar, houve o descolamento dessa fixidez do binarismo de gênero (do âmbito símbolo religioso e das relações familiares) para a

organização social, política, econômica e educativa; e, por último, o surgimento da percepção da identidade subjetiva de gênero, colocando homens e mulheres com interioridades distintas e muitas vezes opostas; finalizando, um processo de naturalização das percepções sociais das diferenças sexuais.

O binarismo fixo dos gêneros (homens e mulheres) serviu para legitimar formas de operar e manter mecanismos de poder. Scott (1990) estudou esse processo de legitimação nos campos histórico e político.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural e divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro. (SCOTT, 1990, p. 13)

Alguns exemplos que Scott (1990) discutiu para corroborar a relação do gênero como mecanismo de poder político referem-se a conjuntos de leis que hierarquizam os gêneros no que tange ao acesso a direitos e possibilidades de acúmulo de bens materiais e exercício de atividades laborais, nos quais a mulher mantém, invariavelmente, posições de menos favorecimento. A manutenção dessa submissão hierárquica do gênero feminino é possível a partir da naturalização das diferenças sexuais, da suposição de uma interioridade típicas da mulher e do homem que os colocam em permanente oposição nos modos de ser e estar no mundo.

Donna Haraway (2004), no seu texto-verbete “*Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra*”, realizou um sucinto mapeamento das principais conceituações que o gênero recebeu em algumas tendências epistemológicas. Afirmou que o gênero foi tratado como uma concepção que buscou superar a naturalização da diferença sexual, distinguindo sexo (diferença sexual biológica) e gênero (concepções socioculturais e políticas acerca do que é ser homem e mulher). Essa distinção fundou o chamado sistema sexo/gênero, importante referência para as feministas e os estudos de gênero a partir dos anos de 1970, sendo posteriormente alvo de críticas (BUTLER, 2013). Para Haraway (2004), o sistema sexo/gênero sustentou epistemologicamente a dicotomia natureza-

sociedade, carregando um viés biologizante ou essencialista ao postular a existência de um sexo (diferença sexual) como uma marca imanente ao humano. Apesar das críticas, o sistema sexo/gênero ainda é referenciado em alguns campos do saber, principalmente nos que utilizam o termo identidade de gênero como forma descritiva das relações entre sexo (biológico) e gênero (cultural-social). A afirmação da existência de um sexo natural (biológico, corporal, hormonal e reprodutor) produz a ideia de que a diferença sexual traz componentes determinantes das esferas sociais da sexualidade, por exemplo, a afirmação de uma heterossexualidade inerente, já que o corpo (biológico) estaria preparado “naturalmente” para esse tipo de expressão sexual subjacente à reprodução da espécie. A diferença sexual seria o substrato biológico da heterossexualidade pressuposta ou compulsória. E que, por consequência, também respalda a concepção de que as expressões destoantes da heterossexualidade (dentre elas, a homossexualidade) devem ser analisadas à luz do desvio (ou patologia) de um padrão “natural”.

Butler (2013) desencadeou novos debates sobre gênero ao propor a concepção de que se trata de um ato performático e discursivo, repetitivo, lentamente inscrito na história e no corpo (enquanto superfície de inscrições); buscou, igualmente, superar a dicotomia sexo-gênero e natureza-cultura, afirmando que não há corpo pré-discursivo, e mesmo o que chamamos de natureza (sexo-corpo) é um ato linguístico, já pressupõe a cultura, o simbólico, o significado. Logo, a identidade (de gênero) também é uma inscrição corpórea, não se tratando mais de uma interioridade, de uma marca na personalidade ou de uma psique generificada.

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2013, p. 194).

As implicações que as contribuições de Butler (2013) trouxeram para redimensionar as discussões, tanto acadêmicas quanto dos movimentos sociais, no que tange à questão da identidade (sexual e de gênero), propiciou a emergência de

novos caminhos epistemológicos e políticos para o enfrentamento da homofobia e outros preconceitos decorrentes dos marcadores sexuais e de gênero.

4.5 - A DESPATOLOGIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE: BREVE RESGATE

Para a Psicologia no Brasil, a questão da despatologização da homossexualidade tornou-se uma diretriz ética em 22 de março de 1999, data em que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou uma resolução (normativa que deve ser obrigatoriamente cumprida pelos profissionais), definindo não poder mais a homossexualidade ser tratada como doença, desvio ou perversão, e que os/as psicólogos/as não poderiam propor ou contribuir com tratamentos a fim de curar a homossexualidade. Esta é, em resumo, a Resolução CFP 01/99, ainda em vigor, e cuja polêmica acompanha seus 15 anos de existência.

Contudo, a história da despatologização da homossexualidade teve seu início, ainda que modesto, em meados do século XIX. Relataremos, sucintamente, os principais acontecimentos dessa trajetória histórica, destacando suas contradições e lançando luz sobre o contexto socioeconômico que influenciaram tais fatos.

A composição dessa trajetória histórica da despatologização foi concebida pela mediação com a lógica foucaultiana de construção do dispositivo da sexualidade, situada no século XIX, e entrelaçada, também, com as concepções da Sexologia (*scientia sexualis*) discutidas por Jane Russo (2011, 2013), que aprofundou a identificação dos discursos de verdade produzidos pela ciência no âmbito da sexualidade.

Russo (2011) sistematizou a existência de três momentos distintos de articulação da Sexologia (enquanto parte do dispositivo da sexualidade, a saber, o discurso de verdade da ciência sobre o sexo).

O primeiro momento, datado no século XIX até início do século XX, foi caracterizado pelo esforço de mapear as atividades sexuais desviantes (incluindo as homossexualidades) a partir do olhar científico, e, assim, retirar do âmbito jurídico e de criminalização os comportamentos de cunho sexual. Essa transição do sexo que passa do escopo jurídico para os cuidados da ciência só foi possível por meio da patologização, ou seja, da definição de doenças sexuais (ou desvios sexuais) que

contrariavam o princípio da procriação (objetivo final da atividade sexual). Nesse, contexto destacaram-se as figuras de Richard Von Krafft-Ebing, que escreveu *Psychopathia Sexualis* (1892), o mais abrangente manual classificatório das patologias sexuais de sua época, e Magnus Hirschfeld, médico e *gay*, fundador, juntamente com outros, do Comitê Científico Humanitário para defender os direitos dos homossexuais e contribuir para o entendimento da homossexualidade como algo biologicamente natural. Russo (2011) afirmou também que o debate em torno da compreensão científica patologizante ou não da homossexualidade era uma discussão central nos embates acadêmicos e políticos.

A maior parte da literatura sexológica da segunda metade do século XIX vai se estruturar em torno da homossexualidade (que, na época, recebia nomes diversos: inversão; sentimentos sexuais contrários; sexualidade antipática). E a grande questão política que movia os debates era a luta contra a seção 175 do Código penal prussiano que criminalizava a sodomia (RUSSO, 2011, p. 174).

O segundo momento da Sexologia é marcado pelo surgimento de um novo foco de preocupação científica (e também política), que passa do tratamento das patologias sexuais para o estudo do funcionamento sexual normal, ou seja, do casal heterossexual, visando à manutenção da estrutura familiar e ao tratamento de disfunções que dificultassem sua continuidade. Essa mudança de foco é marcada pelas publicações de Alfred Kinsey (1948, 1953), nas quais mapearam-se as condutas sexuais de homens e mulheres e suas particularidades. Alguns anos mais tarde (1966), o trabalho do casal de estudiosos da sexualidade, William Masters e Virginia Johnson, consolidou esse foco de estudo: o casal heterossexual, propondo, inclusive, tratamentos para as disfunções da resposta sexual no âmbito do matrimônio.

As patologias ou desvios sexuais (aí incluída a homossexualidade) saíram das preocupações dos estudos da Sexologia e ganharam outro terreno de atuação: a arena política de lutas por direitos, contra o preconceito e a favor da despatologização.

Neste contexto, o movimento homossexual se organizou e atuou de modo contundente junto à APA (*American Psychiatric Association*), responsável pela publicação do DSM (*Diagnostic and Estatistical Manual of Mental Disorders*), e que, em 1973, retirou o **homossexualismo** do rol de patologias reconhecidas pelo

manual. Russo (2011) analisou essa conjuntura destacando que a preocupação da Sexologia também se deslocou da lógica procriativa para a busca do prazer enquanto parâmetro de uma vida sexual saudável.

Já o terceiro momento da Sexologia, desenvolvido a partir de meados da década de 1970, consolidado nos anos de 1980, é marcado por um retorno a uma postura mais biologizante-orgânica das patologias sexuais, com foco em comportamentos impeditores do desempenho sexual (predominantemente heterossexual) saudável, e a contrapartida das indústrias farmacêuticas que fornecem os medicamentos necessários para a resolução dessas disfunções. Segundo Russo (2013), o exemplo mais notório desse momento é o remédio para combater a disfunção erétil (Viagra), cuja lógica de resolução do problema é o desempenho masculino da atividade sexual, com foco o órgão genital do homem. Em outras palavras, a campanha em torno dessa pílula é a garantia de uma vida sexual plena, tanto para os homens que as ingerem, quanto para as mulheres que têm seu prazer sexual garantido por uma boa ereção.

No decorrer dos anos 80, outros profissionais médicos — os urologistas — debruçaram-se sobre o problema da impotência, provocando uma importante mudança em todo o campo das terapias sexuais. A entrada dos urologistas no campo e a conseqüente transformação por eles provocada devem ser compreendidas como parte de dois fenômenos mais amplos que marcaram o final do século XX e que devem ser pensados de forma interligada. O primeiro pode ser descrito como a “remedicalização” (ou biologização) do psicológico, que se expressa de forma mais evidente no campo da psiquiatria. O segundo refere-se ao desenvolvimento e à reconfiguração dos processos de medicalização impulsionados pelas inovações tecnológicas da biomedicina, e pela expansão e a desregulamentação da indústria farmacêutica (RUSSO, 2013, p. 179).

Nessa breve exposição crítica acerca da Sexologia e seus momentos científicos interligados com o contexto político e social das diferentes épocas, as homossexualidades transitaram por várias áreas de referência: primeiramente, no âmbito jurídico-criminal, sendo em seguida incorporada ao discurso científico da patologia e, posteriormente, dentro da própria ciência, despatologizada.

Neste processo, a homossexualidade construiu-se como uma espécie (citando Foucault) e, também, como identidade, passando a ser estudada a partir de uma suposta especificidade psicológica ou biológica. A homossexualidade pôde ser

considerada como uma categoria de estudo, uma marca subjetiva que define o sujeito e o diferencia (do padrão heteronormativo). E, ainda, deslocou o espaço social dessas pessoas para as margens, guetificando seus locais de convívio, intensificando a discriminação no lócus familiar, ocupacional e religioso e, por consequência, a violência dirigida a essa população. Esse estado de coisas foi acentuando um declive ou uma desvantagem no âmbito do acesso aos direitos (saúde, educação, trabalho, proteção social, dentre outros). Ou seja, as pessoas homossexuais sofreram, nesse processo de patologização, uma dupla consequência: a vulnerabilidade social e o restrito acesso aos direitos humanos, em geral, e outros, em particular.

Nessa conjuntura, o movimento social homossexual ou LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) foi se constituindo, lutando pelo fim do preconceito contra esses segmentos que representam a diversidade sexual, e buscando a garantia dos direitos pouco acessíveis e acessados.

E é, na ocupação dessa nova arena, materializada na seara política, que se tem sofrido um novo revés, com o atravessamento do discurso religioso/conservador, carregado das concepções que recolocam a homossexualidade no escopo do antinatural, da aberração, do pecado.

A seguir apresentamos um quadro com a sistematização de acontecimentos que demonstram o trânsito das homossexualidades (e das sexualidades) por diferentes áreas, revelando alguns traços do dispositivo na construção do saber-poder-prazer em relação ao tema, e enfatizando as oscilações no que se refere à patologização e despatologização. Esse quadro foi elaborado a partir das seguintes referências: Russo (2011, 2013), Paoliello (2013) e Gutman (2010).

Momento da Sexologia	Ano	Local	Acontecimentos	Observações
Primeiro	1791	França	Primeiro país do mundo a descriminalizar a homossexualidade (pederastia).	
Primeiro	1830	Brasil	Segundo país do mundo a descriminalizar a homossexualidade (sodomia).	D. Pedro II promoveu essa mudança no novo <i>Código Penal do Império</i> .
Primeiro	1860	Inglaterra	A Índia e o Paquistão, colônias inglesas, criminalizaram a homossexualidade (sodomia).	Essas leis perduram até os dias atuais.
Primeiro	1864 a 1868	Alemanha	Karl Ulrich, advogado <i>gay</i> , publicou vários panfletos propagando que o amor de um homem por outro é natural. Criou o termo “uranismo” para nomear esse sentimento.	Buscava respaldo na medicina para que a homossexualidade saísse do rol de crimes.
Primeiro		Alemanha	Karl Westphal, da Universidade de Berlim, publicou um estudo sobre o “sentimento sexual contrário” ou inversão sexual, defendendo que tratava de algo congênito, mas que estava atrelado a outras doenças mentais. Deu-se as bases para a patologização.	Considerado o primeiro estudo médico sistematizado sobre a homossexualidade.
Primeiro	1869	Alemanha	Karl-Maria Kertbeny, jornalista e ativista dos direitos humanos, criou o termo homossexual em substituição a pederasta .	
Primeiro	1871	Alemanha	Criminalização da homossexualidade no parágrafo 175 do Código Criminal.	Tal lei só foi revogada em 1994.
Primeiro	1883 a 1915	Alemanha	E. Kraepelin, psiquiatra alemão, publicou várias edições do livro <i>Tratado de Psiquiatria</i> . Em todas, a homossexualidade aparece com as seguintes nomenclaturas: “sentimento sexual contrário”, “desenvolvimento sexual anormal”, “insanidade degenerativa”, “condição mental de constituição original”.	A partir da sétima edição (1909), adota uma postura menos patologizante.
Primeiro	1892	Áustria	Richard Von Krafft-Ebing apresentou a <i>Psychopathia Sexualis</i> , onde adotou o	

			termo homossexual e o classificou entre as anomalias do instinto de reprodução da espécie, ou seja, uma degeneração em relação a procriação.	
Primeiro	1897	Alemanha	Magnus Hirschfeld, médico e <i>gay</i> , fundou, juntamente com outros, o “Comitê Científico Humanitário” para defender os direitos dos homossexuais e contribuir para o entendimento da homossexualidade como algo natural.	Lançou o movimento para a Reforma Sexual, em uma lógica diversa da patologização de Krafft-Ebing.
Primeiro	1897	Inglaterra	Havelock Ellis, médico inglês, publicou <i>Sexual Inversion</i> , na qual afirmou que a homossexualidade é congênita, portanto, natural. Até 1928, publicou sete volumes dos <i>Estudos</i> sobre a psicopatologia do sexo.	Criticou a criminalização da homossexualidade, a teoria da degenerescência e alertou para os inúmeros suicídios decorrentes desse tratamento dado ao tema.
Primeiro	1901	Austria	Richard Von Krafft-Ebing reviu seu entendimento da homossexualidade, abandonando o termo anomalia sexual para diferenciação , e afirmando que não poderia ser generalizada como doença mental ou perversão.	
Primeiro	1905	Suíça	Freud publicou os <i>Três Ensaios sobre a sexualidade humana</i> , no qual nomeou a homossexualidade de inversão sexual . Na edição de 1915, substitui o termo por homossexual .	
Primeiro	1921	EUA	Fundou-se a APA (<i>American Psychiatric Association</i>), que, como suas antecessoras, classificavam a homossexualidade como doença sexual.	
Primeiro	1930	Europa	Freud assinou uma petição pela descriminalização da homossexualidade.	
Primeiro	1933	Dinamarca	Descriminalizou a homossexualidade.	
Primeiro	1935 e 1938	Brasil	Leonídio Ribeiro, médico brasileiro, publicou <i>Homossexualismo e Endocrinologia</i> . Utiliza também o termo inversão sexual . E atribuiu papel central das glândulas na determinação da homossexualidade.	A partir de uma perspectiva lombrosiana, também buscou traços anatômicos que

				identificassem os homossexuais.
Primeiro	1936	União Soviética	Criminalizou a homossexualidade.	
Primeiro	1937-1945	Alemanha	Homossexuais foram identificados com um triângulo rosa nos campos de concentração nazistas. A estimativa é que mais de 100 mil homossexuais foram mortos.	Mesmo com o fim do nazismo e da guerra, os homossexuais ainda foram mantidos presos devido ao código 175.
Segundo	1948	EUA	Alfred Kinsey publicou <i>Sexual Behavior in the human male</i> . Também apresentou uma escala que categorizou os comportamentos sexuais em homossexuais, heterossexuais e bissexuais.	Esse levantamento demonstrou 10% de prevalência de homossexuais.
Segundo	1948		A Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou a sexta edição do CID (<i>Código Internacional de Doenças</i>) e incluiu a homossexualidade na categoria “Personalidade Patológica”, no item “Desvios Sexuais”.	Na oitava edição do CID, passou para a categoria “Desvios e Transtornos Sexuais — Homossexualismo” (302.0).
Segundo	1952	EUA	APA (<i>American Psychiatric Association</i>) publicou a primeira versão do <i>Diagnostic and Estatistical Manual of Mental Disorders</i> (DSM – I). A homossexualidade constava no item “Desvios Sexuais”, no qual permaneceu em todas as reedições até 1973.	
Segundo	1953	EUA	Alfred Kinsey publicou <i>Sexual behaviour in the human female</i> .	
Segundo	1957	EUA	Evelyn Hooke, médica, publicou um estudo comparativo sobre a incidência de doenças mentais em homossexuais e heterossexuais e revelou não haver diferenças de incidências entre os grupos.	
Segundo	1960	EUA	Tomas Szasz publicou <i>O mito da doença mental</i> , que criticou o uso do diagnóstico como forma de poder entre os psiquiatras, destacando como	

			exemplo a homossexualidade.	
Segundo	1966	EUA	Masters e Johnson publicaram seu primeiro livro: <i>Human Sexual Response</i> , resultado de anos de estudos com sujeitos humanos em atividade sexual e estabeleceram um padrão da resposta sexual humana.	
Segundo	1968	EUA	Robert Stoller divulgou seus estudos sobre identidade de gênero e identidade sexual.	
Segundo	1969	EUA	Revolta de Stonewall, na qual frequentadores de um bar gay revoltam-se e entram em confronto com a polícia devido à violência com que são tratados.	Momento marcante de afirmação do movimento homossexual nos EUA.
Segundo	1970	EUA	Militantes do movimento homossexual norte americano invadem o congresso da APA para pedir a despatologização da homossexualidade.	
Segundo	1970	EUA	Masters e Johnson lançaram seu segundo livro: <i>Human Sexual Inadequacy</i> , que identificou uma lista de inadequações do comportamento sexual (heterossexual).	Essa publicação é considerada um marco para a Sexologia da época e criou a figura do terapeuta sexual.
Segundo	1971-1972	EUA	Nesses dois anos no congresso da APA, os ativistas do movimento homossexual expuseram painéis demonstrando a articulação entre a patologização e os preconceitos e estigmas vivenciados pelos homossexuais.	
Segundo	1973	EUA	APA criou um comitê de estudos sobre a sustentação científica da homossexualidade como doença. Robert Stoller fez uma apresentação no congresso da APA intitulada: "Homossexualidade é um diagnóstico?". APA retira a homossexualidade do rol de doenças mentais (15/12/1973).	
Terceiro	1980	EUA	APA publicou o DSM III, oficializando uma visão biologizante dos transtornos mentais em forte alinhamento com os ditames da indústria farmacêutica.	

Terceiro	1985	Brasil	Conselho Federal de Medicina despatologizou a homossexualidade, desconsiderando o CID então em vigor.	
Terceiro	1990		OMS retirou a homossexualidade do rol de patologias do CID-10 publicado em 1992.	A data de anúncio dessa mudança, dia 17 de março, é considerado dia internacional contra a Homofobia.
Terceiro	1999	Brasil	Conselho Federal de Psicologia publicou a Resolução CFP 01/99, definindo que a homossexualidade não pode mais ser considerada doença, distúrbio ou perversão, nem pode ser tratada ou passível de cura no âmbito da profissão.	
Terceiro	2004	Brasil	Na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, é parcialmente aprovado um projeto de lei que obriga o Estado a oferecer um programa de auxílio às pessoas que voluntariamente optarem pela mudança de orientação sexual da homossexualidade para a heterossexualidade.	Este PL, articulado politicamente por grupos religiosos/conservadores, não foi aprovado em segunda instância.
Terceiro	2011	Brasil	Na Câmara dos Deputados, foi apresentado um PDC (Projeto de Decreto Legislativo) para sustar alguns artigos da Resolução CFP 01/99, que se referem ao impedimento de os profissionais da Psicologia oferecerem tratamentos de cura ou reversão da homossexualidade.	Este PDC foi articulado por grupos religiosos/conservadores, mas não foi mantido, sendo votado seu arquivamento.

Vimos em Foucault (1984, 1985, 1988, 2006) a constituição do dispositivo da sexualidade, por meio das estratégias do biopoder, que se desdobraram na constituição de uma *scientia sexualis*. Em seguida, trouxemos as contribuições de Russo (2011, 2013) sobre o desenvolvimento da Sexologia (*scientia sexualis*), no século XX e nos dias atuais, demonstrando o vínculo cada vez mais estreito da sexualidade com a farmacologia. Já Preciado (2008) trouxe novas complexidades para essa temática, ao nomear o momento atual de era farmacopornográfica, ou seja, corroborou e consolidou de modo mais amplo a aliança entre sexo e fármacos.

Preciado (2008) demonstrou que a sexualidade transpôs a barreira dos tratados científicos e das políticas públicas para ser um assunto do âmbito econômico, sendo a indústria pornográfica a terceira maior instância movimentadora de capital do mundo, perdendo apenas para a bélica e a farmacêutica. O biopoder do dispositivo da sexualidade complexificou-se no âmbito econômico: não se trata somente de gerir corpos e populações, mas tratar as formas de sentir prazer, desejar e afetar-se como um negócio. A autora argumentou que a pornografia com sua capacidade de prazer, orgástica e masturbatória, constitui-se como uma linha de subjetivação hegemônica, marcando as relações entre as pessoas em diferentes campos da existência. Bem como a ingestão de medicamentos para fins de melhorias e aprimoramentos do bem-estar físico, mental e sexual também são meios de subjetivar os indivíduos. A intersecção entre as linhas farmacológicas e pornográficas constituem as sexualidades na contemporaneidade.

Durante o século XX, período em que se leva a cabo a materialização farmacopornográfica, a psicologia, a sexologia, a endocrinologia haviam estabelecido sua autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, de libido, de consciência, de feminilidade, de masculinidade, de heterossexualidade, de homossexualidade, em realidades tangíveis, em substâncias químicas, em moléculas comercializáveis, em corpos, em biótipos humanos, em bens de intercâmbio gerenciados pelas multinacionais farmacêuticas (PRECIADO, 2008, p. 32).

Os discursos e práticas científicas acerca das sexualidades materializaram-se em uma realidade tangível, em que subjetividades farmacopornográficas são engendradas como corpos “naturalizados”, apagando os traços de sua proveniência oriunda dos processos culturais, políticos, econômicos e técnicos. E o biocapitalismo (PRECIADO, 2008), ou capitalismo farmacopornográfico, produz a espécie humana

em si mesmo, seus desejos, sua alma, seu corpo, seus sonhos e prazeres. Consomem-se, por meio dos meios pornográficos e farmacológicos, identidades, relações, modos de ser e estar, processos de socialização, enfim, estados da “alma”.

Nesse espectro de forças da era farmacopornográfica, as homossexualidades não transitam mais no escopo da patologização: passaram a ser nomeadas identidades, corpos, vinculados à prerrogativa do prazer, sem vínculos com a questão da reprodução da espécie, a qual passa a ser cada vez mais controlada pela medicina em articulação com os procedimentos farmacológicos (pílulas, inseminação artificial, etc.).

Conjuntamente, as homossexualidades parecem manter-se em um tensionamento entre duas linhas de força mais estruturadas: a despatologização identitária e a patologização conservadora/religiosa. Ambas atuam em rede, ramificando-se com diferentes intensidades pelos estratos sociais; expandindo-se ou retraindo-se, na medida em que seus discursos e mecanismos de poder encontram aderência ou formas de articulação com os estados subjetivos e a lógica social-econômica predominante.

Até o presente momento, detalhou-se a linha que traçou o caminho da despatologização das homossexualidades, transformando-a em identidade. No próximo capítulo, entraremos na discussão da linha patologizadora de cunho conservador/religioso.

5 - HOMOSSEXUALIDADES, PSICOLOGIA E FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

Reorganizamos historicamente a constituição das homossexualidades enquanto identidade sob os auspícios da ciência médica, em particular das áreas psi (Psiquiatria, Psicanálise e, por fim, a Psicologia). Essa identidade, em um primeiro momento patológica, foi aos poucos sendo refutada a partir do enfrentamento empreendido pelo movimento homossexual e a ausência de respaldo científico que sustentasse tal concepção nosológica. O processo de despatologização foi se consolidando a partir da retirada gradual do item “homossexualismo” dos grandes manuais de patologias (DSM e CID). E, concomitantemente, com a emergência da luta por direitos dos homossexuais e o enfrentamento da homofobia.

Contudo, não se trata de um processo contínuo, nem progressivo, há atravessamentos, retrocessos ou impedimentos que, constantemente, recolocam a pauta das homossexualidades no contexto do desvio, da anormalidade, do desregramento, da antinatureza, e, ainda, da patologia.

Neste capítulo, o foco será apresentar as iniciativas de alguns grupos religiosos fundamentalistas e conservadores que se articulam nos campos políticos e jurídicos, atuam em conluio para impedir o avanço dos direitos da população LGBT e, ainda, acabam por consolidar padrões de conduta violentos dirigidos a esse grupo minoritário, bem como vislumbrar as repercussões no âmbito da psicologia.

Gayle Rubin (1993), no texto “Pensando o Sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade”, discutiu, na realidade norte-americana, algumas estratégias em que a política de Estado e as legislações foram artífices para a gestão da sexualidade, buscando interferir nos campos que se referem à reprodução e às práticas sexuais divergentes da heterossexualidade matrimonial, reprodutiva e não comercial. As discussões de Rubin (1993) forneceram-nos elementos possibilitadores de reconhecer, na realidade brasileira, algumas similaridades na gestão política da sexualidade nos dias atuais, bem como a influência que os acontecimentos estadunidenses tiveram por aqui. Ao relatar a história dos ataques políticos no âmbito da questão da educação sexual, explicitou a influência religiosa/conversadora na gestão da pauta política.

A Nova Direita e a ideologia neoconservadora atualizaram esses temas e apostam na estratégia de associar comportamento sexual “imoral” ao suposto declínio do poder da nação americana. Em 1977, Norman Podhoretz escreveu um ensaio acusando os homossexuais pela suposta incapacidade dos Estados Unidos de enfrentarem os russos. Com isso, estabelecia-se uma clara relação entre “a luta antigay no âmbito nacional e as lutas anticomunistas na política externa”. A oposição da ala direita à educação sexual, à homossexualidade, à pornografia, ao aborto e ao sexo antes do casamento passou da zona mais periférica para o centro da arena política a partir de 1977, quando os estrategistas da direita e os fundamentalistas religiosos descobriram que as massas eram muito receptivas a esses temas. A reação sexual teve um papel importante no sucesso eleitoral da direita em 1980 (RUBIN, 1993, p. 07-08).

Na análise de Rubin (1993), a concepção de sexo/sexualidade subjacente às propostas legislativas e à gestão política da educação sexual é fortemente essencialista, concebendo-o como uma instância natural, imutável e perene. A definição do sexo como uma entidade biológica possibilitou que houvesse pouca resistência a essas medidas, pois tratava de, somente, garantir que essa (suposta) naturalidade fosse preservada sem os atravessamentos de ameaças (como a masturbação, a homossexualidade), as quais desviaram homens e mulheres de uma vida saudável.

Da mesma forma, a sexualidade é refratária à análise política enquanto for concebida basicamente como um fenômeno biológico ou um aspecto da psicologia individual. A sexualidade é um produto humano tanto quanto as dietas, os meios de transporte, as regras de etiqueta, formas de trabalho, tipos de divertimentos, processos de produção e formas de opressão. Quando entendemos o sexo em termos de análise social e compreensão histórica, torna-se possível uma política sexual mais realista. Pode-se pensar, então, a política sexual em termos de fenômenos como populações, regiões, modelos de povoamento, migração, conflitos urbanos, epidemiologia e técnicas de repressão policial. Estas são categorias de pensamento mais fecundas que as mais tradicionais, como pecado, doença, neurose, patologia, decadência, corrupção ou o declínio e a queda de impérios (RUBIN, 1993, p. 10-11).

No Brasil, essa ideologia vem compondo a agenda política de modo cada vez mais explícito a partir da articulação de iniciativas de grupos conservadores e expressões religiosas de caráter fundamentalista.

Em 2012, foi lançado no Brasil o livro do reverendo norte-americano Louis P. Sheldon, chamado: *A estratégia – o plano dos homossexuais para transformar a sociedade*. Tal publicação foi alvo de uma ação do Conselho Nacional LGBT brasileiro, com vistas a tirá-lo de circulação, alegando incentivo à violência e ao preconceito (aproveitando-se da mesma jurisprudência que já retirou publicações neonazistas de circulação no Brasil). Essa medida judicial não teve o resultado esperado.

Contudo, gerou um estudo realizado pelo então membro do referido Conselho, o jornalista Leandro Colling¹.

Esse livro, segundo Colling, é explícito em afirmar ser a homossexualidade uma anormalidade, uma doença que precisa ser tratada, e que há um plano, em escala mundial, dos homossexuais de transformar a sociedade, por meio de leis e de implantação de políticas públicas, para acabar com a família e implantar novos modos de relação promíscuos e transmissores de doenças. Por último, faz uma convocação a todos os religiosos articulados com sua concepção para agirem impedindo tal avanço. Essa obra é uma síntese de um processo histórico de retomada, com novas roupagens, de uma visão ideológica religiosa e conservadora, representante da manutenção da sociedade capitalista, heteronormativa, masculina e ocidental como parâmetro idealizado de felicidade, prosperidade e saúde.

Apesar de reconhecer que o discurso de Sheldon nesse livro passa longe das discussões científicas sobre o tema e, aparentemente, por isso, deveria cair no esquecimento, o que se observa é uma contínua adesão a esses pressupostos por parte de grupos religiosos e conservadores brasileiros, que reproduzem, em espaços políticos, midiáticos e profissionais, partes ou o conjunto dessa visão depreciativa e preconceituosa dos homossexuais à semelhança do ocorrido nos Estados Unidos nas décadas anteriores, conforme relato de Rubin (1993).

Nas análises do contexto brasileiro, realizadas no livro *Religião e Política* de Lopes e Vital (2012), é possível identificar algumas estratégias de atuação dos grupos religiosos fundamentalistas, no âmbito da política nacional, em atuações frente aos direitos das mulheres e LGBT. Primeiramente, é importante destacar que,

¹ Ver no seu *blog* uma síntese desse estudo: <www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2012/08/30/desconstruindo-as-ideias-do-livro-de-cabeceira-dos-fundamentalistas-religiosos/>. Acesso em: 14 jun. 2015.

apesar do forte apelo religioso, há adesões a essa vertente oriundas dos grupos conservadores.

Entendemos que essa observação é fundamental porque o foco da controvérsia aqui apresentada não se fixa a um embate entre valores religiosos e seculares. O que se apresenta como central são as tensões em busca da definição de uma política sexual no Brasil. Revelar que essa questão não está localizada, nem delimitada entre os parlamentares evangélicos, não implica em reduzir a importância que eles têm na condução dessa agenda. Se esses posicionamentos não devem ser pensados como religiosos, mas como referentes a um campo conservador mais amplo que engloba as justificativas religiosas, isso não significa que devemos fechar os olhos para quem, em geral, entra nessa disputa em sua dimensão pública (LOPES E VITAL, 2012, p.119).

O Congresso Nacional brasileiro conta com a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), responsável por mapear as pautas e projetos de lei que indicam a defesa dos direitos sexuais, reprodutivos, das mulheres e dos LGBT e se articula para impedir avanços nessas áreas.

Na atual legislatura, 70 deputados federais e 3 senadores compõem a Frente Parlamentar Evangélica — número que oscila ao longo do mandato (o que é comum em outras frentes parlamentares no Congresso Nacional) (LOPES E VITAL, 2012, p. 46).

Nesta instância política, responsável por estabelecer as normas legais que regem o estado brasileiro, tanto a FPE quanto os grupos conservadores advogam explicitamente em favor de uma proposta religiosa e pautada em valores retrógrados. Tais representantes, quando questionados sobre temas como a laicidade do Estado e o respeito à diversidade religiosa, alegam que têm tanto direito quanto os outros grupos (homossexuais e mulheres, por exemplo) de defender sua proposta de sociedade. E que qualquer impedimento dessa iniciativa seria um cerceamento do direito de expressão e liberdade de ideais. Nessa lógica, defendem, inclusive, a laicidade e a diversidade, pois tais paradigmas permitem que várias vozes ou discursos se manifestem na arena política. Não há dicotomias como ciência *versus* religião, há uma profusão de discursos de verdade que estão no mesmo patamar de legitimidade política e devem ser reconhecidos e colocados em discussão nos espaços decisórios.

O trunfo que esse argumento contém é que ele dispõe a religião como um grupo de pressão entre tantos outros. O discurso religioso tal qual está sendo apresentado relativizaria o seu lugar como produtor da verdade, assim como o lugar da ciência de vocalizador da verdade na modernidade passaria a ser mais uma das correntes de pensamento a oferecer um discurso sobre ela. Nesse sentido, religião e ciência estariam disputando, em princípio, em posição de igualdade, a visão da verdade. E isto não é pouco.

Isto amplia o desafio, em termos políticos e filosóficos, para os que buscam desconstruir o lugar da religião como um grupo de pressão entre outros porque, para tanto, os críticos da religião teriam que defender um lugar hierárquico nos discursos sobre a verdade para a ciência ou para outro grupo em oposição ao lugar do religioso. Dizemos que essa não é uma questão menor porque boa parte dos críticos do religioso no espaço público e de seu avanço em direção à política são críticos também da ciência, relativizando seu lugar como produtor de verdade, contribuindo para a própria ideia de igualdade entre saberes e formas de produção de conhecimento (LOPES E VITAL, 2012, p. 08).

A produção histórica de críticas ao modo de construção do conhecimento científico como um discurso de verdade que deve ser questionado e contextualizado no âmbito histórico, social, político e econômico, é recolocado por esses grupos religiosos/conservadores para dar amparo à sua própria legitimidade enquanto discurso, que também é uma das produções de verdades em igual posição em relação à ciência. Dessa forma, simplesmente colocar os argumentos científicos como referência para a contraposição pareceria retomar a ciência enquanto produção da verdade, desrespeitando a sua própria autocrítica.

Para Lopes e Vital (2012), a estratégia mais adequada para fazer frente aos argumentos discursivos dos grupos religiosos/conservadores é evidenciar que suas ações incitam a violência, o preconceito, mantendo as hierarquias no âmbito dos gêneros e da sexualidade ao negligenciar ou negar os desníveis no acesso aos direitos e às políticas públicas desses segmentos.

O ponto nodal que fragiliza os religiosos diante de seus vorazes críticos tem relação com a imposição de valores de um grupo, ferindo a proteção e garantia de direitos humanos e de cidadania de outros (LOPES; VITAL, 2012, p. 8).

Nessa conjuntura, analisaremos suas repercussões na Psicologia brasileira. Os grupos religiosos/conservadores elegeram como alvo a Resolução do CFP 01/99, pois, além de confirmar a posição despatologizante das homossexualidades, ainda impede os profissionais de atuarem em tratamentos e na divulgação de

posições discriminatórias. Para visibilizar as tentativas de invalidar essa normativa ética, é importante retrocedermos historicamente, a fim de situar o contexto que gerou a necessidade dessa publicação do CFP e seus desdobramentos.

No contexto brasileiro, a necessidade de publicar uma regulamentação que confirmasse, no âmbito de uma categoria profissional, as diretrizes já reconhecidas cientificamente nas instâncias oficiais internacionais, foi marcada pela urgência de um posicionamento ético-político da Psicologia frente às iniciativas de profissionais vinculados a grupos religiosos que propunham a “cura” ou “reversão” da homossexualidade, baseados em pressupostos oriundos da moral religiosa e/ou então respaldados pela ciência psicológica já ultrapassada, que não resistiu aos novos avanços dos estudos acerca da sexualidade.

O CFP, inicialmente, tomou conhecimento de tais fatos a partir de uma denúncia formulada pelo movimento social de defesa dos homossexuais, representado na época pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), por meio de ofício enviado por um de seus membros, o antropólogo Luis Mott.

Segundo Marcus Vinícius de Oliveira, então membro da diretoria do Conselho Federal de Psicologia, a denúncia de Mott se referia a um grupo vinculado a uma igreja evangélica que executava um projeto chamado “Êxodus”, em que os psicólogos lá atuantes prometiam fazer o “êxodo dessas pessoas, desta condição negativa para uma outra” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2011, p. 218).

Em entrevista realizada em abril de 2000 na Revista Veja, a então Presidente do Conselho Federal de Psicologia, Ana Bock, discutiu amplamente a Resolução CFP 01/99 e seus impactos na realidade brasileira, confirmando a influência da questão religiosa:

Em geral, os psicólogos que tratam o homossexualismo como doença estão ligados a grupos religiosos. Há clínicas que prometem cura para a homossexualidade e existem psicólogos envolvidos nesses tratamentos. No ano passado, houve um grande congresso de um grupo religioso em Viçosa que prometia curar gays. Nós soubemos do envolvimento de psicólogos e foi a partir daí que decidimos adotar a resolução. Não nos interessava naquele momento perseguir os psicólogos, na medida em que nem tínhamos uma orientação oficial. O que fizemos foi construir essa norma (GRANATO, 2000).

No Conselho Federal de Psicologia, à época dos fatos vigorava uma intensa discussão dos Direitos Humanos em interface com a Psicologia, tendo sido instalada

no ano anterior, a Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH) nessa entidade. Para Marcos Vinícius de Oliveira, a denúncia apresentada pelo GGB era representativa de uma discussão mais ampla que a referida Comissão estava aprofundando no âmbito do sofrimento mental imposto a determinadas expressões identitárias. Em suas palavras:

E foi fazendo essa reflexão que fomos encontrar uma linha que nos conduziu ao tema da produção das identidades sociais como fonte de sofrimento mental, diga-se de passagem, sofrimento mental desnecessário. Das identidades produzidas sobre forte contingenciamento social, sobre um contingenciamento opressor da possibilidade da expressão do *self* individual minimamente integral. Nessa reflexão que estávamos fazendo, naquele momento na Comissão Nacional de Direitos Humanos, em relação às possibilidades de expressão da identidade dos loucos, dos negros, não foi difícil perceber a intolerância com relação a certas identidades sexuais (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2011, p. 220).

O direcionamento ético-político dado pelo CFP à denúncia trazida pelo GGB foi mais ampla, não se reduziu a um papel meramente punitivo de identificar os profissionais da Psicologia envolvidos na atuação de “cura” da homossexualidade e processá-los, até porque, tal medida, além de demorada, não se constituiria um dispositivo preventivo, que resultasse em trazer novamente à tona a discussão da patologização da homossexualidade. Oliveira ainda afirma que:

Este caso foi importante porque ele foi emblemático de novas possibilidades de atuação da entidade e o resultado, como vocês sabem, foi a edição de uma resolução disciplinando as relações dos psicólogos com o tema da orientação sexual (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2011, p. 219-220).

Sendo assim, a Resolução CFP 01/99 emergiu de um contexto em que se destacava a presença do vínculo religião e prática da Psicologia em uma associação que patologizava a homossexualidade e propunha seu tratamento, atendendo, assim, às demandas religiosas por meio de e com a ajuda da ciência psicológica. Cabe apontar que não se tratava somente de psicólogos/as isolados/as que propagavam e defendiam tais práticas, havia também grupos organizados de profissionais vinculados a igrejas e grupos religiosos dedicando-se ao tratamento e à cura de homossexuais.

Segundo Natividade (2009), existem no Brasil diversos grupos religiosos cristãos que condenam a homossexualidade, propõem práticas que visam extinguir tal comportamento e contam com a participação efetiva de profissionais da Psicologia. Dentre esses, o autor cita o CPPC – Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, que divulgou diversos artigos nos quais se buscava compreender a causa da homossexualidade e, dessa maneira, facilitar o seu tratamento. O autor ainda ressalta que a Psicologia se apresenta nesse contexto como uma das expressivas fontes de explicação das origens da homossexualidade.

Convém apenas observar a relativa porosidade destas perspectivas teológicas em relação a certas teorias psicológicas (especialmente aquelas em relativo desuso no campo *ps*), as quais operam com significados negativos acerca da homossexualidade numa zona de hibridização entre estes campos. A própria fixação em discutir as “origens” desta forma de vivência da sexualidade pode ser tomada como sinal de uma visão patologizadora, que postula certa forma de heterossexualidade como “norma” e se dedica a tentar colonizar todas as expressões da sexualidade que diferem desta convenção (NATIVIDADE, 2009, p. 135).

O CPPC publica, semestralmente, uma revista chamada Psicoteologia e, no primeiro semestre de 2008, esta publicação tinha como temática central a homossexualidade, na qual foi possível identificar relatos dos impactos da Resolução CFP 01/99 no contexto evangélico-cristão, bem como observar a manutenção das práticas de tratamento da homossexualidade.

No que tange à Resolução CFP 01/99, os comentários estão no artigo “O CPPC amplia o diálogo”, que relata, em retrospectiva histórica, o impacto da publicação da referida Resolução e as reações do grupo:

Manhã de março, 1999. A notícia que chega por telefone mudaria muita coisa para o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC). Estávamos diante da Resolução 01/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que restringe a atuação e pronunciamentos dos psicólogos na questão da homossexualidade. O alvo éramos nós, como ficou claro em diferentes momentos. O primeiro alvo já estava escolhido e até anunciado por um líder do movimento *gay*, antes mesmo que a Resolução fosse publicada.

Como pano de fundo, sofríamos variadas acusações desde junho de 1998, quando aconteceu o III Encontro Cristão sobre Homossexualidade. A promoção do evento contou com o apoio do CPPC, bem como de outras entidades cristãs, além do que associados nossos estavam entre os palestrantes.

Assim foi que saímos do nosso armário e tornamo-nos comentário na imprensa e nos meios profissionais (CORPO DE PSICÓLOGOS E PSIQUIATRAS CRISTÃOS, 2008, p. 12).

Nesse número da revista, também há um balanço de evento realizado em 2007, chamado: “II Fórum Interno sobre Homossexualidade”. Tal artigo, assinado por uma psicóloga, Fátima Fontes, apresentou a síntese dos resultados dos tratamentos realizados pelos profissionais do CPPC:

Ao longo de muitos anos, o CPPC fez de sua plataforma na temática da homossexualidade um movimento de apoio aos grupos evangélicos que buscavam, muito bem-intencionalmente, auxiliar os evangélicos com o desejo homoerótico na direção da transformação desse desejo. Mas a verdade mais dura e constatada na vida de muitas pessoas que se submeteram a essa ajuda é que somente um pequeno grupo foi de fato ajudado/transformado em seu desejo e a grande maioria dessas pessoas, submetidas a esses trabalhos, atingiu níveis de sofrimento psíquico insuportáveis, que os impeliu a uma “solução de compromisso”: ou abandonavam suas histórias de adesão religiosa, ou enlouqueceriam. Infelizmente, alguns enlouqueceram (CORPO DE PSICÓLOGOS E PSIQUIATRAS CRISTÃOS, 2008, p. 05).

Em uma atitude de explicitar suas posições e práticas profissionais, os psicólogos e psiquiatras cristãos anunciaram a escassez de sucesso de seus tratamentos na reversão da homossexualidade e, ainda, afirmaram que algumas pessoas a estes submetidas chegaram a enlouquecer. Em uma postura totalmente oposta às diretrizes éticas da prática da Psicologia, que visam ao bem-estar do indivíduo, suas práticas acarretavam sofrimentos enlouquecedores.

Apesar de demonstrarem preocupação com a Resolução de 1999, nesses nove anos (a revista é de 2008) que se passaram desde sua publicação, não se observaram mudanças significativas nas práticas profissionais dos psicólogos e psicólogas participantes dos tratamentos de cura, conforme relato do próprio grupo, ou seja, a busca da reversão da homossexualidade ainda mostrou-se corriqueira.

Atualmente, as ligações entre Psicologia, religião (de caráter fundamentalista) e sexualidade revelam essa face que se apresenta explicitamente oposta aos pressupostos da Resolução CFP 01/99 e aos paradigmas fundamentais da prática psicológica calcados nos princípios éticos embasados nos Direitos Humanos. Trata-se de um vínculo perigoso, no qual está em jogo o papel social do profissional da Psicologia na sociedade brasileira, que vem se consolidando em uma atuação com

vistas à emancipação e à garantia de direitos, mas que, nessa trama da religião com a sexualidade aliadas às teorias psicológicas, tem contribuído muito mais para a prevalência do sofrimento, do sentimento de rejeição, do preconceito, enfim, da homofobia.

O atravessamento dos pressupostos religiosos em aspectos da prática profissional do/a psicólogo/a é um fato notório nos discursos produzidos nos grupos cristãos, como o CPPC e outros semelhantes, nos quais tais profissionais estão vinculados. E tal situação requer uma atenção mais demorada no que tange ao mapeamento da conjuntura que acarretou e, ainda, favorece o amalgamar das práticas psicológicas com os preceitos fundamentalistas e conservadores.

Esse tensionamento no campo profissional da Psicologia está articulado com os grupos religiosos/conservadores que também buscam impedir avanços dos direitos homossexuais e promovem a visão preconceituosa, incentivando a possibilidade de mudança de orientação sexual de homossexual para heterossexual, sendo a prática psicológica entendida como um lócus privilegiado e qualificado para proceder essa mudança.

Dessa forma, destacamos duas ações político-jurídicas que visaram questionar ou invalidar a Resolução CFP 01/99 nos últimos anos em que as interferências das concepções religiosas/conservadoras vão tomando corpo nessas instâncias. A primeira foi uma tentativa do Ministério Público Federal do Rio de Janeiro de sustar partes da referida resolução e que encaminhou, ao Conselho Federal de Psicologia, uma ação civil pública em 2011; a segunda ocorreu no âmbito do Congresso Nacional com a formulação do PDC 234/11 (Projeto de Decreto Legislativo nº 234 de 2011), visando sustar alguns artigos da normativa do CFP, ficando conhecida como o projeto da “cura gay”².

Ambas as ações são articuladas, na medida em que têm o mesmo objeto alvo, ou seja, os artigos da Resolução que impedem o tratamento da homossexualidade e o pronunciamento, em público, de profissionais da Psicologia

² Ver notícias relacionadas:

<<http://site.cfp.org.br/trf-2a-regiao-decide-favoravelmente-a-resolucao-do-cfp-no-00199/>>

<<http://site.cfp.org.br/nota-do-cfp-sobre-decisao-da-5a-vara-da-justica-federal-do-rio-de-janeiro/>>

<<http://site.cfp.org.br/posicionamento-do-cfp-sobre-projeto-que-sugere-sustar-artigos-da-resolucao-n-00199/>>

<<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/04/Parecer-PDC-234.pdf>>

Acesso em: 14 jun. 2015.

com uma visão incitadora do preconceito. São eles: o parágrafo único do artigo 3º e o parágrafo 4º.

Apresentamos, abaixo, a Resolução CFP 01/99 e colocamos em itálico os itens que foram questionados.

Resolução CFP 01/99

O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso de suas atribuições legais e regimentais,

CONSIDERANDO que o psicólogo é um profissional da saúde;

CONSIDERANDO que na prática profissional, independentemente da área em que esteja atuando, o psicólogo é frequentemente interpelado por questões ligadas à sexualidade;

CONSIDERANDO que a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade;

CONSIDERANDO que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão;

CONSIDERANDO que há, na sociedade, uma inquietação em torno de práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente;

CONSIDERANDO que a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações;

RESOLVE:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

Art. 5º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se todas as disposições em contrário.

Brasília, 22 de março de 1999.

ANA MERCÊS BAHIA BOCK

(CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999).

Tais iniciativas de fazer cair artigos da Resolução não obtiveram sucesso, sendo derrubadas nas instâncias jurídicas subsequentes. Todavia, o PDC 234/11 alcançou grande repercussão na mídia, até pela lógica construída na argumentação dos grupos evangélicos que conduziram o projeto. Alegavam que não estavam retomando a patologização da homossexualidade, mas sim garantindo o direito de tratamento das pessoas que voluntariamente querem deixar de ser homossexuais. Em um trecho do parecer favorável ao PDC, elaborado pelo deputado da Frente Parlamentar Evangélica, Roberto Lucena, explicita-se:

Registra-se ainda que esse PDC não versa sobre a prática da homossexualidade, não trata da homoafetividade ou de orientação e opção sexual. A proposta legislativa versa sobre a liberdade e a proibição do psicólogo para atender pessoas com transtornos resultantes de desequilíbrio e de conflitos interiores em decorrência de dúvidas e rejeição de sua opção pela homossexualidade (BRASIL, 2012).

Trata-se do apontamento de que as pessoas homossexuais são acometidas por sofrimentos psíquicos decorrentes da sua orientação sexual, sendo uma das formas mais adequadas de tratamento possibilitar-lhes saírem da condição homossexual. Essa postura indicou a completa ausência de discussão acerca dos elementos que motivam as pessoas a almejem deixar de sê-lo, que seriam as diversas formas de preconceito e discriminação vivenciadas no seu cotidiano, inclusive no âmbito das religiões que agenciaram essas ações contra a Resolução. E também retoma o viés patologizante, sem, contudo, fazê-lo explicitamente, conduzindo o raciocínio para o entendimento de que são os sofrimentos decorrentes da homossexualidade que poderão ser minimizados e não a mesma em si. Tal distorção é bem visível no PDC e na ação do MPF do RJ, na medida em que não questionaram os artigos da Resolução confirmadores da despatologização e tentaram sustar aqueles ligados ao tratamento e à possibilidade de se pronunciar publicamente acerca da existência de formas de alterar a orientação sexual.

Nesse processo, é importante destacar que, historicamente, a patologização da homossexualidade vai desaparecendo das ações e preocupações que envolvem a Sexologia, encontrando abrigo e novo impulso nos grupos religiosos e conservadores. Essa movimentação parece refletir que a Sexologia, agora direcionada pelos interesses orgânicos-biologizantes da indústria farmacêutica, não

enxerga focos de lucratividade no âmbito da homossexualidade, a não ser, em uma situação fictícia, que possam encontrar algo como uma pílula que altere a orientação sexual das pessoas. Já no contexto religioso e conservador cujo projeto de humanidade implica na forte manutenção dos paradigmas heteronormativos, masculinos, capitalistas e ocidentais, as quebras desses padrões são considerados ameaçadores à ordem do sistema vigente, e o exercício do controle sobre as vidas dos fiéis no que tange à sexualidade é importante estratégia de docilização e homogeneização de seus estilos de vida, facilitando formas de submissão aos dogmas e preceitos religiosos e morais.

A prática da psicologia, nesse contexto, conforme observamos (nos relatos do CPPC), pode estar atrelada aos paradigmas apregoados pelos grupos evangélicos-cristãos e conservadores, e com eles em concordância, inclusive legitimando uma visão da profissão em desacordo com preceitos éticos, distanciando-se das contribuições mais atuais e críticas da ciência psicológica. A manutenção dessa concepção da Psicologia vê-se presente, inclusive, nos argumentos utilizados em relatório apresentado pelo deputado federal da FPE, Anderson Ferreira, na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, ao defender a sustação parcial da Resolução CFP 01/99:

A Resolução do Conselho Federal de Psicologia – CFP cerceia a independência e liberdade dos profissionais e o direito da pessoa que procura um psicólogo de receber orientação profissional conforme a linha que conscientemente buscou. A Psicologia é uma disciplina em constante evolução e tem diversas correntes teóricas, sendo difícil determinar procedimentos corretos ou não, metodologias de trabalho apropriadas ou não. É direito do profissional conduzir sua abordagem conforme a linha de atuação que estudou e prefere adotar. Também constitui direito do paciente buscar aquele tipo de atendimento que satisfaz seus anseios (BRASIL, 2013).

A afirmação de que a diversidade teórica da ciência psicológica representa uma falta de clareza metodológica e dá margem ao surgimento de versões distintas e, às vezes, inconciliáveis, dando ao profissional total liberdade de conduzir seu trabalho conforme a abordagem escolhida, contribui para uma simplificação do campo ético-político da profissão, reduzindo-o a uma questão de autonomia teórica. Bem como alegar que os pacientes ou clientes dos profissionais da Psicologia devem ter seus anseios satisfeitos transfere para o campo dos direitos do consumidor a lógica da relação terapêutica, sem ponderar sobre os limites e

possibilidades de intervenção típicas da área, ignorando as normativas éticas e regulamentações.

Não há como negar que, se recorrermos aos postulados teóricos no âmbito da Psicologia que remontam ao primeiro momento da Sexologia, encontraremos largas contribuições à patologização, não só das homossexualidades, mas de outras formas de comportamentos, tanto no âmbito sexual quanto em outras áreas. Contudo, tais posições foram sendo revisadas, nas diferentes vertentes teóricas ao longo do século XX, possibilitando a superação de vieses ideológicos e normatizadores em várias áreas de atuação, em um processo que ainda perdura, visto que a Psicologia se encontra, constantemente, servindo a vários propósitos, nem sempre adequados à sua ética e, em vários momentos, carecendo de criticidade.

Peres (2013) argumentou ainda que há a necessidade de estabelecer estratégias de resistência e enfrentamento a essa Psicologia voltada às lógicas retrógradas e de avaliações baseadas em critérios pseudocientíficos, uma vez que dialogam com a moralidade de grupos ou épocas históricas, legitimando saberes-poderes que mantêm o sistema vigente.

Como modo de resistência a essa posição normativa e comprometida desses modos de fazer Psicologia, consolidada pelos regimes de verdades binários, universais e a-históricos, alguns estudiosos e pesquisadores da Psicologia, e em especial muitos aqui presentes, vêm manifestando seu descontentamento através de pesquisas e publicações que criticam a insistência de certa Psicologia que perversamente expressa prazer em classificar, diagnosticar, tratar, curar, excluir as pessoas através de um modo de reducionismo que se limita aos manuais produzidos no século XIX (PERES, 2013, p. 77-78).

Neste trabalho de pesquisa, essa visão conjuntural acerca das questões que envolvem a Psicologia e a homossexualidade embasarão as possíveis posições que emanarão das leituras dos dados coletados no âmbito das teses e dissertações pesquisadas.

6 - MÉTODO

Esse estudo foi concebido e realizado a partir do método foucaultiano de constituir o conhecimento científico, bem como de outras/os autoras/es que também se alicerçaram metodologicamente em sua obra. E tendo em vista a amplitude da pesquisa realizada e a necessidade de sistematização dos dados coletados, estruturamos essa pesquisa nos moldes da metodologia de estado da arte.

As questões do método para Foucault foram focos de atenção e discussão constantes, pois expandiram os questionamentos acerca dos paradigmas científicos vigentes à época e possibilitaram inovações sobre o modo de construção do conhecimento.

Deleuze (1988), Dreyfus e Rabinow (2010), Carvalho Souza (2008), estudiosos da obra foucaultiana, explicitaram as duas principais estratégias metodológicas utilizadas por ele: a arqueologia e a genealogia. Particularmente, Deleuze (1988, 1992) ainda apontou interfaces da metodologia de Foucault com a cartografia e buscou avançar no desenvolvimento desse diálogo.

A obra de Foucault pode ser dividida em dois momentos metodologicamente distintos: o primeiro corresponde ao conjunto inicial de seus escritos, nos anos 1960, quando desenvolveu a metodologia da arqueologia; já no segundo momento, nos escritos posteriores, da década de 1970 em diante, emergiu a genealogia. Tais estratégias metodológicas tornaram-se interligadas, sendo a arqueologia subordinada à genealogia.

Esse desenvolvimento metodológico de suas pesquisas originou-se da busca por uma forma mais complexa de relações entre os aspectos teóricos presentes nos discursos (estudados na arqueologia) e as práticas sociais que os definem e de onde emergem (objeto da genealogia). Segundo Carvalho Souza (2008):

Nos livros da década de sessenta, Foucault procura estudar as teorias das ciências humanas acentuando o seu aspecto de discurso objeto, isto é, ele procura compreender a sua história nos termos das regras que regulam e determinam o discurso dessas ciências e que permanecem inacessíveis ao sujeito desse discurso... No entanto, a partir da década seguinte, Foucault passa a considerar a prática tão

fundamental quanto a teoria, procurando a inteligibilidade das ciências humanas nas práticas estruturantes de que elas participam e contribuem para expandir. Com efeito, nesse período, Foucault toma consciência de que ele mesmo, enquanto pesquisador e sujeito, é, em vasta medida, produzido pelas práticas sociais que estuda e, a fim de experimentar e apreender o sentido dessas práticas a partir de seu próprio interior, ele introduz o método genealógico, ao qual o método arqueológico passa a se subordinar (CARVALHO SOUZA, 2008, p. 95).

A genealogia é o ápice metodológico de Foucault e configura sua prática de pesquisa predominante até o final de sua vida, por isso torna-se relevante o aprofundamento dessa concepção e suas repercussões.

6.1 - GENEALOGIA

As primeiras discussões sobre a genealogia surgem na aula inaugural do Collège de France de 1970, publicada no livro *A Ordem do Discurso* (2009), na qual Foucault discutiu a relação entre arqueologia e genealogia ainda de modo introdutório.

Segundo Dreyfus e Rabinow (2010), nessa aula, alguns aspectos não ficaram completamente esclarecidos e demonstraram o momento inicial do pensamento foucaultiano no que se refere ao vínculo arqueologia e genealogia.

A explicação de Foucault pareceu não deixar claro as relações que a genealogia, à época em desenvolvimento, mantinha com a arqueologia, e, buscando ainda preservar uma certa complementaridade entre ambas, não havia a relação de subordinação da arqueologia. Nesse sentido, Foucault buscou explicar sucintamente qual seria o papel da análise genealógica:

A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderiam afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas (FOUCAULT, 2009, p. 69-70).

Nessa publicação, Foucault indicou que a análise arqueológica, ou seja, a preocupação com os discursos e enunciados, suas lógicas internas e estruturas poderiam atuar de forma complementar à análise genealógica, que diz respeito às práticas sociais e culturais produtoras dos discursos e de seus efeitos de poder e verdade. Contudo, essa tentativa de articulação foi revista à luz de sua impossibilidade, na medida em que estudar os discursos arqueologicamente parece colocá-los de modo independente em relação às práticas sociais da qual emergem, possibilitando uma compreensão metafísica desse mesmo discurso. Dessa forma, a genealogia passou a predominar metodologicamente e a arqueologia subordinou-se a ela. Dreyfus e Rabinow sintetizaram o processo da seguinte forma:

Foucault introduz a genealogia como um método de diagnosticar e compreender o significado das práticas sociais a partir do seu próprio interior. Como ferramenta para conceder um relativo grau de desvinculação das práticas e das teorias das ciências humanas, a arqueologia, embora ainda desempenhe um papel importante, é subordinada à genealogia. (DREYFUS; RABINOW, 2010, p. 137).

Em 1971, no artigo intitulado “Nietzsche, a genealogia e a história”, presente no livro *Microfísica do Poder*, Foucault resgatou suas raízes nietzschianas ao apresentar a genealogia como uma metodologia de enfrentamento das concepções metafísicas e ainda preencheu algumas lacunas acerca da sua concepção, antes pouco esclarecidas na aula do “Collège de France” de 1970.

Nesse texto, Foucault esclareceu que a genealogia não é a busca da origem das coisas, pois não há origem, há apenas proveniência. Ou seja, há que se conhecer de onde as coisas provêm, mas não há como conhecer a origem primeira das coisas, pois esta simplesmente não existe. A proveniência implica no estudo da história, dos documentos, dos registros descontínuos do passado; já a origem remeteria a uma essência, a uma instância transcendental, que é a metafísica e que não existe.

Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há “algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas... O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem — é a discórdia entre as coisas, é o disparate (FOUCAULT, 1979, p. 17-18).

A ausência da essência ou origem das coisas, pois o que conta é a proveniência (histórica), indica que o olhar do pesquisador deve estar direcionado para a aparência ou superfície das coisas. Segundo Dreyfus e Rabinow (2010), isso não significa superficialidade no sentido pejorativo, mas a percepção de as coisas serem constituídas de modo complexo, mas na instância da aparência. E essa complexidade da superfície das coisas e dos sujeitos é o cerne do estudo do genealogista.

Foucault (1979) destacou a genealogia como um processo minucioso de estudos de documentos, reveladora de aspectos da história que se inscrevem nos sujeitos, no que se refere a inter-relação saber, poder e corpo.

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo (FOUCAULT, 1979, p. 22).

Após as considerações sobre a genealogia presentes em *Microfísica do Poder*, as obras seguintes de Foucault consolidaram essa estratégia metodológica, particularmente *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade – vol.1*. E, já na década de 1980, Deleuze iniciou um diálogo metodológico com Foucault aproximando-o da cartografia.

6.2 - GENEALOGIA E CARTOGRAFIA

Deleuze (1992, 1988), que viveu na mesma época que Foucault e com o qual compartilhava também afinidades nos aspectos filosóficos, metodológicos e culturais, realizou várias aproximações e interlocuções com sua obra.

Dentre essas, destacamos a questão da interface que Deleuze (1988) construiu ao afirmar ser Foucault um cartógrafo, referindo-se às possibilidades de

articular as estratégias metodológicas da genealogia (com a arqueologia subordinada) à cartografia.

A cartografia é um método de pesquisa e construção de conhecimento oriunda dos estudos deleuzeanos, alguns em parceria com Felix Guattari, que busca mapear processos, acompanhá-los e entendê-los em movimento, sem a presença de estratégias pré-definidas ou hipóteses de pesquisa. Trata-se de apreender a processualidade do movimento que constitui as coisas e os sujeitos no contexto histórico.

Diferentemente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e movimentos constantes (PASSOS et al. , 2009, p.57)

A genealogia direciona-se para superfície das coisas e a cartografia também diz respeito a esse mesmo espaço de investigação. Deleuze (1992, p. 124) afirmou: “a arqueologia, a genealogia são igualmente uma geografia”. Isso suscita imagens de mapas, esquemas, rizomas, diagramas, que, por sua vez, também se aproxima da concepção foucaultiana de dispositivo.

O dispositivo, conceito central da obra de Foucault: *História da Sexualidade Volume 1- A vontade de saber* (no caso tratou-se do estudo do dispositivo da sexualidade), pode ser entendido, sucintamente, como uma rede de saber-poder composta por uma diversidade de elementos em inter-relação complexa incidindo sobre os corpos.

Ao descrever o dispositivo, Foucault (2010), afirmou:

Através deste termo, tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2010, p. 244).

A relação entre os elementos que compõem o dispositivo é caracterizada por um jogo de forças (poder), que se reorganiza, mudando de posição, alterando suas

funções, constituindo novos campos de racionalidade ou inteligibilidade, garantindo a manutenção de sua função estratégica dominante.

Há, nas linhas de força do saber-poder, esquemas de reorganização ou alterações de localização e função na superfície histórica dos acontecimentos, de modo a incorporar urgências que se apresentam como resistências, lutas, fugas e criações. O dispositivo, geralmente, é organizador da conservação/manutenção das verdades produzidas no sistema socioeconômico vigente.

O dispositivo também é o lócus de movimento e entrelaçamento do poder (jogos de forças) com o saber (produção de verdades), que esquadrinham os corpos (esquematisando prazeres autorizados) e formulam modos de existência.

O que faz que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 2010, p. 08)

Ainda no esforço de aproximar ambas as estratégias metodológicas, Deleuze (1988) apresentou o conceito de diagrama, que também traz semelhanças com a noção de dispositivo, ambos concebidos como uma geografia. Nas palavras de Deleuze: “O diagrama, ou a máquina abstrata, é o mapa das relações de forças, mapa de densidade, de intensidade, que procede por ligações primárias não localizáveis e que passa a cada instante por todos os pontos” (DELEUZE, 1988, p. 46).

Finalmente, todo diagrama é intersocial, e em devir. Ele nunca age para representar um mundo preexistente, ele produz um novo tipo de realidade, um novo modelo de verdade. Não é o sujeito da história nem a supera. Faz a história desfazendo as realidades e as significações anteriores, formando um número equivalente de pontos de emergência ou de criatividade, de conjunções inesperadas, de improváveis *continuums*. Ele duplica a história com um devir (DELEUZE, 1988, pág. 45).

A história das formas, arquivo, é duplicada por um devir das forças, diagrama. É que as forças aparecem em “toda relação de um ponto a outro”: um diagrama é um mapa, ou melhor, uma superposição de mapas. E, de um diagrama a outro, novos mapas são traçados. Por isso não existe diagrama que não comporte, ao lado dos pontos que conecta, pontos relativamente livres ou desligados, pontos de

criatividade, de mutação, de resistência; e é deles, talvez, que será preciso partir para compreender o conjunto. É a partir das “lutas” de cada época, do estilo das lutas, que se pode compreender a sucessão de diagramas ou seu re-encadeamento por sobre as descontinuidades (DELEUZE, 1988, pág. 53).

O poder atua em rede, ramifica-se no campo social, apresenta-se esquematicamente como um dispositivo ou em outros recortes como um diagrama, remetendo-nos a mapeamentos, esquemas rizomáticos, linhas que se articulam em pontos de diferentes relevos. Diagramas não são representações do real, são produtores da realidade, são devires articulados na e pela história, que podem manter as forças em rede do poder ou podem gerar resistências, lutas, criações de outros esquemas, existências, enfim, outros diagramas.

Entre o diagrama e o dispositivo pode-se sugerir estabelecer uma relação de escalas, como nos mapas. A escala é a medida de ajuste do foco da visão da superfície estudada. Escalas grandes que visam pormenorizar aspectos do mapeamento e escalas pequenas que permitem visualizar grandes relevos. Diagramas e dispositivos podem ser cartografias em escalas diferentes que formam o real, reinventam, reescrevem, abrem novas linhas nos estratos e superfícies da história em devir.

São mapas que localizam pontos incrustados no espaço-tempo histórico, pontos que se articulam por linhas que se entrecruzam, criando substratos, superfícies, geografias únicas. Redes de poder-saber-prazer criadoras de enunciados de verdades que se inscrevem nos corpos e nas populações, na perspectiva de agenciar as governabilidades a partir da biopolítica ou de abrir novas linhas de criatividade, rupturas e fissuras.

Esta pesquisa estruturou-se na lógica do dispositivo/diagrama na sua trajetória de escavar arquivos e documentos (âmbito arqueológico), relacionando-os ao jogo de forças oriundos do campo social (âmbito genealógico) e esboçando linhas que configuram um substrato ou superfície do tema estudado (âmbito cartográfico).

As contribuições da aproximação da genealogia com a cartografia, propiciada por Deleuze, são inúmeras, mas cabe apontar, dentre elas, o efeito de complementaridade entre ambas, o que aprimorou o trabalho metodológico dos pesquisadores atuantes nessa perspectiva, fornecendo-lhes maior substrato

epistemológico frente ao desafio da pesquisa e do conhecimento decorrente da mesma.

6.3 - ESTADO DA ARTE

A pesquisa realizada nesta tese seguiu a lógica genealógica-cartográfica ao buscar mapear o conhecimento produzido em uma área do saber, articulando-o aos processos históricos e sociais que atravessaram sua constituição e legitimação no espaço acadêmico.

A estratégia utilizada para a coleta e a sistematização do material deste estudo (teses e dissertações) foi a metodologia conhecida como estado da arte ou estado do conhecimento, pois esta forneceu-nos instrumentos de agrupamento e organização dos dados, facilitando as análises realizadas.

Segundo Ferreira (2002), as pesquisas de estado da arte são:

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (FERREIRA, 2002, p. 258).

Ainda de acordo com Ferreira (2002), realizar um estudo de estado da arte é fundamental para reconhecer e formalizar, no âmbito acadêmico, os traços da história da construção de uma área de conhecimento, facilitando a identificação de confluências e divergências que atingem a compreensão humana sobre determinado fenômeno. Também contribui para retratar aspectos históricos específicos da época investigada que incidem sobre as problemáticas estudadas, desnudando as determinações oriundas do plano social, econômico, cultural e ético.

Romanowaski e Ens (2006) destacaram a necessidade de realizar uma maior quantidade de pesquisas do tipo estado da arte na área da Educação no Brasil, sistematizando grandes campos de estudos que podem estar diluídos na malha de produções científicas, de modo a viabilizar uma visão mais totalizante do conhecimento e impedir que novas concepções e experiências importantes se percam no espaço acadêmico.

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 39).

Pode-se indagar se, nas pesquisas em Psicologia, estudos do tipo estado da arte também não são comuns, pois, nas teses e dissertações consultadas neste estudo, nenhuma apresentou essa metodologia, e, também, não encontramos citações no material pesquisado que fazem referência a esse tipo de método (estado da arte).

O estado da arte acerca do tema homossexualidade na pós-graduação em Psicologia foi analisado, nesta pesquisa, a partir de dois campos: nos resumos e nos textos completos das teses e dissertações selecionadas (ver procedimento no item 4.4).

A análise dos resumos, segundo Ferreira (2002), tem provocado questionamentos acerca da capacidade de este gênero textual sintetizar adequadamente a pesquisa, ou seja, em que medida transmitiu as informações mais relevantes ou completas que representem a magnitude do estudo realizado?

Pesquisas de estado da arte com abrangência mais ampla (décadas, por exemplo), apresentaram maior dificuldade no estudo dos resumos, pois nem sempre eram elaborados e, quando realizados, ficava a critério de o pesquisador dar o formato e as informações que julgava pertinente.

Atualmente, o resumo é considerado um gênero literário acadêmico, Leite et al. (2013) estudaram um conjunto de resumos a partir da análise da infraestrutura textual e concluíram que não há uma uniformidade nas informações apresentadas.

Mesmo que exista uma norma da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) para a redação de resumos (NBR 6028 de 2003), há, em sua confecção, uma influência do/a pesquisador/a em destacar alguns aspectos em detrimento de outros ou de suprimir parte relevante dos itens que deveriam constar no texto.

Quando comparamos as prescrições e orientações da ABNT e dos manuais de metodologia científica com os resumos efetivamente produzidos e publicados nos periódicos, principalmente em se tratando do plano geral, fica bastante evidente que eles não seguem fielmente a estrutura de objetivo, metodologia, resultados e conclusão (LEITE et al., 2013, p. 263).

A leitura e a sistematização dos dados presentes nos resumos, segundo Ferreira (2002), devem considerar a diversidade de formas de parcialidade típicas do/a pesquisador/a ao narrar a história do seu estudo e sistematizá-la no formato de resumo.

Nesta pesquisa, no decorrer da sistematização dos dados presentes nos resumos, foi possível observar diferentes formas e conteúdos, que corroboram os estudos de Ferreira (2002) e Leite et al. (2013) sobre as características dos textos dos resumos. Isso implicou na necessidade de esforços de inferência sobre algumas lacunas que o resumo apresentava, e, em alguns casos, não foi possível adquirir as informações necessárias.

A análise de estado da arte realizada no âmbito dos textos completos foi estruturada na busca do aprofundamento de alguns itens já elencados no resumo: abordagem teórica, metodologia, resultados. A leitura sistematizada desses capítulos das teses e dissertações permitiu a localização de elementos recorrentes e lógicas discursivas predominantes.

A sobreposição dos dados oriundos dos resumos e dos textos completos permitiu a configuração de uma visão do campo estudado (homossexualidade na Psicologia), identificando pontos de entrelaçamento das informações sistematizadas e possibilidades de produção de novas formas discursivas.

6.4 - COLETA DE DADOS

A coleta de dados desta pesquisa, unicamente realizada por meio virtual, iniciou-se em maio de 2013 e finalizou-se em fevereiro de 2014.

A primeira etapa realizada foi a pesquisa por palavra-chave no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), base de dados de teses e dissertações, organizada e mantida pelo IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia). As palavras-chaves utilizadas foram: homossexual, homossexualidade, homossexualismo, *gay*, lésbica, lesbianidade, lesbianismo, orientação sexual, diversidade sexual, LGBT, GLBT, bissexual, bissexualidade.

Para a delimitação dos estudos científicos a serem considerados nesta pesquisa, optou-se por dissertações e teses defendidas no período de 1999 a 2010, nos programas de pós-graduação *strictu sensu* na área de Psicologia. Tal recorte buscou o alinhamento com a data da publicação da Resolução CFP 01/99 (regulamentada em março de 1999).

Em seguida, realizou-se, parcialmente, a pesquisa por palavra-chave no Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Contudo, não foi possível finalizá-la, pois tal sistema saiu do ar em dezembro de 2013, voltando a funcionar com limites (apenas obras de 2012) somente no final de fevereiro de 2014. Foi possível utilizar unicamente as seguintes palavras chaves: homossexualidade, homossexual.

A impossibilidade de finalização da pesquisa no Banco de Teses da CAPES gerou uma busca por dados nos bancos de teses e dissertações específicos de algumas universidades. E tendo em vista a abrangência dos programas de pós-graduação em Psicologia no Brasil (71, na época da coleta dos dados), foram selecionadas 05 (cinco) universidades para pesquisas específicas nos seus bancos de teses e dissertações, a saber: USP, PUC/SP, UNESP, UFRGS e PUC/RS. A escolha dessas universidades baseou-se nos seguintes critérios: o indicativo da pesquisa da BDTD de que tais instituições possuem maior quantidade de teses e dissertações relacionadas ao tema e o reconhecimento de que nessas universidades há a presença de pesquisadores da área temática na pós-graduação em Psicologia.

O desenvolvimento da coleta de dados no meio virtual foi acompanhado de um registro dos procedimentos utilizados, assinalados nos seguintes itens: *site* pesquisado, data, palavra-chave utilizada, teses ou dissertações encontradas.

Cada tese ou dissertação encontrada foi sistematizada, buscando preencher os seguintes dados: nome, ano, autor/a, orientador(es), universidade/faculdade,

resumo, palavras-chaves. A sistematização desses dados gerou uma ficha de cada uma das teses ou dissertações encontradas (anexo).

Essas fichas das teses e dissertações foram posteriormente organizadas em planilhas e gráficos, que indicaram os principais aspectos quantitativos desta pesquisa.

A pesquisa nos bancos de dados, realizada a partir do conjunto de palavras previamente definidas, não garantiu que a tese ou dissertação encontrada tenha como foco a questão da homossexualidade, pois, às vezes, a presença da palavra **homossexual** no resumo ou no título ou ainda nas palavras-chaves significava um aspecto secundário ou complementar do trabalho.

Dessa forma, os resumos das teses e dissertações foram analisados a partir da necessidade de identificação do tema principal das mesmas, bem como de um sub-tema. A questão que norteou a definição do tema principal foi: qual o objeto de pesquisa ou o foco prioritário desta tese ou dissertação? E para o subtema a questão foi: qual categoria ou aspecto mais importante se destaca na análise do tema principal?

As teses e dissertações em que o tema principal foi homossexualidade foram definidas como objeto desta pesquisa do ponto de vista de uma análise qualitativa mais abrangente.

7 - ANÁLISE DOS DADOS

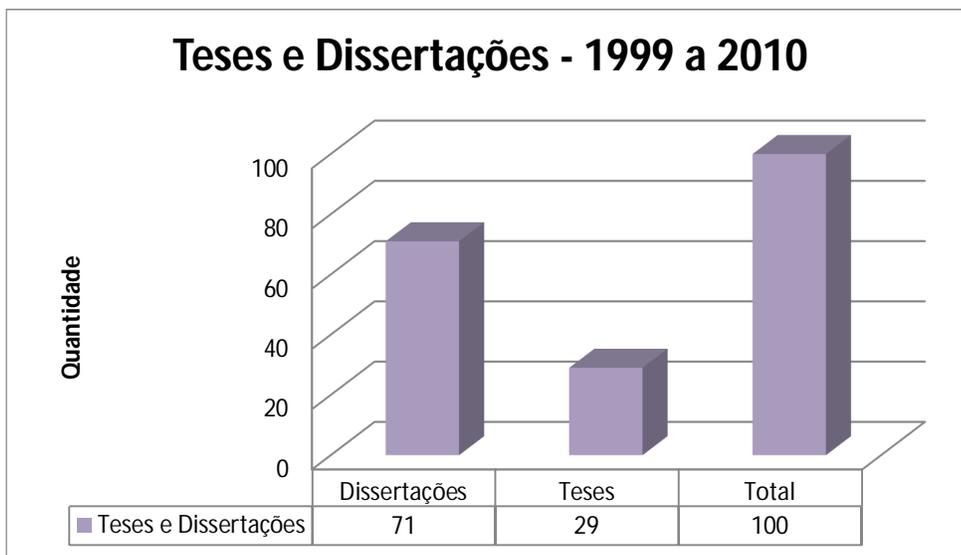
Esta pesquisa foi realizada a partir de três amostras ou agrupamentos de dados: a primeira foi a pesquisa nos bancos de teses e dissertações com as palavras-chaves escolhidas, sendo possível sistematizar o primeiro grande grupo de teses e dissertações no período de 1999 a 2010. A segunda amostra foi definida a partir de um recorte na primeira, que selecionou as teses e dissertações cujo mote principal era o tema da homossexualidade. E a terceira, originada a partir de um recorte na segunda amostra, correspondeu às teses e dissertações em que foi possível o acesso ao texto completo por meio da disponibilidade no meio virtual.

Dessa forma, a análise dos dados foi realizada nos três agrupamentos, contudo a análise qualitativa mais completa foi efetivada a partir do segundo e do terceiro recorte, tendo em vista sua relevância para os objetivos desta pesquisa.

7.1 - PRIMEIRA AMOSTRA

Foram encontradas 100 (cem) teses e dissertações utilizando-se das palavras-chaves previamente definidas, nos *sítes* de bancos de teses e dissertações, no período de 1999 a 2010. Destas, 29 são teses e 71 são dissertações.

Gráfico 01 – Teses e Dissertações no Período de 1999 a 2010



Fonte: a própria autora

Há, aproximadamente, duas vezes e meio mais dissertações do que teses no período, o que pode indicar que várias dessas dissertações podem não ter se desdobrado em pesquisa de doutorado. Pode indicar, também, que algumas dessas pesquisas de doutoramento podem estar atualmente sendo finalizadas ou foram finalizadas em um período fora da amostra delimitada.

A distribuição tanto de teses quanto de dissertações por ano (conforme os gráficos 02 e 03 abaixo) revelou uma disparidade: no período de 1999 a 2001 não há teses defendidas, enquanto foram apresentadas 09 (nove) dissertações.

É somente a partir de 2002 que as teses relacionadas às palavras-chaves emergiram no âmbito da pós-graduação, sugerindo que, cerca de 04 anos antes, isto é, em 1998, algumas das primeiras teses sobre tais temáticas foram iniciadas e que, anteriormente a essa data há uma lacuna na produção de teses relacionadas às áreas pesquisadas. Pode-se inferir que, no período de 1995 a 1997, não houve o início de doutoramento na pós-graduação em Psicologia no Brasil com vínculo às questões das homossexualidades.

Segundo os dados de Yamamoto et al. (2010), o crescimento dos cursos de doutoramento em Psicologia no Brasil foram significativos a partir da década de

1980: em 1986 havia 04 (quatro) programas de doutorado em Psicologia no Brasil, passando a 14 (quatorze) em 1996, com 36 (trinta e seis) em 2007. Tal ampliação das oportunidades para realizar pesquisas de doutorado pode ser um dos elementos influenciadores dos dados encontrados nesta pesquisa. Tendo em vista não haver teses relacionadas às homossexualidades nos primeiros três anos da amostra em uma época em que havia poucos programas de doutorado em Psicologia no Brasil, o aparecimento progressivo das teses na nossa amostra, bem como o aumento continuado delas, parece corresponder também ao crescimento do número de programas de pós-graduação em Psicologia nível doutorado.

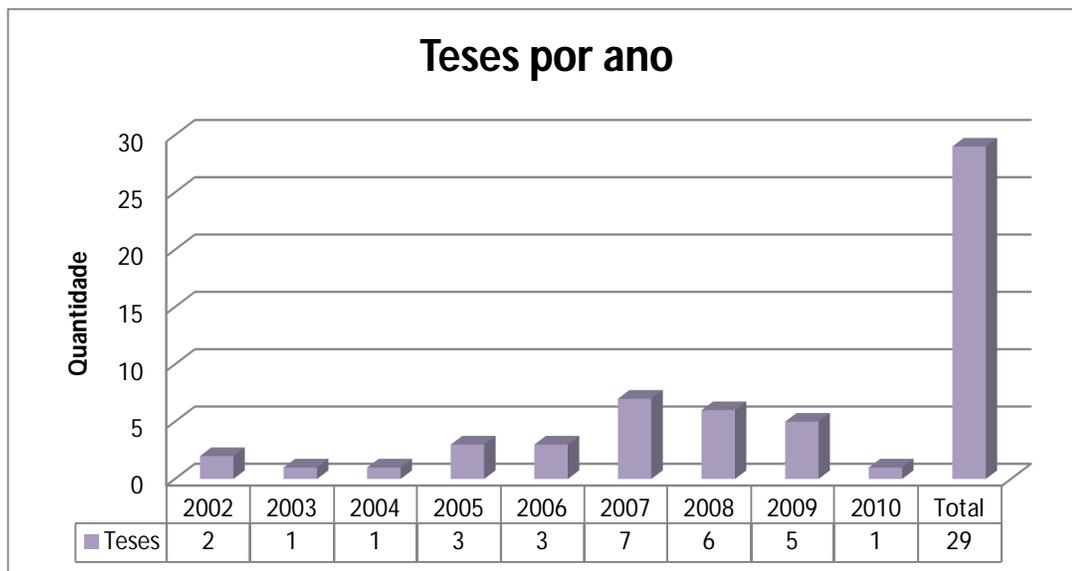
Gráfico 02 – Dissertações produzidas por ano



Fonte: a própria autora

O gráfico 02 demonstra que há, no mínimo, 03 (três) dissertações sendo defendidas por ano, desde 1999, relacionadas à temática, e que a média é de 06 (seis) dissertações no período por ano, com picos em 2003, com 09 (nove) dissertações e, em 2010, com 10 (dez).

Gráfico 03 – Teses produzidas por ano

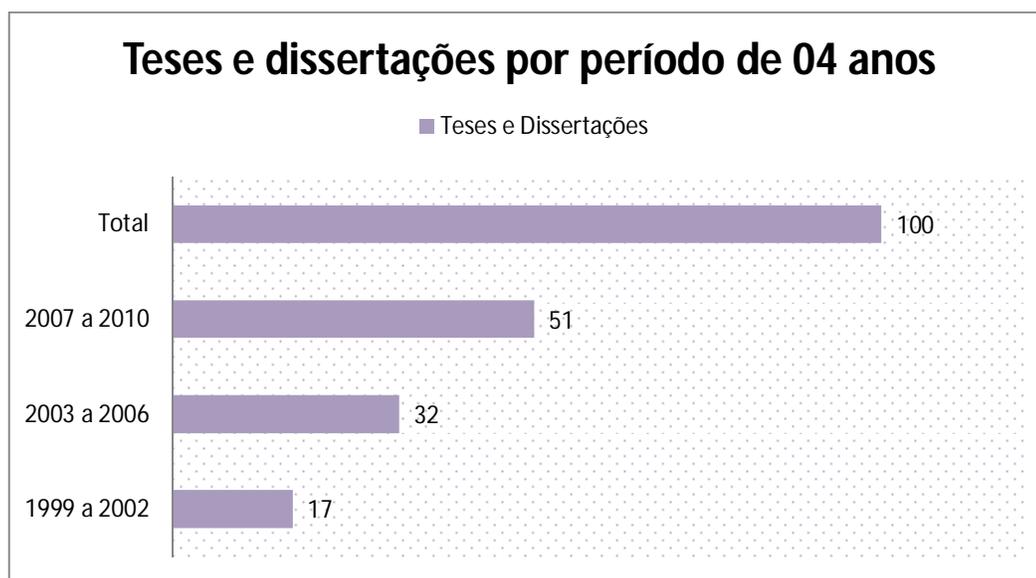


Fonte: a própria autora

O gráfico 03 revelou que os picos de produção das teses ocorreram nos anos de 2007 e 2008, com 07 (sete) e 06 (seis), respectivamente, e que a média entre os anos de 2002 a 2010 é de 03 (teses) por ano.

Agrupando a produção de teses e dissertações por períodos de 04 (quatro) anos, conforme o gráfico 04 (abaixo), é possível verificar o constante crescimento dessa produção, permitindo a análise de que as temáticas levantadas pelas palavras-chaves estão, progressivamente, ganhando espaço no âmbito da produção de conhecimento e pesquisas em Psicologia.

Gráfico 04 – Teses e dissertações por período de 04 anos



Fonte: a própria autora

No levantamento sobre as Instituições de Ensino Superior com pós-graduação em Psicologia, que abrigaram as teses e dissertações elencadas nessa amostra, foi possível observar uma predominância de algumas delas, conforme demonstra o gráfico 05 (abaixo), em especial a PUC/SP, com 19 produções), e a USP –(*campus* de São Paulo e de Ribeirão Preto), com 16 produções, seguida pela UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), com 06 produções, em seguida, a UFMG e a UnB com 05, e a UNESP/Assis, juntamente com a UCG (Universidade Católica de Goiás), UCB (Universidade Católica de Brasília) e a UFRGS, com 04 produções.

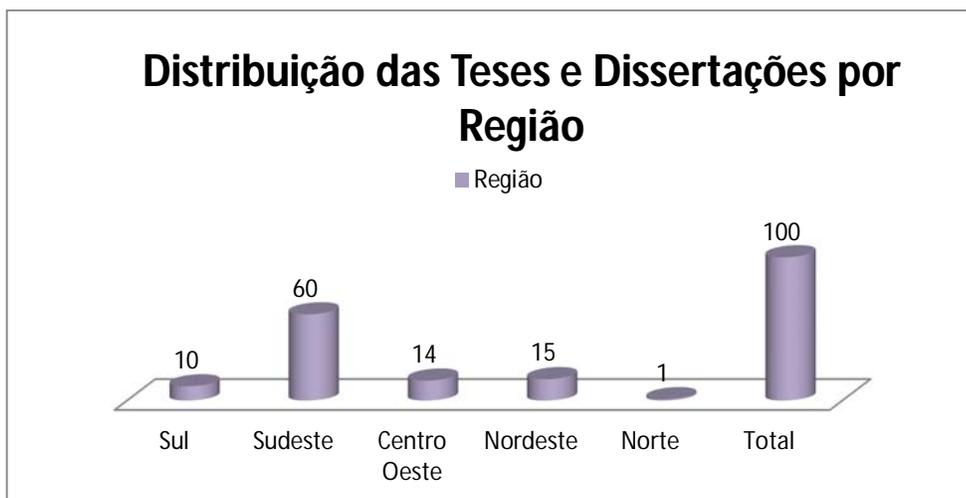
Gráfico 05 – Teses e dissertações por instituições de ensino superior com pós-graduação em Psicologia



Fonte: a própria autora

Em um levantamento por região onde se localizam as instituições de ensino superior com pós-graduação em Psicologia que produziram teses e dissertações com os temas relacionados às palavras-chaves pré-definidas, pode-se observar, no gráfico 06, uma absoluta predominância da região Sudeste, com 60 (sessenta) teses ou dissertações encontradas, seguida pelo Nordeste com 16 (dezesesseis), o Centro-Oeste, com 15 (quinze), e o Sul com 10 (dez). Nota-se, de maneira também contundente, a presença de apenas 01 (uma) produção na região Norte.

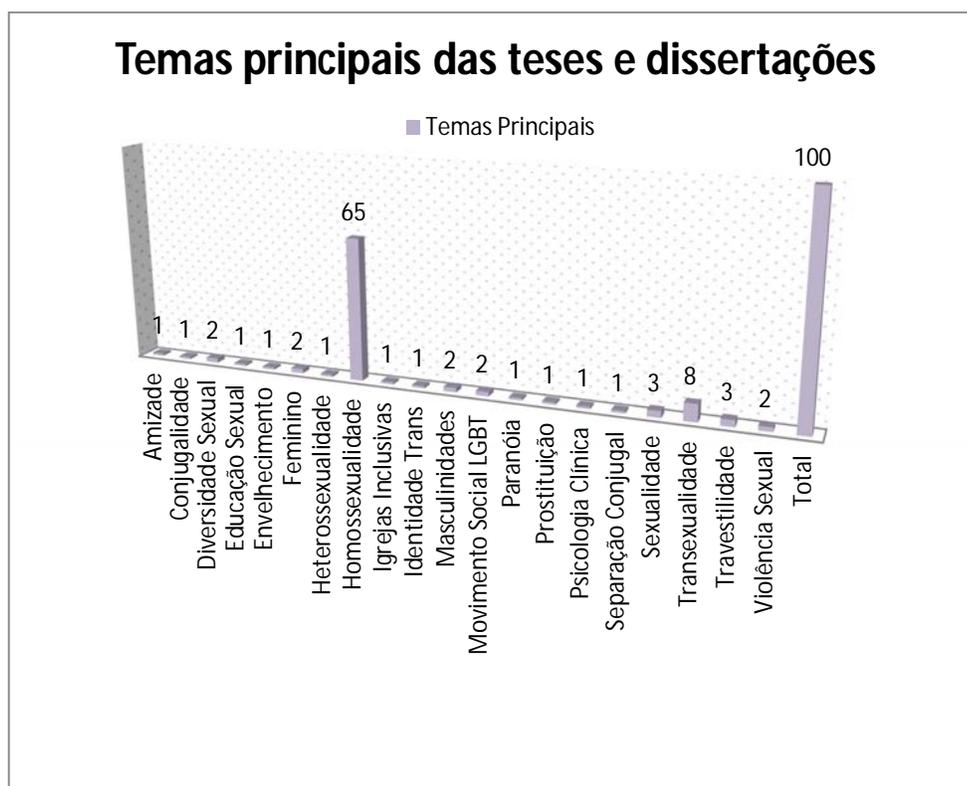
Gráfico 06 – Distribuição das teses e dissertações por região do Brasil



Fonte: a própria autora

Na primeira análise temática, das 100 (cem) teses e dissertações delimitadas na primeira amostra, realizou-se a leitura dos resumos das mesmas, visando à categorização do tema principal, ou seja, identificar qual o seu objeto de estudo prioritário. A sistematização dessa análise pode ser observada no gráfico 07 (abaixo):

Gráfico 07 – Temas principais das teses e dissertações



Fonte: a própria autora

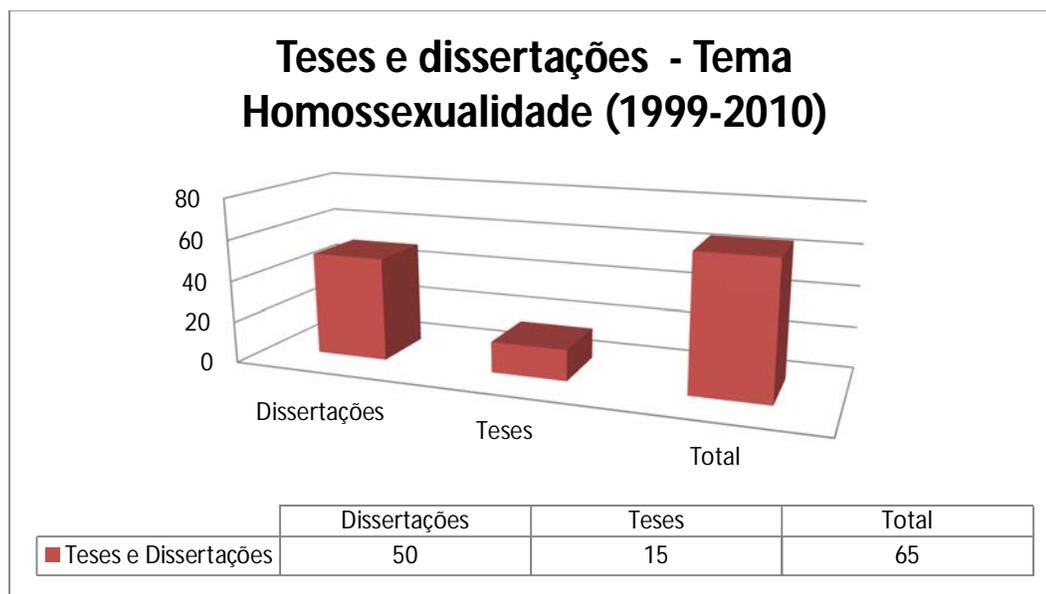
As teses e dissertações que apresentaram como tema central a homossexualidade corresponderam a 65% da amostra (a amostra é composta por 100 itens, que é igual a 100%), ou seja, sua maioria. Em segundo lugar, o tema foi a transexualidade com 08 (oito) trabalhos, seguido dos terceiros temas mais frequentes, a travestilidade e a sexualidade, com 03 (três) ocorrências cada um. Os outros 16 (dezesesseis) temas encontrados oscilaram em uma ou duas ocorrências.

7.2 - SEGUNDA AMOSTRA

A segunda amostra é formada pelas 65 (sessenta e cinco) teses e dissertações derivadas do recorte temático da primeira amostra, que direcionou a pesquisa para um grupo de trabalhos focados especificamente no tema das homossexualidades.

No gráfico 08, pode-se observar que a predominância das dissertações em relação às teses ainda se mantém comparativamente à primeira amostra.

Gráfico 08 – Teses e dissertações com o tema Homossexualidade no período de 1999 a 2010



Fonte: a própria autora

São 50 (cinquenta) dissertações e 15 (quinze) teses, ou seja, a quantidade de dissertações é aproximadamente duas vezes e meia maior do que a de teses.

Em termos de distribuição por períodos de 04 anos, podemos verificar a manutenção do crescimento da produção acadêmica com o tema homossexualidade, conforme explicitado no gráfico 09 (abaixo):

Gráfico 09 – Teses e dissertações sobre Homossexualidade por períodos de 04 anos



Fonte: a própria autora

No que se refere às instituições de ensino superior com pós-graduação em Psicologia que produziram as teses e dissertações com o tema das homossexualidades, é possível observar algumas leves alterações em relação às análises produzidas a partir da primeira amostra, pois há novas distribuições quantitativas dos trabalhos, conforme demonstra o gráfico 10 (abaixo):

Gráfico 10 – Teses e dissertações por instituição com o tema: Homossexualidade, no período de 1999 a 2010



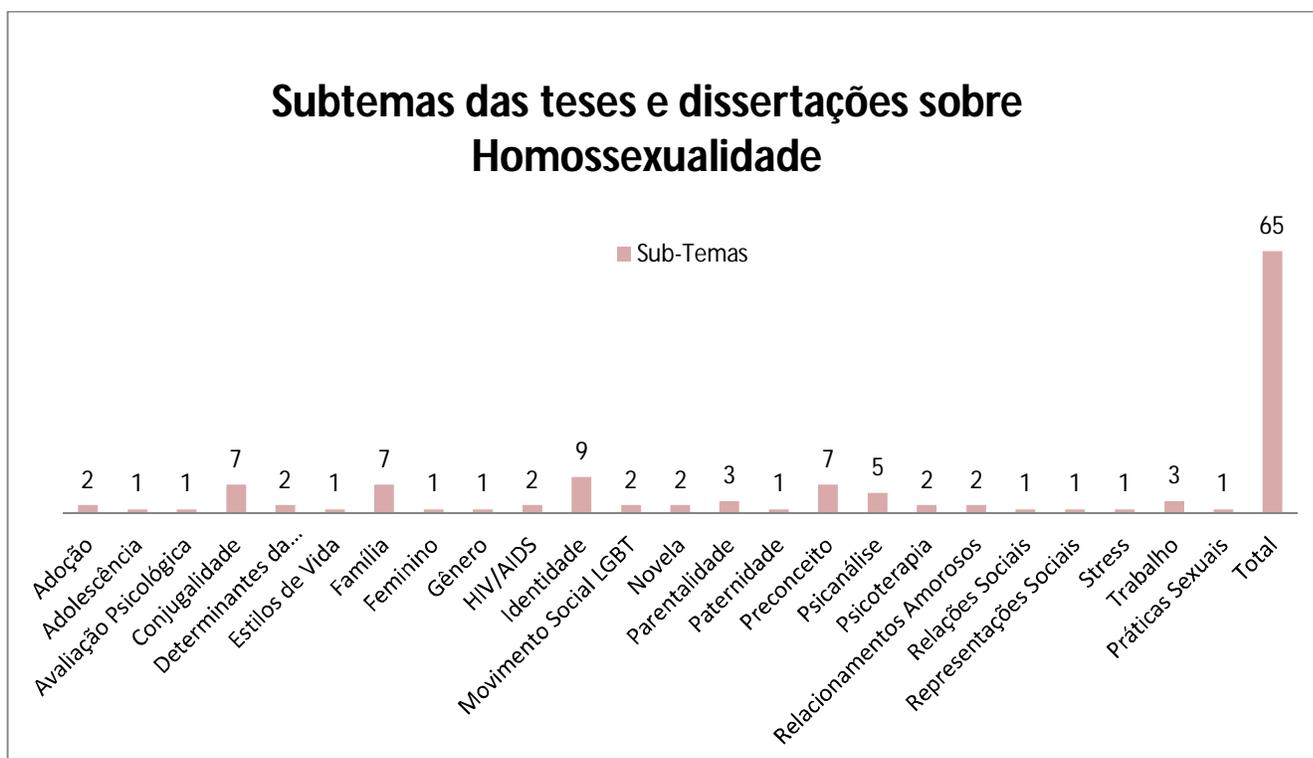
Fonte: a própria autora

A PUC/SP continuou mantendo a liderança na produção de teses e dissertações, pois apresentou 13 (treze) trabalhos com o tema homossexualidade. Contudo, em segundo lugar, as produções da USP (*campus* de São Paulo e de Ribeirão Preto) caíram, (na primeira amostra), de 16 (dezesesseis) para 07 (sete) neste recorte temático. E, em terceiro lugar, há aglomeração de instituições com 04 (quatro) trabalhos cada uma: UCG (Universidade Católica de Goiás), UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco).

7.2.1 - Subtemas das teses e dissertações

As teses e dissertações sobre homossexualidades foram submetidas a outras categorizações, com o objetivo de identificar qual o subtema estudado com mais relevância a partir do tema principal. Em outras palavras, qual o aspecto da homossexualidade ou categoria aplicada às homossexualidades foi objeto do estudo da produção acadêmica. Essa categorização foi realizada a partir da leitura dos resumos das teses e dissertações e pode incorrer em compreensões limitadas da pesquisa, tendo em vista que alguns resumos, bastante sintetizados e curtos, não explicitaram com clareza o subtema principal.

Gráfico 11 – Subtemas das teses e dissertações sobre Homossexualidade



Fonte: a própria autora

No gráfico 11 (acima), explicitaram-se algumas temáticas que corresponderam às preocupações dos estudos sobre as homossexualidades na Psicologia brasileira. Destacaram-se as pesquisas sobre a identidade do homossexual com 09 (nove) trabalhos produzidos. Em seguida, há um empate na

quantidade de trabalhos, ou seja, 07 (sete) para cada um desses subtemas: preconceito, família e conjugalidade. Em terceiro lugar, o subtema mais relevante foi a Psicanálise, com 05 (cinco) produções. Em quarto lugar, empatados com 03 (três) trabalhos cada um, estão: trabalho e parentalidade.

Todavia, se agruparmos os subtemas por afinidades ou semelhanças, formando três escopos temáticos, pode-se verificar a presença de alguns campos majoritários, sendo esses:

Escopo Familiar-Conjugal: que incluem os subtemas: conjugalidade (07), família (07), parentalidade (03), adoção (02), paternidade (01), no total de vinte (20) pesquisas que transitaram por questões envolvendo homossexualidade e formas de associação conjugal-familiar.

Escopo da Identidade: são nove (09) pesquisas cujo tema central é a identidade. Por afinidades, podemos, também, incluir os trabalhos com os seguintes subtemas: movimento social LGBT (alicerçado pela lógica identitária) com duas (02) produções, juntamente com estilo de vida (01), relacionamentos amorosos (01), adolescência (01) e práticas sexuais (01), pois foram pesquisas cujo objetivo foi marcar uma especificidade referente à homossexualidade, diferenciando-a como uma identidade. Totalizando-se, portanto, quinze (15) teses ou dissertações.

Escopo do Preconceito-Discriminação: que incluem os subtemas: preconceito (07), trabalho (03), pois todas as pesquisas discutem o preconceito no âmbito laboral, Psicanálise (01) cujo foco é a homofobia na Psicanálise, totalizando onze (11) estudos em que as manifestações do preconceito foram tratadas com relevância.

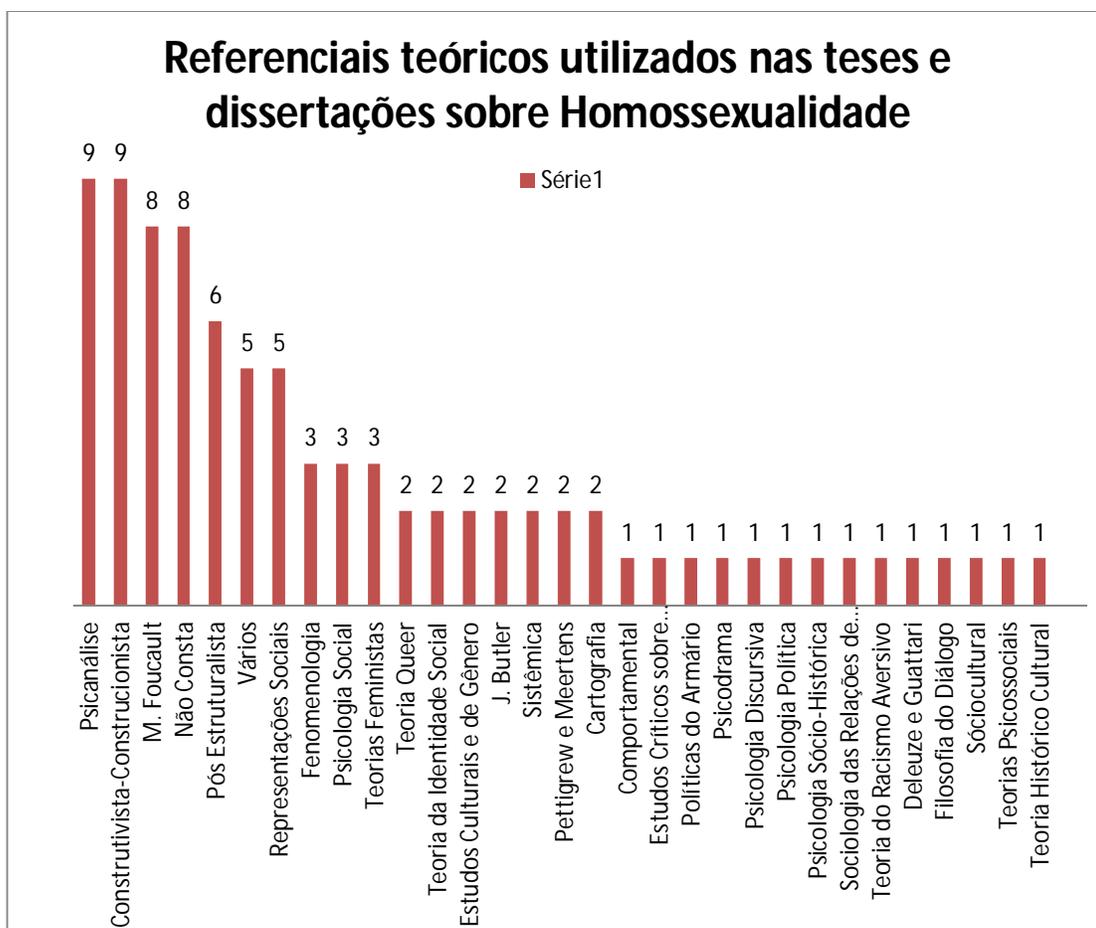
Dando continuidade à análise do material pesquisado, foi possível identificar três aspectos relevantes referentes aos elementos típicos da produção acadêmica no âmbito da pós-graduação: referencial teórico, metodologia da pesquisa e objeto de investigação do estudo/pesquisa.

A maior parte desse levantamento foi realizada a partir dos resumos das teses e dissertações, contudo, foi possível consultar os textos completos de parte dessa amostra (36) quando disponíveis no meio virtual. Por isso, em razão da

limitação de alguns resumos quanto a incluir inadequadamente tanto o referencial, quanto a metodologia utilizada, foi necessário incluir as categorias “não consta” ou “não identificado”. Também optamos por citar, no máximo, duas referências teóricas ou metodológicas por trabalho. No caso das pesquisas que citaram três ou mais autores como base teórica, definiu-se que esses trabalhos entrariam na categoria “vários”.

7.2.2 - Referencial teórico

Gráfico 12 – Referenciais teóricos utilizados nas teses e dissertações sobre homossexualidade



Fonte: a própria autora

No que tange aos referenciais teóricos, podemos, outrossim, realizar agrupamentos ancorados em uma compreensão histórica e epistemológica das teorias citadas nas pesquisas. Por isso, é possível visualizar as seguintes aproximações:

Teorias da Psicologia Social ou oriundas das Ciências Sociais e afins:

Construtivista-Construcionista (09), Representações Sociais (05), Psicologia Social (03), Teoria da Identidade Social (02), Pettigrew e Meertens (02), Psicologia Política (01), Psicologia Sócio-Histórica (01), Sociologia das Relações de Gênero (01), Sociocultural (01), Teorias Psicossociais (01), Teoria Histórico-Cultural (01), Teoria do Racismo Aversivo (01), Psicologia Discursiva (01), no total de vinte e nove (29) pesquisas.

Teorias decorrentes do Pós-Estruturalismo e dos estudos de Gênero:

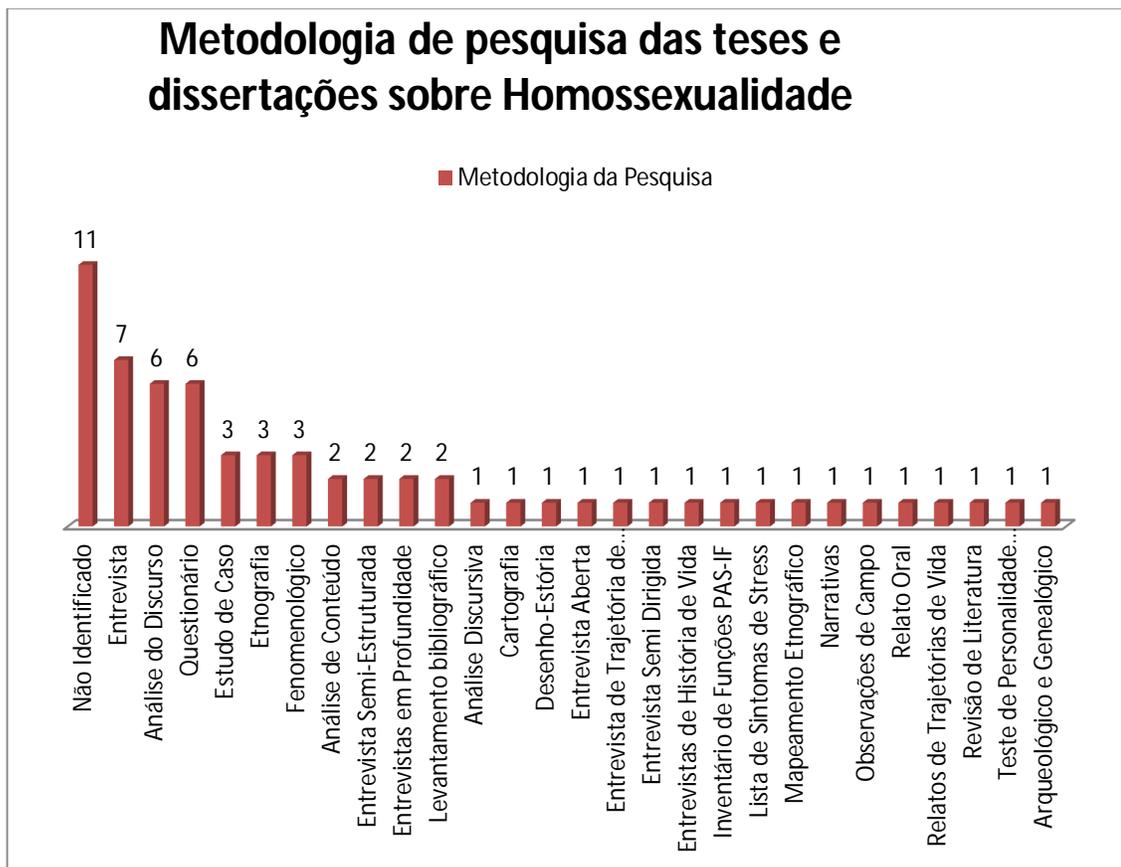
M. Foucault (09), Pós-Estruturalista (06), Teorias Feministas (03), Teoria *Queer* (02), Estudos Culturais e de Gênero (02), J. Butler (02), Políticas do Armário (01), Cartografia (01), Deleuze e Guattari (01). Totalizando-se vinte e sete estudos (27) com esses referenciais.

Outras Teorias em Psicologia:

Psicanálise (09), Fenomenologia (03), Sistêmica (02), Comportamental (01), Psicodrama (01). Totalizando-se dezesseis (16) trabalhos.

7.2.3 - Metodologia de pesquisa

Gráfico 13 – Metodologias de pesquisa utilizadas nas teses e dissertações sobre homossexualidade.



Fonte: a própria autora

As referências metodológicas encontradas nas teses ou dissertações com o tema principal das homossexualidades (Gráfico 13), tanto nos resumos quanto nos textos completos, foram analisadas a partir da sua descrição no decorrer da pesquisa (dissertação ou tese) e, também, no modo como se relacionavam, ou não, com as referências teóricas/epistemológicas. Assim, algumas pesquisas buscaram articulação entre a base teórica e a metodologia utilizada; outras não discutiram a questão metodológica a partir da base teórica, desvinculando-as e, por último, encontramos pesquisas que utilizaram uma metodologia exclusiva da área psicológica, ou seja, os testes e inventários.

Pesquisas com articulação entre a base teórica/epistemológica e o método:

nessas teses ou dissertações, há um vínculo mais explícito entre método científico e técnica utilizados na realização da pesquisa, ficando nítido que a construção metodológica refere-se ao pertencimento a um campo do conhecimento na qual já se pressupõe um método que emana de sua própria epistemologia. Por exemplo, a utilização da cartografia e da genealogia nas pesquisas de base foucaultiana.

Xavier (2003) justificou a utilização da arqueologia e da genealogia como estratégias metodológicas da sua pesquisa a partir de seu referencial teórico sustentado pelas contribuições de Foucault.

Na tese de Toledo (2008), o método escolhido foi a análise de discurso respaldada pelas contribuições de raiz foucaultiana e seus desdobramentos na obra de Guirado, sustentando a escolha da técnica utilizada: entrevista.

Silva (2008), na parte metodológica de sua tese, explanou sobre o método utilizado, genealógico com o uso da técnica de entrevista de foco biográfico, relatando seu surgimento a partir das concepções de Foucault, ou seja, tratou-se de uma abordagem do método que expôs a relação epistemológica da técnica com seu referencial teórico.

Pesquisas que não descrevem a interlocução da base teórica/epistemológica com a metodologia:

nessas pesquisas, as técnicas de coleta ou análise dos dados são descritas e apresentadas sem interlocução com as referências teóricas da pesquisa. Tal forma de construir a pesquisa pode não esclarecer quais as formas de produção de conhecimento que dão substrato às técnicas de pesquisa.

Na dissertação de Defendi (2010), o método foi apresentado como uma pesquisa qualitativa que se utilizou da metodologia do estudo de caso e dos instrumentos: entrevista, mapa de rede social e linha do tempo. A análise dos dados foi realizada através da categorização dos dados coletados.

Na dissertação de Farias (2007), o capítulo destinado ao método foi dedicado à descrição da técnica utilizada, no caso, a entrevista com roteiro e, também, à explicitação do procedimento de análise dos dados, análise qualitativa realizada por meio da metodologia de análise de conteúdo (Bardin).

Noda (2005), em sua dissertação, relatou no seu capítulo intitulado “Método”, tratar-se de uma pesquisa qualitativa que se utilizou da técnica de estudo de caso e

entrevista, sendo realizado, na análise dos dados, um agrupamento temático dos conteúdos.

Pesquisas baseadas no uso de instrumentos do campo da ciência psicológica: referem-se aos tipos de técnicas comuns na Psicologia ou mesmo exclusivas dessa profissão no Brasil: testes psicológicos, inventários ou escalas, nas quais os focos são os aspectos comportamentais ou subjetivos.

Entre os trabalhos estudados nesta pesquisa que utilizaram essa metodologia, citamos a dissertação de Lomando (2008), na qual se realizou um estudo para dar validade científica ao instrumento chamado “Percepção de Apoio Social – Inventário de Funções” (PAS – IF), e o trabalho de Souza (2002), que utilizou o “Teste de Personalidade de Comrey”.

7.2.4 - Objeto de investigação da pesquisa

Gráfico 14 – Objeto de investigação das teses e dissertações sobre homossexualidade



Fonte: a própria autora

Nesse item, nota-se que os estudos focam, predominantemente, as pessoas identificadas como *gays* e *lésbicas* (36 estudos), ou seja, mais de 50% da segunda amostra referem-se ao estudo da população homossexual propriamente dita, com maior quantidade de pesquisas junto aos *gays* (17), seguido pelas *lésbicas* (12). Nota-se a pouca presença de bissexuais nessas pesquisas, localizados apenas em duas (02).

A invisibilidade da bissexualidade sugere que as pesquisas são alicerçadas no binômio heterossexual-homossexual, isto é, outras formas dissidentes dessas expressões da sexualidade não foram consideradas como possibilidades de investigação na área da Psicologia.

7.3 - TERCEIRA AMOSTRA

7.3.1 - As homossexualidades presentes nas teses e dissertações com acesso ao texto completo

Neste capítulo, procuramos identificar o modo como os/as autores/as (dos trabalhos com texto completo) organizaram as discussões relacionadas às homossexualidades, destacando as principais concepções e apresentações do tema. Buscamos agrupar e sistematizar parte desses conteúdos, com a finalidade de apreendermos, em última instância, a lógica que forneceu legitimidade científica às homossexualidades.

A maioria das teses ou dissertações apresentou, na parte teórica, uma compilação de estudiosos das homossexualidades, tanto na Psicologia quanto em área afins. Tais referências, geralmente, compuseram um quadro retrospectivo e genérico o qual demonstrou uma síntese geral do tema e, ainda, há aqueles que realizaram tal sistematização em temas derivados ou recortes das questões homossexuais.

Os trabalhos que realizaram um quadro genérico sobre autores que trataram das homossexualidades são: Falcão (2004), Córdova (2000), Godoy (2001), Moscheta (2004), Pereira (2004) Antunes (2005), Silva (2006), Toledo (2008), Moris (2008), Borges (2008), Gonsalves Toledo (2008), Nunan (2001), Borges (2009).

Os estudos que sistematizaram as contribuições de autores em assuntos decorrentes das homossexualidades são: Rabelo (2009), vinculando-se com autores que também trataram do tema homofobia; Maya (2008), que realizou essa sistematização no âmbito da Psicanálise, destacando os aspectos relacionados à homofobia; Faria (2007), que destacou autores os quais discutiram a construção do preconceito contra homossexuais; Kniest (2005), no âmbito da Psicologia (Freud, Reich e Lowen); Menezes (2005), buscando referências sobre os determinantes da homossexualidade, principalmente em autores do campo comportamental/behaviorista; Fleury (2006) realizou um apanhado geral de

concepções acerca da homossexualidade e suas relações com a homofobia; Cancissu (2007), que sistematizou estudos sobre a homossexualidade feminina em interface com os movimentos sociais LGBT no Brasil e no mundo; Silva (2008) discorreu sobre a questão da identidade homossexual de maneira crítica; Defendi (2010), que discorreu por autores que trataram da conjugalidade homossexual; Santos (2004), destacando a teoria psicanalítica, a teoria de aprendizagem social e a teoria cognitiva; Souza (2008) apresentou autores relacionados à teoria *queer*.

Vários/as autores/as realizaram retrospectivas históricas acerca das homossexualidades, buscando retratar como o comportamento sexual/afetivo entre pessoas do mesmo sexo/gênero foi compreendido e suas relações com a organização social da época. Entre tais autores, citamos/as: Farias (2007); Gonsalves Toledo (2008) que realizou esse resgate histórico das mulheres homossexuais; Kniest (2005); Menezes (2005); Noda (2005); Fleury (2006),

Foi possível identificar também trabalhos nos quais o entendimento sobre as homossexualidades deu-se exclusivamente pelo prisma foucaultiano e toda a discussão sobre o tema é atravessado pelos pressupostos que envolvem o dispositivo da sexualidade e a “invenção” da homossexualidade enquanto espécie. Podemos citar as pesquisas de: Xavier (2003), Nascimento (2007), Lomando (2008), Gonsalves Toledo (2008), Piason (2008), Lima (2009), Silva (2007), Rodrigues Silva (2008), Monteiro (2009), Marques (2010).

A leitura dos capítulos introdutórios e conceituais acerca da homossexualidade nas 36 (trinta e seis) teses e dissertações a que tivemos acesso aos textos completos também nos possibilitou observar algumas tendências ou inferências nessa produção teórica.

- **Ausência de concepções essencialistas das homossexualidades**

Castañeda (2002) relatou que as compreensões essencialistas da sexualidade defendem a existência de determinantes apriorísticos (de natureza biológica) que constituem a essência do sujeito, incluindo sua orientação sexual.

Na totalidade dos trabalhos lidos, não foram encontradas referências a modos essencialistas de conceituação das homossexualidades no que refere à defesa de posições inatistas, hereditárias ou biologicamente determinadas. Há, em um dos trabalhos (MENEZES, 2005), uma discussão sobre os determinantes do comportamento homossexual, mas a autora não argumentou a favor de uma

natureza própria da homossexualidade, pelo contrário, manteve uma posição crítica e investigativa de uma multicausalidade, destacando os aspectos socioambientais.

Desde quando existem homossexuais? Desde quando existem *gays*, lésbicas e bissexuais? Se o leitor respondeu apressadamente “desde sempre”, enganou-se. Os “homossexuais” existem desde o aparecimento destas terminologias, criadas em momentos específicos, para finalidades mais peculiares ainda. Entretanto, a relação de intimidade sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo sempre existiu (LOMANDO, 2008, p.18).

É importante destacar que, a palavra homossexualidade aqui não é utilizada como uma “essência natural” do ser humano ou uma identidade totalizadora das relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo.(NOGUEIRA SANTOS, 2004, p. 12).

Se estivermos atentos aos trabalhos de Foucault (1993), Fry (1982), Fry e MacRae (1983), Costa (1995), Weeks (2001), veremos que as sexualidades, masculinidades, feminilidades, homossexualidades são princípios estruturantes das relações sociais e que constituem as intersubjetividades dos sujeitos, mas que não são determinantes das relações sociais e são independentes do sexo biológico dos indivíduos. Como tal, são construções históricas e sociais (NOGUEIRA SANTOS, 2004, p. 26).

Assim sendo, a *homossexualidade* não é uma essência que possa ser apreendida através de métodos científicos, filosóficos ou analíticos. A ideia de homossexualidade é historicamente datada, pois depende da noção de sexualidade, que é igualmente moderna (FOUCAULT, [1976] 1999). Quando falamos de homossexualidade, devemos estar atentos para o fato de que este termo não designa uma realidade em si, mas uma coisa que é produto do vocabulário moral da modernidade: o conceito de *homossexual* é tão histórico e socialmente construído como qualquer outro termo (SILVA, 2007, p 18).

A preferência pelo emprego de ‘orientação’ em lugar de ‘condição’ sexual ocorre por se acreditar que esta última implica num estado de ver as coisas, num modo de ser universal e universalizante, de novo estar-se-ia defendendo a ideia de uma natureza biológica ou médica, da homossexualidade. Compreendendo a sexualidade, antes, como uma construção social do que uma condição da natureza humana (CÓRDOVA, 2000, p. 17).

- **Ausência de estudos que busquem comprovar modelos explicativos ou as causas das homossexualidades**

Há especulações sobre as causas da homossexualidade que possuem um viés psicologizante, ou seja, a construção de modelos oriundos do campo da ciência psicológica, com vistas a justificar a existência do desejo, comportamento ou

identidade sexual homossexual (LACERDA; COLS, 2002). Essa concepção psicologizante da homossexualidade (que busca suas causas nas teorias ou modelos da psicologia) é considerada preconceituosa na medida em que estabelece existir a necessidade de “entender” as raízes comportamentais ou psíquicas da homossexualidade, tratando essa expressão da sexualidade como distinta, diferenciada, como se houvesse um desvio ou uma falha no desenvolvimento sexual (SOUSA FILHO, 2009). Afinal, não há estudos comparativos para “descobrir” as causas da heterossexualidade, pois esta não é definida como algo antinatural ou fora do comum, ou seja, algo que precise ser estudado para que se identifiquem suas causas.

Nas teses e dissertações estudadas, não se percebeu uma vertente que defendeu explicitamente a adoção de um modelo de formação de subjetividade homossexual, que teria como base uma das teorias da Psicologia reconhecidas no âmbito científico, bem como estudos sobre as causas da homossexualidade. Nas obras de Maya (2008), Kniest (2005) e Santos (2004), há a apresentação de modelos explicativos da homossexualidade oriundos de várias teorias da Psicologia, algumas delas com forte presença de lógicas patologizantes (Psicanálise, Reich e Lowen), mas seus autores fazem uma leitura crítica das mesmas, problematizando esse enfoque e apontando outras formas de problematizar a questão.

Em primeiro lugar, esta dissertação não visa discutir as causas da homossexualidade: esta orientação sexual será abordada enquanto fato consumado, que não precisa de justificção biológica, psicológica ou social (NUNAN, 2001, p. 02).

A sexualidade enquanto expressão não é uma categorização humana, mas se constitui como experiência fluida que localiza as pessoas na descoberta das suas possibilidades corporais em muitos campos do seu exercício. A sexualidade é a descoberta de si e a homossexualidade, em particular, não pode ser conceituada sem correremos o risco de, ao fazê-lo, excluir... deixar escapar... Sempre haverá algo ou alguém que ficará de fora de qualquer conceito. O conceito apaga as diferenças entre os elementos que estão incluídos nele mesmo, mas apaga, também, as semelhanças entre elementos que estão fora dele. Melhor mesmo seria considerarmos a homossexualidade como uma condição existencial na qual são vivenciadas alternativas relacionais diversas que possibilitam novas descobertas e novas formas de vínculos afetivos. Podemos dizer que a homossexualidade traz em si significados múltiplos, o que a torna incapaz de ser enquadrada em um conceito fixo (SILVA, 2008, p. 34).

Creio que a desconstrução de categorias, portanto da homossexualidade, não opera no sentido de enfraquecer ou minar as estratégias de afirmação e lutas por direitos. Entender a historicidade da homossexualidade permite-me compreender a **criação** de seu oposto, a heterossexualidade. Ao pensar essas categorias como construções artificiais, possibilito o questionamento dos critérios que arbitrariamente privilegiaram uma a outra (MOSCHETA, 2004, p. 46).

A homossexualidade sempre esteve presente no mundo e se apresenta de formas tão distintas quanto à própria organização cultural e moral na história da sociedade, constituindo-se como uma prática sexual e social muito presente na diversidade das experiências humanas (PRADO; MACHADO, 2008; WEEKS, 2007). Entre essas experiências, é importante manter-se atento para o fato de que nossos hábitos sexuais dependem da construção social das relações entre/pelos seres humanos, relações essas que se encontram atravessadas por contextos culturais, geopolíticos, padrões morais e posições sociais. Portanto, não se pode perder de vista que as práticas sexuais carregam mais elementos referentes a aspectos sociais, históricos e políticos, do que simplesmente os comportamentos individuais em si (PRADO; MACHADO, 2008). (PIASON, 2008, p. 19-20).

Muitos estudos hoje visam descobrir qual a causa da homossexualidade, mas a questão que deveríamos pensar é: que diferença faz saber a causa, se a homossexualidade não é uma doença, mas uma orientação sexual ou, podemos dizer, um modo de ser?

Acreditamos que o essencial seria saber como lidar com a diversidade entre as pessoas, de maneira que fosse garantido para todos, independentemente da orientação sexual, a possibilidade de usufruírem uma vida digna com direitos e deveres na sociedade (FARIAS, 2007, p. 41-42).

Embora seja psicólogo de formação, neste trabalho não pretendo buscar explicações acerca da origem e das possíveis causas das homossexualidades, pois assumo a posição de Spencer (1999:10), que defende que a “homossexualidade não deveria ser explicada, ela apenas existe.” Dessa maneira, não pretendo desenvolver estudos pautados na psicologia individual, onde as discussões sobre as sexualidades não progridem há um século, muito menos apelar pelos estudos da psicologia masculina. Desse modo, me proponho a estudar aspectos da subjetividade homossexual, buscando identificar as condições sociais referenciadas nas expressões da tradição, cultura, economia, princípios éticos e morais, relações hierárquicas entre as divisões sociais e as relações de gêneros, do controle disciplinar e do dispositivo da sexualidade (NASCIMENTO, 2007, p. 21).

- **O preconceito/homofobia como tema relevante**

O preconceito sexual e/ou homofobia foram temas que apareceram com frequência nas teses e dissertações analisadas. Em 11 (onze) trabalhos estudados,

era esse o próprio foco da pesquisa, em diferentes dimensões: homofobia internalizada, preconceito no mercado de trabalho, nas relações familiares, no exercício da parentalidade, dentre outras.

Todavia, mesmo nas teses e dissertações cujo foco não era o preconceito ou a homofobia, há a constante presença de referências aos documentos considerados marcos do processo de despatologização das homossexualidades e que se configuram como importantes ferramentas para o enfrentamento do preconceito/homofobia (retirada da homossexualidade do rol de patologias do DSM e do CID, Resoluções do Conselho de Medicina e de Psicologia do Brasil que impedem os profissionais de tratarem as homossexualidades como doença).

Alguns trabalhos, como Rabelo (2009), Faria (2007), Fleury (2006), Maya (2008), Silva (2007), Pereira (2004), Rodrigues Silva (2008), Monteiro (2009), mantiveram foco nas questões relacionadas à homofobia e ao preconceito, ressaltando que a homossexualidade implica na (con)vivência com demandas resultantes da inferiorização e discriminação. E tal situação não deve ser tratada como secundária no âmbito da Psicologia, ao contrário, pretendeu-se marcar uma posição de enfrentamento das mesmas.

Também foi possível observar a presença das ideias de Goffman sobre o estigma (NUNAN, 2001; SILVA, 2007; GONSALVES TOLEDO, 2008), das contribuições de Pettigrew e Meertens (PEREIRA, 2004) e dos pesquisadores brasileiros Lacerda, Camino e colaboradores (PEREIRA, 2004)

Um substituto para estes conceitos [homofobia, heterossexismo] parece ser o termo *preconceito sexual*, amplamente utilizado por Herek (1994), e que pode ser definido brevemente como atitudes negativas direcionadas a um determinado indivíduo (ou grupo) por causa de sua orientação sexual. Neste caso, o alvo do preconceito pode ser tanto uma pessoa homossexual, bissexual, transgênero ou heterossexual, apesar do fato de que, dada a atual organização da sociedade, o termo ser mais aplicável ao preconceito contra homossexuais, bissexuais e transgêneros. Segundo este autor, *preconceito sexual* é um conceito preferível à *homofobia* por várias razões. Em primeiro lugar, ele é um termo descritivo que não assume motivações, dinâmicas ou origens inconscientes para as atitudes negativas, além de evitar julgamentos morais sobre estas atitudes. Em segundo lugar, ele coloca o estudo das atitudes relacionadas à orientação sexual dentro do contexto mais amplo das pesquisas da Psicologia Social sobre preconceito.

[...]

Por todas estas razões, o termo *preconceito sexual* será privilegiado neste estudo em detrimento da palavra *homofobia*, mais disseminada no discurso cotidiano. (SILVA, 2007, p.75-76)

Assim, a definição de preconceito que orienta esta dissertação descreve-o como um tipo de representação que os grupos majoritários criaram sobre a natureza supostamente positiva de seu grupo e, também supostamente, negativa do grupo discriminado. Desta forma, parece fazer mais sentido falar em representações preconceituosas. A função dessas representações seria implementar práticas discriminatórias contra o grupo alvo do preconceito com o objetivo de justificar a situação de dominação dos grupos majoritários. Portanto, este trabalho situa o estudo do preconceito contra os homossexuais no quadro geral da teoria das Representações Sociais (PEREIRA, 2004, p. 33).

Para analisar a relação entre teorias científicas e a discriminação contra homossexuais, Camino e Pereira (2000) realizaram uma investigação sobre a forma como professores de Psicologia explicam a homossexualidade e a relação entre essas explicações e o posicionamento desses professores frente à Resolução 001/99 do CFP (1999). Esses autores verificaram que os diversos níveis de adesão às explicações da homossexualidade foram os melhores preditores da atitude dos professores em relação à Resolução. Os professores que dão explicações psicológicas para a homossexualidade e que atuam na área clínica não concordam com que a Resolução representa um avanço na Psicologia. A adesão ao modelo fisiológico influenciou negativamente a atitude positiva global com a Resolução, levou à concordância de que a homossexualidade é uma doença e a aceitação de que se deve propor cura para os homossexuais. A adesão às explicações psicossociais levou à concordância de que a Resolução representa um avanço na Psicologia, fundamentalmente com relação ao fato de que a homossexualidade não é uma doença e, conseqüentemente, não se deve propor cura ou tratamento para homossexuais. Com base nestes resultados, Camino e Pereira (2000) concluíram que teorias e práticas científicas podem contribuir com o processo de discriminação social contra os homossexuais (PEREIRA, 2004, p. 41-42).

Com base nas considerações acima apresentadas, formulamos a questão fundamental a ser investigada neste estudo: *o que acontece, ao nível da atribuição de sentimentos e traços culturais, quando os homossexuais adotam os valores da meritocracia e são bem sucedidos profissionalmente?*

A nossa hipótese é de que serão atribuídas mais emoções secundárias e traços culturais para o grupo dos heterossexuais do que para o de homossexuais, quando esses últimos se apresentarem com um *status* de fracasso profissional. Acreditamos que a história de fracasso profissional dos homossexuais irá auxiliar na construção de uma imagem negativa do homossexual, como um grupo que não apresenta mérito para ser reconhecido com características semelhantes às dos heterossexuais. Essa imagem, moderada pela norma da meritocracia, fornecerá justificativa para uma menor atribuição de traços culturais e sentimentos ao grupo minoritário. Já na situação em que o grupo de homossexuais apresenta um *status* de sucesso profissional, a hipótese é que essa condição irá moderar as avaliações dos participantes, igualando a média de atribuições (FLEURY, 2006, p. 96).

Também é importante conceituar aqui outras linhas que atravessam os processos de subjetivação de mulheres lésbicas: trata-se dos *processos de estigmatização*. De acordo com Goffman (1975), o estigma é uma relação entre atributo e estereótipo, profundamente depreciativo, não sendo em si honroso ou desonroso, mas que estigmatiza alguém confirmando a normalidade de outrem. Ou seja, inabilita o indivíduo para a aceitação social plena e se concentra em dominar e oprimir alguns com vistas à obtenção de privilégios sobre estes. Isso não significa que o estigma seja uma relação estática, ele é um processo social em constante mutação. (GONSALVES TOLEDO, 2008, p. 22).

- **A identidade como categoria de análise das homossexualidades e suas expressões**

Foram consideradas 15 (quinze) teses e dissertações que se referiram direta (09) ou indiretamente (06) à identidade homossexual. Foi possível localizar, nesses estudos, algumas posições críticas acerca da utilização da categoria identidade homossexual. Tais vertentes dialogam com as concepções foucaultianas, construcionistas e *queer*, atuando para desestabilizar a categoria identidade enquanto base de análise e problematização das subjetividades, principalmente no campo das discussões sobre sexualidade. Portanto, os/as autores/as dessas pesquisas, em alguns casos, manifestaram certa inquietação ou desconforto com o uso da categoria identidade, buscando explicar os limites e enquadramentos ainda possíveis para que esta ainda fosse justificada nos estudos realizados.

Antes de dar início a este capítulo, gostaríamos de enfatizar que estamos cientes do terreno escorregadio que cerca a identidade homossexual (NUNAN, 2001, p. 66).

Tal como vimos anteriormente, a identidade *gay* pode ser entendida como uma realidade necessária em face de objetivos práticos, sendo fundamental para o movimento homossexual como uma estratégia utilizada na reivindicação de direitos. [...] Dito de outra forma, acreditamos que a identidade *gay* é um processo em devir que depende das descrições e crenças históricas que temos do assunto. Por outro lado, falar em identidade *gay* não significa que esta identidade seja onipresente e regule todos os aspectos da vida do sujeito, reduzindo-o à dimensão sexual da sua existência. Não obstante, o lugar social ocupado pelos homossexuais influi em larga escala a construção de sua identidade: ao desempenhar um papel estigmatizado, o indivíduo entra em contato com determinados aspectos da realidade e terá a sua identidade influenciada por essa perspectiva, identidade esta ativada apenas em circunstâncias sociais particulares. (NUNAN, 2001, p. 67)

Toma-se o processo de identificação *homossexual* como uma forma colocada/colada a processos de subjetivação, como parte de um processo de produção de um sujeito em particular (no conjunto de uma categoria) entre os tornados possíveis no esquadramento dos domínios da sexualidade. Um modo de estar em relação a uma cadeia de saber-poder (em relação às práticas, discursivas ou não, que constroem a *homossexualidade*), de ocupar uma posição de sujeito marcada dentro do dispositivo da sexualidade que permite conferir significação e ordenar a experiência dentro de *medidas* reconhecíveis — através da(s) figura(s) do “homossexual”. Toma-se a identidade *homossexual* como categoria que emerge dentro dos domínios da sexualidade, num jogo de inclusões-exclusões, diferenciando-se primeiramente em relação a uma norma heterossexual.

Partiu-se da ideia de que um discurso afirmativo da identidade homossexual funciona conforme certa organização histórica da experiência conferida pelo dispositivo de sexualidade, promovendo-a. Servindo à inclusão (e conformação) da experiência individual em uma experiência historicamente organizada em torno do sexo, em um dispositivo de produção de subjetividade, pela sujeição dos indivíduos concretos a uma “forma de saber” que diz do “ser”, que oferece-se como instrumento de identificação de um *modo de ser* [...] (XAVIER, 2003, p. 10-11).

- **A presença do termo homossexualismo em algumas teses/dissertações**

Nesses trabalhos, em particular o de Pereira (2004), cujo título da dissertação é *Representações Sociais do Homossexualismo e Preconceito contra Homossexuais*, há uma utilização indiscriminada do termo **homossexualismo**, sem haver referências ao fato de que o sufixo **ismo** refere-se à doença e patologia.

Em certa medida, o próprio uso desse termo sem essa referência crítica parece-nos um descuido que contribui para a manutenção da lógica patologizante e ainda representa uma falta de interlocução com as lutas do movimento social LGBT, que vem se pronunciando publicamente no sentido de impedir a utilização desse termo³.

Esse autor afirma ainda que neste momento surge o conceito de “entendido” ou “*gay*”, que quer uma relação mais simétrica e de igualdade entre os pares, fugindo dos papéis tradicionais do homossexualismo de “ativo” e “passivo”.

[...]

³ Ver no Manual de Comunicação LGBT publicado em 2010 pela ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais, p. 11. Disponível em: <www.abglt.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2015.

Por outro lado, a Aids ampliou a discussão em torno da sexualidade e da homossexualidade, e à medida que a doença foi difundindo-se por toda a sociedade em geral, a relação Aids-homossexualismo foi enfraquecendo (NODA, 2005, p. 12).

O homossexualismo ainda é visto, por muitas pessoas, como uma escolha baseada na falta de caráter e pudor, e ainda é comum encontrarmos a associação entre homossexualismo masculino e promiscuidade (RABELO, 2009, p. 11).

Os termos homossexualismo e sexualismo estão diretamente entrelaçados na história das civilizações (SPENCER, 1999). O termo, porém, é relativamente recente, sendo tardiamente utilizado por volta do início do século XIX (FOUCAULT, 1984). De fato, a palavra “homossexualidade” apareceu pela primeira vez em inglês na década de 1890, usada por Charles Gilbert Chaddock, tradutor de *Psychopathia Sexualis*, de R. von Krafft-Eding. O termo teria aparecido, porém, originalmente em alemão no ano de 1869, num panfleto anônimo. Independente de quando e por quem foi primeiramente empregado, o fato é que “homossexualismo” foi a palavra criada para descrever o relacionamento sexual e afetivo entre pessoas do mesmo sexo (SPENCER, 1999) (PEREIRA, 2004, p. 54).

▪ **As contribuições de Foucault estão presentes em todas as pesquisas analisadas**

Pode-se afirmar que todas as produções analisadas apresentaram referências à obra de Foucault, em particular, à *História da Sexualidade – volume 1*. Essa grande absorção das contribuições foucaultianas no âmbito da sexualidade/homossexualidade pode indicar que a Psicologia tem se posicionado criticamente no que se refere ao seu papel no dispositivo da sexualidade, recusando-se a colaborar com sua constituição, ou agindo com criticidade e cautela ao construir saberes (aliados aos poderes) que historicamente foram e são utilizados para categorizar e patologizar as pessoas, docilizar corpos e manter o *status quo*.

Em sua obra *História da Sexualidade*, Foucault apresenta a dinâmica pela qual há uma explosão discursiva em torno do sexo, configurando-se a sexualidade como um dispositivo de controle, munida de grande quantidade de “aparelhos inventados para dele [sexo] falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz” (FOUCAULT, 1988, p. 35). Esse regime de verdades construído em torno da sexualidade e do sexo é o pano de fundo das experiências que os sujeitos fazem de si (RODRIGUES SILVA, 2008, p. 26).

Embora esta dissertação não tenha como objetivo realizar uma análise foucaultiana do discurso dos sujeitos entrevistados, Foucault

é um autor que dá fundamentos para refletir sobre todas as questões envolvidas na pesquisa. Possibilita, a partir de seu aporte teórico, afirmar que não existem verdades universais acerca da homossexualidade, porquanto não há sujeito homossexual universal (GODOY, 2001, p. 08).

De acordo com Foucault (1988), uma rede sutil de proliferação de discursos, saberes, prazeres e poderes sobre uma verdade sobre o sexo passou a funcionar a partir do século XVIII. É nesse período, portanto, que o ato sexual entre pessoas de mesmo sexo biológico (ou não) ganha a configuração de uma interioridade do sujeito, conferindo a esse uma identidade, respectivamente, homossexual ou heterossexual e bissexual (no caso da prática sexual ocorrer com pessoas de ambos os sexos biológicos) (TOLEDO, 2008, p. 21).

- **Os estudos de gênero foram incorporados aos debates sobre as homossexualidades**

As discussões teóricas e conceituais sobre as homossexualidades têm cada vez mais se aproximado das implicações com os gêneros no sentido de articulação e entrelaçamento da compreensão de que a construção performativa (BUTLER, 2013) da identidade de gênero não se vincula ao sexo biológico e fundamenta a base do machismo e da homofobia. Tais discussões também representam uma mudança no que se refere ao estudo da sexualidade, antes naturalizada e biologizante, agora respaldada no gênero (a partir da noção de performatividade de Butler). Esse novo paradigma também contribui para o afastamento da Psicologia dos auspícios da Sexologia, que permanece calcada na perspectiva biológica e médica.

Muito do que Judith Butler (2003) propõe será utilizado na construção do texto que segue. Um aspecto fundamental é a crítica que ela faz à regra compulsória do sexo determinar o gênero que, por sua vez, vem a determinar o desejo, o que implicaria, por exemplo, um sujeito que tenha o sexo biológico anatomicamente definido como homem comporte-se por um padrão social de gênero masculino e sinta o desejo de ter relacionamentos com mulheres. Butler considera que o gênero possa ser construído, mas coloca outros pontos para serem considerados (MARQUES, 2010, p. 27).

O gênero é considerado como um conjunto de comportamentos, sentimentos e atitudes que articulam a ideia de masculino e feminino. [...]

O que vemos é a existência de uma fusão entre a noção de gênero e de sexo: homem/masculino e mulher/feminino. [...]

Essa colagem sexo/gênero é a base onde repousa a categorização das homossexualidades, apontadas quando da vivência do conjunto de características definidas como sendo de um gênero por alguém do sexo “oposto” (RODRIGUES SILVA, 2008, p. 27-28).

Desta forma, o gênero não é simplesmente uma construção social por sobre o sexo, mas sim uma norma cujos efeitos performáticos produzem tanto a estabilidade do sexo quanto a coerência entre sexo-gênero-desejo. São estas mesmas normas que acabam por materializar a diferença sexual e que consolidam o imperativo de que, por exemplo, um corpo, visto como feminino, deveria expressar o gênero “mulher” e que teria uma predisposição “natural” a se interessar sexualmente pelo sexo oposto.

Ao tratar o gênero como uma norma que opera sobre os corpos que supostamente descreve, Butler (2003) inverte a questão: não é o sexo quem dita o gênero, mas a própria reiteração da norma que articula gênero e heterossexualidade que produz efeitos que se materializam nos corpos e que determinam trajetórias sexuadas (MONTEIRO, 2009, p. 76).

▪ 9

Nas pesquisas em que foi possível apreender aspectos da prática do/as psicólogos/as no que tange à homossexualidade, há relatos de abordagens patologizantes.

Os trabalhos de Kniest (2005), Farias (2007) e Marques (2010) revelaram atuações profissionais ambíguas, com aproximações e estranhamentos em relação às concepções teóricas despatologizantes.

Kniest (2005) entrevistou psicólogos/as que atuavam na vertente da análise bioenergética (que historicamente assumiu uma postura patologizante no que se refere à homossexualidade) e buscou identificar a posição teórica e ética desses/as profissionais no atendimento às pessoas homossexuais. Alguns trechos de uma das entrevistas revelaram alguns desconfortos:

G [entrevistador] - Lowen é o grande teórico da Análise Bioenergética. Você é Analista Bioenergética. Você está dizendo que nesse livro *Amor e Orgasmo* é a única literatura onde Lowen vai trabalhar a questão da homossexualidade, do sofrimento e do fechamento e que não trabalha nessa perspectiva. Como é que você, então, enquanto Analista Bioenergética, trabalha a questão da homossexualidade?

C [entrevistada] – Bom, eu trabalho os recursos terapêuticos da Análise Bioenergética... [...] Como a gente vai trabalhar os núcleos de estruturação do sujeito... não impede de você trabalhar o homossexual de uma forma como trabalharia o sujeito heterossexual... O ponto que vai divergir... para mim... é que não olho para esse sujeito como um ser patológico... eu não olho para

esse sujeito como uma patologia... eu olho como uma orientação do sujeito... uma orientação interna... daí a condução do trabalho vai se dar dentro dos sentidos da Análise Bioenergética... com a leitura e a intervenção do sujeito... que é o não sofrimento... do não sofrimento... da não patologia... de uma não angústia para sempre... mas de um lugar que possa ser aliviado no sujeito... eu acredito no alívio da angústia.

[...] O discurso... as intervenções que nós fazemos... é que não vão estar permeando esse discurso da doença... da coisa de você não ter conseguido sair da sua fixação... da coisa da doença... mas de poder trabalhar numa outra direção... no sentido de “ok, então vamos aliviar esse lugar”... trabalhar o alívio desse sofrimento... para que o sujeito possa se ver como um ser em construção... [...] Porque a questão patológica vai trabalhar no viés da doença... focar o processo sempre nesse lugar de descolar da mãe... Isso seria um viés de trabalhar em cima da patologia... o outro é trabalhar o sujeito em relação a isso... não essa visão estanque de que “tá, ele está colado lá na mãe... então vamos trabalhar para ele sair dessa mãe... da oralidade... dessa simbiose”... Não... “vamos trabalhar você em relação a esse lugar que você está dizendo que tem... e como você pode agir” (KNIEST, 2005, p 156-157).

Neste relato, notou-se o difícil caminho teórico-metodológico que a psicóloga entrevistada elaborou para se manter e, ao mesmo tempo, desviar-se de uma concepção psicologizante e patologizante da homossexualidade e, ainda, criar metodologias de intervenção que garantissem que o atendido (homossexual) não fosse tratado no âmbito da doença.

Na pesquisa de Farias (2007), foram entrevistadas/os psicólogas/os que atuavam no sistema judiciário, realizando avaliação psicológica em candidatos/as a adotantes e buscou identificar a posição das/os mesmas/os sobre adoção por homossexuais. Um dos/as profissionais entrevistados/as relatou a seguinte percepção da questão:

Nós psicólogos vamos ter que [...] reescrever a história do desenvolvimento, né, diante de tantos acontecimentos que vêm [...] questionar a própria teoria, né, quer dizer, porque na verdade a teoria tem que tá à serviço da realidade e não o contrário, né, pôr a realidade a serviço da teoria? Então, novas teorias, eu acho... né... pra explicar esses fenômenos. [...] os papéis mudaram, as funções mudaram, os lugares, né... mudaram, as pessoas tão fazendo aí experiências. [...] você precisa juntar muitos casos atuais de homossexuais pra ver se eles se encaixam numa teoria anterior ou fazer uma nova teoria. Né. Quer dizer, não é a pessoa que tem que caber na teoria, é a teoria que tem que dar conta...da-da realidade. vamos dizer assim, a-a ciência, ela tá sempre em atraso. Os fenômenos são muito rápidos... e ela tá sempre tentando mais, né?! Precisa de um monte de, de... vamos dizer, de vários dados, casos e

situações pra que ela sistematize uma teoria, né?! Né?! Eu acho assim que, que.. a ciência tá atrasada em relação aos fenômenos...Os fenômenos estão ocorrendo muito rapidamente, né, e... muitas mudanças sociais. A gente fica, vamos dizer, às vezes realmente [...] cê não tem critério pra dizer 'não' mas cê também não tem critério pra dizer... pra defender, né, uma situação, né?! (PJ9) (FARIAS, 2007, p. 134).

O discurso deste/a psicólogo/a indicou outro desencontro: da prática profissional com os referenciais teóricos-metodológicos, sugerindo que os aportes tradicionais da ciência psicológica não estariam dando conta de abarcar as questões trazidas pelas demandas decorrentes da homossexualidade e que, talvez, novos entendimentos sobre o tema deveriam ser formulados. Ainda que existam outras linhas teóricas promotoras de definições mais atuais, completas e complexas acerca da sexualidade/homossexualidade, esse conhecimento parece não se vincular à prática desse/a profissional entrevistado/a.

Na dissertação de Marques (2010), foram entrevistadas pessoas homossexuais que realizaram psicoterapia para lidar/tratar das questões relativas à vivência da homossexualidade. Dentre as narrativas encontradas na pesquisa, uma delas ficou em destaque pela lógica explicitamente patologizante que demonstrou:

Eu fui na terapia e já na primeira sessão ela queria me mudar. Daí ela falou que foi por causa do abuso, aí quando o abuso não teve mais jeito ela disse que era a falta da figura materna. Falta da mãe, falta de carinho da mãe, ausência da mãe. Isso a psicóloga me falou, tipo tu não tá trocando um pouco a figura materna da tua mãe e materializando ela em outra pessoa, e que essa pessoa seja uma menina, né [...] Mas o foco era minha homossexualidade. Só da minha homossexualidade que ela queria falar. [...] Ela ia vencer no tratamento se eu chegasse e dissesse pra ela arrumei um namorado, virei hetero (MARQUES, 2010, p. 47).

Esse breve relato mostrou, do ponto de vista de uma usuária dos serviços de Psicologia que é homossexual, as expressões das intervenções patologizantes que ainda são possíveis de ser encontradas na atuação de profissionais, alicerçadas por concepções teóricas oriundas de formas de entendimento psicologizantes (relação com a mãe, traumas como o abuso).

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados e analisados nesta pesquisa são extensos e possibilitaram a abertura de novas frentes de problematização sobre as homossexualidades na Psicologia. Ao final deste percurso, foi possível sistematizar algumas diretrizes que apontam para uma visão conjuntural composta por elementos inéditos e entrelaçamentos ou composições diferenciadas.

No que tange às concepções que vigoram sobre as homossexualidades na Psicologia, essa pesquisa parece demonstrar que há um abandono das concepções essencialistas, bem como da busca das causas ou modelos explicativos do comportamento homossexual. A dicotomia apontada por Castañeda (2002), entre concepções essencialistas e a abordagem social, parece retroceder, perdendo espaço nas discussões acadêmicas, juntamente com a investigação sobre as causas das homossexualidades (SOUSA FILHO, 2009). Com o enfraquecimento das ideias essencialistas e/ou biologizantes, o paradigma da abordagem social tornou-se predominante, respaldada pelas perspectivas socioconstrutivistas, construcionistas, sócio-históricas. E, juntamente com as contribuições de Foucault, parecem compor o quadro teórico e epistemológico majoritário dos estudos das homossexualidades na Psicologia.

Essa confluência das contribuições foucaultianas com as abordagens sociais ou socioconstrutivistas favoreceu a emergência de novas perspectivas para a pesquisa das homossexualidades na Psicologia e fez que categorias como identidade e preconceito destacassem-se como eixos de estudo e de preocupações acadêmicas.

A identidade (homossexual) é um conceito cujo uso se ramificou em duas arenas distintas, mas entrelaçadas: no âmbito acadêmico e no movimento social LGBT.

No campo do movimento LGBT, foi um dos elementos-chave, que possibilitou a visibilidade da desigualdade, do desnível no acesso aos direitos, da vulnerabilidade ao preconceito e à violência, facilitando o planejamento e a

implantação de políticas públicas e acesso aos direitos, respaldados pela lógica identitária para se efetivar.

No âmbito acadêmico da Psicologia a categoria identidade enquanto representação de uma forma de subjetividade fixa tem sido perpassada pelas críticas oriundas da teoria *queer*, esvaindo-se paulatinamente a partir da hegemonia das concepções respaldadas pelo campo construtivista/construcionista ou sócio-histórico. Emergiram as concepções que configuram uma subjetividade constituída em conjunção com o tempo histórico, social, cultural, econômico e político, denunciando a ausência de perenidade dos modelos teóricos tradicionais na Psicologia e lançando os paradigmas das concepções de identidades transitórias e fluidas.

Contudo, mesmo que haja uma leitura crítica acerca das homossexualidades e da categoria identidade, desnaturalizando-as a partir das contribuições de Foucault e teóricos *queer*, a Psicologia ainda participa de uma construção discursiva que posiciona as homossexualidades em um lugar de destaque, de objeto de estudo identitário, marcado por um tipo de diferença, mesmo que tal diferenciação seja agora reconhecidamente definida por mecanismos oriundos do dispositivo da sexualidade e tenha um papel de manutenção da ordem capitalista. Inclusive, mesmo que essa diferença seja o estigma, o preconceito e a discriminação que engendra processos de subjetivação particulares nas pessoas que vivenciam as homossexualidades. A chancela da homossexualidade permaneceu, talvez menos esquadrihante e aprisionante nas suas configurações teóricas e conceituais, possibilitando a abertura para abrigo das diversas homossexualidades, carregando ainda, no entanto, uma especificidade, uma marca, enfim, uma identidade.

A identidade homossexual discutida nos trabalhos analisados também não foi associada a outros marcadores sociais identitários como raça/etnia, classe social e idade. Essa forma de constituir a análise das pessoas homossexuais sem agregar outras condições e características importantes nos processos de subjetivação pode ocasionar reducionismos na análise das experiências das homossexualidades. As dimensões subjetivas de enfrentamento de preconceitos de uma pessoa homossexual branca são qualitativamente diferentes de uma pessoa negra, na medida em que nesta última o preconceito racial soma-se a homofobia. Também se acentuam outros estigmas relacionados à pobreza caso a pessoa homossexual pertença a uma classe social de baixa renda. Enfim, os estudos sobre a identidade

homossexual, bem como sobre o preconceito (homofobia) que não contemplam esses marcadores sociais na sua análise podem padecer de generalizações equivocadas na busca de uma uniformidade a partir de uma única linha de investigação que é a orientação sexual (no caso, homossexual).

A forte presença de temas relacionados ao escopo familiar-conjugal nas pesquisas que envolvem as homossexualidades indicam que, neste momento histórico-político, ocorrem fortes debates também no âmbito acadêmico, no sentido de construir referenciais promotores do entendimento dessas formas de enlace (famílias e relacionamentos) sob uma perspectiva não patologizante. Tais assuntos estão presentes nos discursos religiosos e conservadores em decorrência da homossexualidade, pois as composições familiares com pessoas do mesmo sexo são consideradas também antinaturais, “geradoras” de filhos/as com problemas emocionais, psicológicos e sexuais. Em última instância, tais arranjos familiares, que não reproduzem a ordem heterossexual, contribuíram para a ruína da sociedade atual.

Dessa forma, a construção do conhecimento, novamente, abre interlocução com as demandas oriundas das lutas por direitos e diminuição das discriminações e desigualdades no campo das sexualidades.

Talvez estejamos, nesta pesquisa, acompanhando o movimento da produção científica em Psicologia que vem aos poucos saindo de uma posição alicerçada na Biologia e na Medicina, aproximando-se mais das ciências humanas e abrindo canais de diálogo com demandas oriundas do momento histórico atual (articulação como os movimentos sociais LGBT e feministas). O que nos suscitou identificar se, entre os/as pesquisadores/as e seus/suas respectivos/as orientadores/as, há a presença de pessoas que atuam ou atuaram nos espaços de luta dos movimentos sociais ou que também vivenciam a homossexualidade e trouxeram para o mundo acadêmico da Psicologia brasileira essas experiências, construindo pesquisas também militantes e posicionadas politicamente, em interlocução com as demandas de enfrentamento do preconceito e da patologização.

Neste caminho, encontramos várias pessoas que se manifestaram abertamente em alinhamento com o movimento social nos seus trabalhos de pesquisa, pessoas que se assumem homossexuais direta ou indiretamente (nos agradecimentos do trabalho acadêmico, por exemplo) no decorrer do texto produzido e outras pessoas com reconhecida atuação no contexto da militância

LGBT, as quais, publicamente, já manifestaram sua homossexualidade e a intencionalidade de produzir conhecimento aliado às demandas dos movimentos sociais. Pode-se dizer que, em parte, são pesquisas que saíram do armário, junto com seus/suas autores/as e orientadores/as, que não escondem sua parcialidade situada.

Consideramos também que a tomada de posicionamento político-militante na seara acadêmica e na produção de pesquisas em sexualidade/homossexualidade, situada no lócus da *scientia sexualis*, permite a possibilidade de agir sobre as formações discursivas ou criar outras ações e discursos que (re)definam ou (re)configurem conceitos e modos de legitimidade antes tratados como verdade, agora entendidos como multiplicidades, diversidades que acolhem saberes-poderes localizados. Enfim, implica sugerir que as homossexualidades na Psicologia acadêmica brasileira, estão, em parte, sendo desenhadas pelas pessoas homossexuais que passaram a ocupar esses espaços de saber-poder-prazer e podem, então, construir outros conhecimentos situados, tomando para si também a incumbência de “re-inventar” a homossexualidade ou até, quem sabe, “des-inventá-la”.

A hegemonia foucaultiana nos estudos analisados indica que a compreensão do dispositivo da sexualidade e seus desdobramentos (patologização, docilização, controle) não estão mais invisíveis aos produtores do saber-poder, ou seja, não há neutralidade, nem isenção de intencionalidade na construção do conhecimento. Esse desnudamento da produção do conhecimento científico e da prática do/a cientista/pesquisador(a) impõem a necessidade de refletir sobre: a serviço de quem ou de que esse conhecimento poderá ser utilizado? Não cabe mais ingenuidades acerca das ciências (da saúde, inclusive), que alegam produzir um suposto bem-estar nas pessoas e coletividades: Foucault mostrou-nos que, pelo contrário, os homossexuais, os anormais, os loucos, só padeceram diante do discurso e prática da ciência.

Foucault foi um crítico das epistemologias das ciências humanas de sua época, sua posição de enfrentamento o fez permanecer à margem dos paradigmas predominantes, o conhecimento que produziu era pouco tolerante ao sistema capitalista, assentado nos alicerces das ciências positivistas e (supostamente) neutras. Hoje, reconhecer que as contribuições foucaultianas saíram da posição de marginalidade e assumiram um lugar de protagonismo em uma área de estudo faz-

nos indagar o que essa inversão de papel pode representar. Afinal, o que pensaria Foucault ao saber que representa o pensamento hegemônico em uma área de conhecimento?

Nesta conjuntura, também encontramos um descompasso relacionado à Psicologia: se vimos uma posição crítica e de enfrentamento aos preconceitos no âmbito acadêmico, também observamos que tal modo de entendimento não se reflete nas práticas profissionais, no que se refere às homossexualidades. Há intervenções aprisionadas nos modelos psicologizantes e que carregam traços da patologia.

E, no contexto mais amplo da sociedade brasileira, encontramos os atravessamentos conservadores/religiosos que invadem o campo da Psicologia, buscando aliar o conhecimento científico (ainda que ultrapassado) com suas necessidades de manutenção da lógica heteronormativa e machista. Entidades como o CPPC representam parte desse descompasso.

A convivência com os paradigmas que marcaram historicamente a Psicologia e a incluíram no rol de disciplinas normatizadoras que compuseram o dispositivo da sexualidade ainda se faz presente no cotidiano de atuação dos profissionais, revelando-se nessas dicotomias e entraves teórico-práticos (que confirmam a patologia) e ético-políticos (que desconstroem a patologia). É nesse entremeio que talvez encontremos ainda algumas práticas e dilemas do/a psicólogo/a.

No momento em que encerro formalmente essa tese (junho de 2015), as disputas no campo das sexualidades são intensas no cenário político brasileiro, além das iniciativas de promoção da cura das homossexualidades continuarem persistindo; somaram-se os enfrentamentos no campo familiar-conjugal e das identidades trans.

Os mesmos grupos religiosos/conservadores avançaram na proposição de um conceito de família heteronormativo, que exclua a composições familiares homossexuais, tentando impedir, no âmbito do Congresso Nacional, a aprovação de leis e políticas públicas inclusivas para as famílias compostas por pessoas do mesmo sexo.

Há também uma campanha contra as ações de enfrentamento do preconceito contra as pessoas trans nas escolas, no sentido de proibir a discussão de temas como identidade de gênero e orientação sexual, bem como o uso do nome social no âmbito escolar. Os Planos Municipais de Educação são alvo de intervenções de

políticos/religiosos que buscam retirar de seus conteúdos qualquer referência à educação sexual, bem como a homofobia e transfobia.

Enfim, o desassossego nos acompanhou nessa trajetória de pesquisa que se pretendeu militante na medida em que se propôs a observar o conhecimento produzido na temática da homossexualidade e construir referências que possam afastá-lo definitivamente de uma posição patologizante, naturalizante e psicologizante.

Para a Psicologia no Brasil, entendo que o desconforto permanece, os desafios frente as (homo)sexualidades se atualizam e se reinventam num constante jogo de forças de múltiplos campos (acadêmico, profissional, formativo, político e religioso). Nosso posicionamento nesta arena é de impedir o retorno dos velhos paradigmas que nortearam a Psicologia em consonância com o dispositivo da sexualidade; é também marcar uma posição epistemológica e ético-política de enfrentamento das apropriações religiosas e moralmente conservadoras que se faz da prática profissional, atrelando-a a intervenções adaptativas ao *status quo*, que enquadram as pessoas em padrões de normalidades cientificamente falsos e que impedem subjetividades dissidentes de se expressar e ocupar um lugar no campo social.

Os conhecimentos que produzimos ou sistematizamos no decorrer desta pesquisa, ainda que parciais e de pequena envergadura, pretendem contribuir para o avanço de uma forma de fazer Psicologia atrelada a uma proposta de organização social que combata os preconceitos e discriminações e reconheça aspectos da vulnerabilidade social e da violência que as pessoas dissidentes da heterossexualidade vivenciam, contribuindo para a superação dessas condições de inferiorização, subalternidade e menos valia nas quais estão submetidas.

9 - REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Cristina. **Territórios de vulnerabilidade ao HIV: homossexualidades masculinas em São Paulo**. 2005. 168 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BORGES, Lenise Santana. **Repertórios sobre lesbianidade na novela “Senhora do Destino”**: possibilidades de legitimação e de transgressão. 2008. 182 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC/SP, São Paulo, 2008.

_____. (Homo)sexualidades e formação profissional: desafios para a Psicologia. **Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <www.crp09.org.br/NetManager/documentos/v1n1a9.pdf>. Acesso em: 20 maio 2014.

BORGES, Roberta da Costa. **Pais e mães heterossexuais**: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas. 2009. 253 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Relatório da Comissão de Seguridade Social e Família sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 234/11**. 2012.

_____. Congresso. Câmara dos Deputados. **Relatório da Comissão de Direitos Humanos e minorias sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 234/11**. 2013.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CANCISSU, Cynthia Regina Pemberton. **Lésbicas, família origem e família escolhida**: um estudo de caso. 2007. 90 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARDOSO, Fernando Luiz. O Conceito de Orientação Sexual na Encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Revista Interamericana de Psicologia**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 69-79, 2008.

CARVALHO SOUZA, Fabiane Marques de Carvalho. **Da arqueologia à genealogia: a questão do sujeito no percurso filosófico de Michel Foucault**. 2008. 168 f. Tese de (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CASTAÑEDA, Marina. **A Experiência Homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. São Paulo: Girafa Editora, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. CFP: Brasília, 2011.

_____. **Resolução CFP 001/99**. Disponível em <http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao1999_1.pdf. 1999>. Acesso em: 03 fev. 2011.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Manual de Orientações: Legislação e Recomendações para o exercício profissional do psicólogo**. São Paulo: CRP SP, 2008.

CORDOBA, David; SAEZ, Javier; VIDARTE, Paco. **Teoría queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas**. Barcelona: Editorial Egales, 2005.

CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. **“Amor Sem Vergonha”**: Trajetórias pessoais e vida conjugal de gays e lésbicas na comunidade do ratones – Ilha de Santa Catarina. 2000. 216f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

CORPO DE PSICÓLOGOS E PSIQUIATRAS CRISTÃOS. **Revista Psicoteologia: Edição Especial, Ano XX, n. 42, 1º Semestre, 2008**.

DEFENDI, Edson Luiz. **Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso**. 2010. 141f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense: São Paulo, 1988.

_____. **Conversações**. Editora 34: Rio de Janeiro, 1992.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2. ed. Forense: Rio de Janeiro,

2010.

FALCÃO, Luciene Campos. **Adoção de crianças por homossexuais:** crenças e formas de preconceito. 2004. 152f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

FARIA, Margareth R. G. V. de. **Crença no Mundo Justo, AIDS e Câncer de Pulmão:** Orientação sexual e responsabilização individual. 2007. 71 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.

FARIAS, Mariana de Oliveira. **Adoção por Homossexuais:** concepções de psicólogos judiciários. 2007. 212f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, Bauru, 2007.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As Pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Revista Psicologia & Sociedade**, Campinas, v. 1, n. 79, p. 257-272, 2002.

FLEURY, Alessandra Ramos Demito. **Homossexualidade e Preconceito:** o que pensam os profissionais de Recursos Humanos. 2006. 152f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Graal: Rio de Janeiro, 1979.

_____. **A Ordem do Discurso.** Loyola: São Paulo, 2009.

_____. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. 10. ed. Graal: Rio de Janeiro, 1988.

_____. **História da Sexualidade 2:** o uso dos prazeres. Ed. Graal: Rio de Janeiro, 1984.

_____. **História da Sexualidade 3:** o cuidado de si. Ed. Graal: Rio de Janeiro, 1985.

_____. **Ética, sexualidade, política.** (Coleção Ditos e escritos V). 2 ed. Forense :Universitária: Rio de Janeiro, 2006

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria *queer* e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K. et al. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa:** teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 345-362.

GODOY, Rosane Maria de. **Encontros Prazerosos – Modos e Estilos de Vida de mulheres lésbicas em Florianópolis**. 2001. 148f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

GONSALVES TOLEDO, Livia. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**. 2008. 234 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

GRANATO, Alice. A Guerra ao Preconceito [Entrevista com Ana Bock]. **Revista Veja**, n. 1646. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/260400/entrevista.html>. 26 de abril. 2000.> Acesso em: 01 dez. 2011.

GUARESCHI, Neuza M.F.; HUNING, Simone Maria (Orgs.). **Foucault e a Psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

GUTMAN, Guilherme. Criminologia, Antropologia e Medicina Legal – Um personagem central: Leonídio Ribeiro. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 482-497, set. 2010.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

_____. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, p. 201-241, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina (Orgs.). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 136-145

KNIEST, Gustavo Rihl. **A relação terapêutica frente à homossexualidade**. 2005. 229f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2005.

LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leoncio. Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 1, n. 15, p. 165-178, 2002

LEITE, Evandro Gonçalves; LEITE, Francisco Edson Gonçalves, PEREIRA, Regina Celi Mendes. A Infraestrutura textual de resumos acadêmicos (abstracts) publicados em periódicos de literatura. **Revista Veredas On-line Atemática**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 252-265, 2013.

LIMA, Marli Machado. **Entre elas:** cartografias dos devires. 2009. 182f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2009.

LOMANDO, Eduardo. **Conjugalidade Gay e Lésbica e Rede de Apoio Social.** 2008. 89f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LOPES, Christina; VITAL, Paulo Victor Leite. **Religião e Política:** uma análise da atuação dos parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e LGBTs no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2012.

MARQUES, Daiane Maus. **A(s) Clínica(s) Psicológica(s) e a Diversidade Sexual:** percorrendo trajetórias de vida. 2010. 94f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MAYA, Acyr Corrêa Leite. **Homossexualidade:** Saber e Homofobia. 2008. 168f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MENEZES, Aline Beckman. **Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano.** 2005. 339f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MONTEIRO, Luciana Fogaça. **Rompendo o Silêncio:** homofobia e heterossexismo nas trajetórias de vida de mulheres. 2009. 122f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MORIS, Vera Lucia. **Preciso te contar?** Paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos. 2008. 222f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOSCHETA, Murilo dos Santos. **Construindo a diferença:** a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais. 2004. 145f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

NARVAZ, Martha Giudice. **A (In)visibilidade do gênero na Psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política**. 2009. 305f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. **Homossexualidades e homossociabilidades**: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT. 2007. 216f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2007.

NATIVIDADE, Marcelo. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad** – Revista Latinoamericana, n. 2, p. 121-161, 2009.

NODA, Fabiana Schiavi. **Famílias de mães homossexuais**: relatos das mães. 2005. 189f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

NOGUEIRA SANTOS, Elcio. **“Conto ou não conto?”** Os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para adolescentes masculinos da cidade de São Paulo. 2004. 149f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

NUNAN, Adriana. **A questão da identidade homossexual e sua influência nos padrões de consumo**. 2001. 245f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

OLIVEIRA, Anderson Scardua. **Representações sociais da homossexualidade entre estudantes universitários**: perspectivas homossexuais e heterossexuais. 2003. 96f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

PAOLIELLO, Gilda. A despatologização da homossexualidade. In: QUINET, Antônio; JORGE, Marco Antônio Coutinho (Orgs.). **As homossexualidades na Psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

PENEDO, Susana Lopes. **El laberinto queer**: la identidad en tiempos de neo-liberalismo. Barcelona: Editorial Egales, 2008.

PEREIRA, Annelyse dos Santos Lira Soares. **Representações Sociais do Homossexualismo e Preconceito contra Homossexuais**. 2004. 140f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

PERES, William Siqueira O mal estar das sexualidades e dos gêneros contemporâneos e a emergência de uma psicologia *queer*. In: Souza, L.L.; GALINDO D.; BERTOLINE, V. (Orgs). **Gênero, corpo e ativismo**. Cuiabá: UFMT, 2012.

_____. Psicologia e Políticas *Queer*. In: TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva et al. (Org.). **Queering**: problematizações e insurgências na Psicologia contemporânea. Cuiabá: UFMT, 2013.

PIASON, Aline da Silva. **Mulheres que amam mulheres**: trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas. 2008. 86f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PRADO, Marcos Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceitos contra Homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Barcelona: Espasa, 2008.

RABELO, Aline Aparecida. **Sendo o que se pode ser**: Vivência do preconceito, ocultamento e construção da identidade para homens homoafetivos. 2009. 145f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

RODRIGUES SILVA, Fernando. **Trabalho e Sexualidade**: Dispositivos em ação nos casos de discriminação por orientação sexual. 2008. 92f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, PUC-PR, 2006.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Tradução em português de circulação restrita. In: ABELOVE, Henry et al. (Org.). **The Lesbian and Gay Studies Reader**. Londres: Routledge, 1993.

RUSSO, Jane. O campo da sexologia e seus efeitos sobre a política sexual. In: CÔRREA, Sonia e PARKER, Richard (Org.). **Sexualidade e política na América Latina: histórias, intersecções e paradoxos**. Rio de Janeiro: ABIA, 2011.

_____. A terceira onda sexológica: medicina sexual e farmacologização da sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad** – Revista Latinoamericana, n.14, p.172-194, ago. 2013.

SANTOS, Claudine Nogueira. **A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas**. 2004. 445f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 16, p. 5-22, 1990.

SENA, Tito. **Sexualidades, Estatísticas e Normalidades: a persona numerabilis nos relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

SILVA, Alessandro Soares da. **Marchando pelo Arco-Íris da Política: A Parada do Orgulho LGBT na Construção da Consciência Coletiva dos Movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal**. 2006. 636f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, Adriana Nunan do Nascimento. **Homossexualidade e Discriminação: o Preconceito Sexual Internalizado**. 2007. 390f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, João Ricard Pereira da. **Parentalidades e Conjugalidades em uniões homoafetivas femininas**. 2008. 177f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2008.

SOUSA FILHO, Alípio de. Teorias sobre a Gênese da Homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009. p. 95-123.

SOUZA, Alberto Carneiro Barbosa de. **“Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco”**: um estudo sobre a co-parentalidade homossexual. 2008. 71f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. Homofobia e sua relação com as práticas “psi”. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (Org.) **Psicologia e Diversidade Sexual** (Caderno Temático 11), São Paulo, CRP/SP, p. 41-57, 2011.

_____. A construção social das diferenças nas (homos)sexualidades e suas relações com a homofobia. In: SOUZA, Leonardo Lemos; GALINDO, Dolores; BERTOLINE, Vera (Orgs.). **Gênero, Corpo e @tivismos**. Cuiabá: UFMT, 2012. p. 83-110

_____. **Psicologia e Teoria Queer**. das identidades aos devires. 2013. 204 f. Tese (Livre Docência em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

TOLEDO, Luiz Celso Castro de. **A Família no discurso dos membros de famílias homoparentais**. 2008. 241f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

XAVIER, Sílvia Lair Vieira. **Identidade (homos)sexual**: uma abordagem crítica. 2003. 195f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

YAMAMOTO, Oswaldo H. e cols. Lacunas, Metas e Condições para a expansão da pós-graduação em psicologia no país. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, suplemento I, p. 11-24, 2010.

10 - Anexos

Anexo A – Resumos das Teses e Dissertações com o Tema Homossexualidade

Título: **A(s) clínica(s) psicológica(s) e a diversidade sexual: percorrendo trajetórias de vida**

Tipo: Dissertação

Autor: Daiane Maus Marques

Orientador: Henrique Caetano Nardi

Local: UFRGS

Ano: 2010

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo central compreender como sujeitos que se autodefinem como homossexuais descrevem a prática psicológica de seus/suas terapeutas no que tange à forma como estes/estas abordaram na terapia a questão da sexualidade de forma ampla e da orientação sexual em particular. Nesta direção buscou-se pensar a forma como a clínica psicológica se associa ao dispositivo da sexualidade na contemporaneidade. A partir dos conceitos foucaultianos de enunciado e formação discursiva e apoiando-se em Judith Butler e Michel Foucault, foram analisados os relatos das trajetórias de vida de sujeitos homossexuais que já passaram por atendimento psicológico. A partir do estudo fica evidente o quanto uma lógica identitária de caráter essencialista se faz presente na constituição do/da terapeuta e daqueles/daquelas que os/as procuram. Esta forma de conceber a subjetividade está presente na construção e manutenção de diversas clínicas psicológicas e no caráter heteronormativo que elas sustentam. Além disso, a clínica psicológica apresenta-se fortemente associada a um saber disciplinar que tem por competência o estudo do desenvolvimento “normal” da sexualidade. Essa apresentação da clínica impregna fortemente o senso comum. Somos subjetivados por um saber que fala da figura materna, paterna, das fases sexuais e que estabelece um padrão de desenvolvimento, classificando como anormal aqueles/aquelas que não respondem às características padronizadas. Por fim, a pesquisa aponta para as questões que cercam a(s) clínica(s) psicológica(s) nesse momento - com ênfase àquela(s) que faz(em) uso da psicanálise – ou seja, quais as possibilidades de deslocá-la(s) desse lugar marcado pela lógica originada na técnica cristã da confissão e baseada em pressupostos heteronormativos.

Palavras Chaves: Atitudes do psicoterapeuta, Homossexualidade, Orientação sexual

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Psicoterapia	
Referencial Teórico: Foucault	Butler
Metodologia: Relatos de Trajetória de Vida	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas

Tipo: Dissertação

Autor: Roberta da Costa Borges

Orientador: Maria Alves de Toledo Bruns

Local: USP/RP

Ano: 2009

Resumo: Focamos nossa atenção no fenômeno da paternidade e maternidade de filhos(as) homossexuais por pais e mães heterossexuais, pois diante da realidade pós-moderna, a tradicional família nuclear modificou-se e hoje nos deparamos com vários arranjos familiares. Nosso objetivo foi desvelar os significados atribuídos por pais e mães heterossexuais à homossexualidade de filhos(as), para construirmos sentidos e abrangê-los à comunidade em geral, aos demais pais e mães de homossexuais e aos profissionais de saúde e educação. Realizamos uma pesquisa qualitativa fenomenológica através da entrevista fenomenológica compreensiva com uma questão norteadora. Participaram pais e mães com idade variando entre 47 e 60 anos, com filhos na adolescência ou a partir dessa fase, pertencentes tanto à classe social A, quanto à B e à C; provindos dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás. Os relatos foram gravados. Em seguida, os submetemos aos seguintes momentos de análise: 1. Transcrições dos relatos dos colaboradores e a leitura geral dos relatos; 2. Elaboração e discriminação das unidades de significado; 3. Compilação ou síntese das unidades de significado e 4. Declaração consistente com relação à experiência do sujeito a partir dos insights do pesquisador. Ao final, a análise individual dos relatos foi feita à luz da fenomenologia ontológico-hermenêutica de Martin Heidegger e dos eixos que alicerçaram a pesquisa. A compreensão dos relatos apresentados por pais e mães heterossexuais permitiu construir as seguintes categorias: (1) Vivência anterior à revelação da homossexualidade do(a) filho(a); (2) Revelação à família e convivência com a homossexualidade do(a) filho(a); (3) Relacionamentos familiares; (4) Horizonte de silêncio; (5) Expectativas maternas(paternas) em relação ao projeto de vida do(a) filho(a). Os desvelamentos realizados pela análise hermenêutica dos relatos de pais e mães heterossexuais convergem, primordialmente, para o sentido da dificuldade em lidar com a revelação da homossexualidade do(a) filho(a). O que diferencia os significados que desvelam essa dor é o modo como pais e mães conseguem assimilar a vivência da homossexualidade dos filhos em sua temporalidade e conviver com ela. Tentaram acolher o(a) filho(a) mesmo sem compreender; demonstraram grande preocupação com violência e preconceito; sentiram a vivência como um choque, com culpa, angústia, revolta, dificuldade, desentendimento, muitas vezes não aceitando, muitas vezes lutando para compreender o(a) filho(a) independentemente de sua sexualidade; convivendo bem com a homossexualidade, ainda que através do velamento, das dúvidas, da curiosidade e, por isso, a dificuldade em assimilar a vivência. A pesquisa nos permitiu concluir que o fenômeno estudado envolve uma multiplicidade de fatores e o contato com pais e mães heterossexuais de filhos homossexuais abriu novas perspectivas de compreensão e ressignificação da vivência, ao revelar o que os mesmos atribuíram à paternidade e à maternidade, permitindo desconstruir tabus, mitos, preconceitos e estigmas.

Palavras Chaves: Família, Homossexualidade, Perspectiva Heideggeria, Pós-Modernidade, Relações de gênero

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Família	
Referencial Teórico: Fenomenologia	
Metodologia: Fenomenológico	Entrevista
Trabalho Completo: Sim	

Título: Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo nas trajetórias de vida de mulheres

Tipo: Dissertação

Autor: Luciana Fogaça Monteiro

Orientador: Henrique Caetano Nardi

Local: UFRGS

Ano: 2009

Resumo: Esta pesquisa busca compreender os modos de subjetivação de mulheres com práticas homoeróticas que apresentaram denúncias relacionadas à homofobia. Ela parte de uma intervenção realizada pela ONG Nuances - grupo pela livre expressão sexual conveniada ao Programa Brasil Sem Homofobia. Através de entrevistas baseadas na abordagem biográfica, busquei verificar a forma como elas constroem uma experiência de si, no cruzamento entre a sustentação da matriz heterossexista e a emergência de políticas governamentais de combate a discriminação. O material permitiu compreender que elas percebem a discriminação e o preconceito como resultado de uma extrapolação dos limites das convenções de gênero. Desta forma, elas acreditam que a homossexualidade masculina e mulheres que possuem estilos "mais masculinos" estão mais propensos/as a sofrer discriminações, por acreditarem que são mais visíveis. Assim, a perspectiva de uma maior "aceitação" das relações homoeróticas entre mulheres é percebida na articulação entre estilos mais próximos dos padrões de femininos, bem como por uma apropriação do homoerotismo feminino por parte do fetiche masculino. Outro achado foi à evocação de saberes psi nos conflitos familiares. Quanto às estratégias de enfrentamento, foram encontradas tanto formas de manter identidades discretas quanto modos mais combativos, baseados no que chamo de subjetivação militante. De modo geral, estas mulheres consideram os tempos atuais melhores, relacionando-os mais a atuação do movimento social do que aos aparelhos de proteção e políticas públicas estatais. Este fato pode ter algumas razões: a própria estratégia de enfrentamento formulada pelo Brasil Sem Homofobia (fomento a atores do movimento) e a timidez governamental em adotar estratégias de visibilidade de massa, provavelmente provocada pela oposição que o tema da diversidade sexual enfrenta frente a bancadas religiosas.

Palavras Chaves: Discriminação, Diversidade sexual, Homossexualidade feminina, Mulher: Psicologia, Subjetividade, Violência.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Preconceito	
Referencial Teórico: Foucault	Butler
Metodologia: Entrevista de Trajetória de Vida	Abordagem Biográfica
Trabalho Completo: Sim	

Título: Sendo o que se pode ser: vivência do preconceito, ocultamento e construção da identidade para homens homoafetivos.

Tipo: Tese

Autor: Aline Aparecida Rabelo

Orientador: Adriano Roberto Afonso do Nascimento

Local: UFMG

Ano: 2009

Resumo: Apesar dos avanços tecnológicos e sociais observados na sociedade atual, denominada por alguns de sociedade pós-moderna, nota-se que atitudes preconceituosas ainda são freqüentes e toleradas, em especial quando se trata do preconceito contra pessoas que se relacionam afetiva-sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Utilizando-se da Teoria da Identidade Social pretendeu-se compreender um pouco a vivência de homens homoafetivos com relação a um cotidiano marcado pelo preconceito e pela discriminação. Utilizou-se de entrevistas individuais semi-estruturadas com sete homens que se declararam homoafetivos. Os dados foram organizados na perspectiva fenomenológica que resultou em textos narrativos relatando as vivências trazidas pelos entrevistados. Todos os entrevistados assumem no dia a dia uma postura de discrição, colocando o ocultamento da orientação sexual como estratégia de convivência social junto aos grupos de heterossexuais. Condenam os comportamentos afeminados e o estilo de vida promíscuo. Percebe-se alguns conflitos decorrentes deste ocultamento e do receio de serem descobertos, ou seja, eles corroboram com a ideologia heterossexista e hegemônica, mas temem a discriminação. Conclui-se que o grupo entrevistado representa uma parcela de homens homoafetivos que querem ser considerados homens comuns e não categorizados em função de sua orientação sexual. No entanto, para alcançar esta pretensão eles optaram por ocultar as suas preferências, o que acarreta conflitos emocionais eventuais ou constantes no cotidiano de cada um.

Palavras Chaves: Preconceito; Homoafetivos; Identidade social.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Preconceito	
Referencial Teórico: Teoria da Identidade Social	
Metodologia: Entrevista Semi Estruturada	
Trabalho Completo: Sim	

Título: A família no discurso dos membros de famílias homoparentais

Tipo: Tese

Autor: Luiz Celso Castro de Toledo

Orientador: Vera Silvia Facciolla Paiva

Local: USP/SP

Ano: 2008

Resumo: A união entre pessoas do mesmo sexo, um dos arranjos familiares característicos de nosso tempo, segue gerando controvérsias em vários países, participando da agenda de movimentos por direitos sexuais, interpelando autoridades religiosas e políticas, membros do judiciário e profissionais da área de saúde. Nesse ínterim, famílias homoparentais se constituem, criam e adotam filhos. A Psicologia e suas ramificações tiveram papéis destacados historicamente na configuração das condições de enunciação a respeito dessa temática. A reflexão crítica sobre a experiência dessas famílias a partir de sua perspectiva, sem reproduzir o discurso normativo, é rara. O objeto deste estudo foi o discurso sobre a família proferido por 10 homens membros de família homoparentais residentes em Ribeirão Preto e arredores, com média de idade de 35 anos. As 10 entrevistas em profundidade foram analisadas a partir do referencial da análise de discurso e da obra de Michel Foucault, discutidas à luz da literatura do campo construcionista que pensa a sexualidade como fenômeno social. Discutiu-se que os entrevistados referem-se de formas distintas às suas famílias de origem e às suas famílias atuais, homoparentais. Às famílias atuais foram associados sentimentos amorosos intensos, o companheirismo e a rapidez na decisão de morar juntos. Os enunciados sobre as famílias de origem foram marcados por menções à rejeição, à violência, à morte, perdas e sofrimento. Vários dos homens entrevistados mostraram-se temerosos ante a possibilidade de serem rejeitados por parentes próximos, colegas de trabalho, membros do judiciário e psicólogos em função de sua orientação sexual ou de seu pertencimento a uma família homoparental. Ao discorrerem sobre essa temática, os entrevistados construíram cenas enunciativas marcadas por uma acentuada assimetria de poderes. Diante da exposição pública de sua orientação sexual e de sua família homoparental, restaria aguardar, pedir ou torcer pelo reconhecimento e pela aceitação social. Defenderam reiteradamente a normalidade de si mesmos, de suas famílias e filhos. Todos externaram o desejo de tornarem-se pais e destacaram os sentimentos amorosos como o critério mais importante para a escolha de uma criança para adoção. Todo discurso é uma produção cujas condições de possibilidade dependem do contexto de sua enunciação. A construção discursiva dos membros dessas famílias acerca do que seria a família homoparental está ocorrendo sob condições desfavoráveis, pois se elas ganharam visibilidade social nos últimos anos, também foram alvo de ataques e tiveram sua legitimidade e cidadania contestadas por instituições centrais para a vida cotidiana, tais como a Igreja, o poder legislativo e judiciário. Devem ser considerados, portanto, os riscos de utilizarmos termos como homoparentalidade ou gay families no âmbito dos estudos e práticas em Psicologia. Psicólogos (dentre outros profissionais de saúde) participaram da construção da imagem do homossexual como uma outra espécie, associada à doença, ao pecado e ao crime e deveriam ter cautela para não defini-las como mais uma espécie deficitária de família.

Palavras Chaves: Análise do discurso, Família, Homossexualidade, Movimento homossexual.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Parentalidade	
Referencial Teórico: Foucault	Construcionista
Metodologia: Análise do Discurso	
Trabalho Completo: Sim	

Título: A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas

Tipo: Tese

Autor: Claudiene Santos

Orientador: Maria Alves de Toledo Bruns

Local: USP/RP

Ano: 2005

Resumo: Atualmente, presenciamos múltiplos tipos de família, como: famílias nucleares, monoparentais, reconstituídas, com filhos biológicos e/ou adotivos, dentre as quais encontramos famílias homossexuais. Há uma escassez de trabalhos sobre essas famílias e percebe-se a forte presença de preconceito e discriminação nos mais diversos segmentos e contextos sociais, em especial, no que diz respeito às questões homossexuais e de gênero e de como isso influenciaria na educação das crianças. Esse estudo visa compreender como homossexuais entre 20 e 55 anos, vivenciam a paternidade, a maternidade e/ou parentalidade e que significados lhe atribuem. A fenomenologia ancorada à filosofia do diálogo de Buber foi o referencial teórico-metodológico adotado nesta pesquisa para alcançarmos o objetivo proposto. Foram entrevistados seis homens e nove mulheres homossexuais com filho(a)s biológicos e/ou adotivos que formaram famílias monoparentais, adotivas, reconstituídas ou nucleares. Os resultados apontam um maior preparo psíquico e socioeconômico para a chegada de uma criança, em especial quando o desejo de ter filhos ocorre após a tomada de consciência da homossexualidade e/ou formação do vínculo conjugal homossexual. As funções parentais são exercidas pelos(a)s colaboradore(a)s os com nuances da relação intersubjetiva EU-TU. Foram relatadas situações de preconceito quanto ao exercício da parentalidade e/ou à expressão da homossexualidade, nas famílias de origem, no trabalho e entre os amigos, os quais puderam ser diminuídos por intermédio da convivência e conhecimento das situações vivenciadas. Alguns do(as)s colabore(a)s deixaram entrever uma homofobia internalizada, principalmente em relação à sua própria homossexualidade, que os aproxima das palavras princípio EU-ISSO. O modelo heterocêntrico de família é recorrente nos discursos assim como a falta de referenciais de famílias homossexuais.

Palavras Chaves: Famílias homossexuais, Fenomenologia, Gays e lésbicas com filhos, Parentalidade Homossexual.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Parentalidade	
Referencial Teórico: Fenomenologia	Filosofia do Diálogo (Buber)
Metodologia: Entrevista	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Territórios de vulnerabilidade ao HIV: homossexualidades masculinas em São Paulo

Tipo: Tese

Autor: Maria Cristina Antunes

Orientador: Vera Silvia Facciolla Paiva

Local: USP/SP

Ano: 2005

Resumo: Estudos têm demonstrado que homens que fazem sexo com homens (HSH) têm estilos de vida diferenciados e ocupam diferentes espaços sociais e culturais. Mapeando as redes sociométricas e as subculturas homoeróticas, é possível entender a disseminação do HIV e os fatores de vulnerabilidade. O objetivo desse trabalho é descrever como subculturas sexuais de homens que fazem sexo com homens que freqüentavam bares e boates em duas regiões de São Paulo ocupavam diferentes territórios, descrever suas subculturas e práticas sexuais. Foi realizado um mapeamento etnográfico em dois bairros de São Paulo, onde se localizam 58 bares e boates gays. Foram aplicados questionários em 500 homens (Centro e Jardins), sobre: dados sócio-demográficos, percepção de risco, práticas sexuais, prevenção de aids e uso de drogas. Durante 12 meses foram realizadas intervenções, com distribuição de preservativos, lubrificantes e folhetos informativos. Durante o mapeamento etnográfico observamos que a região do Centro tem bares mais antigos e tradicionais, com a presença mais explícita de travestis e garotos de programa, com imagens identitárias baseadas na divisão de papéis de gênero. O Jardins tem bares requintados, com a presença mais acentuada de imagens identitárias baseadas na identidade gay. A análise dos questionários mostrou que 52% tiveram prática sexual de risco com parceiros fixos e 42% com parceiros casuais. 71% fizeram o teste HIV, sendo que 5% afirmaram que eram soropositivos. Foram encontradas diferenças significativas nas respostas obtidas nas duas regiões, observando que maior proporção de homens que freqüentavam o Centro: eram pobres, menos escolarizados, negros; tinham uma menor percepção de risco e menos confiança nos métodos preventivos para aids; tinham mais práticas de risco; concordavam que não usavam preservativo porque estavam apaixonados e porque existiam medicamentos para tratar a aids. Observamos que diferentes subculturas sexuais de HSH, redes sociométricas, imagens identitárias e performances de papéis ocupam diferentes espaços na cidade de São Paulo, configurando territórios diferentes de vulnerabilidade ao HIV. O conceito de territórios de vulnerabilidade enfatiza a importância de intervenções para prevenção da aids com foco comunitário, atuando nos componentes individuais, sociais e programáticos. Pensando em termos de desenvolvimento de estratégias de prevenção que têm como horizonte a emancipação psicossocial além do incremento do uso de camisinha, devemos levar em consideração essas redes sociométricas, que ocupam territórios dentro da cidade, criando territórios de atualização/realização de desejos e vulnerabilidade.

Palavras Chaves: comportamento psicosexual, fatores socioculturais, homens, homossexualidade, nível socio-econômico, prevenção da aids, risco.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: HIV/AIDS	
Referencial Teórico: Psicodrama	
Metodologia: Mapeamento Etnográfico	Questionários
Trabalho Completo: Sim	

Título: Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais

Tipo: Mestrado

Autor: Murilo dos Santos Moscheta

Orientador: Manoel Antonio dos Santos

Local: USP/RP

Ano: 2004

Resumo: O emergir deste novo século traz consigo mudanças significativas nas estruturas sociais, políticas e econômicas. Especificamente na esfera social, assistimos a reconfiguração dos modelos familiares, antes presos a estrutura patriarcal e nuclear, e hoje abertos a inúmeras possibilidades, dentre as quais os casais homossexuais. As discussões acerca dessas relações têm ganhado fôlego e visibilidade e seus debates transitam entre o campo político, jurídico, religioso, moral e científico. Observa-se uma relativa tendência dentro da academia e da prática psicológica de buscar uma postura não estigmatizante e preconceituosa. Em contrapartida, a literatura científica que trata do tema é escassa e os estudos nacionais são ainda mais raros. Neste sentido, este estudo qualitativo teve como objetivo conhecer de maneira aprofundada a experiência conjugal de casais homossexuais à luz das transformações da intimidade na contemporaneidade. Acredita-se que tal conhecimento pode oferecer subsídios para o planejamento e execução de intervenções psicológicas que considerem as necessidades e características específicas dessa população. Para isso, foram realizadas entrevistas abertas com seis casais homossexuais masculinos de Ribeirão Preto, constituídos de parceiros adultos com pelo menos três anos de coabitação. As entrevistas foram áudio-gravadas, transcritas na íntegra e submetidas à análise de conteúdo temática. Como complementação, foi mantido um diário de campo para registro de impressões e acontecimentos durante a fase de coleta de dados. A partir da análise do material pôde-se identificar que o processo de construção da relação desses casais é marcado pela busca de modelos de relacionamento em que ora leva a comparação ao modelo heterossexual dominante, ora culmina com o desenvolvimento criativo de um estilo particular de conjugalidade. Os casais relatam esforço de negociação das diferenças que emergem ao longo da história da relação e que demandam mudanças contínuas. Tais mudanças imprimem um caráter transformador à experiência conjugal. Os ritos que os casais desenvolvem atuam como forma de circunscrever os limites da relação, marcar o tempo e as fases compartilhadas e de oferecer segurança na medida em que produzem uma tradição confortante. Além disso, a relação homossexual é produzida em contínuo diálogo com as instâncias sociais que muitas vezes, por preconceito e discriminação, limitam e isolam a experiência conjugal, constituindo uma fonte de angústia. Nesse sentido, a ciência psicológica pode contribuir favorecendo a criação de espaços e contextos dialógicos onde esses casais possam encontrar apoio e auxílio na construção de seus relacionamentos.

Palavras Chaves: conjugalidade, homossexualidade, teoria queer

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Conjugalidade	
Referencial Teórico: Vários	
Metodologia: Análise de Conteúdo	Entrevistas Abertas
Trabalho Completo: Sim	

Título: Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado

Tipo: Tese

Autor: Adriana Nunan do Nascimento Silva

Orientador: Bernardo Jablonski

Local: PUC-Rio

Ano: 2007

Resumo: Apesar de nas últimas duas décadas termos presenciado o surgimento de uma vasta gama de estudos relacionados à homossexualidade, pouco foi produzido sobre o tema do preconceito sexual internalizado e sua relação com a formação da identidade do sujeito. Através de conceitos oriundos da Psicologia Social, esta tese visa proceder a uma investigação exploratória deste tipo específico de preconceito e sua correlação com sintomas clínicos tais como depressão e suicídio, transtornos alimentares, abuso de álcool e drogas, comportamentos sexuais de risco, violência doméstica, e a busca por terapias de conversão da homossexualidade. Com este intuito, realizamos entrevistas em profundidade com homossexuais masculinos de classe média e moradores da cidade do Rio de Janeiro, avaliadas através da metodologia de análise do discurso. Dentre os resultados obtidos citamos as semelhanças encontradas entre os achados citados pelas bibliografias norte-americanas e europeias sobre preconceito sexual internalizado e os dados colhidos entre nossos entrevistados brasileiros, principalmente no que diz respeito a depressão, dificuldades na conjugalidade homossexual (e.g. violência doméstica), experiências com preconceito e discriminação, e obstáculos similares no processo de aquisição de uma identidade gay positiva.

Palavras Chaves:

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Preconceito	
Referencial Teórico: Psicologia Social	
Metodologia: Análise do Discurso	Entrevistas em Profundidade
Trabalho Completo: Sim	

Título: Homoerotismo e psicanálise

Tipo: Dissertação

Autor: Júlio César Cordeiro do Nascimento

Orientador: Manoel Tosta Berlinck

Local: PUC/SP

Ano: 1999

Resumo: Esta pesquisa visa investigar o sentido e a função psíquica da categoria identitária homossexualidade no discurso de pacientes em análise, objetivando a criação de metáforas teóricas-clínicas que auxiliem o psicanalista a desobsturar sua escuta, permitindo a associação livre destes pacientes. Para alcançar este objetivo o autor acredita ser necessário: explicar algumas premissas do discurso imaginário social hegemônico acerca da homossexualidade; fazer leitura crítica dos principais textos freudianos que abordam o tema, na tentativa de compreender o lugar desta categoria na teoria de Freud; analisar o deslocamento que esta categoria sofreu no discurso de alguns pacientes que se auto denominavam homossexuais durante o processo de análise; fazer articulação criativa deste três discursos utilizando outros autores de psicanálise

Palavras Chaves: psicanálise; clínica; homoerotismo.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Psicanálise	
Referencial Teórico: Psicanálise	
Metodologia: Não identificado	
Trabalho Completo:	

Título: Formação de Identidade e a Homossexualidade: Contribuições Para a Construção de Teoria em Psicologia Social.

Tipo: Dissertação

Autor: Lindomar Expedito da Silva

Orientador: Helena Theodoro Lopes

Local: UGF (Universidade Gama Filho)

Ano: 1999

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo investigar o processo de formação de identidade nos homossexuais. Considera-se que as representações sociais negativas interferem de maneira negativa nesse processo. Busca compreender em que nível ocorrem tais interferências, para que, desta maneira, possa haver uma tentativa de previsão e controle sobre o impacto das representações nos indivíduos que estejam inseridos em alguma minoria social-notadamente os homossexuais. Busca-se também explicar as implicações ideológicas presentes tanto na formação das representações sociais, quanto no próprio processo de construção das teorias científicas. Para que, desta maneira, possa haver um maior rigor metodológico e reflexivo sobre o fazer ciência. Fundamenta-se teoricamente a partir da confluência teórica entre a teoria Sócio-Interacionista e a teoria das Representações Sociais, explicando a segunda a partir dos conceitos de filogênese e ontogênese. Concebe-se que o objeto de estudo, por excelência, da Psicologia seja a interseção entre o objeto de estudo da Biologia (organismo biológico individual) e da Sociologia e Antropologia - que têm respectivamente, como objeto de estudo, os papéis sociais e os mitos, forjados pela mente social. Cabe à Psicologia estudar o processo de identificação deste organismo individual que, segundo a teoria Sócio-Interacionista/representações Sociais, ocorre via atividade, consciência e identidade, categorias privilegiadas para a explicação de tal fenômeno. Conclui-se que as representações sociais negativas, realmente interferem de maneira negativa no processo de formação de identidade dos homossexuais. Todavia, considera-se que as representações sociais se transformam via práticas sociais, pois tanto as representações sociais, quanto o comportamento são resultados de sínteses dialéticas das relações dos indivíduos como o meio.

Palavras Chaves: Identidade, Homossexualidade, Representações Sociais.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Identidade	
Referencial Teórico: Representações Sociais	Sócio-Interacionismo
Metodologia: Não identificado	
Trabalho Completo:	

Título: A construção das identidades sexuais não-hegemônicas: gênero, linguagem e constituição da subjetividade

Tipo: Dissertação

Autor: Ana Flávia do Amaral Madureira

Orientador: Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu Branco

Local: UNB

Ano: 2000

Resumo: Com base em uma perspectiva sociocultural construtivista (em sua versão personológica), o presente estudo focalizou a construção das identidades sexuais não-hegemônicas, a partir do questionamento amplo: como os sujeitos concretos dão sentido a suas vivências homoeróticas? De forma específica, foi investigado como homens e mulheres de classe média que apresentam uma orientação homoerótica se posicionam, a partir de suas narrativas, em relação a crenças e valores difundidos socialmente acerca da homossexualidade, ao "universo gay" em Brasília, bem como avaliam suas relações sociais, afetivo-sexuais e consigo mesmos. Buscou-se integrar na análise um olhar atento em relação às questões de gênero e ao papel estruturante da linguagem na construção da consciência sobre si mesmo. Participaram do estudo 6 homens e 4 mulheres de classe média de Brasília que se reconhecem como pessoas que apresentam uma orientação sexual distinta da heterossexualidade. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com cada participante. Após a realização de sumários das 10 entrevistas realizadas, foram selecionadas 6 entrevistas (3 homens e 3 mulheres) para o posterior trabalho interpretativo. O estudo indica a importância de se considerar as estratégias pessoais e coletivas utilizadas no cotidiano para lidar com o preconceito e a discriminação em relação às identidades sexuais que divergem da norma heterossexual. Tais estratégias são constitutivas da forma como os participantes vivenciam as suas experiências homoeróticas, bem como eles se posicionam em suas relações sociais e consigo mesmos. Da mesma forma, os significados culturais associados à masculinidade e à feminilidade também se fazem presentes, de forma implícita, no modo como os participantes percebem e vivenciam suas relações no cotidiano, especialmente nas relações afetivo-sexuais. O foco sobre os processos identitários que vinculam o sujeito singular aos grupos sociais e, de forma mais ampla, aos contextos culturais, mostrou-se de grande relevância no estudo das identidades sexuais não-hegemônicas e da constituição da subjetividade. Tal foco possibilitou a abertura de novas zonas de sentido para a compreensão do fenômeno, as quais são obscurecidas por perspectivas que enfatizam a dimensão intrapsíquica e a busca de causalidades últimas subjacentes ao desenvolvimento das orientações homoeróticas.

Palavras Chaves: homossexualidade, gênero, identidade

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Identidade	
Referencial Teórico: Sócio-Cultural	Construtivista
Metodologia: entrevista semi estruturada	
Trabalho Completo:	

Título: "Amor sem vergonha" - trajetórias pessoais e vida conjugal entre gays e lésbicas na comunidade do ratones - ilha de santa catarina. (um estudo de caso)

Tipo: Dissertação

Autor: Luiz Fernando Neves Cordova

Orientador: Maria Juracy Toneli Siqueira

Local: UFSC

Ano: 2000

Resumo: Este trabalho é uma tentativa de pensar e questionar uma das diversas formas de manifestação da sexualidade humana, a homossexualidade e, em particular, a conjugalidade homossexual. Entendida esta homossexualidade como um processo histórico-sócio-cultural, desejou-se analisar a relação existente entre pares de gays e lésbicas e compreender como estas relações estão acontecendo hoje, na rotina do seu dia-a-dia. Desejou-se questionar também como estes sujeitos estão se resignificando e redefinindo posições quando se observa uma crescente visibilidade da homossexualidade na mídia. O universo desta pesquisa foi o de três casais homossexuais que mantêm um relacionamento por cinco anos ou mais de convivência e que residem em uma antiga freguesia do município de Florianópolis, além de outros dois que, embora não constituam um casal, durante algum tempo mantiveram um caso. Como fruto do presente estudo de caso, realizou-se uma etnografia do lugar, bem como entrevistas em profundidade com os oito sujeitos, com o objetivo de analisar os modos de vida e estratégias de conjugalidade que constituíram para si ao longo de suas trajetórias. Comprovou-se a hipótese que a união entre homossexuais já vem ocorrendo há muito tempo e que esta relação difere muito pouco da conjugalidade heterossexual, reconhecida enquanto direito civil. Trata-se de sujeitos que norteiam suas relações sociais e amorosas a partir de modelos e valores tradicionais, baseados no ideal do amor romântico, apoiado em padrões acentuados de fidelidade, honestidade e lealdade dos parceiros na união conjugal. Os arranjos conjugais dos casais de homossexuais entrevistados como características de um grupo, por si só, é bastante restrito, mas pode demonstrar como na prática se configuram formas de conjugalidade entre 'sujeitos do mesmo sexo'. As relações sociais que estabelecem com os moradores nativos do local onde vivem são pautadas em vínculos de trocas solidárias e discrição quanto à orientação sexual. A preservação da intimidade no limite da moradia e das relações com o grupo de pares mantém estes sujeitos 'protegidos' dos preconceitos que usualmente os atingem quando sua orientação sexual é 'revelada'. O silêncio e a discrição ainda parecem ser normas para a 'boa' convivência social e, talvez, familiar. Estes depoimentos 'confirmam' uma idéia geral de que, para se sentirem aceitos, os homossexuais não podem 'dar bandeira', devem assumir uma postura discreta. A vivência homossexual, assim como as implicações decorrentes do seu reconhecimento social, é apresentada como uma questão de conquista e ampliação de direitos humanos, com ênfase em seu aspecto político.

Palavras Chaves: Homossexualidade; Conjugalidade homossexual

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Conjugalidade	
Referencial Teórico: Vários	Psicologia Histórico Cultural
Metodologia: Etnografia	Entrevistas
Trabalho Completo: Sim	

Título: O feminino e a homossexualidade masculina

Tipo: Dissertação

Autor: Maria Gláucia Pires Calzavara

Orientador: Paulo César de Carvalho Ribeiro

Local: UFMG

Ano: 2000

Resumo: Este estudo exploratório aborda o feminino em homossexuais masculinos, tomando como referencial de análise a teoria psicanalítica em Freud e Lacan. Foram entrevistados 15 sujeitos homossexuais masculinos. A partir da análise de suas entrevistas, foram constituídos dois grupos: um grupo de sujeitos que se identificam, em seus relatos, a um estereótipo social do feminino e um grupo que não relata tal identificação. Com base nas abordagens teóricas de Freud e Lacan, as entrevistas foram analisadas, enfatizando-se que, para os homossexuais, assim como para os heterossexuais, o feminino é uma construção, resultado do processo de constituição psíquica do sujeito em sua história singular. A construção desse feminino nos homossexuais masculinos nos indica também que este pode estar relacionado ao percurso edipiano na formação do Ideal do Eu, nos levando a inferir que aquilo que o homossexual caracteriza como feminino é resultado de uma inversão da metáfora paterna. Assim, pretendemos mostrar que o feminino é uma construção, contingente, podendo ser alcançado ou não. Não há um padrão de feminilidade, o que os homossexuais fazem é falar da representação que têm de uma representação social do feminino.

Palavras Chaves: Homossexualidade masculina

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Feminino	
Referencial Teórico: Psicanálise	
Metodologia: Entrevista	
Trabalho Completo:	

Título: A questão da identidade homossexual e sua influência nos padrões de consumo

Tipo: Dissertação

Autor: Adriana Nunan do Nascimento e Silva

Orientador: Bernardo Jablonski

Local: PUC-Rio

Ano: 2001

Resumo: Apesar de na última década termos presenciado o surgimento de uma vasta gama de estudos relacionados à homossexualidade, pouco foi produzido sobre a questão do mercado homossexual e sua relação com a formação da identidade do sujeito. Através de conceitos oriundos da Psicologia Social, esta dissertação visa uma investigação exploratória deste tipo específico de comportamento de consumo, e sua interrelação com três elementos: preconceito, subcultura e identidade homossexual. Com este intuito realizamos entrevistas em profundidade com homossexuais masculinos moradores da cidade do Rio de Janeiro, avaliadas através da metodologia de análise de discurso. Dentre os principais resultados obtidos citamos o crescimento de um mercado homossexual voltado para serviços direcionados a este público, assim como a existência de uma forte relação entre identidade preconceito e a economia de mercado.

Palavras Chaves: identidade, homossexualismo, consumo.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Identidade	
Referencial Teórico: Psicologia Social	
Metodologia: Não identificado	
Trabalho Completo:	

Título: A representação social da homossexualidade: O que pensam os estudantes universitários?

Tipo: Dissertação

Autor: Marcus Tadeu Lacerda

Orientador: Bernard Gontiès; Joseli Bastos da Costa

Local: UFPB/JP

Ano: 2001

Resumo: Esta dissertação analisa, com base no modelo da análise quantitativa das representações sociais (Doise, Clémence & Lorenzi-Cioldi, 1992), o posicionamento de estudantes universitários nas dimensões subjacentes ao preconceito contra homossexuais, e sua relação com as explicações da homossexualidade e com a pertença social desses estudantes nas redes sociais e na sua identificação profissional. Para tanto, aplicou-se questionários a 240 alunos dos cursos de psicologia, engenharia e medicina da UFPB. Os resultados permitiram identificar os princípios organizadores do preconceito flagrante e sutil descritos por Pettigrew e Meertens (1995), e os das explicações da homossexualidade: biológicas; psicológicas; ético-morais; religiosas; e psicossociológica. Constatou-se que o tipo de explicação dada à homossexualidade dependeu do tipo de inserção social dos estudantes, de modo que as práticas religiosas e esportivas levaram a uma adesão mais elevada às explicações ético-morais e religiosas. A inserção em grupos que se caracterizam por relações sócio-afetivas levou à adesão às explicações psicossociológicas, enquanto que a participação sócio política relacionou-se negativamente com as explicações psicológicas. A análise de ancoragem social do posicionamento dos estudantes nas dimensões do preconceito mostrou que os preconceituosos flagrantes se opuseram às explicações psicossociológicas (próprias dos estudantes de psicologia e das mulheres) e aderiram mais fortemente a explicação ético-morais e religiosos; enquanto que os não preconceituosos estudam psicologia e acreditam nas explicações psicossociológicas. Já os preconceituosos sutis (mais frequentes entre estudantes de medicina e mulheres), opuseram-se às explicações psicossociais e explicaram a homossexualidade a partir de teorias biológicas e psicológicas. Assim, mesmo sendo racionalmente contrários a comportamentos explicitamente preconceituosos, os estudantes de medicina e as mulheres podem contribuir com práticas discriminatórias contra homossexuais pois as teorias adotadas e divulgadas por eles colaboram com a manutenção de uma representação do homossexual como portador de alguma doença que precisa ser curada, seja ela biológica ou psicológica

Palavras Chaves: Representação Social, preconceito, homossexuais

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Preconceito	
Referencial Teórico: Representações Sociais	
Metodologia: Questionário	
Trabalho Completo:	

Título: Encontros prazerosos: modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis

Tipo: Dissertação

Autor: Rosane Maria de Godoy

Orientador: Mara Coelho de Souza Lago

Local: UFSC

Ano: 2001

Resumo: Esta dissertação pretendeu discutir modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis, na tentativa de explicitar algumas de suas práticas, inserções e relacionamentos sociais, tendo como objetivo contribuir para a desconstrução da representação dos modelos heterossexuais como expressão de normalidade. Baseado nos pressupostos do método etnográfico, através de entrevistas gravadas, obteve depoimentos e histórias de vida de dez mulheres homossexuais, moradoras da Grande Florianópolis, com idades entre 22 e 52 anos e posições sociais diferenciadas. A maioria das informantes pertencia às camadas médias, sendo entrevistadas também mulheres oriundas de camadas populares. Algumas destas mulheres tinham concedido entrevistas para estudo desenvolvido anteriormente, o que facilitou a formação de uma rede de informantes e uma convivência estreita entre elas e a pesquisadora, na realização do trabalho empírico. Procurando "escutar as vozes" destas mulheres e problematizar seus relatos, foram propostas algumas questões que nortearam as análises desenvolvidas. Assim, as informantes falaram do início de sua auto-percepção como homossexual, de seus relacionamentos com as famílias de origem, suas relações com os filhos, com as parceiras, relatando também alguns de seus projetos para o futuro. Neste sentido, podemos destacar que este estudo demonstrou a diversidade de modos e estilos de vida das mulheres entrevistadas.

Palavras Chaves: Modos de vida; Lesbianismo; Relações de gênero.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Estilos de Vida	
Referencial Teórico: Foucault	Estudos de Gênero
Metodologia: Etnografia	Entrevistas
Trabalho Completo: Sim	

Título: A institucionalização da noção de homossexualidade na psicanálise e seus efeitos na clínica

Tipo: Dissertação

Autor: Acyr Corrêa Leite Maia

Orientador: Doris Luz Rinaldi

Local: UERJ

Ano: 2002

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a institucionalização da noção psicanalítica de homossexualidade e seus efeitos teórico-clínicos, a partir da produção dos analistas pertencentes à Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e ao Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Esta pesquisa é sustentada por um estudo da noção de homossexualidade em S. Freud e J. Lacan. Considerando que a instituição é o lugar da transmissão da psicanálise, nosso interesse é verificar como a noção de homossexualidade é significada nesses locais.

Palavras Chaves: homossexualidade, psicanálise, instituições psicanalíticas

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Psicanálise	
Referencial Teórico: Psicanálise	
Metodologia: Não Identificado	
Trabalho Completo:	

Título: A influência dos padrões sexuais e afetivos de gênero na construção dos relacionamentos do mesmo sexo: masculino

Tipo: Dissertação

Autor: Márcio Stefanini Sant' Anna

Orientador: Rosa Maria Stefanini De Macedo

Local: PUC/SP

Ano: 2002

Resumo: No final do século XX, ocorreram transformações no âmbito conjugal dando espaço para as novas configurações de uniões e de relacionamentos, inclusive para os relacionamentos amorosos homossexuais. Em virtude disso, desenvolvi uma pesquisa qualitativa que buscou investigar como se constroem esses relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo (masculino) e como concebem essas relações buscando esclarecer as visões de gênero e os aspectos afirmados pelos estereótipos. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com 03 casais homossexuais masculinos com as seguintes características: terem um relacionamento há 03 anos ou mais, morarem juntos ou não em São Paulo, pertencerem a um nível sócio econômico e cultural correspondente a Classe Média, segundo o IBGE, estarem na faixa etária entre 30 e 50 anos. A princípio foi uma entrevista individual com cada participante com tempo indeterminado e no local que fosse de melhor acesso para os entrevistados, permitindo a privacidade. Os resultados apontam que é possível a construção do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo (masculino) desde que ambos tenham a identidade sexual definida, estejam satisfeitos e seguros, mesmo que apresentando dificuldades de definir e assumir a identidade para a família de origem e para a sociedade, pois enfrentar e contradizer as expectativas da família e do social é uma tarefa árdua e complexa que envolve o sentimento de pertencimento.

Palavras Chaves: relacionamento, homossexual, estereótipos.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Relacionamentos Amorosos	
Referencial Teórico: Não consta	
Metodologia: Entrevista Semi Dirigida	
Trabalho Completo:	

Título: Avaliação da Personalidade em mulheres homossexuais

Tipo: Dissertação

Autor: Míriam Izabel de Souza

Orientador: Rita Aparecida Romaro

Local: USF

Ano: 2002

Resumo: Concebe-se, neste trabalho, a personalidade através da proposta teórica estrutural de fatores; a homossexualidade feminina quando os desejos eróticos da mulher são direcionados à pessoa do mesmo sexo e, ainda, às mudanças de percepção que a homossexualidade feminina têm sofrido, nos últimos 20 anos, nas áreas social, cultura, legal e teórica. Objetiva-se através da ficha anamnésica e do teste de personalidade comrey (CPS):- avaliar e comparar a personalidade de dois grupos de 20 mulheres homossexuais de faixas etárias diferentes, sendo o grupo I de 20 a 25 anos e o grupo II de 35 a 40 anos. -caracterizar e comparar o grupo nas questões pessoais e quanto à sua percepção, orientação e experiência sexual; -analisar a comparação entre os grupos da pesquisa e o grupo feminino da padronização brasileira do CPS; Partiu-se da hipótese que encontraríamos diferenças significativas entre os fatores do grupo II. Os resultados apontaram para diferenças significativas quanto a se perceberem identificadas como lésbicas pela sociedade o grupo II se sente mais percebido na sua condição. Os resultados extraídos do CPS mostram Que a variável idade diferenciou as respostas, em dois fatores: T - Atitude Defensiva e C - Inconformidade Social, o que, de certa forma, confirma a hipótese. Os grupos se autodescreveram como significativamente diferentes, tendo resultados mais próximos da faixa média da padronização, descritos pelo grupo II. Na comparação dos grupos da pesquisa e do grupo feminino da padronização, obteve-se cinco fatores diferentes: T, O, C, S, M, o que corresponde dizer, que em nível de E - estroversão, A - dinamismo e P - autuismo os grupos se assemelham, se diferenciando em T- atitude defensiva, O - organização, C - inconformidade social, S - estabilidade emocional e M - masculinidade e feminilidade, sendo que nestes cinco, as mulheres do CPS se apresentam mais próximas da média normativa e o grupo da pesquisa abaixo dessa faixa.

Palavras Chaves: Avaliação; mulheres homossexuais; personalidade; teste CPS.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Avaliação Psicológica	
Referencial Teórico: Não consta	
Metodologia: Teste de Personalidade Comrey	
Trabalho Completo:	

Título: Campo e Ação das Identificações na Constituição da Homossexualidade Masculina

Tipo: Tese

Autor: Roberto Menezes de Oliveira

Orientador: Luiz Augusto Monnerat Celes

Local: UNB

Ano: 2002

Resumo: Inicialmente, investiga-se as representações sobre a homossexualidade no decorrer da história e a influência das figuras parentais na constituição dessas. Reconhece-se as origens da sexualidade como o resultado da interação entre forças biológicas, sociais e intrapsíquicas. A história revela que os homens têm excitação e prazer em atividades eróticas com parceiros masculinos e femininos. Verifica-se que em diferentes períodos da história e em culturas diversas, a homossexualidade é codificada e expressa por uma gama de ações e representações conscientes e inconscientes. Diferentes ordens sociais encontraram maneiras diversas tanto de permitir quanto de proibir manifestações da homossexualidade, mediante o emprego de rótulos como não-cidadão, estrangeiro, diferente, degenerado, doente, invertido etc. Todas as ordens sociais consideradas acharam necessário controlar as manifestações da homossexualidade quando estas se davam por uma identificação com o feminino. Constata-se a masculinidade como condição a ser conquistada. A homossexualidade é representada de forma positiva quando associada a uma 'passagem' para a masculinidade; quando a serviço da des-identificação entre mãe e filho, do fortalecimento da identificação entre pai e filho e entre os homens no cenário social. A sua representação negativa se dá quando associada ao feminino. Observa-se que se os antigos contavam com a presença concreta do pai e de correlativos deste (por exemplo, o erastes) para auxiliá-los naquela 'passagem', no decorrer da história, o pai e seus substitutos perdem sua realidade concreta e vão se tornando figuras e instituições simbólicas. Dentre estas instituições simbólicas, a homossexualidade como grupo social e identidade cumpre sua função. Certos indivíduos tornaram-se homossexuais na busca de uma iniciação à masculinidade. Os dados clínicos vêm ao encontro dos dados históricos quando demonstram um conflito entre a identificação com a masculinidade e a feminilidade, que traduzem uma tensão relativa à identificação com a mãe e o pai. No psiquismo, esta composição de identificações é ambivalente, por um lado é componente básica da estruturação subjetiva, por outro lado, é fator patogênico no âmago dessa estruturação. Na segunda parte do trabalho, caracteriza-se essas identificações. Na perspectiva freudiana, reconhece-se duas dimensões identificatórias na determinação da homossexualidade: a 'identificação narcísica' e a 'identificação posterior com o pai'. Propõe-se duas novas dimensões: a 'identificação precoce com a mãe' e a 'identificação mais originária com o pai'. Freud identifica três conjuntos de características na conformação da homossexualidade: os caracteres sexuais físicos, os mentais (atitude masculina/feminina) e o tipo de escolha objetal. Os primeiros apóiam-se na noção de 'hermafroditismo físico'. Propõe-se o conceito de 'fonte somática da pulsão' para uma elucidação desses caracteres. A atitude mental fundamenta-se na bissexualidade biológica. Propõe-se que as identificações também fundamentem essa atitude. O tipo de escolha objetal define-se pelos aspectos psíquicos: ligação intensa com a mãe, narcisismo, complexo de castração, sedução e fixação prematura da libido, ciúme e agressão contra irmãos. Propõe-se que o conjunto das identificações seja considerado como aspectos psíquicos atuantes. A partir da crítica à categoria identitária homossexual, discute-se um tipo de manejo técnico que leva em consideração esse conjunto de identificações na constituição do sujeito homossexual.

Palavras Chaves: identificação, homossexualidade, subjetivação, psicanálise.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Determinantes da Homossexualidade	
Referencial Teórico: Psicanálise	
Metodologia: Não Identificado	
Trabalho Completo:	

Título: O desvendar de uma história homossexual masculina sob a ótica da análise transgeracional

Tipo: Dissertação

Autor: Rosângela Maia Magalhães Da Silva

Orientador: Cristina Maria De Souza Brito Dias

Local: UNICAP

Ano: 2002

Resumo: nosso objetivo no presente estudo foi compreender a dinâmica transgeracional da família de um homossexual do sexo masculino e as possíveis relações desta com a construção de sua identidade sexual. Foram realizadas quatro entrevistas de história de vida e confeccionado o genetograma com a inclusão dos membros de sua família, tanto paterna como materna, até a terceira geração. Os dados colhidos permitiram-nos concluir que a construção psíquica da identidade homossexual transcende a tríade pai-mãe-filho, devido à dinâmica dos fenômenos psíquicos que ocorre nas famílias de origem do casal. A acolhida psíquica e ambiental à criança também foi um fator importante para a compreensão de sua homossexualidade. Vimos a presença de mitos e segredos na família como forma de preservar sua identidade e o ideal familiar. Finalmente, pudemos detectar os mecanismos utilizados frente à homossexualidade presente na família.

Palavras Chaves: homossexualismo masculino; família; transgeracionalidade

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Família	
Referencial Teórico: Não Consta	
Metodologia: Entrevistas de Histórias de Vida	Genetograma
Trabalho Completo:	

Título: Representações sociais da homossexualidade entre estudantes universitários: perspectivas homossexuais e heterossexuais

Tipo: Dissertação

Autor: Anderson Scardua Oliveira

Orientador: Edson Alves De Souza Filho

Local: UFRJ

Ano: 2003

Resumo: Objetivando averiguar o que as pessoas entendem por homossexualidade, de forma complementar, por gay e lésbica. Foi adotado o referencial das representações sociais, além de teorias psicossociais complementares. Participaram da pesquisa estudantes universitários do Rio, sendo que 211 destes se auto definiram heterossexuais (103 homens e 108 mulheres). 139 se auto definiram como homossexuais ou bissexuais (89 homens e 50 mulheres). Os heterossexuais-HT divididos em grupos de acordo com o grau de aproximação declarada com homossexuais-HM; classificados amigos ou não, foi aplicado questionário de associação livre sobre as palavras homossexualidade, gay e lésbica e questões sobre definições e causas da homossexualidade. Os dados foram analisados segundo os princípios da análise de conteúdo e a comparação entre os grupos, foi analisada com o teste do qui-quadrado através do programa Bioestat. Houve diferenças entre as representações da homossexualidade de acordo com sexo, orientação sexual e grau de aproximação com homossexuais. Os homens HT ressaltaram, principalmente, os aspectos de normatização, temas agressivos e afirmação da identidade HT, além de apontarem causas intencionais para homossexualidade e causas não intencionais ligadas a problemas psicológicos/biológicos e influência social. Já os homens HM ressaltaram, como causas da homossexualidade, fatores não intencionais e causas naturais, além de destacarem prioritariamente aspectos de reconhecimento público: direitos, dignidade, liberdade. Por sua vez, as mulheres HM destacaram mais os aspectos interpessoais do reconhecimento: amigo, família, namoro. Sobre as causas, estas parecem apontar prioritariamente para aspectos da intencionalidade relacionados a uma busca de realização pessoal, baseadas numa referência a si mesmas. Por fim, as mulheres HT, quanto à causalidade da homossexualidade, parecem ter duas linguagens: uma, que as aproxima das mulheres HM, que se refere à intencionalidade e busca de realização pessoal; e outra, intencionalidade, problemas e influências sociais. Já em outros aspectos, as mulheres HT, como os homens HT, ressaltaram da normatização. Os temas de afirmação da identidade HT, intencionalidade da homossexualidade e normatização foram ressaltados mais entre os HT não amigo(a)s do que entre os amigo(a)s, que ficaram numa representação intermediária entre HM e HT não amigos. Desta forma, podemos apontar para diferentes maneiras entre os grupos, de compreender e lidar com a homossexualidade e enfrentar os preconceitos sociais. Homens HM por serem mais censurados socialmente, procuram justificar/legitimar publicamente a homossexualidade com o argumento/representação de que ela é incontável/natural, enquanto mulheres HM preferem uma postura socialmente mais discreta, procurando construir e aperfeiçoar contratos de interação no plano interpessoal para obter reconhecimento social. Já os homens e mulheres HT, referindo-se muito à normatização e outros conteúdos que reforçam as convenções sociais, prejudicam a consolidação de uma vivência autônoma e livre da sexualidade de si e de outros, inclusive dos HM.

Palavras Chaves: causas; homossexualidade; reconhecimento social, representações.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Representações Sociais	
Referencial Teórico: Representações Sociais	Teorias Psicossociais
Metodologia: Questionário	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Casais de homens: um estudo fenomenológico da conjugalidade homoerótica masculina

Tipo: Dissertação

Autor: Magno César Carvalho Teófilo

Orientador: Georges Daniel Janja Bloc Boris

Local: UNIFOR - Universidade de Fortaleza

Ano: 2003

Resumo: Esta dissertação discorre sobre a subjetividade homoerótica na composição da conjugalidade entre homens. No primeiro momento, busquei referências teóricas relacionadas à sociologia das relações de gênero, incursionando pela história da (des) construção da sexualidade homoerótica, comentando diversas sociedades, em diferentes épocas da cultura ocidental, partindo da sociedade Greco-Romana da Antiguidade até chegar à Contemporaneidade, num breve resumo sobre o homoerotismo. Considero que acessar aos depoimentos dos informantes sobre a relação de conjugalidade homoerótica é uma proposta que necessita atenção a uma postura de compromisso ético-científico do pesquisador. Portanto, no segundo momento, decidi utilizar o método fenomenológico de pesquisa em psicologia, para analisar e interpretar os relatos obtidos através das entrevistas de 11 (onze) homens homoeróticos, que aceitaram participar desta pesquisa, descrevendo como vivenciam a experiência de viver conjugalmente com outro homem, no cotidiano da cidade de Fortaleza. Ao final, discuto três unidades de sentido, que estão relacionadas às formas como o homem homoerótico vivencia sua relação afetivo-sexual na relação consigo mesmo, com o parceiro e com o mundo. Concluo que as relações afetivo-sexuais na conjugalidade homoerótica resistem à discriminação social, transformam o cotidiano da cidade e, propõem uma ampliação no campo social da expressão do amor entre os casais de homens homoeróticos.

Palavras Chaves: Homoerotismo; Conjugalidade Masculina; Homossexualidade

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Conjugalidade	
Referencial Teórico: Sociologia das Relações de Gênero	
Metodologia: Fenomenológico	Entrevistas
Trabalho Completo:	

Título: Homossexualidade: significados e sentidos de uma construção social a partir da trajetória de um militante

Tipo: Dissertação

Autor: Marcelo Augusto Toniette

Orientador: Maria Luisa Sandoval Schmidt

Local: USP/SP

Ano: 2003

Resumo: Estuda os significados e os sentidos da construção da homossexualidade masculina a partir da trajetória de um militante do movimento homossexual. Nessa perspectiva, privilegiando a singularidade da experiência, é focada a formação da identidade individual do militante, a partir dos significados e dos sentidos da homossexualidade entrelaçados com a sua trajetória e de como organiza essa experiência. Tem como método o relato oral, na forma de depoimento, sendo a análise baseada no enfoque teórico do construcionismo social. Ao longo da trajetória do militante, o estranhamento e o sofrimento gerados pela rejeição social, perseguição, preconceito, cedem lugar à idéia de desafio e de justiça, motivadora à atuação militante. Os resultados sugerem que a militância pode funcionar como um espaço que oferece apoio e ressignificação de concepções negativas em relação à homossexualidade, favorecendo a superação de sofrimento e abrandando sentimento de culpa e auto-rejeição. É fundamental que este espaço não seja sinônimo de gueto, mas lugar de promoção de imagem positiva da homossexualidade e combate ao preconceito a partir da conscientização social, favorecendo a construção de uma sociedade mais humana, pluralística, justa e inclusiva.

Palavras Chaves: homossexualidade; militância; movimento homossexual.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Identidade	
Referencial Teórico: Construcionista	
Metodologia: Relato Oral	Depoimento
Trabalho Completo:	

Título: O olhar do homossexual masculino sobre sua constituição no espaço da família

Tipo: Dissertação

Autor: Pia Maria Polak

Orientador:

Local: Universidade São Marcos

Ano: 2003

Resumo: Com este trabalho temos o objetivo de discutir o paradoxo entre a implicação familiar na constituição do sujeito homossexual masculino e os possíveis movimentos da própria família, no que concerne a inclusão e exclusão deste mesmo sujeito. Isto será feito por meio da análise das representações que este sujeito faz da sua constituição dentro da família, através dos movimentos identificatórios com seus membros, bem como pela verificação dos possíveis indícios de atitudes de inclusão e exclusão familiar, revelados por ele no seu depoimento, de forma implícita ou explícita. Com base nos resultados da análise, pretendemos averiguar a hipótese de que a família, enquanto lugar de inscrição e constituição do sujeito é, também, provavelmente o lugar em que os primeiros sinais de exclusão são vivenciados pelo sujeito. Para possibilitar a articulação de todos os aspectos envolvidos nesta pesquisa, a autora considera importante fazer uma leitura crítica dos principais textos freudianos sobre o tema, utilizando também outros autores da psicanálise, bem como proceder a uma contextualização histórica da homossexualidade no Brasil, de modo a termos uma visão sobre a posição ocupada por ela ao longo da história, diante dos valores e princípios morais da nossa cultura ocidental.

Palavras Chaves: Homossexualidade; exclusão; preconceito; cultura, psicanálise.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Família	
Referencial Teórico: Psicanálise	
Metodologia: Não Identificado	
Trabalho Completo:	

Título: Identidade (homos)sexual: uma abordagem crítica

Tipo: Dissertação

Autor: Silvia Lair Vieira Xavier

Orientador: Kleber Prado Filho

Local: UFSC

Ano: 2003

Resumo: Este trabalho configura-se como uma abordagem crítica, uma problematização, de um conceito e de uma categoria, a identidade sexual homossexual, tratando-o como um problema histórico ainda aberto e pertinente à área interdisciplinar das Ciências Humanas. Numa abordagem política da constituição de sujeitos da sexualidade, buscou-se demarcar relações entre o sexo colocado em discurso e um modo de formulação, reconhecimento, ordenação e constituição histórica de uma experiência e de uma subjetividade correlativas ao termo homossexual. Encontrou-se nos trabalhos de Michel Foucault os instrumentos necessários para a construção do percurso metodológico, articulando-se, em uma análise histórica, princípios da arqueologia, da genealogia e da ética. Elegeu-se para a realização desse trabalho a identidade homossexual como um campo de discursos, saberes e práticas que compõem e permitem reafirmar uma determinada experiência histórica da constituição de sujeitos da sexualidade. Tendo em perspectiva as questões do quem somos nós em nosso presente histórico, utilizou-se a rede mundial de computadores, internet, como campo para a pesquisa, considerando sua posição estratégica atual no debate das questões de sexualidade. Foram analisados discursos e práticas relacionados ao tema da homossexualidade das décadas de 70/80 à atualidade, fechando-se com um conjunto de textos denominados Cartilhas, publicados pelo site Mix Brasil, de exposição recente e dirigida a um público homossexual. Foram demarcadas diferentes linhas discursivas na busca por continuidades, transformações e rupturas nos enunciados dessa prática discursiva, servindo ainda à análise de relações entre regras de formação de e normas veiculadas por discursos/práticas e modos de produção de subjetividade. Pode-se acompanhar a identidade homossexual como um modo de problematização d'o que somos que se compõe, se diferencia e se transforma historicamente, constituindo-se como um campo de discursos e práticas que se oferece à subjetivação. Destaca-se, neste campo, o estabelecimento de um modo de subjetivação implicado em sujeição a uma linha política de identificação, em uma conformação subjetiva via identidade.

Palavras Chaves: identidade sexual; homossexualidade; história.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Identidade	
Referencial Teórico: Foucault	
Metodologia: Arqueológico e genealógico	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Identidade e discriminação: um estudo realizado com homens e mulheres homossexuais

Tipo: Dissertação

Autor: Aline Oliveira Machado

Orientadores: José Bastos da Costa; Leoncio Francisco Camino Rodrigues Larrain

Local: UFPB/JP

Ano: 2004

Resumo: Nas sociedades modernas, atos explícitos de discriminação racial, religiosa, étnica são publicamente condenados por lei. Apesar destas restrições, permanecem ainda os diversos preconceitos, embora tomem formas sutis de expressão (Camino e Pereira, 2000; Camino, da Silva, Machado e Pereira, 2001). Essas atitudes discriminatórias geram situações de exclusão e sentimentos de inadequação social aos membros de grupos discriminados, o que se reflete diretamente na sua auto-estima e no desempenho das suas funções enquanto indivíduos pertencentes à sociedade. Assim, o estudo do preconceito contra os homossexuais é importante na medida em que esse preconceito traz muito sofrimento psíquico e muitas vezes até físico a uma parcela da população que pelas mais variadas razões pessoais pratica o homoerotismo. Atualmente, verifica-se que os estudos relacionados à discriminação homofóbica, encontram-se apenas relacionados com a forma de expressão do preconceito advinda da sociedade, esquecendo-se de averiguar como a discriminação tem sido sentida pela parcela discriminada. Nesse sentido, propomos a descrever as diferentes maneiras de viver e interpretar a discriminação social experimentada pelos homossexuais masculinos e femininos. Para tanto, realizamos três estudos. No primeiro estudo, o qual foi precedido por duas oficinas realizadas com homossexuais masculinos (Camino, 2002), entrevistamos 125 homossexuais masculinos, pretendendo saber como eles viviam a discriminação contra sua orientação sexual, que causas atribuíam a sua orientação e como estas crenças afetam sua identidade e auto-estima. No segundo e terceiro estudos, abordamos essas mesmas questões a homossexuais femininas. No segundo estudo, realizamos uma oficina com 20 mulheres homossexuais a fim de ter um primeiro contato com a dinâmica vivida por esta população. Finalmente, no terceiro estudo, entrevistamos 125 homossexuais femininas, abordando praticamente os mesmos temas do primeiro estudo. Os resultados demonstram que existem diversas formas de viver o homoerotismo entre os homens (Bissexual, Homossexual, Travesti e Drag-Queen); já entre as mulheres essa diversidade se limita às duas primeiras formas citadas. No que concerne à identidade, todas as homossexuais se identificam com as mulheres enquanto que entre os homossexuais a identidade varia de acordo com a forma de viver o homoerotismo. Constatou-se, também que a discriminação está relacionada com as formas de orientação sexual: os (as) bissexuais sentem uma discriminação social menor e mais tardiamente que os homossexuais; os travestis são os que sentem mais cedo e com maior intensidade o peso da discriminação. Finalmente, observou-se, tanto em homossexuais masculinos como femininos, que o fato de atribuir causas fisiológicas ou psicológicas ao homoerotismo se relaciona com uma menor satisfação com sua própria orientação.

Palavras Chaves: Homofobia, Identidade, Discriminação.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Identidade	
Referencial Teórico: Não Consta	
Metodologia: Entrevista	Oficina
Trabalho Completo:	

Título: **Representações Sociais do homossexualismo e preconceito contra homossexuais**

Tipo: Dissertação

Autor: Anelyse Soares Pereira

Orientador: Ana Raquel Rosas Torres

Local: UCG

Ano: 2004

Resumo: Esta dissertação analisa como as representações sociais da homossexualidade influenciam o preconceito que estudantes de teologia católicos e protestante têm contra homossexuais. Para tanto, realizou-se um estudo numa amostra (n=374) de estudantes de teologia de ambos os sexos.

Palavras Chaves: Representação Social.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Preconceito	
Referencial Teórico: Representações Sociais	Pettigrew e Meertens
Metodologia: Questionário	Escala de Explicações da Homossexualidade
Trabalho Completo: Sim	

Título: Homossexualidade e expressões contemporâneas da sexualidade: Perversões ou variações do erotismo?

Tipo: Tese

Autor: Graciela Haydée Barbero

Orientador: Raul Albino Pacheco Filho

Local: PUC-SP

Ano: 2004

Resumo: Sob este título desenvolvi uma pesquisa acerca da articulação existente na bibliografia psicanalítica entre o fenômeno da homossexualidade e outras variações eróticas, e o conceito de perversão ou de estrutura perversa, fatores que considero distintos e que a atualidade social estaria revelando como tais. Descobri que estes dois fenômenos, na minha maneira de ver, heterogêneos, se superpõem de uma maneira tal, na maioria dos autores pesquisados, que decidi voltar à obra de Freud e Lacan para ver se haveria neles argumentos ou idéias que oferecessem sustentação a esta relação. Neles, estes fenômenos estão diferenciados ou se confundem? Comprovei que, se bem em Freud há considerações contraditórias que permitem afirmar uma ou outra coisa, por confundir, às vezes, o conceito de falo com o órgão peniano que o representa, o horizonte no que se desenvolvem suas teorias aponta para uma utilização do conceito de perversão ligado a uma estrutura clínica diferenciada, independente de critérios morais. Se bem este autor se refere à homossexualidade como uma perversão, porque sexualidade não ligada à reprodução, não há nele verdadeiramente uma teoria única que explique como a libido, dirigida a objetos do mesmo sexo que seu portador, faria sempre parte de uma estrutura perversa. Isto se aplica a qualquer outra variedade erótica que no mundo contemporâneo adquire visibilidade. Na realidade, os estudos sobre a perversão abriram caminho, em Freud e Lacan, para mais uma ampliação da pesquisa sobre a sexualidade humana e o desejo, em geral. O que acontece é que estamos vivendo um momento de transformação social, que inclui, principalmente, uma mudança na Erótica. É isto que os relativamente novos Estudos Gays & Lésbicos, e os Estudos Queer, nos ajudam a acompanhar, pelo que também fiz uma sondagem do trabalho de autores dentro deste campo para identificar e caracterizar algumas questões e discussões sobre o tema que impliquem articulações relevantes para a psicanálise. Lacan, avançando nos graus de abstração de sua teoria, permite ir além destes impasses e pensar os conceitos psicanalíticos: Édipo, falo, castração, neuroses, Nome do pai, Estruturas clínicas e defensivas e outros, como operadores conceituais dentro de uma lógica que articula o símbolo (o significante) com a materialidade do real, a linguagem e a sexualidade. Sua principal contribuição teórica deriva da invenção do conceito de objeto a. Seus últimos seminários procuram uma clínica do real, que dê conta de uma harmonização do sistema de gozos no sujeito que no dependa diretamente do discurso do Outro, conservador ou revolucionário.

Palavras Chaves: homossexualidade, perversões, erotismo.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Psicanálise	
Referencial Teórico: Psicanálise	
Metodologia: Levantamento Bibliográfico	
Trabalho Completo:	

Título: Um Casal Homossexual Feminino e Seus Filhos: Estudo Sobre a Dinâmica

Tipo: Dissertação

Autor: Jose Antonio Coutinho Vinhas Duran

Orientador: Maria Alexina Ribeiro

Local: UCB

Ano: 2004

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi conhecer a dinâmica de uma família formada por um casal de lésbicas, uma filha biológica e um filho adotivo, com vista a um melhor conhecimento do funcionamento dessa estrutura familiar. Buscou-se, ainda, conhecer o padrão de funcionamento do subsistema conjugal e parental nos aspectos de comunicação verbal e não-verbal, vínculo afetivos e papéis familiares conjugal, materno e paterno, divisão de tarefas domésticas e relação com os filhos. Pretendeu-se, também, investigar a relação do sistema familiar com as famílias de origem e outros sistemas sociais. Para tanto, foi feito um Estudo de caso que possibilitou o conhecimento, de forma mais aprofundada, da dinâmica familiar e da história de vida dos membros dessa família. Esse estudo teve a participação de uma família constituída pela mãe, 39 anos e sua companheira, 33 anos, a filha biológica de 15 anos e o filho adotivo de 1 ano. A família foi contatada a partir da indicação do Setor de Adoção da Vara da Infância e da Juventude do Distrito Federal. Foram realizados sete encontros com a família, em sua residência. Os instrumentos utilizados foram: genograma, ecomapa, entrevista semiestruturada e colagem. Os resultados da pesquisa foram obtidos com base em dados teóricos e empíricos levantados na revisão bibliográfica e mostraram a existência de uma divisão de papéis familiares a partir de um modelo heterossexual, até mesmo com divisão de tarefas, sendo que a filha biológica adolescente percebe essas características refletidas nos comportamentos tanto da sua mãe como de sua companheira. Existe a expectativa, por parte das mães em garantir ao filho adotivo convivência com uma figura masculina que possa lhe servir de modelo, tirando dúvidas que uma mulher não seria capaz de fazê-lo?. Existe, ainda, uma preocupação com o fato de, em sendo um menino, como lidar com os seus futuros amigos, quando perguntarem sobre o pai e sobre a relação homoafetiva do casal parental.

Palavras Chaves: dinâmica familiar.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Família	
Referencial Teórico: Não Consta	
Metodologia: Estudo de Caso	Entrevista Semi Estruturada
Trabalho Completo:	

Título: Sobre a homossexualidade masculina: variações na degradação da vida amorosa

Tipo: Dissertação

Autor: Ludmila Feres Faria

Orientador: Luis Flávio Silva Couto

Local: UFMG

Ano: 2004

Resumo: Este trabalho consiste em uma investigação sobre a divergência entre o amor e o desejo, que se apresenta de modo acentuado em alguns casos de homossexualidade masculina. Parte-se da hipótese freudiana de que um amor muito intenso pela mãe impediria que as correntes de ternura e sensualidade se unissem na busca de um objeto de amor. As consequências seriam, portanto, a divisão do objeto de amor: haveria, por um lado, um objeto idealizado e, por outro, um objeto depreciado. Isso que, segundo Freud, pode ser tomado como uma tendência universal no neurótico, apresenta-se de forma acentuada em alguns casos de homossexualidade masculina no início do século e as modificações introduzidas pro esse discurso. Em seguida, analisam-se as relações estabelecidas pro Freud entre a homossexualidade masculina e a mãe, com base no que se convencionou chamar "o caso Leonardo da Vinci". O fenômeno das "duas mães" permite destacar os acidentes que podem ser encontrados no caminho percorrido pelo sujeito homossexual no Complexo de Édipo. A partir desse ponto, investigam-se a dissociação entre o amor e o desejo e sua consequente degradação.

Palavras Chaves: amor, desejo, homossexualidade.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Psicanálise	
Referencial Teórico: Psicanálise	
Metodologia: Não identificado	
Trabalho Completo:	

Título: Os homossexuais em busca da visibilidade social

Tipo: Tese

Autor: Aldry Sandro Monteiro Ribeiro

Orientador: Angela Maria de Oliveira Almeida

Local: UNB

Ano: 2005

Resumo: Os movimentos homossexuais têm se legitimado, na sociedade contemporânea, enquanto uma das forças de reivindicação por transformações na esfera pública, que implicam na inserção de novos sujeitos na conquista da cidadania. Esta inserção é o resultado de um conjunto de ações elaborado e implementado pelos militantes homossexuais, nas diversas esferas da vida pública. O presente trabalho teve como objetivo identificar como sujeitos que se encontram à margem da sociedade, considerados não-cidadãos, tornam-se sujeitos sociais, que buscam construir uma nova forma de organização social, que incluam-nos não mais como tais, mas como cidadãos. Para compreender o processo de transformações acerca da realidade social dos homossexuais, buscamos construir uma pesquisa que permitisse evidenciar tanto as condições excludentes e suas implicações na vida dos sujeitos, como também as estratégias de enfrentamento adotadas por estes sujeitos, levando-se em consideração sua vivência homossexual e sua condição de minoria social. Adotamos uma perspectiva psicossociológica, utilizando as contribuições da Teoria da Identidade Social de Henri Tajfel, que permite entender os conflitos das relações intergrupais a partir dos processos de comparação social, categorização social e identidade social, articulando-as com a Teoria das Minorias Ativas de Serge Moscovici, que dá ênfase ao papel das minorias no processo de inovação social, e com a Teoria das Representações Sociais, que põe ênfase nos saberes partilhados enquanto constituintes da interpretação e construção do real. Para compreensão dos processos subjacentes à dinâmica da vida social destes elaboramos quatro estudos: 1) identificação do que falam e quem são os homossexuais; 2) identificação das representações sociais da homossexualidade por parte de homossexuais; 3) identificação do significado da militância política na vida dos militantes homossexuais; 4) identificação das estratégias que foram adotadas pelos grupos homossexuais para a redefinição do seu lugar na sociedade, através da militância. No Estudo 1, utilizamos os registros das falas dos sujeitos homossexuais que ligavam para o Disque Cidadania. Nos Estudos 2 e 3, entrevistamos, respectivamente, sujeitos que se auto-identificavam como homossexuais e militantes do movimento homossexual. No Estudo 4, utilizamos a técnica da observação participante para o acompanhamento das reuniões de discussão e de reflexão da militância homossexual. Os dados coletados foram analisados com ajuda do Software Alceste. Os resultados indicaram que a vivência da homossexualidade está marcada pelo preconceito, pela discriminação e pela violência, no contexto do cotidiano, o que dificulta a construção de uma imagem positivada acerca de si mesmo. Porém, observa-se um movimento de questionamento e de enfrentamento desta condição. Em busca de uma reavaliação, alguns sujeitos têm se inserido em um movimento de luta ancorado na noção de cidadania social e política. Os militantes têm buscado construir estratégias de enfrentamento que se caracterizam pela consistência, esforço, autonomia, rigidez e equidade. Têm construído um projeto de cidadania, mobilizado os membros de seus grupos, de outros grupos, o Estado e a sociedade em geral para sua luta. Tornam-se, portanto, minorias ativas em busca de transformação das relações sociais, transformação esta marcada por elementos de inovação social. Palavras-chave: Homossexuais, Minorias Ativas, Identidade Social, Representações Sociais, Inovação Social.

Palavras Chaves: Homossexuais, Minorias Ativas, Identidade Social, Representação Social.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Movimento Social LGBT	
Referencial Teórico: Representações Sociais	Teoria da Identidade Social
Metodologia: Entrevista	Observação Participante
Trabalho Completo:	

Título: Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano

Tipo: Dissertação

Autor: Aline Beckmann De Castro Menezes

Orientador: Marcus Bentes de Carvalho Neto

Local: UFPA

Ano: 2005

Resumo: O debate sobre os determinantes do comportamento perdura desde a Antiguidade, sendo usualmente estruturado dicotomicamente. A tendência atual de compreensão de determinação comportamental direciona-se para o interacionismo, no sentido de analisar as influências genéticas, biológicas e ambientais sobre o produto final. Várias pesquisas empíricas têm sido conduzidas no sentido de identificar a quais fatores se deve a emissão de um comportamento específico. Em virtude da impossibilidade de estudar por completo os determinantes do comportamento humano, optou-se pelo recorte de um padrão específico – comportamento homossexual. Desde a Antiguidade até a atualidade, os determinantes do comportamento homossexual têm sido alvo de debates. Além disso, este é um tema relacionado a um número expressivo de indivíduos na população e possui implicações sociais importantes a partir dos achados científicos na área. O presente trabalho objetivou analisar quais as evidências empíricas existentes acerca da determinação do comportamento homossexual, a partir de três etapas gerais: (1) a evolução histórica do debate sobre a determinação do comportamento, destacando as principais metodologias empregadas nessa trajetória; (2) apresentação e discussão das principais linhas de pesquisa sobre determinação do comportamento homossexual, enfatizando a análise crítica dos dados obtidos; (3) discussão das implicações das pesquisas apresentadas e possíveis encaminhamentos empíricos. Foi realizado um amplo levantamento bibliográfico, com ênfase em trabalhos empíricos abordando os determinantes do comportamento homossexual. Foram identificadas seis linhas de pesquisa principais, categorizadas como: medidas hormonais, efeitos hormonais, genética, funcionamento cerebral, modelos animais e efeitos ambientais. A metodologia e os resultados de cada pesquisa apresentada foram analisados. A partir da análise realizada, pôde-se discutir as influências políticas na pesquisa científica, as implicações éticas da divulgação dos resultados e organizar os dados existentes em uma proposta de compreensão do fenômeno. Espera-se ter contribuído para uma descrição do panorama geral do estudo dos determinantes do comportamento homossexual bem como para uma postura crítica frente às metodologias utilizadas.

Palavras Chaves: inato versus aprendido; comportamento homossexual; determinação do comportamento; sexualidade.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Determinantes da Homossexualidade	
Referencial Teórico: Comportamental	
Metodologia: Levantamento Bibliográfico	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Homossexualidades e homossociabilidades: hierarquização e relações de poder homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização GLBT

Tipo: Dissertação

Autor: Márcio Alessandro Neman Do Nascimento

Orientador: Fernando Silva Teixeira Filho

Local: UNESP-Assis

Ano: 2007

Resumo: Este trabalho problematiza a questão dos modos de subjetivação e as relações hierárquicas e de exercício de poder que gravitam em torno das homossexualidades masculinas, frequentadores de dispositivos (lugares) de socialização de sexualidades GLBT. Descrições históricas indicam que desde a Grécia Antiga, sanções às práticas homoeróticas são recorrentes, porém, é com o surgimento do personagem homossexual no século XIX que as injúrias e perseguições se direcionaram para o sujeito homossexual. Ainda que, ambientes frequentados para encontros homoeróticos sempre existiram, é apontado pela história que, a partir do século XIV, idéias eugenistas, higienistas e heteronormativas enfocaram na segregação de lugares e programas familiares em contraposição a lugares onde se aglutinavam as escórias da sociedade, os quais deveriam ser tratados com diferenciação e violência. Partindo do exposto, surgem os dispositivos de socialização frequentados também por homossexuais, os chamados popularmente, por esses frequentadores, guetos gays. No entanto, é fato que a violência sofrida pelos homossexuais, sugere um novo caráter expressivo e crescente – a relação de poder e hierarquização entre os próprios homossexuais. O objetivo deste trabalho é descrever as relações estabelecidas entre os homossexuais que frequentam estes dispositivos e o sentido que estes lugares tiveram e vêm adquirindo ao longo de suas existências, partindo dos pressupostos teóricos dos estudos culturais e de gênero de autores pós-estruturalistas. Para tal pesquisa, realizaram-se observações etnográficas nestes locais em um município do interior paranaense, assim como se realizaram entrevistas prolongadas com frequentadores selecionados e que ocasionaram em análises das narrativas de histórias de vida destes personagens-participantes. As análises das incursões em campo e das entrevistas apontaram que a condição homossexual e as vivências homoeróticas não implicam em dizer que esses atores sociais, produtos e produtores de práticas sociais, estejam isentos de serem subjetivados pelo contexto histórico sócio-político-cultural marcado pela heteronormatividade, pelo sexismo e machismo entre outros, pregados também pelas instituições religiosa, familiar e científica. Sobre os dispositivos de socialização GLBT analisou-se que estes lugares são destinados ao lazer, expressão das sexualidades, convívio e cumplicidade, entretanto, mesmo sendo menos coercitivos que os estabelecimentos frequentados por pessoas supostamente heterossexuais, também (re)produzem práticas sociais homofóbicas na ordem da hierarquização e exercício de relação de poder entre os próprios homossexuais, revelando conteúdos homofóbicos interiorizados demonstrados em práticas que perpetuam a diferenciação e expressões de preconceito dentro da própria diversidade sexual, sugerindo que determinados grupos de homossexuais estejam mais vulneráveis à violência.

Palavras Chaves: homossexualidades; dispositivos de socialização GLBT.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Relações Sociais	
Referencial Teórico: Estudos Culturais e de Gênero	Pós-Estruturalistas
Metodologia: Etnografia	Entrevistas
Trabalho Completo: Sim	

Título: Adoção por homossexuais: concepções de psicólogos judiciários

Tipo: Dissertação

Autor: Mariana De Oliveira Farias

Orientador: Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Local: UNESP-Bauru

Ano: 2007

Resumo: A adoção de crianças por pessoas homossexuais é um tema polêmico em diversos países. Algumas questões interferem negativamente na opinião das pessoas como a crença errônea de que os homossexuais tenderiam a abusar sexualmente da criança ou que a orientação sexual dos pais determinaria a do filho. No Brasil, a avaliação favorável ou não da adoção por pessoas homossexuais, no campo da psicologia jurídica, é uma discussão ainda recente. A formação na Psicologia parece não enfatizar o tema da sexualidade e da homossexualidade e há pouca literatura que combata os mitos e equívocos sobre o desenvolvimento de filhos, quando criados por pessoas ou casais assumidamente homossexuais. Diante disso, esta pesquisa descritiva investigou a concepção de psicólogos judiciários diante de situações de adoção em que o adotante assumia uma orientação sexual homossexual. Participaram onze psicólogos judiciários atuantes em fóruns de duas cidades do interior paulista, respondendo a um roteiro de entrevista. Os relatos dos psicólogos foram gravados, transcritos na íntegra para a análise do conteúdo e foram distribuídos nos seguintes agrupamentos temáticos: procedimentos e critérios utilizados para avaliação psicológica em casos gerais e de requerentes homossexuais; concepções sobre a homossexualidade, sua determinação e sobre as pessoas homossexuais; opinião sobre a adoção por homossexuais e o desenvolvimento de pessoas criadas por pais/mães homossexuais; depoimentos de psicólogos que já acompanharam processos de adoção por homossexuais; além de aspectos da formação acadêmica e continuada que influenciam na avaliação dos casos de adoção. Conclui-se que, em geral, os psicólogos mostraram certa imprecisão na sua atuação profissional, quando se trata de processos de adoção por homossexuais, revelando contradições, estereótipos e vieses pessoais diante desta temática que precisa ser intensamente debatida entre os profissionais psicólogos. Outras pesquisas na área da psicologia do desenvolvimento precisam ser realizadas e divulgadas de modo a colaborar com um referencial teórico que sustente melhor as decisões de psicólogos sobre o desenvolvimento de filhos por pares homossexuais.

Palavras Chaves: homossexualidade, adoção, psicólogos judiciários.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Adoção	
Referencial Teórico: Vários	
Metodologia: Análise de Conteúdo	
Trabalho Completo: Sim	

Título: A construção da identidade social dos homossexuais

Tipo: Tese

Autor: Raimundo Cândido de Gouveia

Orientador: Leoncio F. Camino Rodrigues Larrain

Local: UFPB/JP

Ano: 2007

Resumo: Os processos de classificação, medicalização e psicologização iniciados no Século XIX têm provocado a categorização social a partir dos comportamentos sexuais e, ao mesmo tempo, a organização política contra a estigmatização e a discriminação. Esses movimentos político-culturais têm conseguido a inclusão de alguns direitos civis na jurisprudência de vários países, que vinham sendo negados a partir da orientação sexual. A epidemia do vírus HIV iniciada nos anos 1980, que em um primeiro momento resultou na culpabilização dos gays por sua propagação, aprofundou os debates sobre a homossexualidade e lhe deu mais visibilidade social. Neste trabalho utilizam-se as abordagens construtivista e construcionista para tentar compreender a evolução das visões sociais sobre o fenômeno e mostrar o processo dinâmico de formação e mudança das normas sociais como resultado da relação entre os conflitos e os consensos sociais, considerando as estratégias argumentativas utilizadas. O objetivo é compreender os posicionamentos de futuros profissionais ligados ao assunto diante dos direitos civis reivindicados pelo movimento GLBT. No primeiro estudo se verificam as crenças sobre a natureza do homoeroticismo e sua relação com as crenças do senso comum; os resultados revelam que ainda há muitas dúvidas e contradições nas opiniões dos participantes sobre qual o posicionamento que deve ser considerado mais correto politicamente. No segundo estudo procuram-se as relações entre as opiniões dos participantes com as crenças sobre família e conjugalidade; os resultados mostram que as atitudes de concordância com a igualdade de direitos estão ligadas a uma visão afetiva e informal da família, e a discordância a visões institucionais e religiosas. No terceiro estudo procura-se entender como se articulam os discursos oriundos dos movimentos GLBT a respeito da conjugalidade e da realização pessoal; observa-se que as aspirações dos militantes não consideram necessariamente uma revolução nos modos de constituição familiar. Conclui-se pela necessidade de um maior aprofundamento dos debates, tanto no nível acadêmico quanto na sociedade em geral, para que se superem as resistências e intolerâncias fundamentadas em temores e desinformação.

Palavras Chaves: Modernidade, crenças sociais, preconceito.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Identidade	
Referencial Teórico: Construtivista	Construcionista
Metodologia: Não identificado	
Trabalho Completo:	

Título: **Homossexualidade: saber e homofobia**

Tipo: Tese

Autor: Acyr Correa Leite Maya

Orientador: Joel Birman

Local: UFRJ

Ano: 2008

Resumo: O objetivo desta tese é pesquisar o discurso dos analistas que foram contrários ao Pacto Civil da Solidariedade (PACS), aprovado na França em 1999, que legitimou juridicamente a parceria afetiva homossexual. A aprovação do PACS, ainda que com direitos limitados, provocou reações homofóbicas provenientes de psicanalistas de renome internacional. Examinamos a noção de ordem simbólica da diferença dos sexos, argumento central usado para impedir do ponto de vista teórico e político, o acesso dos homossexuais ao PACS. Constatamos a existência de uma correspondência entre a teoria psicanalítica da homossexualidade como perversão e a tese antropológica-psicanalítica da desimbolização social, suposto perigo representado pela inscrição do casal homossexual na ordem simbólica da diferença dos sexos. A partir do argumento recorrente, haja vista o episódio do PACS, de que os homossexuais renegam a diferença sexual, investigamos a origem da correlação habitual entre a homossexualidade masculina e a perversão, visando compreender sua permanência na literatura psicanalítica até hoje.

Palavras Chaves: homofobia; homoparentalidade; homossexualidade; psicanálise.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Psicanálise	
Referencial Teórico: Psicanálise	
Metodologia: Não identificado	
Trabalho Completo: Sim	

Título: “Comecei a ser uma pessoa que gostava de pessoas”: Narrativas eróticas dissidentes e posicionamentos do self nas redes cotidianas de significado

Tipo: Tese

Autor: Angela Maria Estrada Mesa

Orientador: Leoncio F. Camino Rodrigues Larrain

Local: UFPB/J.P. - UFRN

Ano: 2009

Resumo: A presente investigação, que se situa no campo da Psicologia Discursiva, busca compreender, a través do discurso, as tensões e supostos sob os quais têm se vindo entendendo e agenciando as práticas homoeróticas, assim como os gêneros argumentativos que empregam pessoas que tem tais práticas, tanto em suas autonarrações, como em seus repertórios interpretativos sobre a homossexualidade; finalmente também se exploram seus relatos sobre suas perspectivas de futuro. A mostra intencional está composta por dois grupos de idade, jovens e adultos estudantes e profissionais, assumidos como gays, lesbianas e bissexuais, de sexo masculino e feminino, que se ofereceram voluntariamente sua entrevista. Se adiantou uma entrevista individual e em profundidade. O texto recorre tanto aos desenvolvimentos da genealogia da sexualidade, como à historiografia do eu da Psicologia socioconstrucionista, para propor umas teses sobre a genealogia do sujeito de desejo, fundadas criticamente na historia do self em ocidente. Se apresentam igualmente as propostas do enfoque socioconstrucccionista acerca da construção social da sexualidade. Também se expõem algumas tensões contemporâneas entre os Estudos LGBT e a Teoría Queer. Entre os achados mais destacáveis se mostra como o-as participantes constroem e re-negociam suas narrativas identitarias na rede social pessoal e o subíndice de clandestinidade que com freqüência adquirem tais narrativas. Igualmente os processos de matoneo empregados para construção da masculinidade homofóbica na escola. Também mostra tanto as políticas da identidade que se agenciam desde as subculturas gay, como as estratégias de ajuda mutua. Igualmente se assinalam os recursos retóricos que empregam os participantes tanto para a construção de identidades inteligíveis, como para a explicação da origem do homoerotismo. Finalmente, se apontam as restrições que os participantes constroem em suas antecipações de futuro, associadas a sua preferência erótica não hegemônica e se propõem algumas chaves para a intervenção.

Palavras Chaves: homossexualidade, identidade, psicologia crítica.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Identidade	
Referencial Teórico: Construcionista	Psicologia Discursiva
Metodologia: Entrevista	
Trabalho Completo:	

Título: Sexualidade e trabalho: Estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor financeiro

Tipo: Tese

Autor: Eloísio Moulin de Souza

Orientador: Agnaldo Garcia

Local: UFES

Ano: 2009

Resumo: Esta tese foi desenvolvida buscando-se analisar as possíveis formas de discriminação no trabalho relacionadas a empregados homossexuais masculinos que trabalham em bancos públicos e privados localizados na região metropolitana de Vitória/ES. Assim, fez-se um levantamento bibliográfico sobre as pesquisas internacionais e nacionais que envolveriam e relacionariam o estudo da homossexualidade masculina com o mundo do trabalho e uma análise das diferenças existentes entre a abordagem tradicional que envolve os estudos de gênero para uma análise pós-estruturalista da sexualidade. Em relação aos aspectos metodológicos, o tipo de pesquisa é qualitativa, utilizando-se de um roteiro de entrevista semi-estruturado para coleta de dados. Foram entrevistados dez bancários, trabalhadores de dois bancos públicos federais e de um banco privado com capital inteiramente nacional. Para a análise de dados utilizou-se a análise de discurso desenvolvida por Michel Foucault. Conclui-se que os entrevistados são alvos de discriminação direta e indireta em razão de sua sexualidade. A discriminação direta manifesta-se na deficiência dos normativos dos bancos públicos estudados em garantir e esclarecer os reais direitos dos trabalhadores, bem como na completa falta de regras que estabeleçam direitos no banco privado analisado. Contudo, o que mais causa incômodo aos entrevistados são as expressões de discriminação indireta por meio de: (a) piadas que falam pejorativamente de forma generalizada sobre homossexuais, (b) isolamento para que não tenham contato com clientes e até mesmo com demais funcionários, (c) condições de trabalho inferiores as ofertadas para os demais empregados, (d) exclusão de participação nos grupos informais e atividades destes grupos ocorridas fora da empresa, (e) brincadeiras, fofocas e ironias sobre as formas de andarem, falarem e gesticularem quando não estão presentes no recinto, (f) xingamento relacionado a evidenciação de uma suposta feminilidade pertencente a homossexuais (“mocinha”, “veadinho”), (g) dificuldades de crescimento na carreira e (h) dificuldade de contratação de homossexuais, principalmente afeminados, por gerentes de bancos privados.

Palavras Chaves: Homossexualidade; Discriminação; Sexualidade; Trabalho.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Trabalho	
Referencial Teórico: Pós Estruturalista	
Metodologia: Análise do Discurso	Entrevista Semi Estruturada
Trabalho Completo:	

Título: Vivências do Desejo Feminino: A experiência Homoafetiva

Tipo: Tese

Autor: Aline Oliveira Machado

Orientador: Leoncio F. Camino Rodrigues Larrain

Local: UFPB/J.P. - UFRN

Ano: 2010

Resumo: Pensar em uma sociedade onde parcela da população é destinada a viver sua afetividade de forma secreta é pensar como estes sujeitos “admitem para si” uma sexualidade destinada a marginalidade e como enfrentam, desde a identificação do próprio desejo a prática do desejo. Diversos estudos têm demonstrado que mesmo com a existência de normas sociais que coíbem o preconceito, a discriminação continua atuante, embora esteja assumindo formas de expressão que não entram em confronto direto com a vigência das atuais normas de tolerância (Camino, Da Silva, Machado & Pereira, 2001). Essas atitudes discriminatórias e as situações de exclusão criam sentimentos de inadequação social nos sujeitos homoeróticos, o que se reflete diretamente na sua auto-estima e no desempenho das suas funções enquanto indivíduos pertencentes à sociedade. Conseqüentemente, os sujeitos homoeróticos agrupam-se buscando um suporte emocional entre si, que lhes permite amenizar a recusa do convívio harmônico com o restante da sociedade. Assim, o estudo do preconceito contra os homossexuais é uma área de estudo muito importante, na medida em que esse preconceito traz muito sofrimento psíquico e muitas vezes até físico à parcela da população que pelas mais variadas razões pessoais pratica o homoerotismo. Averiguado em certas realidades enunciadas pelas pessoas que admitem essa prática: “acreditar que os homossexuais devem se portar discretamente para não ser vítimas do preconceito, pois quando se expõem perdem o respeito. Por outro lado, sentem a necessidade de se expressar e como não o podem fazer em público, procuram locais GLS ou similares, fato que reforça a sensação de separação entre o mundo homo e heterossexual” e “freqüentemente algumas pessoas possuem preconceito consigo mesma e que outras não se aceitam, portanto, são infelizes vivendo conforme a sociedade manda”. (Machado, Da Costa e Camino, 2004). Assim o objetivo deste trabalho é investigar a construção da vivência social do grupo de mulheres que experienciam a prática do desejo homoafetivo enquanto minorias ativas, em uma dinâmica social caracterizada por representações depreciativas a grupos de minorias sexuais. Descrevendo como neste universo se desenvolvem e se expressam as estratégias dessa vivência. Neste sentido, a investigação baseia-se concretamente em quatro aspectos: Percepção acerca das causas da homossexualidade; Fatores emocionais e sociais os quais estão envolvidos a descoberta do desejo homoerótico; Percepção acerca da discriminação vivida; Percepção a cerca de como os movimentos e as minorias sexuais contribuem na luta pela diversidade sexual; e Percepção a cerca de quais as bandeiras de lutas devem ser priorizadas pelo movimento de minorias sexuais. A amostra foi composta por 81 mulheres que praticam o homoerotismo, contatadas através de redes de contatos. No que concerne às causas explicadoras da prática homoerótica, observou-se que as homossexuais por um lado negam existir qualquer tipo de causa, admitindo a homoafetividade como uma orientação, e por outro associam a causa a fatores biológicos e/ou psicológicos. Onde, admitir como causa do desejo a própria natureza do indivíduo, facilita a identificação do desejo. A descoberta do desejo homoafetivo se dá na infância, na puberdade ou na adolescência, independente da idade em que se identifica o desejo, para essas mulheres, a manifestação do desejo vem sobrecarregada de sentimentos de exclusão social e inadequação social, trazendo em si o conflito entre a auto-aceitação e o medo de fugir a norma hetero-normativa. A sociedade é pensada por essas mulheres,

de uma forma geral, como importante fonte de decepção e hostilidade, já a rede de amigos como facilitadores da prática homoafetiva. Apesar deste cenário, onde se percebe que a identificação do desejo traz uma série de transtornos e sentimentos de inadequação social, as mulheres parecem não identificar um cenário concreto de discriminação. No entanto, podemos considerar a falta da identificação da discriminação como uma consequência da forma como essas mulheres vivem sua sexualidade, pois na quase totalidade das entrevistadas o fato de não poder viver publicamente seu afeto se demonstra, em vários discursos, como uma forma de discriminação. O que de fato parece-nos contraditório traz em si uma característica da vivência homoafetiva feminina. No aspecto das reivindicações importantes para o grupo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis), as homossexuais colocam como prioridades as questões ligadas a direitos civis: direito de adotar filhos com a companheira, casar-se no civil, direito à herança da(o) companheira(o), direito à assistência médica nos problemas de saúde e ser respeitado por todos os cidadãos. Seguido por viver publicamente sua identidade e manifestar em público o afeto pela parceira sem que isso acarrete em atos discriminatórios por parte da sociedade. Por fim, os Direitos como casamento religioso e mudança de gênero no registro civil parece não apontar como uma bandeira de luta importante para as homossexuais. Desta forma, as mulheres de prática homoerótica têm uma vívida percepção tanto das formas como das consequências da discriminação e preconceito a que estão submetidas na sociedade.

Palavras Chaves: Identidade, Desejo, Homofobia.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Identidade	
Referencial Teórico: Não Consta	
Metodologia: Não identificado	
Trabalho Completo:	

Título: Os paradoxos da experiência do armário entre jovens gays e lésbicas: um estudo psicossocial

Tipo: Dissertação

Autor: Daniel Arruda Martins

Orientador: Juliana Perucchi

Local: UFMG

Ano: 2010

Resumo: Investigamos as experiências de silêncio e de segredo que constituem, em diferentes níveis, a sexualidade e a vida, pública e privada, de jovens homens e mulheres não-heterossexuais que residem na região metropolitana de Belo Horizonte/MG, atentando para seus discursos e suas práticas sociais. Os conceitos armário e políticas do armário são descritos e utilizados como instrumentos de análise deste objeto. Exploramos experiências individuais tomadas, ao mesmo tempo, como possibilitadas e mantenedoras de uma ordem social que nega direitos e acessos, incluindo subalternamente determinados sujeitos, e identificamos o papel dessas experiências no sistema de regulação que garante privilégios àqueles que se relacionam com indivíduos do sexo oposto e contribui para a hegemonia de seus valores. As análises apontam como a heteronormatividade legitima atos homofóbicos e, ao lançar mão de um instrumento de subjetivação poderoso, a injúria, constrange sujeitos ao armário a partir da constituição de sua própria subjetividade nos moldes da vergonha. Por outro lado, a análise de casos limite, ainda que comuns, também aponta como a superação da injúria e do constrangimento ao armário podem ser possibilitados pelo recurso a elementos basilares da heteronormatividade. Por fim, como paradoxo central deste trabalho, apontamos como a experiência de sair do armário não implica necessariamente na autonomia e na emancipação do sujeito homossexual e nem na afronta política às estruturas sociais que o compelia/compele ao silêncio.

Palavras Chaves: homossexualidade; homofobia; preconceito; heteronormatividade.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Preconceito	
Referencial Teórico: Políticas do Armário	
Metodologia: Não identificado	
Trabalho Completo:	

Título: Como professores do Ensino Fundamental representam as famílias resultantes de uniões homoafetivas

Tipo: Dissertação

Autor: Marcelo Ferreira Leite

Orientador: Maria Cristina Lopes De Almeida Amazonas

Local: UNICAP

Ano: 2010

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar como os professores do Ensino Fundamental de escolas públicas e particulares, da cidade do Recife, representam as famílias constituídas por um casal homossexual. Para alcançar tal propósito foram utilizados dois instrumentos: 1) o Procedimento de Desenho-estória com tema e 2) Entrevista semi-estruturada. Os dados coletados foram submetidos à Análise de conteúdo, em torno de tres temas: 1) Como professores representam famílias constituídas por casal do mesmo sexo; 2) como representam as crianças que vivem nestas famílias; 3) como vêem o papel da escola na construção das diferenças de gênero. Quanto ao primeiro tema, o discurso dos participantes revela uma concepção homofóbica, prevalecendo a tendência a considerar este tipo de família como anormal, porém reconhecendo a necessidade de respeitá-la. No segundo tema, os professores, em sua maioria, revelaram acreditar que as crianças advindas desse tipo de família sofrem ou podem sofrer preconceitos, tanto por parte da escola quanto da sociedade. Revelaram também preocupação quanto à futura orientação sexual destas crianças. No terceiro tema, afirmaram que nem a escola, tampouco os professores, estão preparados para lidar com o tema da sexualidade e, principalmente, com o da homossexualidade. Apesar da premente necessidade de transformação das práticas pedagógicas sobre o referido tema, ficou claro que essa mudança não se dará de forma rápida, fácil e simples, em razão do poder e da resistência da ordem heteronormativa que circula nas relações sociais. Portanto, no que tange a uma educação não-sexista e não-homofóbica, vislumbra-se um processo lento e radical de mudanças que deve envolver todos os componentes da escola.

Palavras Chaves: Gênero, família homoafetiva, professores.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Família	
Referencial Téorico: Não Consta	
Metodologia: Desenho Estória	Entrevista
Trabalho Completo:	

Título: O discurso sobre e das personagens homossexuais das telenovelas: regiões de poder, saber e dizer

Tipo: Dissertação

Autor: Carla Cacilda Krauss De Lima

Orientador: Lucília Maria Sousa Romão

Local: USP-RP

Ano: 2007

Resumo: O objeto desta pesquisa é o estudo do discurso sobre e da personagem homossexual nas telenovelas brasileiras, exibidas em território nacional, em horário nobre, investigando a inscrição da homossexualidade e os efeitos de sentido instalados por ela. Os mecanismos de funcionamento do discurso, segundo a Análise do Discurso de matriz francesa, repousam nas representações imaginárias e ideológicas, a saber, lugares que os sujeitos atribuem para si e para seu interlocutor interpelados pela ideologia, que faz as palavras parecerem evidentes em uma relação natural com o mundo. Em um corpus formado por recortes lingüísticos textualizados nas telenovelas da Rede Globo, Senhora do Destino, América, Páginas da Vida e Paraíso Tropical, investigamos qual imagem faz falar o homossexual. A análise de dados nos permite inferir que, apesar de estarem em evidência, as personagens homossexuais colocam em curso um dizer sobre a homossexualidade que instala novos sentidos, mas que também vem contaminado pelos sentidos da formação discursiva (FD) dominante. Por causa dessa heterogeneidade do sujeito-autor da novela, ele vai se filiar a uma FD que tenta romper e também a outra, que traz sentidos cristalizados pela ideologia dominante. Assim, há o diferente e o mesmo, um jogo de poder, de tensão e de litígio entre FDs; existe, sim, uma FD outra que surge como lugar de resistência e de ruptura. Desse modo, o mesmo e o estabilizado enovelam-se, na novela, inscrevendo ora efeitos de contradição, ora de manutenção do já-lá. O sujeito-autor da novela assume o lugar de mediador, ou seja, aquele que tem o poder de distribuir determinados sentidos e não outros. Assim, ele vai tecendo uma rede de sentidos sobre o que pode ser dito sobre a homossexualidade, nas novelas da Rede Globo, no século XXI.

Palavras Chaves: discurso, memória, sujeito.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Novela	
Referencial Teórico: Não Consta	
Metodologia: Análise do Discurso	
Trabalho Completo:	

Título: A relação terapêutica frente a homossexualidade

Tipo: Dissertação

Autor: Gustavo Rihl Kniest

Orientador: Ana Lúcia Francisco

Local: UNICAP

Ano: 2005

Resumo: Buscou-se, através deste trabalho de pesquisa, compreender como o psicólogo clínico interage com a homossexualidade trazida pelo seu cliente no processo terapêutico. Esta, considerada até recentemente como doença/desvio do comportamento do indivíduo, vem demandando especial atenção de profissionais da Psicologia não só porque vem se revelando, com maior incidência, sobretudo entre adolescentes, como também por se tratar de um fenômeno que, face às configurações culturais da contemporaneidade, necessita ser re-visitado. Através de autores que estudam a constituição e o desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência e profissão, bem como tomando como referência a própria evolução histórico-cultural da homossexualidade, inclusive em algumas de suas abordagens teóricas, procurou-se fazer uma cartografia que viabilizasse aproximações à prática do psicólogo clínico, ao seu papel, suas contribuições, suas dificuldades e os atravessamentos da cultura em seu clinicar. Concomitantemente, realizou-se uma pesquisa qualitativa sob o referencial do método fenomenológico em que, através de entrevistas individuais, pretendeu-se conhecer a experiência e as ressonâncias nos terapeutas que trabalham com clientes que vivenciam a questão da homossexualidade. As narrativas que emergiram nesta pesquisa, ricas em contribuições e reflexões, apontam para um quadro surpreendente: frente às demandas sociais solucionadoras/curativas, juntamente com teorias psicológicas com vieses abertamente patologizantes, relatam uma intervenção clínica voltada a uma concepção de homem em sua totalidade, o que lhes permite uma postura crítica, teórica e social, frente a este fenômeno crescente em seus consultórios. Paralelamente, revelam o desamparo teórico- profissional sentido ao lidar com esta questão no confronto de seu cliente com sua realidade sócio-familiar. Esperamos que as reflexões, aqui levantadas, possam contribuir para a necessidade emergente de aprofundamento acerca desta temática, bem como ofereçam indicativos que oportunizem uma reflexão crítica acerca do lugar do psicólogo como profissional frente a este panorama.

Palavras Chaves: psicologia clínica, psicólogos clínicos, homossexualismo.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Psicoterapia	
Referencial Teórico: Cartografia	
Metodologia: Pesquisa: Fenomenológico	Entrevistas
Trabalho Completo: Sim	

Título: Adoção de crianças por homossexuais: crenças e formas de preconceito

Tipo: Dissertação

Autor: Luciene Campos Falcão

Orientador: Ana Raquel Rosas Torres

Local: UCG

Ano: 2004

Resumo: Este trabalho procurou entender o posicionamento dos estudantes universitários goianos sobre a adoção de crianças por homossexuais, ancorando esse posicionamento numa rede de representações sociais sobre a homossexualidade, sobre a melhor forma de educar as crianças e sobre a influência da relação homossexual na criação dos filhos. Teve também como objetivo, verificar como estudantes expressam seu preconceito contra homossexuais, sobretudo nos índices de rejeição à intimidade e expressão de emoções negativas e positivas. No primeiro estudo (n=288) constatou-se que os estudantes tinham atitudes diferentes sobre a adoção de crianças por homossexuais dependendo de como eles representavam a homossexualidade e de suas pertenças sociais. No segundo estudo (n=134) verificou-se que as pertenças religiosas são preponderantes para entender a posição dos estudantes em relação ao casamento homossexual, sendo que a maior parte dos evangélicos não concorda com o casamento homossexual por acreditar que vai contra os princípios formulados por Deus. No terceiro estudo (n=297) constatou-se que os universitários espíritas que concordam com o casamento homossexual são favoráveis à adoção de crianças por homossexuais. Por outro lado, os estudantes que explicam a homossexualidade em termos de comportamentos imoral ou ligada a problemas hereditários e os estudantes de psicologia são aqueles que consideram errado a adoção por casais homossexuais. Os resultados permitiriam classificar os estudantes em três grupos de indivíduos: preconceituosos flagrantes, preconceituosos sutis e não preconceituosos. O grupo mais representativo era composto por preconceituosos flagrantes, corroborando com o fato do Brasil apresentar altos índices de homofobia (Mott, 2003). Esses resultados apontam a necessidade de discutir a tolerância em relação às minorias sociais na educação popular e pretende subsidiar cientificamente o debate sobre a adoção por casais homossexuais.

Palavras Chaves: Adoção de Criança, Homossexual, Preconceito, Homofobia, Discriminação Sexual, Casamento Homossexual, Psicologia.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Adoção	
Referencial Teórico: Representações Sociais	
Metodologia: Questionário	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Agentes Estressores e Níveis de Stress da Homossexualidade Feminina *

Tipo: Dissertação

Autor: Fernanda Pasqualucci Ronca

Orientador: Esdras Guerreiro Vasconcellos

Local: PUC/SP

Ano: 2006

Resumo: Nessa dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, a autora apresenta um estudo sobre os níveis de stress e os agentes estressores da homossexualidade feminina, com referencial teórico-metodológico da Fenomenologia. O tal estudo é justificado pelo cenário atual, em que a orientação homossexual é ainda, em muitos casos, uma questão existencial complexa e geradora de conflitos. Observa-se que, por mais e maiores mudanças ocorridas quanto aos direitos e na imagem da população homossexual, grande parte da sociedade ainda os trata com preconceito, intolerância, rejeição, excluindo-os socialmente. Assim, esse estudo surge como contribuição para a compreensão de quais seriam, para essas mulheres, as possíveis situações e fenômenos percebidos e vivenciados enquanto agentes estressores. Participaram dessa pesquisa quarenta mulheres, sendo vinte homossexuais e vinte heterossexuais. Em um primeiro momento, aplicou-se a Lista de Sintomas de Stress (LSS/VAS) nas vinte mulheres homossexuais, pertencentes ao grupo ativista Umas&Outras, na sede do próprio grupo; e, as vinte mulheres heterossexuais, estudantes de graduação e pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), preencheram a LSS/VAS nas salas de aula da Universidade. A análise da LSS/VAS nos possibilitou chegar ao nível geral de stress de ambos os grupos. O nível geral de stress das mulheres homossexuais e das mulheres heterossexuais, foi praticamente o mesmo, não apresentando diferenças significativas. Em um segundo momento, após a análise dos resultados da LSS/VAS, foram selecionadas as dez mulheres homossexuais que apresentaram maior nível geral de stress e que aceitaram participar da nova etapa da pesquisa: a entrevista. Estas foram realizadas no consultório da pesquisadora, em dias previamente combinados com as sujeitas e tiveram duração que variou entre uma a três horas. Em busca da compreensão dos agentes estressores da homossexualidade feminina, os discursos coletados através das entrevistas, foram submetidos à análise fenomenológica, que identificou dez categorias: Alteração no auto-conceito; A mãe lésbica; A vivência da afetividade em público; A vivência do preconceito; Conflitos em relação à orientação sexual; O assumir-se para amigos/colegas heterossexuais; O assumir-se para os familiares e a relação com eles; O estigma; O processo em se assumir como tal; Sintomas físicos e psicológicos decorrentes de conflitos em relação à orientação sexual.

Palavras Chaves: homossexualidade feminina, homossexuais, lésbicas, agentes estressores, stress, nível geral de stress, fenomenologia, Lesbianismo, Mulheres, Comportamento sexual, Aspectos psicológicos, Fenomenologia existencial.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Stress	
Referencial Teórico: Fenomenologia	
Metodologia: Listas de Sintomas de Stress	Entrevistas
Trabalho Completo:	

Título: Conjugalidade gay e lésbica e rede de apoio social

Tipo: Dissertação

Autor: Eduardo Lomando

Orientador: Adriana Wagner

Local: PUC/RS

Ano: 2008

Resumo: Esta Dissertação de Mestrado pesquisa a relação entre a qualidade do relacionamento conjugal e a rede de apoio social de pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo. O estudo é apresentado na forma de três artigos, sendo um artigo de revisão teórica, um de metodologia e um empírico. O primeiro artigo procura fazer uma crítica histórico-social sobre os termos e conceitos usados na nomeação das relações entre pessoas do mesmo sexo usando a arqueologia do saber de Foucault e o construcionismo social de Berger e Luckman. Pode-se constatar e discutir que as mudanças de termos para a denominação do mesmo fenômeno, funcionam como táticas argumentativas que propiciam o entendimento dessa relação a partir de óticas alternativas. Entretanto, a mudança na terminologia por si só indica a manutenção da mesma construção subjetiva a respeito do fenômeno se não existir uma mudança efetiva no conceito que define as relações entre pessoas do mesmo sexo. O segundo artigo tem como objetivo delinear os passos da construção do instrumento PAS-IF que descreve de forma quantitativa a percepção do apoio social em sete dimensões: Companhia Social, Apoio Emocional, Guia Cognitivo, Controle Social, Ajuda Material, Acesso a Novos Contatos e Aceitação da Orientação Afetivo-sexual; a partir de três mapas: família, amigos e relações de trabalho/escola. O instrumento se mostrou válido na avaliação da rede de apoio social de sujeitos adultos, independente de sua orientação afetivo-sexual, alcançando um coeficiente alpha de Cronbach de 0,887, o que demonstra um alto índice de fidedignidade. O último artigo tem o objetivo de investigar a correlação entre qualidade conjugal e percepção de apoio social na família, nos amigos e nas relações de trabalho/escola de gays e lésbicas. Foram entrevistadas 111 pessoas e houve uma correlação positiva significativa entre qualidade conjugal e ambas as variáveis apoio social da família e apoio social dos amigos. Esse dado nos mostra que as funções de apoio medidas e exercidas pela família e pelos amigos favorecem o desenvolvimento da construção da subjetividade humana, assim como abrem caminho para o desenvolvimento da qualidade conjugal. De forma geral, os resultados desta dissertação nos levam a perceber melhor a forma como usamos os termos para definir as relações entre as pessoas do mesmo sexo, a importância de construir um instrumento complexo e ajudou a perceber a idéia de que a família exerce uma função importante na conjugalidade e nos alertou para as relações de trabalho para gays e lésbicas, espaço a ser pesquisado em futuros estudos.

Palavras Chaves: Psicologia Social, Homossexualismo, Relações Familiares, Relações Conjugais, União Homossexual, Interação Social, Relações De Gênero.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Conjugalidade	
Referencial Teórico: Foucault	Construcionista
Metodologia: Inventário de Funções PAS-IF	Escala de Avaliação da coesão e adaptabilidade conjugal
Trabalho Completo: Sim	

Título: Conto ou não conto?: os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para adolescentes masculinos da cidade de São Paulo.*

Tipo: Dissertação

Autor: Elcio Nogueira dos Santos

Orientador: Sergio Ozella

Local: PUC-SP

Ano: 2004

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para cinco adolescentes masculinos da cidade de São Paulo. Para atingir este objetivo, são inicialmente demonstrados os diferentes significados que as relações afetivo-sexuais entre homens passaram a ter na cultura ocidental com a adoção generalizada da palavra homossexual e analisados alguns deles. Contextualiza-se então, o movimento homossexual brasileiro e sua importância como (re)significadora das relações afetivo-sexuais entre homens no Brasil. Depois disso discutimos as colocações de Erik Erikson sobre homossexualidade na adolescência, elaborando uma crítica a tal posição. Em seguida estudam-se os discursos dos cinco adolescentes entrevistados. Partindo da análise do sub-texto contido nestes discursos, é demonstrado o sofrimento ético-político, presente cotidianamente na vida destes adolescentes, os quais, por um período considerável de suas vidas são colocados à margem da sociedade. Os pressupostos teórico-metodológicos deste trabalho são da Psicologia Sócio- Histórica, com base no materialismo histórico-dialético, como proposto por Vygotski. O método utilizado para a coleta de dados foi composto de observações de campo, em locais de frequência homossexual, contatos com coordenadores pedagógicos da rede municipal de ensino e entrevistas não estruturadas, isto é, sem um questionário previamente estabelecido, com cinco adolescentes, com faixa etária de 16 a 20 anos moradores da cidade de São Paulo. Então é apontado o momento em que estes jovens, como sujeitos singulares, (re)significam suas sexualidades, rompendo com idéias preconceituosas sobre a homossexualidade, existentes ainda nos dias de hoje, transformando as relações afetivo sexuais entre homens em um fator de orgulho e não mais de exclusão. Com isso demonstra-se que a sexualidade, especialmente a homossexualidade, não é uma "essência" natural e subordinada à vontade dos sujeitos, mas sim, um importante mediador social entrelaçado e dependente da sociedade e momento histórico no qual os sujeitos estão inseridos.

Palavras Chaves: Adolescência, Homossexual, Psicologia sócio histórica, Homossexualidade masculina.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Adolescência	
Referencial Teórico: Psicologia Sócio-Histórica	
Metodologia: Observações de Campo	Entrevista não estruturadas
Trabalho Completo: Sim	

Título: Crença no Mundo Justo, AIDS e Câncer de Pulmão: Orientação sexual e responsabilização individual.

Tipo: Dissertação

Autor: Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria

Orientador: Ana Raquel Rosas Torres

Local: UCG

Ano: 2007

Resumo: O objetivo principal deste trabalho foi investigar o preconceito contra homossexuais portadores do HIV/AIDS, analisando o papel moderador da Crença no Mundo Justo (CMJ) nesse fenômeno. Três hipóteses foram testadas: a) a responsabilização pela contaminação seria maior para os homossexuais do que para os heterossexuais; b) a responsabilização seria maior para a condição do HIV/AIDS do que para o câncer de pulmão e c) os participantes com alta adesão à CMJ responsabilizariam mais o homossexual portador do HIV/AIDS. Para testar essas hipóteses, 171 estudantes de Psicologia responderam um questionário nos quais, além da escala da CMJ, havia um pequeno trecho de uma entrevista no qual um homem relatava ter uma doença. Para metade dos participantes ele era homossexual e para a outra metade, heterossexual; além disso, foi manipulado também o tipo de doença: para metade ele era portador do HIV/AIDS e para a outra metade, ele tinha câncer de pulmão. Os resultados da regressão múltipla mostram que os efeitos isolados da orientação sexual e da CMJ não foram significativos. Apenas o efeito isolado do tipo da doença foi significativo, mostrando que, de uma maneira geral os portadores do HIV/AIDS foram mais responsabilizados pela própria contaminação. Os resultados mostram que a CMJ tem um papel moderador na responsabilização, assim, os participantes com alta CMJ responsabilizaram mais os homossexuais portadores do HIV/AIDS. No entanto, no caso da baixa CMJ, os participantes responsabilizaram mais os heterossexuais portadores do HIV/AIDS. Esses resultados são discutidos à luz da teoria de racismo aversivo de Gaertner e Dovidio (1986), ressaltando-se a importância da inclusão do preconceito contra homossexuais na agenda de investigações dos psicólogos sociais.

Palavras chaves: preconceito e discriminação, homossexualidade, crença no mundo justo, hiv/aids, psicologia.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: AIDS/HIV	
Referencial Teórico: Teoria do Racismo Aversivo	
Metodologia: Questionário	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Famílias de Mães Homossexuais: Relato das mães

Tipo: Dissertação

Autor: Fabiana Schiavi Noda

Orientador: Rosane Mantilla de Souza

Local: PUC/SP

Ano: 2005

Resumo: O conceito de família é um dos mais estimados pela nossa sociedade e o surgimento de novos arranjos familiares nos obriga a rever antigas definições. A família cuja mãe é homossexual é um desses novos arranjos, e talvez o mais polêmico deles, pois além da dificuldade de se abrir mão de antigos conceitos, soma-se o fato dela estar inserida em uma sociedade que a recebe de forma dúbia, sendo politicamente correto aceitá-la, mas sem esquecer da longa história de preconceito aos homossexuais. A presente pesquisa visou ampliar nossa compreensão sobre a família chefiada por uma mulher pertencente a um grupo estigmatizado, investigando a experiência familiar e de cuidado dos filhos entre mulheres que mantinham famílias homossexuais, mas com filhos provenientes de conjugalidades heterossexuais anteriores. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo por meio de entrevistas em profundidade, com quatro mulheres com idade entre 40 e 48 anos, que viviam relacionamentos conjugais homossexuais a pelo menos 10 anos e filhos de ambos os sexos, e que foram viver com a mãe e sua companheira entre os 2 e 13 anos. A análise dos resultados revelou, por um lado temas semelhantes aos de qualquer mãe, como a preocupação com a educação e bem-estar de seus filhos. Por outro lado, evidenciaram-se temas como a revelação às crianças, auxiliá-los a lidarem com a informação da homossexualidade fora do lar, o jogo de segredos, estigma e preconceitos subjacentes. As mães que possuíam resquícios de vergonha por ser homossexual se impuseram limites rígidos para a visibilidade do relacionamento conjugal dentro de sua própria casa, bem como encontraram dificuldades no momento da revelação e o postergaram até o seu limite. A revelação trouxe melhoras no relacionamento entre mãe e filhos, entretanto, os relatos indicam para um desconhecimento da mãe de como seus filhos lidaram com a nova informação.

Palavras Chaves: [Família](#), [Homossexualidade](#), [Maternidade](#)

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Família	
Referencial Teórico: Vários	
Metodologia: Entrevistas em Profundidade	Estudo de Caso
Trabalho Completo: Sim	

Título: Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso

Tipo: Dissertação

Autor: Edson Luiz Defendi

Orientador: Rosa Maria Stefanini de Macedo

Local: PUC/SP

Ano: 2010

Resumo: Este estudo teve como objetivo compreender como o processo de revelação da conjugalidade homossexual masculina reflete na construção da rede social do casal e na dinâmica de seus relacionamentos. Para a construção deste estudo realizamos uma pesquisa qualitativa e interpretativa enfatizando a natureza socialmente construída da realidade e a importância de compreender o fenômeno de forma contextualizada e sistêmica. A estratégia metodológica adotada para este trabalho foi o estudo de caso que buscou conhecer o caso a ser pesquisado sem a pretensão de esgotar e ou fazer generalizações, atendo-se à singularidade e riqueza do caso escolhido. Os instrumentos utilizados foram a entrevista semiestruturada, o Mapa de Rede de Social proposto por Sluzki (1997) e a Linha do Tempo do casal. Foram entrevistados dois casais homossexuais masculinos e, para fins deste estudo, foi escolhido um casal que apresentou riqueza e diversidade de informações para o tema proposto. Com este casal foram realizados três encontros, sendo um encontro individual com cada membro da díade e um encontro em conjunto. A análise e os resultados da pesquisa apontam que construir uma relação conjugal homossexual requer de seus membros uma consciência de suas identidades e uma clareza quanto ao desejo conjugal. Para o casal participante, revelar não significa necessariamente contar sobre a relação para qualquer pessoa da rede social. Viver como um casal, coabitar, estarem sempre juntos socialmente e também contar explicitamente sobre sua conjugalidade, preservando certa privacidade quanto a vida pessoal, são formas de legitimar socialmente a relação e dar visibilidade a mesma. Apesar da diferença de significado e conseqüentes atitudes sobre revelar ou não suas conjugalidades, cada membro do casal respeita a posição do outro e tal situação não é geradora de conflitos na relação. Revelar aproxima as pessoas da rede e não revelar mantém limites entre o casal e sua rede social. Limites esses mais aparentes em relação à família de origem com reflexos de rejeição ao casal, até incorporação do mesmo por parte da família de um dos participantes, porém com pouca intimidade entre as partes. As relações de amizade são as que oferecem maior intimidade e proximidade ao casal quando cientes da sua condição, e nas relações de trabalho, preservar a identidade do casal pela não revelação da situação aparece como condição de convivência mais confortável entre o casal e os colegas. Consideramos que o conhecimento de tais características sobre a homoconjugalidade masculina é relevante para o trabalho na área de saúde mental.

Palavras Chaves: Conjugalidade homossexual, Companheiros homossexuais, Redes de relações sociais, Identidade sexual.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Conjugalidade	
Referencial Teórico: Construtivista	Sistêmica
Metodologia: Estudo de Caso	Mapa de Rede Social
Trabalho Completo: Sim	

Título: Homossexualidade e Preconceito: o que Pensam os Profissionais de Recursos Humanos

Tipo: Dissertação

Autor: Alessandra Ramos Demito Fleury

Orientador: Ana Raquel Rosas Torres

Local: UCG

Ano: 2006

Resumo: Esta dissertação teve dois objetivos. Primeiro, investigar o preconceito contra o homossexual a partir da análise da atribuição de características positivas e negativas feita por profissionais da área de Recursos Humanos tanto para homossexuais quanto para heterossexuais. Segundo, investigar como as novas formas de expressão do preconceito podem estar atuando nesse processo discriminatório, considerando a infra-humanização como produto dessas novas formas. Para tanto, dois estudos empíricos foram realizados. O primeiro buscou validar as escalas que serviriam de indicadores no instrumento do segundo estudo, o qual foi realizado numa amostra (n=135) de estudantes de pós-graduação na área de Recursos Humanos de ambos os sexos da cidade de Goiânia. No primeiro estudo (n=69), verificou-se que a lista de adjetivos baseada nos estudos de Lima (2002) sobre a infra-humanização, poderia não adequar-se suficientemente bem ao nosso contexto. Os resultados do segundo estudo revelaram que, no caso dos homossexuais, a expressão do preconceito ocorre de forma sutil (Pettigrew & Meertens, 1995), porém não está relacionada ao processo de infra-humanização, o qual define que uma maior atribuição de características humanas (traços culturais e sentimentos ou emoções secundárias) para o grupo majoritário promove a diferenciação intergrupar sem derogar o grupo minoritário, fornecendo, assim, um meio aceitável pela sociedade atual, respeitando as normas igualitárias. Os resultados indicaram que, diferentemente de outros estudos na área (Lacerda et al., 2002; Falcão, 2004 e Pereira, 2004), o preconceito contra os homossexuais expressa-se mais de forma sutil que flagrante, apresentando uma maior atribuição de características positivas para o grupo majoritário e não se diferenciando ao nível da atribuição de características negativas para o grupo minoritário. Esses resultados são discutidos ressaltando-se a importância de mais estudos sobre esse tema, tão pouco estudado por psicólogos sociais.

Palavras Chaves: homossexualidade, preconceito, mercado de trabalho, recursos humanos.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Trabalho	
Referencial Teórico: Vários	
Metodologia: Questionário	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Laço conjugal homoerótico *

Tipo: Dissertação

Autor: Maurício Castejón Hermann

Orientador: Raul Albino Pacheco Filho

Local: PUC/SP

Ano: 2000

Resumo: Ao constatar a existência de assassinatos aos homossexuais, formulamos, através de uma fundamentação ética, a hipótese de existir conjugalidades homoeróticas que pudessem ser conceptualizadas fora do conceito de estrutura perversa, o que nos obrigou a discutir a diferença entre Édipo biológico e Édipo estrutural, além da noção de desejo como algo que tem, na sua constituição prototípica, algo de perverso. Buscando confirmar a hipótese acima formulada, num primeiro momento, percorreu-se os textos de Freud considerados chaves para a compreensão do conceito de perversão. Em seguida, apresentamos dados empíricos acerca dos sinais de tolerância que a nossa cultura vêm sedimentando, neste momento histórico, às conjugalidades homoeróticas, com destaque para o projeto de parceria civil, bem como a presença de assassinatos de homossexuais, tais como o de Edson Nérís da Silva. Posteriormente, segue uma definição de perversão, formulada pela psicanálise, pertinente à confirmação de nossa hipótese, no caso, a metáfora do jogo de tapeação. Esta noção de perversão nos servirá como argumento principal para ilustrar a perversão no laço conjugal, como algo que independe do sintoma da homossexualidade. Foi pertinente nos referirmos à uma outra reformulação psicanalítica sobre a perversão, a saber: a saída perversa do neurótico e sua paixão em aderir ao semblante de saber compartilhado. Esta reformulação teórica nos serviu como argumento de análise e discussão sobre o uso ideológico que a ciência adquire, em certos casos, a favor da manutenção deste semblante de saber compartilhado, ao invés de esclarecer equívocos, como por exemplo, a obrigatoriedade do sintoma da homossexualidade como perversão. Finalmente, concluímos o nosso trabalho com a posição ética sugerida por Jurandir Freire Costa, sobre ética historicista, pois este argumento nos convida à questionar certos dogmas instituídos historicamente em nossa sociedade.

Palavras Chaves: Cultura, Homossexualidade, Homoerotismo, Perversão, Psicanálise, Laço conjugal.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Conjugalidade	
Referencial Teórico: Psicanálise	
Metodologia: Revisão de Literatura	
Trabalho Completo:	

Título: Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso

Tipo: Dissertação

Autor: Cynthia Regina Pemberton Cancissu

Orientador: Rosane Mantilla de Souza

Local: PUC/SP

Ano: 2007

Resumo: O presente estudo discute a rede de relacionamento lésbico, a presença de uma família escolhida e como se constrói esta rede de relacionamentos. Para chegar a uma possível compreensão deste fenômeno, realizou-se uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso e entrevista semi-estruturada. O caso escolhido para o estudo foi o de uma mulher homossexual assumida, com mais de 30 anos de idade e com a vivência de mais de um relacionamento amoroso homossexual significativo. No estudo, foram abordados elementos vinculados à aceitação da própria homossexualidade, processo do assumir-se, especialmente para a família de origem, a relação com esta e a construção de novos relacionamentos, destacando-se o relacionamento com a comunidade lésbica. A pesquisa evidenciou a dificuldade vivida para se aceitar como homossexual, bem como assumir-se para a família de origem. Diante da reação desta, a participante sai em busca de uma rede que a apóie, e a encontra na comunidade lésbica; Desde então, passa a construir novos relacionamentos, amigos, relacionamentos amorosos e relacionamentos com ex-parceiras, que vão compor sua nova família. Ao mesmo tempo, a relação com sua família de origem passa por diversas mudanças até a aceitação total de sua homossexualidade. Finalmente, rede de relacionamentos e família de origem unem-se para formar uma família escolhida que reflete uma rede complexa de relacionamentos.

Palavras Chaves: Lésbicas, família de origem, rede de relacionamentos, Família escolhida, Lésbicas: Psicologia, Lésbicas: Relações com a família, Lesbianismo.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Família	
Referencial Teórico: Vários	Sistêmica
Metodologia: Estudo de Caso	Entrevista Semi estruturada
Trabalho Completo: Sim	

Título: Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal

Tipo: Tese

Autor: Alessandro Soares da Silva

Orientador: Salvador Antonio Meirelles Sandoval

Local: PUC/SP

Ano: 2006

Resumo: A presente tese de doutorado em Psicologia Social é um estudo intercultural, de abordagem psicopolítica, da construção da consciência política coletiva de homossexuais no Brasil, na Espanha e em Portugal, cujo ponto de partida foi a análise da participação na Parada do Orgulho LGBT de cada um destes países. A parada do Orgulho LGBT, é um fenômeno de massa, uma estratégia psicopolítica de construção de uma cidadania ativa destes sujeitos. Assim, ela funciona como um instrumento de resgate da memória política de homossexuais e de visibilização frente a uma sociedade assimilacionista e heteronormativa, avessa à diferença. O processo de construção desta tese implicou a realização de trabalhos de campo nestes três países, durante os anos de 2003-2006, que resultaram em 44 entrevistas de militantes dos movimentos LGBT e de homossexuais militantes em outros movimentos ou partidos políticos. Utilizamos a entrevista aberta como metodologia e um esquema de livre-associação de palavras com vistas à busca da compreensão dos processos sócio-históricos próprios de cada contexto nacional, a fim de, então, realizarmos o estudo intercultural propriamente dito. Os dados aqui tratados nos mostraram como a participação política medeia a construção do sujeito político e do sujeito coletivo. Assim, elementos de festa e de protesto em moldes mais tradicionais se mesclam no processo de construção política dos próprios movimentos, que atuam como um elemento questionador das estruturas estabelecidas, aprioristicamente, segundo os interesses dos grupos dominantes.

Palavras Chaves: Psicologia política, Psicologia social, Parada LGBT, Orgulho LGBT, Homossexuais, Movimentos sociais, Bissexualidade, Transexualismo.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Movimento Social LGBT	
Referencial Teórico: Psicologia Política	Estudo Intercultural
Metodologia: Entrevista Aberta	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Mulheres que amam mulheres: trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas

Tipo: Dissertação

Autor: Aline da Silva Piason

Orientador: Marlene Neves Strey

Local: PUC/RS

Ano: 2008

Resumo: Esta dissertação apresenta dois artigos, conforme as normas estabelecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, abordando as questões da homossexualidade feminina ou lesbianidade, articuladas com as questões de gênero. O primeiro artigo teórico problematiza a construção histórica da feminilidade, com o objetivo de compreender a construção da subjetividade de mulheres que se identificam como lésbicas. As reflexões realizadas, a partir da teoria feminista e pós-estruturalista, apontam para a necessidade de se construir uma nova história das mulheres, permitindo visualizar a experiência de lésbicas como uma possibilidade entre as experiências femininas. O segundo artigo empírico buscou conhecer o processo de reconhecer-se lésbica e a vivência dessa orientação sexual, bem como conhecer suas percepções frente à visibilidade ou invisibilidade de sua orientação sexual na família e na sociedade.

Palavras Chaves: Homossexualismo, Lesbianismo, Sexualidade: Aspectos Sociais, Relações De Gênero.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Gênero	
Referencial Teórico: Teoria Feminista	Pós Estruturalismo
Metodologia: Análise do Discurso	Entrevista Narrativa
Trabalho Completo: Sim	

Título: Parentalidade e conjugabilidades em uniões homoafetivas femininas

Tipo: Dissertação

Autor: João Ricard Pereira da Silva

Orientador: Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

Local: UNICAP

Ano: 2008

Resumo: As mudanças sociais das últimas décadas têm gerado profundas alterações na forma de se estabelecer vínculos afetivos, dando origem a múltiplas configurações familiares. Entre estas novas famílias, destacam-se as relações de conjugalidade e de parentalidade entre casais homossexuais, tema central desta pesquisa. Nosso foco de análise foi o modo como estão sendo vivenciadas as conjugalidades e as parentalidades entre mulheres lésbicas. A amostra se constituiu de sete mulheres que mantêm uma relação amorosa com outras mulheres e nestas relações, compartilham os cuidados com um ou dois filhos. Procuramos compreender o universo afetivo destas mulheres a partir de suas narrativas. Todas elas residiam, na ocasião da entrevista, na Região Metropolitana do Recife, pertenciam à camada sociocultural média e se encontravam na faixa etária entre 30 e 46 anos. Os indicadores sociais levados em consideração para definir a camada social foram: grau de instrução, profissão, local de convivência e renda mensal. Embora não tenha sido pré-requisito para a nossa investigação, todas elas vivenciaram uma ou duas conjugalidades heterossexuais anteriores. Estas relações lhes possibilitaram o acesso aos filhos. Seis delas são mães biológicas e uma é mãe adotiva. A entrevista teve início com uma questão disparadora, a saber: Como está a sua conjugalidade no momento e como é compartilhar esta relação com o(s) filho(s)? As narrativas foram submetidas a uma Análise de Conteúdo. Foram identificados três principais núcleos de sentido: a condição homossexual; a conjugalidade entre as mulheres e o exercício da parentalidade neste casal. A condição homossexual mostrou que a homossexualidade destas mulheres nunca foi algo fixo. Ela surgiu com o tempo, a partir de desejos condutores de uma prática sexual calcada na afetividade e na possibilidade de novas descobertas frente ao exercício da sexualidade. A conjugalidade é vivenciada como uma experiência prazerosa, apesar dos desafios enfrentados junto ao processo transitório de um relacionamento heterossexual para um homossexual. Todas as participantes apostam nestas novas relações, pois encontram nos seus acordos relacionais, as possibilidades afetivas de uma conjugalidade igualitária. Assim, a relação de parentalidade surge para complementar uma dinâmica familiar baseada na possibilidade do casal compartilhar junto aos vínculos afetivos, as responsabilidades necessárias à criação dos filhos.

Palavras Chaves: psicologia clínica, mulheres: comportamento sexual, lesbianismo, casamento entre homossexuais.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Conjugalidade	
Referencial Teórico: Pós Estruturalista	Teoria Queer
Metodologia: Análise de Conteúdo	Narrativas
Trabalho Completo: Sim	

Título: Preciso te contar?: paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos

Tipo: Tese

Autor: Vera Lúcia Moris

Orientador: Rosane Mantilla de Souza

Local: PUC/SP

Ano: 2008

Resumo: Realizamos um estudo qualitativo por meio de entrevistas individuais e em grupo com dezessete homens, pais que têm envolvimento homoafetivo. Nosso aporte teórico clínico remonta aos estudos críticos sobre homens e homoafetividade. Buscamos compreender os processos subjacentes à manutenção de segredo e à revelação para os filhos do relacionamento homoafetivo por parte do pai. Tratou-se de um grupo diversificado com profissão e faixa etária ampla. São homens em sua maioria provenientes de camadas sociais privilegiadas, tendo tomado consciência da homoafetividade já adultos e pais. São pais modernos atuais, envolvidos com a rotina diária e cuidados próximo de seus filhos; muitos estão vivenciando conflitos associados ao divórcio e distanciamento dos filhos, que podem ser acirrados pelos temores homofóbicos internalizados e por sentirem-se ameaçados de perder os privilégios que como homens de grupos hegemônicos desfrutaram. Os resultados além de mostrar que se posicionam de formas distintas diante da revelação de sua homoafetividade para os filhos, também desvelam o continuo confronto com o ideário heteronormativo, que engendra uma necessidade de re-significar sua concepção de masculinidade e parentalidade, pautada na heterossexualidade. Os encontros continuados associados a esse confronto, à necessária busca de outros vetores ideológicos que os contemplem marcam sua vida afetiva emocional de forma implacável. Sua orientação homoafetiva foi um aspecto pessoal a qual resistiram, sofreram para integrar em sua personalidade, à medida que se percebiam diferentes do que era prescrito para os homens e pais em seu grupo, em sua família e mesmo internamente. A manutenção de segredos para os filhos em torno da homoafetividade do pai, como expressão dessa resistência pode ser instrumental, como um recurso, ou pode ter caráter de repressão gerando sofrimento psíquico. Esses homens pais estão sós para enfrentar suas incertezas e proceder às necessárias transformações. A superação tanto desse movimento interno recurso instrumental ou de resistência como a integração de aspectos de sua nova concepção como homem e pai despontam como demanda por suporte para a psicologia clínica.

Palavras Chaves: Homoafetividade, Revelação, Segredo, Homossexuais, Relações com a família: Aspectos psicológicos, Masculinidade, Pais e filhos.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Paternidade	
Referencial Teórico: Estudos Críticos sobre homens e homoafetividade	
Metodologia: Entrevista	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e transgressão

Tipo: Tese

Autor: Lenise Santana Borges

Orientador: Mary Jane Paris Spink

Local: PUC/SP

Ano: 2008

Resumo: A pesquisa que resultou nesta tese teve por objetivo compreender as formas de se falar sobre a lesbianidade na telenovela Senhora do destino (Rede Globo, 2004-2005) a partir de uma análise discursiva das narrativas intra-novela. A televisão, e especialmente a telenovela, constitui-se como uma prática social bastante presente no cotidiano da população brasileira. As novelas produzidas no Brasil ocupam lugar privilegiado e de fácil acesso como fonte de informação e entretenimento, além de desempenharem um papel importante na produção, manutenção e veiculação de determinadas versões sobre questões sociais, sobretudo em assuntos tabus como é o caso da lesbianidade. Diferentemente de suas antecessoras, a novela Senhora do Destino abordou o tema de forma direta e contínua, ampliando os sentidos atribuídos à lesbianidade, em função da variabilidade dos repertórios e dos posicionamentos apresentados pelas personagens no decorrer da trama. A postura construcionista, aliada a uma leitura feminista, permitiu compreender a noção de lesbianidade como uma construção social na qual os discursos e a linguagem empregados variam segundo o contexto social e histórico específico. Tendo esse enquadre teórico-epistemológico como um olhar que perpassa todo o trabalho, questiono a inevitabilidade da existência da categoria lesbianidade, abrindo caminhos para buscar sua desnaturalização, caminho compartilhado tanto pelo construcionismo quanto pelo feminismo pelo caráter político que lhes é particular. O foco de análise se deu a partir das práticas discursivas, entendidas como linguagem em ação e a compreensão de que as versões são sempre múltiplas, situadas e dialógicas. A novela, por suas características peculiares, funciona como um contexto favorável à definição, delimitação e ressignificação de problemas sociais. Os resultados desta pesquisa apontam para um duplo efeito na introdução da temática lesbianidade na novela. Se, de um lado, o processo de assimilação da categoria lésbica provoca uma maior familiarização do assunto na sociedade, bem como a circulação de códigos/modelos que propiciam a legitimação de relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, de outro, o modo como ocorrem os processos de legitimação/aceitação não propicia uma desestabilização de normas sociais e de modelos hegemônicos. A retórica discursiva da novela é construída a partir da idéia de casal, cuja referência é sua forma heterossexual, expressão naturalizada de sexualidade e/ou relação amorosa submetida, sem qualquer problematização, face à relação lésbica apresentada.

Palavras Chaves: Construção social, Lesbianidade, Telenovela, Práticas discursivas, Senhora do Destino (Novela), Lesbianismo.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Novela	
Referencial Teórico: Construcionista	Teorias Feminista
Metodologia: Análise Discursiva	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco: um estudo sobre a co-parentalidade homossexual

Tipo: Dissertação

Autor: Alberto Carneiro Barbosa de Souza

Orientador: Terezinha Féres Carneiro

Local: PUC/Rio

Ano: 2008

Resumo: Em tempos de modernidade líquida e sexualidade plástica, a família se reinventou. É o divórcio e não mais a morte que separa os casais. Assim, os principais componentes para se constituir uma família passam a ser o afeto e a busca pela completude. O mesmo processo se dá com a parentalidade, fazendo com que os vínculos de parentesco não mais se definam puramente por laços sanguíneos. Diante desta realidade, a cada vez maior visibilidade no cenário social brasileiro da configuração familiar dita homoparental é inevitável. Estas famílias são o objeto de nossa pesquisa: pais que se autodenominam homossexuais, após uma relação heterossexual anterior, resolvem refazer suas vidas com companheiros do mesmo sexo. Nosso foco, contudo, não são os pais, mas os companheiros desses pais. Para tanto, selecionamos três casais homossexuais masculinos, todos do interior do estado do Rio de Janeiro, com idades variando de 19 a 31 anos, com filhos de 7 a 10 anos. Entrevistamos ambos os membros do casal, a fim de procurar melhor compreender a subjetividade do companheiro sem filhos: o que pensam esses rapazes que, de repente, vêem suas vidas transformadas e passam a conviver com crianças, filhas de seus companheiros? Quais suas expectativas e angústias? O fato de observarem a paternidade de seus namorados, faz com que eles mesmos desejem também ser pais? Como funciona a divisão de tarefas domésticas? Este questionamento nos levou a organizar um roteiro de entrevista com perguntas semiestruturadas e, através de uma análise de discurso, chegamos às seguintes categorias: coparentalidade, desejo por um filho biológico a partir da experiência co-parental, relação do casal com as crianças e preconceito. Basicamente, foi possível constatar que todos os companheiros entrevistados manifestam forte desejo de paternidade, enfatizando sempre a importância de que esta seja de forma natural, assim como parecem se preocupar bem mais com a conduta moral do casal do que os pais das crianças. O estigma da homossexualidade é bastante sentido por eles, que afirmam ser o fato de não terem constituído uma família nos padrões heteronormativos vigentes contrastante com a realidade de seus parceiros. A teoria queer, que também fundamentou nosso trabalho, sugere, de uma postura pós-identitária que se repense a constituição de identidades cristalizadas.

Palavras Chaves: Família, Homossexualidade, Desconstrução, Homoparentalidade, Teoria Queer.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Parentalidade	
Referencial Teórico: Teoria Queer	
Metodologia: Análise de Discurso	Entrevista Semi Estruturada
Trabalho Completo: Sim	

Título: Trabalho e sexualidade: dispositivos em ação nos casos de discriminação por orientação sexual

Tipo: Dissertação

Autor: Fernando Rodrigues Silva

Orientador: Henrique Caetano Nardi

Local: UFRGS

Ano: 2008

Resumo: Este estudo busca analisar a questão de como o dispositivo trabalho é atravessado pelo dispositivo sexualidade nos casos de discriminação por orientação sexual, e os reflexos desta dinâmica na constituição dos sujeitos. Assim, os objetivos deste trabalho são investigar como se apresenta a discriminação por orientação sexual no trabalho e seus reflexos nos processos de subjetivação dos sujeitos que passam por tal situação, bem como analisar quais são os caminhos possíveis percorridos pelas pessoas que sofrem tal tipo de discriminação, na busca de visibilidade, respeito e proteção legal. Para tanto foram entrevistados quatro sujeitos que passaram por discriminação nos ambientes de trabalho devido à orientação sexual que manifestam e procederam a denúncias junto a uma ONG pela livre expressão sexual, também foi entrevistada uma fiscal do trabalho da SRTE, órgão estatal que também recebe este tipo de denúncias. O que vemos é o trabalho tomado ainda como sustentáculo social, conformado em um jogo de poderes que se vale da sexualidade, bem como do familismo, para sua manutenção, (re)instituindo a heterossexualidade como norma às custas de outras formas de expressão sexual. Dessa forma, a discriminação por orientação sexual se mostra como uma realidade, tendo profundo impacto nos processos de subjetivação e nas possibilidades de sobrevivência dos sujeitos, uma vez que a demissão é o desfecho e a dificuldade de retorno ao mercado de trabalho são as conseqüências mais comuns. Frente a isso, acompanhamos a construção de uma rede social e jurídica de combate a esta forma de preconceito e pela não-discriminação por orientação sexual.

Palavras Chaves: Orientação sexual, Discriminação, Trabalho, Sexualidade.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Trabalho	
Referencial Teórico: Foucault	
Metodologia: Genealogia	Abordagem Biográfica
Trabalho Completo: Sim	

Título: Entre elas: cartografias dos devires amorosos

Tipo: Dissertação

Autor: Marli Machado de Lima

Orientador: Wiliam Siqueira Peres

Local: UNESP/Assis

Ano: 2009

Resumo: A partir do método cartográfico, esta pesquisa apresenta os relacionamentos amorosos de mulheres lésbicas, em uma cidade de médio porte, no interior paulista. A proposta metodológica foi de fundamental importância, na medida em que permitiu o desenvolvimento de uma investigação participativa na qual o pesquisador se implica. A partir de Michel Foucault, focamos no processo de resistência como forma dessas mulheres afirmarem suas escolhas amorosas e resistirem ao poder heteronormativo. Como foco de interesse, também privilegiamos a produção de subjetividades, os processos de singularização e “revolução molecular” – propostas desenvolvidas por Gilles Deleuze e Félix Guattari –, que se centram nos processos de criação de novas formas de existir, ao invés das idéias de classe, submissão e opressão. Algumas questões norteiam este trabalho: O que é ser lésbica? É desejar uma mulher? É manter relações com ela? É ser amiga delas e se solidarizar com elas? Pode ser tudo isso. Elas são várias, estão em todos os lugares e se manifestam de múltiplas formas. Também amam, se relacionam e fazem sexo de infinitas maneiras diferentes.

Palavras Chaves: Lésbicas; subjetividades; Psicologia Social.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Relacionamentos Amorosos	
Referencial Teórico: Foucault	Deleuze e Guattari
Metodologia: Cartografia	
Trabalho Completo: Sim	

Título: Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista

Tipo: Dissertação

Autor: Lívia Gonsalves Toledo

Orientador: Fernando Silva Teixeira Filho

Local: UNESP/Assis

Ano: 2008

Resumo: Este estudo aborda o modo como estigmas e estereótipos a respeito das lesbianidades influenciam, na esfera da sexualidade, a vida de mulheres que se autodenominam lésbicas. Primeiramente, realizei uma retomada crítica sobre a história da construção desses estigmas e estereótipos para apreender as relações de poder que os sustentam até o presente. Entre estas, estão o machismo, fruto do viriarcado, e seus referentes de sustentabilidade, a saber, a heteronormatividade e o heterossexismo, enquanto formas de relação de poder que, independentemente do vínculo entre as pessoas, regulam a construção de suas identidades de gênero, sexuais e políticas a partir dos estigmas e estereótipos a elas aplicados. O estudo aponta que, em um contexto social machista, as mulheres que se relacionam erótico afetivamente com outras mulheres permaneceram invisíveis, o que possibilitou a perpetuação de discursos homofóbicos a seu respeito, os quais se apresentam como inteligíveis para os padrões heteronormativos de relações entre as pessoas. Em um segundo momento, entrevistei cinco mulheres lésbicas (três de 18 a 25 anos e duas de 40 a 50 anos, residentes em Assis, interior do Estado de São Paulo, de classe média, de formação educacional até o ensino médio, sendo uma “mulata” e quatro brancas) com o objetivo de compreender como estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades influenciam o discurso dessas mulheres no que diz respeito à construção de suas subjetivações. Os resultados apontam que essas mulheres foram (e ainda são) atravessadas pelos estigmas e estereótipos abordados e que há variações no modo como essas influências se deram, em razão da questão geracional e do modo como elaboram o luto da heterossexualidade. Espera-se que este trabalho possa contribuir para a problematização das questões ligadas às políticas públicas dirigidas às (a) mulheres lésbicas e/ou (b) com relações/práticas homoeróticas, bem como para (c) a redução de suas vulnerabilidades nas áreas da saúde, educação, segurança e (d) direitos humanos e sexuais.

Palavras Chaves: Lésbica. Gênero. Estereótipo. Estigma. Lesbofobia.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Preconceito	
Referencial Teórico: Teorias Feministas	
Metodologia: Entrevista	
Trabalho Completo: Sim	

Título: As Tramas de Discurso: o sentido das práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo na tramitação ao projeto-lei nº 1151-A, de 1995

Tipo: Dissertação

Autor: Luiz Antonio Rala

Orientador: Mary Jane Paris Spink

Local: PUC/SP

Ano: 1999

Resumo: Este estudo tem por objetivo apreender os repertórios que circulam na sociedade sobre as práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo biológico, para isso se optou pela análise dos debates que ocorreram no decorrer das audiências públicas da Comissão Especial que analisou o Projeto - Lei nº 1.151-A, de 1995, de autoria da Deputada Federal Marta Suplicy. Como forma de se aproximar do objetivo proposto buscou-se entender de forma conceitual a lei, qual a sua relação com a Psicologia Social e aproximando com os conceitos de tipificação Berger e Leckmann, 1978) e norma (Ewald, 1993); buscou-se, ainda, entender quais as correntes de pesquisa na área da sexualidade humana: o essencialismo e o construcionismo. É apresentado o processo de aprovação e um Projeto - Lei, e a descrição das audiências públicas e relatório final deste em particular, com um resumo das exposições dos especialistas que ali compareceram. Percebeu-se na análise do debate duas linhas argumentativas básicas que nortearam toda a discussão: a primeira é a que busca as causas da homossexualidade como eixo organizador, e a Segunda é a desqualificação moral nestas linhas argumentativas. Foi possível perceber como as teorias que buscam entender este tipo de atividade sexual vai se atualizando no decorrer da história.

Palavras Chaves: Projeto-Lei nº 1151-A, Práticas Sexuais.

Tema: Homossexualidade	
Sub- Tema: Práticas Sexuais	
Referencial Teórico: Psicologia Social	
Metodologia: Análise Discursiva	
Trabalho Completo:	

Anexo B - Lista de Programas de Pós-graduação em Psicologia no Brasil

	Sigla	IES	UF	Região	Programa	Mestrado	Nota	Doutorado	Nota	B.T.D.
1	UEL	UEL - Universidade Estadual de Londrina	PR	Sul	Análise do Comportamento	Sim	3	Não		Não
2	UNB	UNB - Universidade de Brasília	DF	Centro-Oeste	Ciências do Comportamento	Sim	4	Sim	4	Sim
3	UNB	UNB - Universidade de Brasília	DF	Centro-Oeste	Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde	Sim	4	Sim	4	Não
4	UNB	UNB - Universidade de Brasília	DF	Centro-Oeste	Psicologia Clínica e Cultura	Sim	4	Sim	4	Sim
5	UNB	UNB - Universidade de Brasília	DF	Centro-Oeste	Psicologia Social do Trabalho e das Organizações	Sim	5	Sim	5	Sim
6	USP	USP - Universidade de São Paulo	SP	Sudeste	Neurociências e Comportamento	Sim	5	Sim	5	Sim
7	USP	USP - Universidade de São Paulo	SP	Sudeste	Psicologia (Psicologia Experimental)	Sim	7	Sim	7	Sim
8	USP	USP - Universidade de São Paulo	SP	Sudeste	Psicologia Clínica	Sim	5	Sim	5	Sim
9	USP	USP - Universidade de São Paulo	SP	Sudeste	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	Sim	4	Sim	4	Sim
10	USP	USP - Universidade de São Paulo	SP	Sudeste	Psicologia Social	Sim	5	Sim	5	Sim
11	USP/RP	USP/RP - Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto	SP	Sudeste	Psicobiologia	Sim	7	Sim	7	Sim
12	USP/RP	USP/RP - Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto	SP	Sudeste	Psicologia	Sim	5	Sim	5	Sim
13	UERJ	UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Psicanálise	Sim	4	Sim	4	Sim
14	UERJ	UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Psicologia Social	Sim	4	Sim	4	Sim
15	UFRN	UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte	RN	Nordeste	Psicobiologia	Sim	5	Sim	5	Sim
16	UFAL	UFAL - Universidade Federal de Alagoas	AL	Nordeste	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
17	UFAM	UFAM - Universidade Federal do Amazonas	AM	Norte	Psicologia	Sim	3	Não		Não
18	UFBA	UFBA - Universidade Federal da Bahia	BA	Nordeste	Psicologia	Sim	5	Sim	5	Sim
19	UFC	UFC - Universidade Federal do Ceará	CE	Nordeste	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
20	UNIFOR	UNIFOR - Universidade de Fortaleza	CE	Nordeste	Psicologia	Sim	4	Sim	4	Sim
21	UCB	UCB - Universidade Católica de Brasília	DF	Centro-Oeste	Psicologia	Sim	4	Sim	4	Sim
22	UNICEUB	UNICEUB - Centro Universitário de Brasília	DF	Centro-Oeste	Psicologia	Sim	3	Não		Não
23	UFES	UFES - Universidade Federal do Espírito Santo	ES	Sudeste	Psicologia	Sim	5	Sim	5	Sim
24	UFES	UFES - Universidade Federal do Espírito Santo	ES	Sudeste	Psicologia Institucional	Sim	3	Não		Sim
25	PUC/Goiás	PUC/Goiás - Pontifícia Universidade Católica de Goiás	GO	Centro-Oeste	Psicologia	Sim	4	Sim	4	Sim
26	PUC/MG	PUC/MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	MG	Sudeste	Psicologia	Sim	4	Sim	4	Sim
27	PUC/RS	PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	RS	Sul	Psicologia	Sim	5	Sim	5	Sim
28	PUCAMP	PUCAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas	SP	Sudeste	Psicologia	Sim	5	Sim	5	Não
29	PUC/Rio	PUC/Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Psicologia (Psicologia Clínica)	Sim	5	Sim	5	Sim
30	PUC/SP	PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	SP	Sudeste	Psicologia (Psicologia Clínica)	Sim	4	Sim	4	Sim
31	PUC/SP	PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	SP	Sudeste	Psicologia (Psicologia Social)	Sim	5	Sim	5	Sim
32	PUC/SP	PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	SP	Sudeste	Psicologia Experimental: Análise do Comportamento	Sim	4	Sim	4	Sim
33	UFMA	UFMA - Universidade Federal do Maranhão	MA	Norte	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
34	UFMG	UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais	MG	Sudeste	Psicologia	Sim	4	Sim	4	Sim
35	UFJF	UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora	MG	Sudeste	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
36	UFU	UFU - Universidade Federal de Uberlândia	MG	Sudeste	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
37	UFSJ	UFSJ - Universidade Federal de São João del Rei	MG	Sudeste	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
38	UFMS	UFMS - Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	MS	Centro-Oeste	Psicologia	Sim	3	Não		Não
39	UCDB	UCDB - Universidade Católica Dom Bosco	MS	Centro-Oeste	Psicologia	Sim	4	Não		Sim
40	UFPA	UFPA - Universidade Federal do Pará	PA	Norte	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
41	UFPA	UFPA - Universidade Federal do Pará	PA	Norte	Psicologia (Teoria e Pesquisa do Comportamento)	Sim	4	Sim	4	Sim
42	UFPE	UFPE - Universidade Federal de Pernambuco	PE	Nordeste	Psicologia	Sim	4	Sim	4	Sim
43	UFPE	UFPE - Universidade Federal de Pernambuco	PE	Nordeste	Psicologia Cognitiva	Sim	5	Sim	5	Não
44	UFPR	UFPR - Universidade Federal do Paraná	PR	Sul	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
45	UEM	UEM - Universidade Estadual de Maringá	PR	Sul	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
46	UTP	UTP - Universidade Tuiuti do Paraná	PR	Sul	Psicologia	Sim	3	Não		Não

	Sigla	IES	UF	Região	Programa	Mestrado	Nota	Doutorado	Nota	B.T.D.
47	UFRJ	UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Psicologia	Sim	5	Sim	5	Sim
48	UFRJ	UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Psicossociologia das Comunidades e Ecologia Social	Sim	4	Sim	4	Sim
49	UFRJ	UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Teoria Psicanalítica	Sim	5	Sim	5	Sim
50	UFRRJ	UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Psicologia	Sim	3	Não		Não
51	UFF	UFF - Universidade Federal Fluminense	RJ	Sudeste	Psicologia	Sim	4	Sim	4	Sim
52	UCP	UCP - Universidade Católica de Petrópolis	RJ	Sudeste	Psicologia	Sim	3	Não		Não
53	UNIVERSO	UNIVERSO - Universidade Salgado de Oliveira	RJ	Sudeste	Psicologia	Sim	4	Sim	4	Não
54	UFRN	UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte	RN	Nordeste	Psicologia	Sim	5	Sim	5	Sim
55	UNIR	UNIR - Universidade Federal de Rondônia	RO	Norte	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
56	UFRGS	UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul	RS	Sul	Psicologia	Sim	7	Sim	7	Sim
57	UFRGS	UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul	RS	Sul	Psicologia Social e Institucional	Sim	4	Sim	4	Sim
58	UFMS	UFMS - Universidade Federal de Santa Maria	RS	Sul	Psicologia	Sim	3	Não		Sim
59	UNISINOS	UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos	RS	Sul	Psicologia	Sim	4	Não		Sim
60	UFSC	UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina	RS	Sul	Psicologia	Sim	5	Sim	5	Sim
61	UFSCAR	UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos	SP	Sudeste	Psicologia	Sim	5	Sim	5	Sim
62	UNESP/Assis	UNESP/Assis - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho - Assis	SP	Sudeste	Psicologia	Sim	3	Sim	3	Sim
63	UNESP/Bauru	UNESP/Bauru - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho - Bauru	SP	Sudeste	Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	Sim	3	Não		Sim
64	USF	USF - Universidade São Francisco	SP	Sudeste	Psicologia	Sim	6	Não	6	Sim
65	UNICAP	UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco	PE	Nordeste	Psicologia Clínica	Sim	4	Sim	4	Sim
66	UMESP	UMESP - Universidade Metodista de São Paulo	SP	Sudeste	Psicologia da Saúde	Sim	4	Não		Sim
67	UNIFIEO	UNIFIEO - Centro Universitário FIEO	SP	Sudeste	Psicologia Educacional	Sim	3	Não		Sim
68	FUFSE	FUFSE - Fundação Universidade Federal de Sergipe	SE	Nordeste	Psicologia Social	Sim	3	Não		Sim
69	UFPB/JP	UFPB/JP - Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa	PB	Nordeste	Psicologia (Psicologia Social)	Sim	4	Não		Sim
70	UFPB/JP	UFPB/JP - Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa	PB	Nordeste	Psicologia Social	Sim	5	Sim	5	Não
71	UFPB/JP	UFPB/JP e UFRN	PB	Nordeste	Psicologia (Psicologia Social)	Não		Sim	5	Sim

Anexo C - Lista de Teses e Dissertações - Primeira Amostra

Nº	Nome	Tipo	Autor/a	Orientador/a	Ano	Local	Região
1	A construção da identidade social dos homossexuais	Tese	Raimundo Cândido de Gouveia	Leoncio F. Camino Rodrigues Larrain	2007	UFPB/JP	Nordeste
2	A construção das identidades sexuais não-hegemônicas: gênero, linguagem e constituição da subjetividade	Dissertação	Ana Flávia do Amaral Madureira	Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu Branco	2000	UNB	Centro Oeste
3	A diversidade sexual na escola : produção de subjetividade e políticas públicas	Dissertação	Eliana Teresinha Quartiero	Henrique Caetano Nardi	2009	UFRGS	Sul
4	A família no discurso dos membros de famílias homoparentais	Tese	Luiz Celes Castro de Toledo	Vera Silvia Facciola Paiva	2008	USP/SP	Sudeste
5	A influência dos padrões sexuais e afetivos de gênero na construção dos relacionamentos do mesmo sexo: masculino	Dissertação	Márcio Stefanini Sant' Anna	Rosa Maria Stefanini De Macedo	2002	PUC/SP	Sudeste
6	A institucionalização da noção de homossexualidade na psicanálise e seus efeitos na clínica	Dissertação	Acyr Corrêa Leite Maia	Doris Luz Rinaldi	2002	UERJ	Sudeste
7	A militância em movimento: amizade e maquiagem de modos de existência no MST	Tese	Jáder Ferreira Leite	Magda Diniz Bezerra Dimenstein	2008	UFRN	Nordeste
8	A paranoia em suas correspondências com a psicanálise: da bissexualidade ao narcisismo	Dissertação	Maritza De Magalhães Garcia	Ademir Pacelli Ferreira	2003	UERJ	Sudeste
9	A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas	Tese	Claudiane Santos	Maria Alves de Toledo Bruns	2005	USP/RP	Sudeste
10	A questão da identidade homossexual e sua influência nos padrões de consumo	Dissertação	Adriana Nunan do Nascimento Silva	Bernardo Jablonski	2001	PUC/Rio	Sudeste
11	A relação terapêutica frente a homossexualidade	Dissertação	Gustavo Rihl Kniest	Ana Lúcia Francisco	2005	UNICAP	Nordeste
12	A representação social da homossexualidade: O que pensam os estudantes universitários?	Dissertação	Marcus Tadeu Lacerda	Bernard Contiês; Joseli Bastos da Costa	2001	UFPB	Nordeste
13	A vivência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas	Tese	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Maria Alves de Toledo Bruns	2008	USP/RP	Sudeste
14	Adoção de crianças por homossexuais: crenças e formas de preconceito	Dissertação	Luciene Campos Falcão	Ana Raquel Rosas Torres	2004	UCG	Centro Oeste
15	Adoção por homossexuais: concepções de psicólogos judiciários	Dissertação	Mariana De Oliveira Farias	Ana Cláudia Bortolozzi Maia	2006	UNESP/Bauru	Sudeste
16	Agentes Estressores e Níveis de Stress da Homossexualidade Feminina *	Dissertação	Fernanda Pasqualucci Ronca	Esdras Guerreiro Vasconcellos	2006	PUC/SP	Sudeste
17	Amor sem vergonha - trajetórias pessoais e vida conjugal entre gays e lésbicas na comunidade do ratones - ilha de santa catarina. (um estudo de caso)	Dissertação	Luiz Fernando Neves Cordova	Maria Juracy Toneli Siqueira	2000	UFSC	Sul
18	Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano	Dissertação	Aline Beckmann de Castro Menezes	Marcus Bentes de Carvalho Neto	2005	UFPA	Norte
19	As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino	Tese	Maria Josefina Sota Fuentes	Walkiria Helena Grant	2009	USP/SP	Sudeste
20	As Tramas de Discurso: o sentido das práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo na tramitação ao projeto-lei nº 1151-A, de 1995	Dissertação	Luiz Antonio Rala	Mary Jane Paris Spink	1999	PUC/SP	Sudeste
21	Avaliação da Personalidade em mulheres homossexuais	Dissertação	Miriam Izabel de Souza	Rita Aparecida Romaro	2002	USF	Sudeste
22	Campo e Ação das Identificações na Constituição da Homossexualidade Masculina	Tese	Roberto Menezes de Oliveira	Luiz Augusto Monnerat Celes	2002	UNB	Centro Oeste
23	Cartografia do desejo Queer : dispositivos micropolíticos dos corpos travestis	Dissertação	Glória Maria Santiago Pereira	Ordina Pena Pereira	2010	UCB	Centro Oeste
24	Casais de homens: um estudo fenomenológico da conjugalidade homoerótica masculina	Dissertação	Magno César Carvalho Teófilo	Georges Daniel Janja Bloc Boris	2003	UNIFOR	Nordeste
25	Comecei a ser uma pessoa que gostava de pessoas: Narrativas eróticas dissidentes e posicionamentos do self nas redes cotidianas de significado	Tese	Angela Maria Estrada Mesa	Leoncio F. Camino Rodrigues Larrain	2009	UFPE/JP e UFRN	Nordeste
26	Como professores do Ensino Fundamental representam as famílias resultantes de uniões homoafetivas	Dissertação	Marcelo Ferreira Leite	Maria Cristina Lopes De Almeida Amazonas	2010	UNICAP	Nordeste
27	Conjugalidade gay e lésbica e rede de apoio social	Dissertação	Eduardo Lomando	Adriana Wagner	2008	PUC/RS	Sul
28	Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais	Dissertação	Murilo dos Santos Moscheta	Manoel Antonio dos Santos	2004	USP/RP	Sudeste
29	Conto ou não conto?: os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para adolescentes masculinos da cidade de São Paulo.*	Dissertação	Elcio Nogueira dos Santos	Sergio Ozella	2004	PUC/SP	Sudeste
30	Crença no Mundo Justo, AIDS e Câncer de Pulmão: Orientação sexual e responsabilização individual	Dissertação	Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria	Ana Raquel Rosas Torres	2007	UCG	Centro Oeste
31	Crossdressing Masculino: Uma Visão Psicanalítica da Sexualidade Crossdresser.	Tese	Eliane Cherrmann Kogut	Renato Mezan	2006	PUC/SP	Sudeste
32	De mãe em filha: a transmissão da feminilidade	Tese	Marina Ferreira da Rosa Ribeiro	Luís Claudio M. Figueiredo	2009	PUC/SP	Sudeste
33	Discriminação e Preconceito, identidade, cotidiano e religiosidade de travestis e transexuais	Dissertação	Patrick Thiago dos Santos Bortim	Tânia Mara Campos de Almeida	2009	UCB	Centro Oeste
34	Dragões: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda	Tese	Marcos Roberto Vieira Garcia	Yvette Pith Lehman	2007	USP/SP	Sudeste
35	É tudo psicológico dinheiro... pruuul! Fica logo duro!: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife	Dissertação	Normando José Queiroz Viana	Luís Felipe Rios Do Nascimento	2010	UFPE	Nordeste
36	Encontros prazerosos: modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis	Dissertação	Rosane Maria de Godoy	Mara Coelho de Souza Lago	2001	UFSC	Sul
37	Entre elas: cartografias dos devires amorosos	Dissertação	Mari Machado de Lima	William Siqueira Peres	2009	UNESP/Assis	Sudeste
38	Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista	Dissertação	Livia Gonçalves Toledo	Fernando Silva Teixeira Filho	2008	UNESP/Assis	Sudeste
39	Famílias de Mães Homossexuais: Relato das mães	Dissertação	Fabiana Schiavi Noda	Rosane Mantilla de Souza	2005	PUC/SP	Sudeste
40	Formação de Identidade e a Homossexualidade: Contribuições Para a Construção de Teoria em Psicologia Social	Dissertação	Lindomar Expedito da Silva	Helena Theodoro Lopes	1999	UGF	Sudeste
41	Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política	Tese	Patricia Porchat Pereira da Silva Krudsen	Miriam Debieux Rosa	2007	USP/SP	Sudeste
42	Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática.	Tese	Ana Flávia do Amaral Madureira	Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu Branco	2007	UNB	Centro Oeste
43	Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso	Dissertação	Edson Luiz Defendi	Rosa Maria Stefanini de Macedo	2010	PUC/SP	Sudeste
44	Homoterotismo e psicanálise	Dissertação	Júlio César Cordeiro do Nascimento	Manoel Tosta Berlinck	1999	PUC/SP	Sudeste
45	Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado	Tese	Adriana Nunan do Nascimento Silva	Bernardo Jablonski	2007	PUC/Rio	Sudeste
46	Homossexualidade e expressões contemporâneas da sexualidade: Perversões ou variações do erotismo?.	Tese	Graciela Haydée Barbero	Raul Albino Pacheco Filho	2004	PUC/SP	Sudeste
47	Homossexualidade e Preconceito: o que Pensam os Profissionais de Recursos Humanos	Dissertação	Alessandra Ramos Demito Fleury	Ana Raquel Rosas Torres	2006	UCG	Centro Oeste
48	Homossexualidade: saber e homofobia	Tese	Acyr Corrêa Leite Maia	Joel Birman	2007	UFRJ	Sudeste
49	Homossexualidade: significados e sentidos de uma construção social a partir da trajetória de um militante	Dissertação	Marcelo Augusto Tonietto	Maria Luisa Sandoval Schmidt	2003	USP/SP	Sudeste
50	Homossexualidades e homossexualidades: hierarquização e relações de poder homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização GLBT	Dissertação	Márcio Alessandro Neman Do Nascimento	Fernando Silva Teixeira Filho	2007	UNESP/Assis	Sudeste
51	Identidade (homos)sexual: uma abordagem crítica	Dissertação	Silvia Lair Vieira Xavier	Kleber Prado Filho	2003	UFSC	Sul
52	Identidade e discriminação: um estudo realizado com homens e mulheres homossexuais	Dissertação	Aline Oliveira Machado	Joseli Bastos da Costa	2004	UFPE	Nordeste
53	Igrejas evangélicas inclusivas das cidades de São Paulo e Guarulhos: um estudo psicopolítico das igrejas vistas por seus pastores **	Dissertação	Eduardo Lima Rodrigues	Salvador Antonio Meirelles Sandoval	2009	PUC/SP	Sudeste
54	Laço conjugal homoerótico *	Dissertação	Mauricio Castaigne Hermann	Raul Albino Pacheco Filho	2000	PUC/SP	Sudeste
55	Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso	Dissertação	Cynthia Regina Pemberton Cancissu	Rosane Mantilla de Souza	2007	PUC/SP	Sudeste
56	Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal	Tese	Alessandro Soares da Silva	Salvador Antonio Meirelles Sandoval	2006	PUC/SP	Sudeste
57	Masculinidades: um estudo crítico das práticas discursivas de alunos do ensino médio	Tese	José Vaz Magalhães Neto	Lido de Souza	2007	UFES	Sudeste
58	Muito além do arco-íris: a constituição de identidades coletivas entre a sociedade civil e o estado	Dissertação	Frederico Viana Machado	Marco Aurelio Maximo Prado	2007	UFMG	Sudeste
59	Mulheres que amam mulheres : trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas	Dissertação	Aline da Silva Piason	Marlene Neves Strey	2008	PUC/RS	Sul
60	Novas perspectivas para a Psicologia Clínica - Um estudo a partir da obra "Saint Genet: Comédien et Martyr" de Jean-Paul Sartre	Tese	Daniela Ribeiro Schneyder	Zeljko Lopanic	2002	PUC/Par	Sudeste
61	O corpo desvela seu drama: a vivência de transexuais masculinos	Dissertação	Maria Jaqueline Coelho Pinto	Maria Alves de Toledo Bruns	2003	USP/RP	Sudeste
62	O desvendador de uma história homossexual masculina sob a ótica da análise transgeracional	Dissertação	Rosângela Maia Magalhães Da Silva	Cristina Maria De Souza Brito Dias	2002	UNICAP	Sudeste
63	O discurso sobre e das personagens homossexuais das telenovelas: regiões de poder, saber e dizer	Dissertação	Carla Caçilda Kraus De Lima	Lucília Maria Sousa Romão	2007	USP/RP	Sudeste
64	O feminino e a homossexualidade masculina	Dissertação	Maria Gláucia Pires Calzavara	Paulo César de Carvalho Ribeiro	2000	UFMG	Sudeste
65	O nós do Eu com o Nós: individualismo e conjugalidade na pós-modernidade	Dissertação	Erico Douglas Vieira	Márcia Stengel	2009	PUC/AMG	Sudeste
66	O olhar do homossexual masculino sobre sua constituição no espaço da família	Dissertação	Pia Maria Polak	Maria Consuelo Passos	2003	USM	Sul
67	Os (des)caminhos da educação sexual: um estudo a luz da teoria das representações sociais.	Dissertação	Paulo Castelar Perim	Zeidi Araújo Trindade	2000	UFES	Sudeste
68	Os homossexuais em busca da visibilidade social	Tese	Aldy Sandro Monteiro Ribeiro	Angela Maria de Oliveira Almeida	2005	UNB	Centro Oeste
69	Os paradoxos da experiência do armário entre jovens gays e lésbicas: um estudo psicossocial	Dissertação	Daniel Arruda Martins	Juliana Perucchi	2010	UFMG	Sudeste
70	País e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas	Dissertação	Roberta da Costa Borges	Maria Alves de Toledo Bruns	2009	USP/SP	Sudeste
71	Para além do que se vê: das transexualidades às singularidades na busca pela alteração corporal	Dissertação	Valéria De Araújo Elias	Fernando Silva Teixeira Filho	2007	UNESP/Assis	Sudeste
72	Parentalidade e conjugalidades em uniões homoafetivas femininas	Dissertação	João Ricard Pereira da Silva	Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas	2008	UNICAP	Nordeste
73	Preciso te contar?: paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos	Tese	Vera Lúcia Moris	Rosane Mantilla de Souza	2008	PUC/SP	Sudeste

Nº	Nome	Tipo	Autor/a	Orientador/a	Ano	Local	Região
74	Que Seja Eterno Enquanto Dure: Um Estudo Psicológico da Separação Conjugal Realizado em Instituição de Ensino Jurídico	Dissertação	Tatiana Sangalli	Regina Célia Ciriano Calil	2003	UCDB	
75	Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e transgressão	Tese	Lenise Santana Borges	Mary Jane Paris Spink	2008	PUC/SP	Sudeste
76	Representações sociais da homossexualidade entre estudantes universitários: perspectivas homossexuais e heterossexuais	Dissertação	Anderson Scardua Oliveira	Edson Alves De Souza Filho	2003	UFRJ	Sudeste
77	Representações Sociais do Homossexualismo e Preconceito contra Homossexuais	Dissertação	Annelise dos Santos Lira Soares Pereira	Ana Raquel Rosas Torres	2004	UCG	Centro Oeste
78	Representando envelhecimentos nos percursos da hétero e da homossexualidade masculina	Dissertação	Aura Maria Monteiro Maravilha	Maria De Fátima De Souza Santos	2010	UFPE	Nordeste
79	Rompendo o silêncio : homofobia e heterossexismo nas trajetórias de vida de mulheres	Dissertação	Luciana Fogaça Monteiro	Henrique Caetano Nardi	2009	UFRGS	Sul
80	Saindo dos armários? - a análise das políticas de identidade na formação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo: um contraponto pela psicanálise	Dissertação	Anderson Schirmer	Raul Albino Pacheco Filho	2010	PUC/SP	Sudeste
81	Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco: um estudo sobre a co-parentalidade homossexual	Dissertação	Alberto Carneiro Barbosa de Souza	Terezinha Féres Carneiro	2008	PUC/Rio	Sudeste
82	Sendo o que se pode ser: vivência do preconceito, ocultamento e construção da identidade para homens homofetivos.	Dissertação	Aline Aparecida Rabelo	Adriano Roberto Afonso do Nascimento	2009	UFMG	Sudeste
83	Ser homem de 45 a 55 anos na relação heterossexual: da ruptura do silêncio a reflexões de paradigmas	Dissertação	Maria Fernanda Marrega	Maria Alves de Toledo Bruns	2005	USP/RP	Sudeste
84	Sexualidade e neopentecostalismo: representação de jovens da Igreja Evangélica Bola de Neve	Dissertação	Bruna Suruagy do Amaral Dantas	Salvador Antonio Meirelles Sandoval	2006	PUC/SP	Sudeste
85	Sexualidade e trabalho: Estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor financeiro	Tese	Eloisio Moulin de Souza	Agnaldo Garcia	2009	UFES	Sudeste
86	Sexualidade na adolescência: perspectivas teóricas e de pesquisas	Dissertação	Maria Leticia Marcondes Coelho De Oliveira	Josiane Maria de Freitas Tonelotto	2003	PUC/CAMP	Sudeste
87	Sobre a homossexualidade masculina: variações na degradação da vida amorosa	Dissertação	Ludmila Feres Faria	Luis Flávio Silva Couto	2004	UFMG	Sudeste
88	Territórios de vulnerabilidade ao HIV : homossexualidades masculinas em São Paulo	Tese	Maria Cristina Antunes	Vera Silvia Facciola Paiva	2005	USP/SP	Sudeste
89	Trabalho e sexualidade : dispositivos em ação nos casos de discriminação por orientação sexual	Dissertação	Fernando Rodrigues Silva	Henrique Caetano Nardi	2008	UFRGS	Sul
90	Trajetórias de vida e sexualidades: um estudo a partir de depoimentos de homens e mulheres atendidos no Plantão Psicológico do Serviço de Aconselhamento Psicológico	Tese	Marcelo Augusto Tonietto	Maria Luisa Sandoval Schmidt	2009	USP/SP	Sudeste
91	Transsexualidade, dos transtornos às experiências singulares	Dissertação	Leticia Rezende de Araújo	Luciana Leila Fontes Vieira	2010	UNICAP	Nordeste
92	Transsexualismo : um estudo sobre a representação de si no método de Rorschach	Dissertação	Frederico Guilherme Ocampo Abreu	Deise Matos do Amparo	2005	UCB	Centro Oeste
93	Transsexualismo, psicanálise e gênero do patológico ao singular	Dissertação	Rafael Kalaf Cossi	Maria Lucia de Araujo Andrade	2010	USP/SP	Sudeste
94	Um Casal Homossexual Feminino e Seus Filhos: Estudo Sobre a Dinâmica	Dissertação	Jose Antonio Coutinho Vinhas Duran	Maria Alexina Ribeiro	2004	UCB	Centro Oeste
95	Um Olhar sobre a transsexualidade a partir da perspectiva da tensionalidade somato-psíquica	Tese	Tatiana Lionço	Luis Augusto Monnerat Celes	2006	UNB	Centro Oeste
96	Violência intrafamiliar : a compreensão de psicólogos que atendem em instituições crianças do sexo masculino, vítimas do abuso sexual	Dissertação	Moacyr Ferreira Pires Filho	Zélia Maria de Melo	2007	UNICAP	Nordeste
97	Violência sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico	Tese	Antonio Augusto Pinto Júnior	Elicie Aparecida Fortes Salzano Masini	2003	USP/SP	Sudeste
98	Violência, agressividade e dominação: uma reflexão psicanalítica sobre a masculinidade	Tese	Eliana Lorente Chaves	Marta Rezende Cardoso	2008	UFRJ	Sudeste
99	Vivências do Desejo Feminino: A experiência Homoafetiva	Tese	Aline Oliveira Machado	Leoncio F. Camino Rodrigues Larrain	2010	UFPE/JP e UFRN	Nordeste
100	A(s) clínica(s) psicológica(s) e a diversidade sexual : percorrendo trajetórias de vida	Dissertação	Dalane Maus Marques	Henrique Caetano Nardi	2010	UFRGS	Sul

Anexo D - Lista de Teses e Dissertações com o Tema Homossexualidade - Segunda Amostra (Parte 01)

Nº	Título	Tipo	Autor	Orientador	Ano	Local
1	A construção da identidade social dos homossexuais	Tese	Raimundo Cândido de Gouveia	Leoncio F. Camino Rodrigues Larrain	2007	UFPB/JP
2	A construção das identidades sexuais não-hegemônicas: gênero, linguagem e constituição da subjetividade	Dissertação	Ana Flávia do Amaral Madureira	Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu Branco	2000	UNB
3	A família no discurso dos membros de famílias homoparentais	Tese	Luiz Celso Castro de Toledo	Vera Sílvia Facciolla Paiva	2008	USP/SP
4	A influência dos padrões sexuais e afetivos de gênero na construção dos relacionamentos do mesmo sexo: masculino	Dissertação	Márcio Stefanini Sant' Anna	Rosa Maria Stefanini De Macedo	2002	PUC/SP
5	A institucionalização da noção de homossexualidade na psicanálise e seus efeitos na clínica	Dissertação	Acyr Corrêa Leite Maia	Doris Luz Rinaldi	2002	UERJ
6	A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas	Tese	Claudiene Santos	Maria Alves de Toledo Bruns	2005	USP/RP
7	A questão da identidade homossexual e sua influência nos padrões de consumo	Dissertação	Adriana Nunan	Bernardo Jablonski	2001	PUC/Rio
8	A relação terapêutica frente a homossexualidade	Dissertação	Gustavo Rihl Kniest	Ana Lúcia Francisco	2005	UNICAP
9	A representação social da homossexualidade: O que pensam os estudantes universitários?	Dissertação	Marcus Tadeu Lacerda	Bernard Gontíes; Joseli Bastos da Costa	2001	UFPB
10	A(s) clínica(s) psicológica(s) e a diversidade sexual : percorrendo trajetórias de vida	Dissertação	Daiane Maus Marques	Henrique Caetano Nardi	2010	UFRGS
11	Adoção de crianças por homossexuais: crenças e formas de preconceito	Dissertação	Luciene Campos Falcão	Ana Raquel Rosas Torres	2004	UCG
12	Adoção por homossexuais: concepções de psicólogos judiciários	Dissertação	Mariana De Oliveira Farias	Ana Cláudia Bortolozzi Maia	2007	UNESP/Bauru
13	Agentes Estressores e Níveis de Stress da Homossexualidade Feminina *	Dissertação	Fernanda Pasqualucci Ronca	Esdras Guerreiro Vasconcellos	2006	PUC/SP
14	Amor sem vergonha - trajetórias pessoais e vida conjugal entre gays e lésbicas na comunidade do ratones - ilha de santa catarina. (um estudo de caso)	Dissertação	Luiz Fernando Neves Cordova	Maria Juracy Toneli Siqueira	2000	UFSC
15	Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano	Dissertação	Aline Beckmann de Castro Menezes	Marcus Bentes de Carvalho Neto	2005	UFPA
16	As Tramas de Discurso: o sentido das práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo na tramitação ao projeto-lei nº 1151-A, de 1995	Dissertação	Luiz Antonio Rala	Mary Jane Paris Spink	1999	PUC/SP
17	Avaliação da Personalidade em mulheres homossexuais	Dissertação	Miriam Isabel de Souza	Rita Aparecida Romaro	2002	USF
18	Campo e Ação das Identificações na Constituição da Homossexualidade Masculina	Tese	Roberto Menezes de Oliveira	Luiz Augusto Monnerat Celes	2002	UNB
19	Casais de homens: um estudo fenomenológico da conjugalidade homoerótica masculina	Dissertação	Magno César Carvalho Teófilo	Georges Daniel Janja Bloc Boris	2003	UNIFOR
20	Comecei a ser uma pessoa que gostava de pessoas: Narrativas eróticas dissidentes e posicionamentos do self nas redes cotidianas de significado	Tese	Angela Maria Estrada Mesa	Leoncio F. Camino Rodrigues Larrain	2009	UFPB/JP e UFRN
21	Como professores do Ensino Fundamental representam as famílias resultantes de uniões homoafetivas	Dissertação	Marcelo Ferreira Leite	Maria Cristina Lopes De Almeida Amazonas	2010	UNICAP
22	Conjugalidade gay e lésbica e rede de apoio social	Dissertação	Eduardo Lomando	Adriana Wagner	2008	PUC/RS
23	Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais	Dissertação	Murilo dos Santos Moscheta	Manoel Antonio dos Santos	2004	USP/RP
24	Conto ou não conto?: os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para adolescentes masculinos da cidade de São Paulo.*	Dissertação	Elcio Nogueira dos Santos	Sergio Ozella	2004	PUC/SP
25	Crença no Mundo Justo, AIDS e Câncer de Pulmão: Orientação sexual e responsabilização individual	Dissertação	Margareth Regina Gomes Verissimo de Faria	Ana Raquel Rosas Torres	2007	UCG
26	Encontros prazerosos: modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis	Dissertação	Rosane Maria de Godoy	Mara Coelho de Souza Lago	2001	UFSC
27	Entre elas: cartografias dos devires amorosos	Dissertação	Marli Machado de Lima	William Siqueira Peres	2009	UNESP/Assis
28	Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista	Dissertação	Livia Gonsalves Toledo	Fernando Silva Teixeira Filho	2008	UNESP/Assis
29	Famílias de Mães Homossexuais: Relato das mães	Dissertação	Fabiana Schiavi Noda	Rosane Mantilla de Souza	2005	PUC/SP
30	Formação de Identidade e a Homossexualidade: Contribuições Para a Construção de Teoria em Psicologia Social	Dissertação	Lindomar Expedito da Silva	Helena Theodoro Lopes	1998	UGF
31	Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso	Dissertação	Edson Luiz Defendi	Rosa Maria Stefanini de Macedo	2010	PUC/SP
32	Homoerotismo e psicanálise	Dissertação	Júlio César Cordeiro do Nascimento	Manoel Tosta Berlinck	1999	PUC/SP
33	Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado	Tese	Adriana Nunan do Nascimento Silva	Bernardo Jablonski	2007	PUC/Rio
34	Homossexualidade e expressões contemporâneas da sexualidade: Perversões ou variações do erotismo?.	Tese	Graciela Haydée Barbero	Raul Albino Pacheco Filho	2004	PUC/SP
35	Homossexualidade e Preconceito: o que Pensam os Profissionais de Recursos Humanos	Dissertação	Alessandra Ramos Demito Fleury	Ana Raquel Rosas Torres	2006	UCG
36	Homossexualidade: saber e homofobia	Tese	Acyr Corrêa Leite Maia	Joel Birman	2007	UFRJ
37	Homossexualidade: significados e sentidos de uma construção social a partir da trajetória de um militante	Dissertação	Marcelo Augusto Toniette	Maria Luisa Sandoval Schmidt	2003	USP/SP
38	Homossexualidades e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização GLBT	Dissertação	Márcio Alessandro Neman Do Nascimento	Fernando Silva Teixeira Filho	2007	UNESP/Assis
39	Identidade (homos)sexual: uma abordagem crítica	Dissertação	Sílvia Lair Vieira Xavier	Kleber Prado Filho	2003	UFSC
40	Identidade e discriminação: um estudo realizado com homens e mulheres homossexuais	Dissertação	Aline Oliveira Machado	Joseli Bastos da Costa	2004	UFPB
41	Laço conjugal homoerótico *	Dissertação	Maurício Castejón Hermann	Raul Albino Pacheco Filho	2000	PUC/SP
42	Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso	Dissertação	Cynthia Regina Pemberton Cancissu	Rosane Mantilla de Souza	2007	PUC/SP
43	Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal	Tese	Alessandro Soares da Silva	Salvador Antonio Meirelles Sandoval	2006	PUC/SP
44	Mulheres que amam mulheres : trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas	Dissertação	Aline da Silva Piason	Marlene Neves Strey	2008	PUC/RS
45	O desvendar de uma história homossexual masculina sob a ótica da análise transgeracional	Dissertação	Rosângela Maia Magalhães Da Silva	Cristina Maria De Souza Brito Dias	2002	UNICAP
46	O discurso sobre e das personagens homossexuais das telenovelas: regiões de poder, saber e dizer	Dissertação	Carla Caicilda Krauss De Lima	Lucilia Maria Sousa Romão	2007	USP/RP
47	O feminino e a homossexualidade masculina	Dissertação	Maria Gláucia Pires Calzavara	Paulo César de Carvalho Ribeiro	2000	UFMG
48	O olhar do homossexual masculino sobre sua constituição no espaço da família	Dissertação	Pia Maria Polak	Maria Consuelo Passos	2003	USM
49	Os homossexuais em busca da visibilidade social	Tese	Aldry Sandro Monteiro Ribeiro	Angela Maria de Oliveira Almeida	2005	UNB
50	Os paradoxos da experiência do armário entre jovens gays e lésbicas: um estudo psicossocial	Dissertação	Daniel Arruda Martins	Juliana Perucchi	2010	UFMG
51	Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas	Dissertação	Roberta da Costa Borges	Maria Alves de Toledo Bruns	2009	USP/SP
52	Parentalidade e conjugalidades em uniões homoafetivas femininas	Dissertação	João Ricard Pereira da Silva	Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas	2008	UNICAP
53	Preçiso te contar?: paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos	Tese	Vera Lúcia Moris	Rosane Mantilla de Souza	2008	PUC/SP
54	Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e transgressão	Tese	Lenise Santana Borges	Mary Jane Paris Spink	2008	PUC/SP
55	Representações sociais da homossexualidade entre estudantes universitários: perspectivas homossexuais e heterossexuais	Dissertação	Anderson Scardua Oliveira	Edson Alves De Souza Filho	2003	UFRJ
56	Representações Sociais do Homossexualismo e Preconceito contra Homossexuais	Dissertação	Annelise dos Santos Lira Soares Pereira	Ana Raquel Rosas Torres	2004	UCG
57	Rompendo o silêncio : homofobia e heterossexismo nas trajetórias de vida de mulheres	Dissertação	Luciana Fogaça Monteiro	Henrique Caetano Nardi	2009	UFRGS
58	Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco: um estudo sobre a co-parentalidade homossexual	Dissertação	Alberto Carneiro Barbosa de Souza	Terezinha Feres Carneiro	2008	PUC/Rio
59	Sendo o que se pode ser: vivência do preconceito, ocultamento e construção da identidade para homens homoafetivos.	Dissertação	Aline Aparecida Rabelo	Adriano Roberto Afonso do Nascimento	2009	UFMG
60	Sexualidade e trabalho: Estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor financeiro	Tese	Eloisio Moulin de Souza	Agnaldo Garcia	2009	UFES
61	Sobre a homossexualidade masculina: variações na degradação da vida amorosa	Dissertação	Ludmila Feres Faria	Luis Flávio Silva Couto	2004	UFMG
62	Territórios de vulnerabilidade ao HIV : homossexualidades masculinas em São Paulo	Tese	Maria Cristina Antunes	Vera Sílvia Facciolla Paiva	2005	USP/SP
63	Trabalho e sexualidade : dispositivos em ação nos casos de discriminação por orientação sexual	Dissertação	Fernando Rodrigues Silva	Henrique Caetano Nardi	2008	UFRGS
64	Um Casal Homossexual Feminino e Seus Filhos: Estudo Sobre a Dinâmica	Dissertação	Jose Antonio Coutinho Vinhas Duran	Maria Alexina Ribeiro	2004	UCB

Nº	Título	Tipo	Autor	Orientador	Ano	Local
65	Vivências do Desejo Feminino: A experiência Homoafetiva	Tese	Aline Oliveira Machado	Leoncio F. Camino Rodrigues Larrain	2010	UFPB/JP e UFRN

Anexo D - Lista de Teses e Dissertações com o Tema Homossexualidade - Segunda Amostra (Parte 02)

Nº	Título	Sub-tema	Abordagem 1	Abordagem 2	Metodologia	O que/Quem estudou
1	A construção da identidade social dos homossexuais	Identidade	Construtivista-Construcionista		Não Identificado	Não Identificado
2	A construção das identidades sexuais não-hegemônicas: gênero, linguagem e constituição da subjetividade	Identidade	Construtivista-Construcionista	Sociocultural	Entrevista Semi-Estruturada	Guys e Lésbicas
3	A família no discurso dos membros de famílias homoparentais	Parentalidade	M. Foucault	Construtivista-Construcionista	Análise do Discurso	Guys
4	A influência dos padrões sexuais e afetivos de gênero na construção dos relacionamentos do mesmo sexo: masculino	Relacionamentos Amorosos	Não Consta		Entrevista Semi Dirigida	Guys
5	A institucionalização da noção de homossexualidade na psicanálise e seus efeitos na clínica	Psicanálise	Psicanálise		Não Identificado	Material Produzido
6	A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas	Parentalidade	Fenomenologia		Filosofia do Diálogo	Guys e Lésbicas
7	A questão da identidade homossexual e sua influência nos padrões de consumo	Identidade	Psicologia Social		Não Identificado	Guys
8	A relação terapêutica frente a homossexualidade	Psicoterapia	Cartografia		Fenomenológico	Psicólogos Clínicos
9	A representação social da homossexualidade: O que pensam os estudantes universitários?	Preconceito	Representações Sociais		Questionário	Estudantes Universitários
10	A(s) clínica(s) psicológica(s) e a diversidade sexual: percorrendo trajetórias de vida	Psicoterapia	M. Foucault		J. Butler	Relatos de Trajetórias de Vida
11	Adoção de crianças por homossexuais: crenças e formas de preconceito	Adoção	Representações Sociais		Pettigrew e Meertens	Questionário
12	Adoção por homossexuais: concepções de psicólogos judiciários	Adoção	Vários		Análise de Conteúdo	Psicólogos Judiciários
13	Agentes Estressores e Níveis de Stress da Homossexualidade Feminina *	Stress	Fenomenologia		Lista de Sintomas de Stress	Lésbicas
14	Amor sem vergonha - trajetórias pessoais e vida conjugal entre gays e lésbicas na comunidade do ratones - ilha de santa catarina. (um estudo de caso)	Conjugalidade	Vários		Psicologia Histórico-Cultural	Guys e Lésbicas
15	Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano	Determinantes da Homossexualidade	Comportamental		Levantamento bibliográfico	Material Produzido
16	As Tramas de Discurso: o sentido das práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo na tramitação ao projeto-lei nº 1151-A, de 1995	Práticas Sexuais	Psicologia Social		Análise do Discurso	Projeto de Lei
17	Avaliação da Personalidade em mulheres homossexuais	Avaliação Psicológica	Não Consta		Teste de Personalidade Comrey	Lésbicas
18	Campo e Ação das Identificações na Constituição da Homossexualidade Masculina	Determinantes da Homossexualidade	Psicanálise		Não Identificado	Guys
19	Casais de homens: um estudo fenomenológico da conjugalidade homoerótica masculina	Conjugalidade	Sociologia das Relações de Gênero		Fenomenológico	Guys
20	Como é e ser uma pessoa que gostava de pessoas: Narrativas eróticas dissidentes e posicionamentos do self nas redes cotidianas de significado	Identidade	Psicologia Discursiva	Construtivista-Construcionista	Entrevista	Guys, Lésbicas e Bissexuais
21	Como professores do Ensino Fundamental representam as famílias resultantes de uniões homoafetivas	Família	Não Consta		Desenho-Estória	Professores do Ensino Fundamental
22	Conjugalidade gay e lésbica e rede de apoio social	Conjugalidade	M. Foucault	Construtivista-Construcionista	Inventário de Funções PAS-IF	Guys e Lésbicas
23	Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais	Conjugalidade	Teoria Queer		Análise de Conteúdo	Guys
24	Conto ou não conto?: os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para adolescentes masculinos da cidade de São Paulo.*	Adolescência	Psicologia Sócio-Histórica		Observações de Campo	Guys
25	Crença no Mundo Justo, AIDS e Câncer de Pulmão: Orientação sexual e responsabilização individual	HIV/AIDS	Teoria do Racismo Aversivo		Questionário	Estudantes de Psicologia
26	Encontros prazerosos: modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis	Estilos de Vida	M. Foucault		Estudos de Gênero	Étnografia
27	Entre elas: cartografias dos devires amorosos	Relacionamentos Amorosos	M. Foucault		Deleuze e Guattari	Cartografia
28	Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista	Preconceito	Teorias Feministas	Construtivista-Construcionista	Entrevista	Lésbicas
29	Famílias de Mães Homossexuais: Relato das mães	Vários	Vários		Entrevistas em Profundidade	Lésbicas
30	Formação de Identidade e a Homossexualidade: Contribuições Para a Construção de Teoria em Psicologia Social	Identidade	Representações Sociais		Não Identificado	Não Identificado
31	Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso	Conjugalidade	Construtivista-Construcionista	Sistêmica	Estudo de Caso	Guys
32	Homoerotismo e psicanálise	Psicanálise	Psicanálise		Não Identificado	Doentes
33	Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado	Preconceito	Psicologia Social		Entrevistas em Profundidade	Guys
34	Homossexualidade e expressões contemporâneas da sexualidade: Perversões ou variações do erotismo?.	Psicanálise	Psicanálise		Levantamento bibliográfico	Material Produzido
35	Homossexualidade e Preconceito: o que Pensam os Profissionais de Recursos Humanos	Trabalho	Vários		Questionário	Profissionais da Área de RH
36	Homossexualidade: saber e homofobia	Psicanálise	Psicanálise		Não Identificado	Discurso dos Analistas
37	Homossexualidade: significados e sentidos de uma construção social a partir da trajetória de um militante	Identidade	Construtivista-Construcionista		Relato Oral	Militante do Movimento LGBT
38	Homossexualidades e homossexualidades: hierarquização e relações de poder homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização GLBT/TT	Relações Sociais	Estudos Culturais e de Gênero	Pos-Estruturalista	Étnografia	Guys
39	Identidade (homo)sexual: uma abordagem crítica	Identidade	M. Foucault		Arqueológico e Genealógico	Material Produzido
40	Identidade e discriminação: um estudo realizado com homens e mulheres homossexuais	Identidade	Não Consta		Entrevista	Guys e Lésbicas
41	Laço conjugal homoerótico *	Conjugalidade	Psicanálise		Revisão de Literatura	Relação entre perversão e laço conjugal
42	Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso	Família	Vários	Sistêmica	Estudo de Caso	Lésbicas
43	Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal	Movimento Social LGBT	Psicologia Política	Estudo Intercultural	Entrevista Aberta	Militante do Movimento LGBT
44	Mulheres que amam mulheres: trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas	Gênero	Teorias Feministas	Pos-Estruturalista	Análise do Discurso	Lésbicas
45	O desvendar de uma história homossexual masculina sob a ótica da análise transgeracional	Família	Não Consta		Entrevistas de História de Vida	Guys
46	O discurso sobre e das personagens homossexuais das telenovelas: regiões de poder, saber e dizer	Novela	Não Consta		Análise do Discurso	Cenas de Novelas
47	O feminino e a homossexualidade masculina	Feminino	Psicanálise		Entrevista	Guys
48	O olhar do homossexual masculino sobre sua constituição no espaço da família	Família	Psicanálise		Não Identificado	Guys
49	Os homossexuais em busca da visibilidade social	Movimento Social LGBT	Teoria da Identidade Social	Representações Sociais	Entrevista	Guys e Lésbicas
50	Os paradoxos da experiência do armário entre jovens gays e lésbicas: um estudo psicossocial	Preconceito	Políticas do Armário		Não Identificado	Guys, Lésbicas e Bissexuais
51	País e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas	Família	Fenomenologia		Fenomenológico	País e Mães de Homossexuais
52	Parentalidade e conjugalidades em uniões homoafetivas femininas	Conjugalidade	Pos Estruturalista	Teoria Queer	Narrativas	Lésbicas
53	Preciso te contar?: paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos	Paternidade	Estudos Críticos sobre Homens e Homoafetividade		Entrevista	Guys
54	Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e transgressão	Novela	Construtivista-Construcionista		Teorias Feministas	Análise Discursiva
55	Representações sociais da homossexualidade entre estudantes universitários: perspectivas homossexuais e heterossexuais	Representações Sociais	Representações Sociais		Questionário	Estudantes Universitários
56	Representações Sociais do Homossexualismo e Preconceito contra Homossexuais	Preconceito	Representações Sociais		Questionário	Estudantes de Teologia
57	Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo nas trajetórias de vida de mulheres	Preconceito	M. Foucault		J. Butler	Entrevista de Trajetória de Vida
58	Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco: um estudo sobre a co-parentalidade homossexual	Parentalidade	Teoria Queer		Análise do Discurso	Guys
59	Sendo o que se pode ser: vivência do preconceito, ocultamento e construção da identidade para homens homoafetivos.	Preconceito	Teoria da Identidade Social		Entrevista Semi-Estruturada	Guys
60	Sexualidade e trabalho: Estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos no setor financeiro	Trabalho	Pos Estruturalista		Análise do Discurso	Guys
61	Sobre a homossexualidade masculina: variações na degradação da vida amorosa	Psicanálise	Psicanálise		Não Identificado	Guys
62	Territórios de vulnerabilidade ao HIV: homossexualidades masculinas em São Paulo	HIV/AIDS	Psicodrama		Mapeamento Etnográfico	Homens que fazem sexo com Homens
63	Trabalho e sexualidade: dispositivos em ação nos casos de discriminação por orientação sexual	Trabalho	M. Foucault		Genealogia	Guys e Transexuais
64	Um Casal Homossexual Feminino e Seus Filhos: Estudo Sobre a Dinâmica	Família	Não Consta		Estudo de Caso	Lésbicas
65	Vivências do Desejo Feminino: A experiência Homoafetiva	Identidade	Não Consta		Não Identificado	Lésbicas

Anexo E - Lista de Teses e Dissertações com o Tema Homossexualidade com Acesso ao Texto Completo - Terceira Amostra

Nº	Título	Tipo	Autor	Orientador	Ano	Local	Sub-tema
1	A família no discurso dos membros de famílias homoparentais	Tese	Luiz Celso Castro de Toledo	Vera Silvia Facciolla Paiva	2008	USP/SP	Parentalidade
2	A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas	Tese	Claudiene Santos	Maria Alves de Toledo Bruns	2005	USP/RP	Parentalidade
3	A questão da identidade homossexual e sua influência nos padrões de consumo	Dissertação	Adriana Nunan	Bernardo Jablonski	2001	PUC/Rio	Identidade
4	A relação terapêutica frente a homossexualidade	Dissertação	Gustavo Rihl Kniest	Ana Lúcia Francisco	2005	UNICAP	Psicoterapia
5	A(s) clínica(s) psicológica(s) e a diversidade sexual : percorrendo trajetórias de vida	Dissertação	Dalane Maus Marques	Henrique Caetano Nardi	2010	UFRGS	Psicoterapia
6	Adoção de crianças por homossexuais: crenças e formas de preconceito	Dissertação	Luciene Campos Falcao	Ana Raquel Rosas Torres	2004	UCG	Adoção
7	Adoção por homossexuais: concepções de psicólogos judiciários	Dissertação	Mariana De Oliveira Farias	Ana Cláudia Bortolozzi Maia	2007	UNESP/Bauru	Adoção
8	Amor sem vergonha - trajetórias pessoais e vida conjugal entre gays e lésbicas na comunidade do ratones - ilha de santa catarina. (um estudo de caso)	Dissertação	Luiz Fernando Neves Cordova	Maria Juracy Toneli Siqueira	2000	UFSC	Conjugalidade
9	Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano	Dissertação	Aline Beckmann de Castro Menezes	Marcus Bentes de Carvalho Neto	2005	UFPA	Determinantes da Homossexualidade
10	Conjugalidade gay e lésbica e rede de apoio social	Dissertação	Eduardo Lomando	Adriana Wagner	2008	PUC/RS	Conjugalidade
11	Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais	Dissertação	Murilo dos Santos Moscheta	Manoel Antonio dos Santos	2004	USP/RP	Conjugalidade
12	Conto ou não conto?: os significados e os sentidos de tornar pública a orientação sexual homossexual para adolescentes masculinos da cidade de São Paulo.*	Dissertação	Elcio Nogueira dos Santos	Sergio Ozella	2004	PUC/SP	Adolescência
13	Crença no Mundo Justo, AIDS e Câncer de Pulmão: Orientação sexual e responsabilização individual	Dissertação	Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria	Ana Raquel Rosas Torres	2007	UCG	HIV/AIDS
14	Encontros prazerosos: modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis	Dissertação	Rosane Maria de Godoy	Mara Coelho de Souza Lago	2001	UFSC	Estilos de Vida
15	Entre elas: cartografias dos devires amorosos	Dissertação	Marli Machado de Lima	William Siqueira Peres	2009	UNESP/Assis	Relacionamentos Amorosos
16	Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista	Dissertação	Livia Gonsalves Toledo	Fernando Silva Teixeira Filho	2008	UNESP/Assis	Preconceito
17	Famílias de Mães Homossexuais: Relato das mães	Dissertação	Fabiana Schiavi Noda	Rosane Mantilla de Souza	2005	PUC/SP	Família
18	Homocongjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso	Dissertação	Edson Luiz Defendi	Rosa Maria Stefanini de Macedo	2010	PUC/SP	Conjugalidade
19	Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado	Tese	Adriana Nunan do Nascimento Silva	Bernardo Jablonski	2007	PUC/Rio	Preconceito
20	Homossexualidade e Preconceito: o que Pensam os Profissionais de Recursos Humanos	Dissertação	Alessandra Ramos Demito Fleury	Ana Raquel Rosas Torres	2006	UCG	Trabalho
21	Homossexualidade: saber e homofobia	Tese	Acyr Corrêa Leite Maia	Joel Birman	2007	UFRJ	Psicanálise
22	Homossexualidades e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização GLBT	Dissertação	Márcio Alessandro Neman Do Nascimento	Fernando Silva Teixeira Filho	2007	UNESP/Assis	Relações Sociais
23	Identidade (homos)sexual: uma abordagem crítica	Dissertação	Silvia Lair Vieira Xavier	Kleber Prado Filho	2003	UFSC	Identidade
24	Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso	Dissertação	Cynthia Regina Pemberton Cancissu	Rosane Mantilla de Souza	2007	PUC/SP	Família
25	Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal	Tese	Alessandro Soares da Silva	Salvador Antonio Meirelles Sandoval	2006	PUC/SP	Movimento Social LGBT
26	Mulheres que amam mulheres : trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas	Dissertação	Aline da Silva Piason	Marlene Neves Strey	2008	PUC/RS	Gênero
27	País e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas	Dissertação	Roberta da Costa Borges	Maria Alves de Toledo Bruns	2009	USP/SP	Família
28	Parentalidade e conjugalidades em uniões homoafetivas femininas	Dissertação	João Ricard Pereira da Silva	Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas	2008	UNICAP	Conjugalidade
29	Preciso te contar?: paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos	Tese	Vera Lúcia Moris	Rosane Mantilla de Souza	2008	PUC/SP	Paternidade
30	Representações sociais da homossexualidade entre estudantes universitários: perspectivas homossexuais e heterossexuais	Dissertação	Anderson Scardua Oliveira	Edson Alves De Souza Filho	2003	UFRJ	Representações Sociais
31	Representações Sociais do Homossexualismo e Preconceito contra Homossexuais	Dissertação	Annelise dos Santos Lira Soares Pereira	Ana Raquel Rosas Torres	2004	UCG	Preconceito
32	Rompendo o silêncio : homofobia e heterossexismo nas trajetórias de vida de mulheres	Dissertação	Luciana Fogaça Monteiro	Henrique Caetano Nardi	2008	UFRGS	Preconceito
33	Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco: um estudo sobre a co-parentalidade homossexual	Dissertação	Alberto Carneiro Barbosa de Souza	Terezinha Féres Carneiro	2008	PUC/Rio	Parentalidade
34	Sendo o que se pode ser: vivência do preconceito, ocultamento e construção da identidade para homens homoafetivos.	Dissertação	Aline Aparecida Rabelo	Adriano Roberto Alfonso do Nascimento	2008	UFMG	Preconceito
35	Territórios de vulnerabilidade ao HIV : homossexualidades masculinas em São Paulo	Tese	Maria Cristina Antunes	Vera Silvia Facciolla Paiva	2005	USP/SP	HIV/AIDS
36	Trabalho e sexualidade : dispositivos em ação nos casos de discriminação por orientação sexual	Dissertação	Fernando Rodrigues Silva	Henrique Caetano Nardi	2008	UFRGS	Trabalho